



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

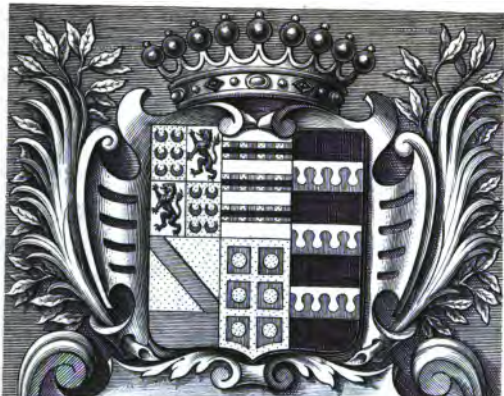
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

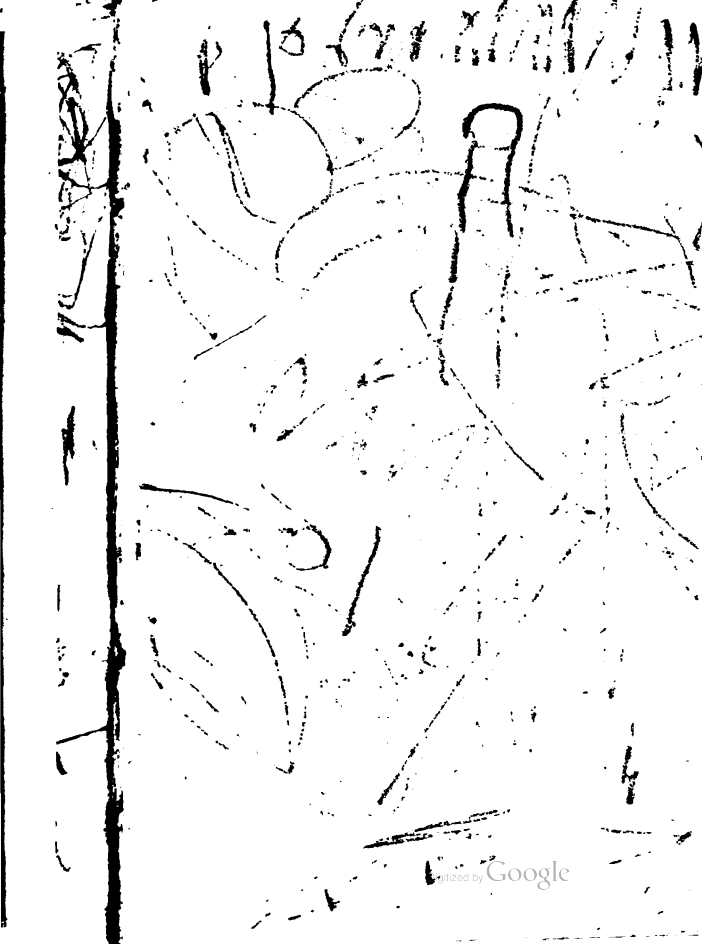
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



*Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia*

*The Gift of
John B. Stetson Junior
Class of 1906*



ALMANACH

DE

LEMBRANÇAS

LUSO-BRAZILEIRO.

Os artigos que de qualquer ponto do Brazil nos hajão de ser mandados, poderão sobrescriptar-se ao *Sr. Conselheiro José Feliciano de Castello Barreto e Noronha, no Rio de Janeiro*, por quem, prompta e obsequiosamente, nos serão logo remettidos.

Todos os outros podem ser enviados em carta sobrescriptada a qualquer dos authores, e dirigida para a *Rua do Arsenal, n.º 60, 2.ª andar — Lisboa.*

ALMANACH
DE
LEMBRANÇAS
LUSO-BRAZILEIRO

PARA O ANNO DE 1865
COM 444 ARTIGOS E 91 GRAVURAS.

POR
ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO

Tenente da Armada

E

ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

Bacharel em Direito



LISBOA
TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA
6, Rua do Thesouro Velho, 6.

1864

Fort 4311.6
HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
Mar 22, 1927

Les longs ouvrages me font peur :
Loin d'épuiser une matière,
On n'en doit prendre que la fleur.

LA FONTAINE.

ARTIGOS

Ficão para 1866 muitos dos artigos que nos enviaram, e que não puderam ter cabimento no *Almanach* para 1865 porque vieram tarde.

Ha toda a conveniencia em que as remessas d'artigos com que nos obsequieão, se fação o mais cedo possivel.

CHARADAS

É tão grande o numero de charadas que nos remetterão, que na sua distribuição, como é facil de verificar, não podemos dar mais do que uma a cada author.

Muitas das que ficaram não poderão ser publicadas no *Almanach* de 1866 pelo motivo que damos a diante na correspondencia.

Por Deus ! Não queirão que outro caçador de lei (e não foi o unico) se divirta. com o relógio ao lado, a matar logogriphos e charadas á simples leitura, para depois se vangloriar e dizer-nos que as derribou em 1, 2, 3 e 5 minutos.

Vide mappa a pag. 29.

POESIAS

Não falamos das boas, que essas são sempre bem vindas. Falamos das más, e das que não cheião ser mediocres, porque é d'estas que todos os annos nos envião innumerar, apesar das nossas recommendações, e dos nossos pedidos, o que é mais, para que nos não môam a paciência com ellas.

Repetimos. Continuamos a ser inexoraveis com poesias, ou chamadas poesias, cujo unico merito, é ás vezes a auzencia do senso commum. Não tenham o trabalho de nol'as enviarem, para não terem o desgosto de as verem regeitadas.

ERRATAS

Falta a assignatura. *F. A. Machado*, a pag. 261, no artigo — *Algumas superstições da Provincia do Espirito Santo*, talvez em metade da edição, porque quando se deu pela falta hia já a tiragem bastante adiantada.

A intitulada charada a pag. 327 não é charada. São trez quadras sem sentido, (4.^a, 5.^a e 6.) d'um enigma que para o anno será publicado. Aqui pedimos ao nosso amigo e estimavel collaborador, o sr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, que nos releve o fazel'o apparecer tão desvantajosamente assignando uma cousa, que, posto lhe pertença, é completamente inintelligivel, desligada, como está, do todo de que faz parte.

Só quem lida em cousas de imprensa é que sabe como estas, e outras que taes, apparecem por maior que seja o cuidado que busque evital'as.

Vai errada a numeração dos logogriphos da pag. 193 por diante, d'onde se segue que são 9, não obstante marcarem-se só 8. Fica pela charada que damos de menos.

RECTIFICAÇÕES

No artigo *Vizeu* a pag. 371 do *Almanach* para 64 — diz-se que Vizeu está situado entre os dous rios — Mondego e Dão. É erro, e por isso pedimos, que onde se lê *Mondego e Dão*, se escreva — *Mondego e Vouga*.

As criticas immerecidas que se fizeram ao author do artigo, appressão-nos a rectificar o engano. No original lê-se Mondego e Vouga.

O logogripho 4.^o, que se acha a pag. 234 do *Almanach* de 1863, é do sr. José Lopes Viegas, d'Olhão, e não do sr. Manoel Joaquim Ramos, como erradamente se disse.

Por esquecimento é que já o anno passado se não fez esta rectificação.

SENHORAS

CUJOS NOMES HONRÃO E EMBELLESÃO AS
PAGINAS D'ESTE ALMANACH

ILL.^{as} E EX.^{as} Srs.^{as}

D. A. A. C. A.

(Pag. 196).

D. A. CANDIDA (?)

(Pag. 270).

D. AMELIA JANNY

(Pag. 155).

D. CATHARINA MAXIMA DE FIGUEIREDO

(Pag. 367).

D. G. D. N. T.

(Pag. 338).

D. HENRIQUETA ELISA

(Pag. 290).

D. LEONOR A. DE F.

(Pag. 180).

D. MARIA ANTONIA BROCHADO GUEDES

(Pag. 77).

**D. MARIA CANDIDA DE CARVALHO COUTINHO E
VASCONCELLOS** *(Pag. 116).*

D. M. DA G.

(Pag. 380).

D. MARIA EMYDIA

(Pag. 276).

D. MARIA J. DA S. CANUTO.

(Pag. 383).

D. MARIA JOSÉ FURTADO DE MENDONÇA
(Pag. 325).

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA

(Pag. 301).

D. MARIANNA ANGELICA D'ANDRADE
(Pag. 200 e 253).

MARQUEZA D'ALORNA

(Pag. 183).

D. MATHILDE J. DE SANT'ANNA E VASCONCELLOS
(Pag. 179).

CAVALHEIROS

Cujos nomes honrão as paginas
do presente Almanach.

A. (Pag. 83).

A. A. JUNIOR (Pag. 254).

A. A. SOARES DE PASSOS (Pag. 69).

ANTONIO AUGUSTO FERREIRA (Pag. 122).

ANTONIO AUGUSTO TEIXEIRA DE VASCONCELLOS (Pag. 332).

A. CANDIDO (Pag. 212 e 341).

A. CANDIDO PALHOTO (Pag. 132 e 251).

A. D. D'OLIVEIRA (Pag. 141).

ANONYMO DOS ANONYMOS BATHALHENSES (Pag. 268).

ANONYMO BATHALHENSE (Pag. 382).

ANONYMO BRAZILEIRO (Pag. 306).

ANONYMO FOSCOENSE (Pag. 252 e 282).

A. F. (Pag. 357).

A. F. DE CASTILHO (Pag. 379).
ANTONIO (D.) DA COSTA (Pag. 363).
ANTONIO FRANCISCO BARATA (Pag. 254).
ANTONIO DE I. E SILVA (Pag. 327).
A. J. (Pag. 76).
A. J. DE BARROS (Pag. 226).
A. J. DA SILVA RODRIGUES (Pag. 139).
ANTONIO JOSÉ DANIEL DO PRADO (Pag. 111).
A. L. T. DA SILVA MENEZES (Pag. 174).
A LATINO DE FARIA JUNIOR (Pag. 91).
A. M. D'ALMEIDA NETTO (Pag. 298 e 319).
ANTONIO MARIA DO AMARAL RIBEIRO (Pag. 95 e 186).
ANTONIO MARQUES CORREIA (Pag. 293).
ANTONIO D'OLIVEIRA MARRECA (Pag. 374).
A. PEREIRA DA CUNHA (Pag. 365).
ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO (Pag. 370).
ANTONIO DE SERPA (Pag. 383).
ANTONIO SEVERO DA ROSA (Pag. 275).
A. SOTTO MAIOR (Pag. 159).
AUGUSTO CESAR PEREIRA LOUREIRO (Pag. 191).
AUTHOR IGNORADO (Pag. 173).
AZINHALENSE (UM) Pag. 317).

B. D'AZEVEDO (Pag. 153).
BARÃO DE BARCELLINHOS (Pag. 377.)
BRUNO DE SEABRA (Pag. 309).
BULHÃO PATO (Pag. 358).
C. M. APPARICIO (Pag. 194).
C. NERY (Pag. 277).
C. S. (Pag. 231)
CANDIDO JOAQUIM XAVIER CORDEIRO (Pag. 243, 350, e 296)
CAZIMIRO D'ABREU (Pag. 361).
CONSTANTINO T. DE V. LEITE PEREIRA (Pag. 292, e 302).
DANIEL SIMÕES SOARES (Pag. 380).
DUARTE AUGUSTO ALVARES RIBEIRO (Pag. 310).
E. S. (Pag. 236).
EDUARDO COELHO (Pag. 356).
EMYGDIO GOMES DOS REIS (Pag. 215).
F. A. MACHADO (Pag. 180 e 261).
F. A. SILVA (Pag. 146 e 189).
F. P. D'ABREU MARQUES (Pag. 214).
F. P. B. NOGUEIRA (Pag. 293 e 317).
F. QUIRINO DOS SANTOS (Pag. 324).
FELIX JOSÉ DA COSTA (Pag. 308).
FRANCISCO ANTONIO CARNEIRO DE MAGALHÃES (Pag. 119).

FRANCISCO ANTONIO DE MATTOS (Pag. 319).
 FRANCISCO JOSÉ GUILHERME FAURE (Pag. 361).
 FRANCISCO JOSÉ VIEIRA JUNIOR (Pag. 151 e 156).
 FRANCISCO LUIZ D'ABREU MEDEIROS (Pag. 94).
 FRANCISCO MARIA BORDALLO (Pag. 282).
 FRANCISCO MARIA SOARES DA MOTTA (Pag. 229).
 FRANCISCO RODRIGUES LOBO (Pag. 245)
 GASPAR ESTAÇO (Pag. 244).
 GASTÃO DA FONSECA (Pag. 381).
 H. C. J. D'OLIVEIRA (Pag. 174 e 208).
 I. J. GONÇALVES (Pag. 331 e 349).
 INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA (Pag. 334).
 I. A. GOMES DA SILVA JUNIOR (Pag. 108).
 J. C. (Pag. 256 e 310).
 J. C. M. (Pag. 330).
 J. CANDIDO FURTADO Pag. 283).
 J. P. C. CORDEIRO (Pag. 294).
 J. RAMOS CORELHO (Pag. 335).
 JOÃO CLEMENTE MENDES (Pag. 345).
 JOÃO JOSÉ DE SOUSA TELLES (Pag. 322).
 JOÃO MARIA MERGULHÃO NEVES CABRAL (Pag. 142).
 JOAQUIM ANTONIO GOMES DA SILVA JUNIOR (Pag. 287 e 310).

JOAQUIM GOMES D'OLIVEIRA PAIVA (Pag. 161, 220 e 348).

JOAQUIM (Fr.) DE SANTA ROSA DE VITERBO (Pag. 175).

JOSÉ A. J. DA COSTA (Pag. 148, 164 e 262).

JOSÉ ALEXANDRE JUNIOR (Pag. 211).

JOSÉ BARROSO (Pag. 255).

JOSÉ CARTANO PRETO PACHECO (Pag. 171).

JOSÉ CAMILLO DIAS D'ALMEIDA (Pag. 326).

JOSÉ CORREIA NOGUEIRA DOS SANTOS (Pag. 114 e 247).

JOSÉ DANIEL SOPORIFERO (Pag. 222).

JOSÉ GOMES DA SILVA (Pag. 360).

JOSÉ JACINTHO DE MATTOS (Pag. 138)

JOSÉ JULIO D'ALMEIDA PROENÇA (Pag. 318).

JOSÉ MARIA DA RESSURREIÇÃO (Pag. 314).

JOSÉ PEDRO DA SILVA CAMPOS E OLIVEIRA (Pag. 210).

JOSÉ THOMAS PEREIRA SOARES (Pag. 302).

JOSÉ VAZ CONTREIRAS (Pag. 221, 291).

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO (Pag. 125, 291).

JULIO AMANDO DE CASTRO (Pag. 303).

JULIO CESAR MACHADO (Pag. 360).

JUVENIANO MONTEIRO (Pag. 333).

L. DE MACEDO (Pag. 103, 265).

L. T. TRIGO (Pag. 207).

LINO (P.^o) DEODATO RODRIGUES DE CARVALHO

(Pag. 107, 206).

LOURENÇO RAMOS (Pag. 316, 317).

LUIZ ANTONIO DA SILVA PRUDENCIO (Pag. 167).

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA (Pag. 339).

LUIZ DA SILVA MOUSINHO D'ALBUQUERQUE (Pag. 133).

M. A. C. (Pag. 279).

M. (Conego) M. DE MORAES (Pag. 236).

M. N. (Pag. 195).

MANOEL ALVES DE SOUSA (Pag. 128, 200).

MANOEL AUGUSTO DA CONCEIÇÃO NOVAES (Pag. 172).

MANOEL (P.^o) BERNARDES (Pag. 83).

MANOEL FERREIRA DA PORTELLA (Pag. 101, 212).

MANOEL FULGENCIO GOMES (Pag. 158).

MANOEL JOSÉ BAPTISTA (Pag. 366).

MANOEL JOSÉ ESTEVES (Pag. 167).

MANOEL LOPES MAIA (Pag. 351).

MANOEL MARIA LUCIO (Pag. 204, 269).

MARITIMO (Pag. 260, 331).

NICOLAU TOLENTINO (Pag. 177).

P. A. (Pag. 198).

PEDRO DINIZ (Pag. 219).

PINHEIRO CHAGAS (*Pag. 379*).

R. e S. (*Pag. 243*).

RAPHAEL (D.) BLUTEAU (*Pag. 85*).

RICARDO ALEXANDRE CORREA DE FARIA (*Pag. 150, 347*).

RICARDO GUIMARÃES (*Pag. 353*).

BODRIGO PAGANINO (*Pag. 67*).

ROMÃO JOSÉ PINTO CERQUEIRA (*Pag. 247, 252*).

S. * * * (*Pag. 316*.)

S. A. D'OLIVEIRA (*Pag. 98*).

S. B. (*Pag. 247, 279*).

S. B. e CASTRO (*Pag. 235*).

S. P. M. ESTACIO DA VEIGA (*Pag. 371*).

SEBASTIÃO XAVIER BOTELHO (*Pag. 238*).

SIMEÃO PINTO VICTORINO (*Pag. 246*).

T. J. DE F. COSTA (*Pag. 280, 328*).

T. M. P. P. (*Pag. 237*).

TORRES e ALMEIDA (*Pag. 372*).

X. (*Pag. 190*).

X. (Constancia (*Pag. 71*).

* * (BENAVENTE) (*Pag. 360*).

* * * (Maranhão) (*Pag. 233*).

INDICE

DOS

Artigos comprehendidos n'este Almanach

A		Amor (O) e a loucura....	70
		Amor patrio.....	95
Á Beira do Tumulo.....	369	Amphitrite.....	492
Abelhas domesticadas ...	208	Anciães (Castello de)....	491
Abstracção.....	112	Andorinhas(Utilidade das)	122
• Outra.....	112	Angola (Interior de).....	98
• Outra.....	113	Anneis sponsalícios.....	175
Acaso e sciencia.....	240	Annel (O) de Polycrato...	99
Acção real e palavra de		Antiga (A) Hoste.....	337
rei.....	286	Ao Largo.....	365
Adeus.....	155	Apologo dedicado ás don-	
Adeus ao Valle das Furnas	371	zellas.....	351
Adulterio (O) em Sparta.	164	Apontamento de viagem..	358
Aguim.....	243	Ar (O) tributado.....	274
Alabardeiros.....	160	Archeologia bracarense...	159
Albumazar.....	253	Archimedes (Novo)	205
Alcacer Quibir (Partida		Archivo (O) Rural.....	75
para).....	339	Arco de triumpho da praça	
Alcacer do Sal.....	91	de Carrousel.....	336
Alegrias comparadas	134	Armadura d'm cavalleiro.	297
Altenaria.....	121	Arvores (As).....	209
A mais extraordinaria ra-		Arvore do pão.....	96
ridade.....	199	Ascensão aerostatica	249
Amor.....	96	A uma sempre-viva	333
Amor (O).....	379		
Amor com amor se paga.	235	B	
Amor da arte.....	303	Banquete funebre.....	317
Amor do nome de familia.	151	Barba pelo amor de Deus.	321
Amor (Excesso d') conju-		Bahia (A) de Lourenço	
gal.....	227	Marques.....	284

Baralho glorificado.....	143	Carvalho santo.....	327
Barometro, ou hygrometro economico.....	250	Caryatides (Origem das)..	251
Barometro (Variações do).	113	Casamento (Um) a galope.	265
Belleza (A)	70	Casamentos (Os) na fréguezia de Campello....	294
Bem o préga fr. Thomaz	199	Catarata (A) do Niágara..	102
Bem viver para bem morrer	288	Cavalllos (Domador de)...	144
Bilhar.....	88	Cedro-monstro.....	350
Biographia	278	Cegonha (A).....	273
Bofetões	318	Celibatario (O).....	207
Bispo (Um) lembrado....	215	Centenarios	312
Bom Jesus do Monte	153	Cereaes (Preservativo de)	214
Brazil (O).....	123	Césto.....	172
Brites (A rainha D.).....	258	Ceva d'animaes.....	193
Burla de um ministro....	67	Charadas..... 1. ^a , pag. 77	
		— 2. ^a , 83 — 3. ^a , 94	
		— 4. ^a , 108 — 5. ^a , 114	
		— 6. ^a , 122 — 7. ^a , 138	
		— 8. ^a , 148 — 9. ^a , 158	
		— 10. ^a , 167 — 11. ^a , 172	
		— 12. ^a , 180 — 13. ^a , 207	
		— 14. ^a , 215 — 15. ^a , 229	
		— 16. ^a , 236 — 17. ^a , 255	
		— 18. ^a , 267 — 19. ^a , 276	
		— 20. ^a , 287 — 21. ^a , 293	
		— 22. ^a , 301 — 23. ^a , 310	
		— 24. ^a , 000 — 25. ^a , 331	
		— 26. ^a , 338 — 27. ^a , 360	
		— 28. ^a , 366 — 29. ^a , 380	

C

Cabellos (Commercio de).	185	Chronologia maranhense.	149
Cachão (O).....	204	Chypre (Um rei de).....	66
Calembour á queima roupa	127	Ciganos.....	213
Calumnia (A).....	369	Cimento diamante.....	144
Caminhos de ferro e diligencias	262	Cintura (A) da rainha...	125
Campo (O) de Deus.....	170	Classe (A) mais numerosa.....	163
Cantiga.....	245		
Canto Fraternal.....	207		
Cargo impossivel.....	203		
Carroagens	303		
Carta dos habitantes do Vimeiro a lord Wellington.....	275		
Carta do imperador de Marrocos ao consul portuguez Jorge Colaço...	349		

Coincidencia	184	Devedor ladino	257
Commum (O) dos homens	320	Diabo a quatro	216
Condormientes	291	Diferença	355
Conselho oriental	288	Direito feminino	65
Convento da Serra do Pilar	269	Distico de Hieronim	301
Cor (A) primitiva	367	Do passado presente	298
Coração (O) humano	130	Dor materna	210
Corôas	254	Dores (As sete) de Maria Santissima	161
Corôa civica	246	Dote (O) da filha	223
Cortezão (O que é mais ne- cessario ao)	374	Dote (Prospecto de)	166
Cortezia (Modêlos de) ...	168	Doutrina indiana	77
Cortezias e replicas	140	Duello homeopatha	225
Costumes inglezes do sé- culo 16.º	372	Duques de Bragança (Faus- to dos)	197
Cosinha (Arte de)	129	Duvidas	200
Covilhã (Industria fabril da)	117		
Cravo (O) ocular	164		
Creação (A) da Mulher ...	218		
Cura (O) de Montlhéri ..	147		
Curiosidades (Algumas) da Bibliotheca do Porto ...	315		
Cyprião de Figueiredo e Vasconcellos	159		
Cysne (O canto do)	344		

E

Egoista (O) e o pródigo.	102
Elettricidade (Força de).	194
Elogio de Berenice	171
Elrei o Sr. D. Luiz I e a Ilha Terceira	307
Emblema de ladrões	90
Emparedadas	182
Enigma	1.º pag. 124
— 2.º, 146 — 3.º, 237	
— 4.º, 262 — 5.º, 370	
— 6.º, 382	
Enterro (O) d'um impera- dor d'Austria	291
Epigramma	243
Epitaphio	148
Epitahio de uma saladora	100
Epitaphio do general Merc	211

D

Dançando se faz fortuna.	131
Declaração d'amor	251
Defeitos (Os no-sos)	75
Desforço por desforço ...	137
Deus !	361
Deus (O) falcoeiro	77

Inquisição (A) de Hespanha.....	408
Inquisição em Gôa.....	210
Instrução (A) primaria em 1862	143
Invocação.....	116
Isocrates.....	234

J

Jacques vr.....	382
Jezuitas (Os).....	190
Jezuita (Um bom).....	237
Joanna (D.) de Gusmão..	348
João II (D.) passando um boi á capa.....	356
João D.) d'Austria	167
João (D.) de Castro (Dezajos de).....	188
Jogador (O) de xadrez....	380
Jogo (O)	332
Jogo dos Reis em Cabo Verde.....	68
Jornaes	320
Jornaes litterarios.....	296
Juizes e advogados	325
Jurubela	303
Justiça	204

L

Ladrão moralista.....	360
Lição a dorminhocos	319
Linguagem das paixões...	366
Linhas (As) de Guimarães	267
Lobão (jurisconsulto)....	235

Logogripho 1.º, pag.	76
— 2.º, 111 — 3.º, 112	
— 4.º, 195 — 5.º, 298	
— 6.º, 317 — 7.º, 325	
— 8.º, 367.	

Longanimidade tributaria	226
Longevidade	253
Loucura	152
Lucas (S.) Evangelista...	137
Luiz XIV poeta.....	139
Lyrismo do século XVII..	334

M

Mahomet II e o pintor...	268
Mãe de familia.....	147
Maio (O mez de)	178
Marabutos	368
Maravilha calligraphica..	90
Maria, a Ceifeira.....	69
Marinha italiana.....	120
Maxima de um militar...	246
Medicina instinctiva.....	292
Mem Lopes Carrasco.....	310
Memoria (Boa).....	308
Méthodo de Borda.....	198
Mineiros (Má sorte de)...	163
Ministros (Symbolo de)...	200
Moda (A)	104
Moda (A).....	158
Modestia	122
Moédas antigas	171
Morcego (O)	184
Mordedura (A) mais venenosa.....	83
Morte apparente.....	322

Mote engenhoso.....	342
Motejo castigado	272
Motivos para mandriar...	80
Moysés no monte Sinay..	377
Muito espirito pouco amôr	376
Mulher de 8 maridos.....	93
Mulheres (As) de Braga..	299
Mulheres (porque se diz mal das)	378

N

Napoleão I, e o maire.....	152
Nobreza	65
Nomes (Imposição de)....	215
Numismatica.....	128
Nunca Mais.....	324

O

Obesidade (A)	81
Ociosidade	289
O que basta.....	101
Oração (A) dominical....	168
Oração de Platão.....	80
Ordem (A) da Coroa da Saxonia.....	293
Ordem (A) da Annuncia- da	186
Origem da galga.....	326
Ornithorinco	201
Ovação	260
Ovos (Consummo de)....	193

P

Paciencia	85
-----------------	----

Paciencia á prova.....	216
Paciencia (Para que ha menos).....	237
Pai modêlo.....	88
Pampeiros	260
Panico em Lisboa.....	230
Papa (O) e o bom tempo.	219
Paraíso (A saída do).....	73
Para que vai o diabo ao pé dos confessores.....	67
Passaro philanthropico....	236
Pau (O) da cruz.....	212
Peça sem interesse.....	104
Peccador constricto.....	190
Peixes (Fecundidade dos)	239
Peixe monstro.....	141
Pensamento de mr. de La- martine.....	383
Pensamentos (Os vãos) do homem	87
Perfumes (A acção médi- ca dos).....	103
Pés (Os grandes).....	87
Petição d'um Barbeiro...	381
Phenomeno phisiologico e moral	243
Phenomeno da procreação	186
Philosopho endiabrado..	277
Physica (Nova).....	187
Picadura dos insectos (Pre- servativo contra a)....	124
Pilulas azues.....	330
Pitada de tabaco.....	151
Planetas (Habitantes dos).	247
Pobre (O) cêgo.....	248
Pobre (Consolação do)...	224

Poemas (Principaes) épicos	Reinar á candeia.....	95
Portuguezes	Remédio contra a gripe.	274
Poesia	Remédio contra a dôr de	
Politica hesitante.....	pédrã.....	279
Ponte (A) do diabo.....	Remédio contra a hydro-	
Portalegre.....	phobia	252
Portugal avaliado lá fóra.	Remédio contra a surdez.	217
Portuguez latim.....	Remédio para as frieiras	
Prata e ouro (Valores da)	ainda não rebentadas..	357
Préciosidades naturaes pro-	Resposta a um salio.....	259
duzidas pela arte.....	Retrato de Fatima.....	133
Prégador animoso.....	Revelação (Necessidade da)	280
Prejuizos na minha terra.	Ricos e pobres.....	79
Prelado bibliophilo	Rio de vinagre.....	138
Pretensão tresloucada....	Risos (os trez).....	83
Prisões inspiradoras.....	Roubo industrioso	135
Problema	Ruinas	361
Promessas e beneficios...	Russia (A) e os homens de	
Promoção engraçada.....	letras	109
Proverbio desmentido....	Russia (Seitas e religiões	
	da).....	212

Q

Queixada	107
Quem dá, leva.....	269
Quem não mette sôpa não	
tira sôpa.....	132
Quem quer vai, quem não	
quer manda	236
Questões inigmaticas.....	203

R

Raio engraçdo	174
Refinada lisonja	331
Regencias de Portugal...	78

S

Sachristão (O) e o rei....	68
Sambenito	347
Santa Catharina (Provin-	
cia de)	220
Santo Antonio (O templo	
de) em Padua.....	241
Sapos. (Utilidade dos)...	97
Saudade (A) no Ermo....	358
Sciencia (A).....	268
Sciencia d'estadista	287
Segredo d'amor.....	183
Sofocles e Cotin.....	361

Soneto	173	Tumulo (O) de Virgilio..	362
Soneto.....	347		
Suicidas	140		

Superstições (Algumas) da provincia do Espirito Santo.....	261
Superstição (Mais uma)..	282
Sursum-corda	309

T

Taboleta curiosa.....	157
Taboletas	128
Tamanduá (O)	232
Tarantula (A mordedura da).....	115
Tasso (O) no juizo do seu creado.....	94
Tendas (As) do grão-se- nhor	196
Terror panico.....	72
Testas grandes e testas pe- quenas	127
Thereza (Santa)	346
Timbó.....	302
Tolo descoberto.....	114
Torre de Moncorvo (Igreja matriz de).....	118
Torre (A) do Templo....	169
Tresavó (A).....	381
Tretas (Mais valem) do que letras	86
Trindades (As) da Tarde.	101
Triumpho (As honras do) concedidas aos generaes romanos	139

U

Ultima (Na) folha d'um Album	283
Um dito de Affonso de Albuquerque	229
Um grito enthusiastico...	231
Um ramo só d'uma flor..	318

V

Vaidade feminina.....	142
Veado (O) e o cavallo	105
Velocidades comparadas..	136
Veneno usado pelos indios	174
Vesta	264
Vicios de nações.....	82
Vida (A) maritima.....	316
Vida (A) no Campo.....	333
Vingança de seminarista..	206
Vinho (O) e a moda.....	120
Vinte e dous PP.....	180
Virgem (A) Mãi.....	341
Virtuoso e justo (Differen- ça entre o).....	379
Voz (A) da Montanha....	383
Voz (A) mais agradável a Deus.....	279

Z

Ziska (O tambor de).....	89
--------------------------	----

CORRESPONDENCIA

RELATIVA AO

ALMANACH.

ROSA D'AMOR (Beira). — Não são feios os seus versos, mas têm o senão de não poderem ser admittidos no *Almanach*. V. S.^a fala da noute, do céu, do rumorejar das folhas, das estrellas que morrião, da luz d'aurora, do seu segredo, e da saudade que tudo isso lhe deixou, por modo, que só velhos o deverião lêr. Olhe que a juventude, e sobretudo a feminina, é muito melindrosa, e nós queremos divertil'a e instruil'a, sem que a consciencia nos peze.

DEUS, PATRIA E FAMILIA (Alemtejo). — D'esta vez coube a sorte aos artigos em prosa. Veremos se para o anno que vem encontramos um logar para a sua poesia.

V. D. (Fisboa) — Como antigo assignante (dos da primitiva) do *Almanach de Lembranças* estamos certos de que não tardará a vir á cidade para gastar a sua de 12 no de 1865. As charadas do de 1864 viram uma fona com V. S.^a, e não sem algum resultado; demos-lhe d'isso testemunho na respectiva tabella. Veja se d'esta vez lhe acontece o mesmo, e continue a dar-nos noticias suas, porque são sempre bem vindas. Google

ANONYMO FOSCOENSE.—A sua indicação é das mais acertadas, e procuraremos traduzil-a na pratica sempre que caia a talho de fouce, como costuma dizer-se.

NA FOZ (Porto) — Nem obscuro, e insignificante charadista é V. S. não obstante leval'o a modestia a considerar-se tal, nem tão pouco indiscreto por querer-nos mostrar que tem mais memoria do que o padre José Agostinho de Macedo.

Lembrou-se logo V. S. que o artigo que vem a pag. 74 do *Almanach* de 64 — *Baixella namorada*, é o mesmo na essencia que outro que está impresso no *Almanach* de 61, a pag. 278, intitulado — *O Tigre e o Carangueijo*.

Com a franqueza e a sinceridade que nos caracteriza dissemos a pag. 358 do ultimo *Almanach* que não sabiamos quem era o author d'uma bellissima décima, que alli se lê, e que nem mesmo nos constava que estivesse publicada.

Acode V. S. e diz que a décima estava já impressa a pag. 447 da *Mnemosine Lusitana*, jornal que ha 48 annos se publicou em Lisboa.

Assim é que quizeramos ser. No seu 15.º anno vai já este livrinho ; tem publicado cerca de 7,000 artigos ; mas no meio d'elles nem sempre a nossa memoria nos diz que ha um ou outro repetido.

Tambem não temos presente tudo o que n'este paiz se tem publicado desde meio século, e n'esta ignorancia facil nos será mais d'uma vez incorrer nos seus reparos d'erudito e lembrado.

Se assim lhe apraz esteja d'atalaia e não nos poupe, que nos não offende.

Antes lh'o agradecemos.

TRIGO E JOIO (Estremadura) — Ha trigo, e bastante, no que nos mandou, não cuide que não, e d'elle nos utilisámos. O que tinha algum joio, por pouco vagar de o escolher, foi para o limbo.

QUEM NOS ENTENDE ? (Minho) — Entendemo'l'o nós, e por isso ficamos certos de quanto nos diz na sua cartinha de 12 d'Abril ultimo. Lá achará adiante alguma cousa do que lhe pertence; não poudeser mais.

PERPETUA E CRAVO (Maranhão). — Lá vai d'esta vez o artigo que por V. S.^a nos foi recomendado em P. S. da sua de 25 de março de 1860. Já era tempo, não é verdade? É que tão arreigada está essa affronta da humanidade que elle stygmatisa, que, se em vez de 4 annos o demorassemos 40 — ainda tinha rasão de ser, e pareceria escripto da vespera! O seu peculio está cá muito pobre. Renova-o?

PERPETUA — SAUDADE (Alemtejo). — Temos cá uma charada cuja significação ignoramos, e por isso lhe não demos publicidade. Ainda mais uma vez pedimos, e relevesse-nos a impertinencia, ou se quizerem, a inhabilidade confessada, para decifrar enigmas, charadas, e logogriphos á simples leitura; como por ahí faz muita gente, que nos não enviem nenhuns destes artigos, sem que venhão acompanhados da competente chave.

J. L. V. (Algarve) — A sua charada, que principia assim :

D'além mar oh ! que cidade !

está no mesmo caso que a do seu visinho alemtejano, e isso nos dispensa de maior cavaco. Se bem nos lembra até já lhe pedimos a palavra. Porque não veio?

Achará rectificado o engano que houve com uma troca de nome no *Almanach* de 1863.

DOUS BRACARENSES. — Registamos a sua promessa de para os annos futuros mandarem mais algumas noticias. Essa bella provincia é mina archeologica, que ainda se não póde dizer de todo explorada.

MESINA-REBECA-LISBOA—Ill.^{ma} sr. *Mesina-Rebeca-Lisboa*.
Forte pataratão é V. S.^a ! Ha muito tempo que o fado zombe-
teiro nos não depara um correspondente tão divertido. O seu
nome de guerra significa que veio de Mesina, (Messina, quere-
ria dizer ?) tocar rebecca em Lisboa ? N'esse caso tinha-a dado
em cheio se compra um realejo e um *mono*

«Discipulo de um Piemontez,
Fazendo entre mil gaifonas
Cousas que o démo não fez !

Irritarão-se os nervos de V. S.^a, porque nós publicamos no
Almanach de 1861 versos intitulados : «Uma cantiga á viola». A'
viola o pomos nós, sr. Rebeca, em lhe dizendo que a *céle-
bre cantiguinha* é de um poeta brasileiro chamado Alvares
d'Azevedo, saudado na imprensa d'ambos os paizes, como um
notavel talento, e que entre outras cousas mereceu o artigo
que Lopes de Mendonça lhe dedicou no *Almanach* de 56, a fl.
297. Veja se arranja um acompanhamento na rabequita para
cantar (o sr. *Mesina* ha de ter uma voz muito engraçada !) ou-
tra *cantiga*, que este anno publicamos de proposito, por sa-
bermos que embirra com as cantigas.

É de outro sensaborão que viveu no século xvii chamado F.
Rodrigues Lobo. Leia-a, vai a pag 215. Temos para nós, ill.^{ma}
sr. Lisboa, que V. S.^a não está são de entendimento.

Peor que uma abobora secca,
Essa cabeça de bilro,
Tem todo o miúdo chilro,
Senhor *Mesina e Rebeca* !

SCALABITANO. — O conceito da sua charada *esclarecia-a*
muito, mas não foi por isso que lh'a não publicamos. *Lã*, ou
lan, escreve-se com um *n*, e não com um *m*. como a V. S. fez,
conta para não deixar de guardar os preceitos do *Madureira*.
Aqui tem o motivo.

ODIDNAC. (Beira) — Não nos diga nada. Sabemos o que póde a inveja ; — e quando não a inveja, o desejo e a má vontade de empecer e mortificar o que vai por diante — com a sua cruz na carreira espinhosa das lettras.

Deixe-os, não desanime, e se o ardor da juventude lh'o permite, tome para si o conselho que o fleugmatico de Fontenelle dava no século passado ao author da *Veneza Salvada*. Encontra-o a pag. 263.

Vai no lugar competente a rectificação, que dezeja, e que era de justiça fazer-se.

INVENTE E ESCOLHA. (Douro) — Sem duvida para nos dar lugar a pôr em pratica uma parte do conselho do poeta,

..... inventa,
E escolhe o melhor do muito.

remette-nos V. S. uma carregação de charadas, e admirado ficará de não ver uma !

É que as suas charadas, posto que litterariamente bem construidas, erão mais claras do que a agua, e d'estas está o publico querellando.

Quer uma prova ? Leia o seguinte mappa. Não o damos para magoar o amor proprio de ninguem; damol'o para que as pessoas que nos envião charadas semirem n'aquelle espelho, e vejão que no *Almanach* de 1864 — charadas houve que forão mortas em 1, 2, 3, e 5 miutos ! Quem nol'o enviou foi um amator do genero, e para o trabalho ser completo quanto era para dezejar acompanhou-o d'um segundo em tudo identico, dos logogrifhos e enygmas. Os logogrifhos adivinhou-os todos ; dos enygmas ficarão por adivinhar os da pag. 277, e 331, e o mesmo aconteceu com as charadas 2.^a, 4.^a, 16.^a, 18.^a, e 20.^a É que nem estas, nem mesmo as que levarão dias a adivinhar erão para caçar no ar ; e assim é que de novo pedimos nol'as enviem.

**Charadas do Almanach de 1864, com a designação
do tempo que levaram a decifrar**

Charadas	Paginas	Tempo em q morreram			Data da sua morte		
		Min.	Horas	Dias	Dia	Mez	Anno
Abbate	83			4	24	Setembro	1863
Jasmineiro...	106	1			"	"	"
Radiante.....	119	2			1	Outubro	"
Diuturno.....	131	1			"	"	"
Charrua	148				"	"	"
Ferrador.....	159	1	1		"	"	"
Pope.....	169		3		3	"	"
Maré	178	1			5	"	"
Remador.....	186			4	7	"	"
Telbado.....	191			2	15	"	"
Realejo.....	201		10	8	"	"	"
Arpoar.....	211		22		16	"	"
Florinda	229			1	18	"	"
Apostolado...	238	1			22	"	"
Damasco	256			2	24	"	"
Meia noute ..	271	2			23	"	"
Pecego.....	282			7	30	"	"
Espadachim...	287	3			31	"	"
Christovão...	293	5			"	"	"
Arminho.....	303	1			"	"	"
Caçarola.....	311		10		1	Novembro	"
Duvida.....	339		3		2	"	"
Icaro	349	1			"	"	"
Serrador.....	356		2		"	"	"
Martello	358	1			3	"	"
Socego.....	362			4	8	"	"
Margrave....	373	2			"	"	"
Oneroso.....	380	3			"	"	"
Maquina.....	324			4	12	"	"

DITO E FEITO. (*Maranhão*). — Alto lá, meu caro senhor, se é bom de dizer, não é bom de fazer. Nem por um queijo de ouro punhamos a sua poesia no *Almanach*. Tem já 15 annos o livro, póde entrar em todas as casas, correr todas as mãos, está n'essa posse, e não hiamos agora comprometer-lhe o credito por uma leviandade.

MULHER ! SIM, SENHORES ! (*Carreço **) — Mulher, persiste em dizer que é, e como tal lá vai enfileirada entre as 16 senhoras, que no prezente anno honraram este livrinho com os seus artigos. Ha só uma differença, e é que o nome verdadeiro é agora D. Anna Candida, e nao D. Henriqueta Julia, como pseudonymamente se tem assignado.

Vive n'uma casinha humilde, que se descobre ao chegar se a uma summidade, quasi na extrema da freguezia da Ariosia, principios de Carreço, em companhia de sua mãe, d'outra irmã e um irmão, egresso, Fr. Apolinario do Coração de Jesus, antigo dr. em *Canones desconhecido dos vivos*, mas adorado da sua pequena familia. Lê Seneca, Enripedes, Aristoteles e Homero, cultiva as muzas, e cita a proposito de qualquer controversia o latim e o grego, porque o estudo dos classicos da antiguidade não foi pomo vedado ao bello sexo.

Julga que a não acreditamos ; vê n'isto uma como desconsideração á sua prosapia feminina, e appellando para o espirito cavalheiroso, amortecido n'este século, exclama : « Poder do tempo ! *Ó tempora, ó mores !* Quem arriscava a vida n'uma liçada por um capricho não ha de arriscar duas palavras em prol. .. da que se não sabe defender? » (É mo-testia)

Ahi fica materia para um romance, e não dos mais somenos. O appello aos paladinos não o occultamos, e é d'esperar que algum mysterioso desconhecido, vestido de armas brancas, e viseira no rosto venha ainda a convencer os que tam-bem presistão em não acreditar que o author do *Canto Fraternal* é D. Anna Candida, de Carreço, concelho de Vianna do Castello.

UM INCREDULO DE METAMORPHOSES. — «Quem por-
fia mata caça. » É certo. Porfiou V. S., e *sem ter o condão de
poeta*, chegou a fazer versos.

Se verso se chama a uma serie de palavras com um certo nu-
mero de syllabas, é fóra de duvida que fez versos, mas a poe-
sia é outra cousa que V. S., porfiando, não poudé ainda alcan-
çar.

Aqui tem, pois, a razão porque lhe não publicámos a sua poe-
sia — *Deus*.

O soneto á ex.^{ma} sr.^a D. Henriqueta Julia não estava de
todo mau, mas da sua publicação não resultaria senão o saber
essa senhora, (hoje D. Anna Candida) que em V. S. tem mais
um incredulo, posto que grande admirador do seu talento.

VERDADE NUA (Braga). — Nua se pinta a verdade da My-
thologia, não ha que duvidar, mas ha certas verdades cá n'es-
te mundo, que são feias quando assim as apresentam.

Deixe viver cada um como quizer, e como melhor julgar,
que com isso não perde nada.

Quem lhe diz que em V. S. não ha defeitos que lhe pô-
dem ser notados? E gostaria? Pois julgue os outros por si,
que é doutrina evangelica.

Bem diz o nosso Bucage :

..... *ha gente, e gente grave*
Que em seus olhos não vê nem uma trave.

PARTICULAR (Angra do Heroismo) — Não porque nos de-
va obsequios, mas porque sentiríamos que um dos nossos
voluminhos se publicasse sem o nome de quem lhe ha prestado
tão boa collaboraçoão, lhe agradecemos desde já todos os arti-
gos que nos remetter para o *Almanach* de 63, e seguintes.

É foro annual, que recebemos com a melhor vontade.

MANHÃ E TARDE. (Guimarães) — A outra porta, irmão, e
Deus o favoreça.

S. S. A. — TREZ FLORES (Coimbra) — Não lhe dizemos que não ouse ajuntar o seu nome a tantos respeitáveis nomes portuguezes e brasileiros ; pelo contrario, dizemos-lhe que não desanime, que persista, e que queira (quem quer póde) porque da melhor vontade lhe daremos ainda um lugar entre os NOMES QUE HONRÃO E EMBELEZÃO as paginas d'este Anuario.

ANONYMO EBORENSE. — V. S. toca rebecca perfeitamente ; é pena não lhe darmos auditorio.

SANCHO E D. QUIXOTE (Elvas) — Ora diga-nos sr. *Dos in uno*, visto que é ao mesmo tempo Sancho e D. Quixote, não lhe era melhor estar a jogar a bisca com a familia, do que estar a entreter-se com aquellas regrinhas, que não tem classificação possível ?

Cremos que sim, e dizemos-lh'o em boa consciencia.

AÇOR (Ilha de...) Levante o vôo, e venha todos os annos visitar-nos, que das plagas açorianas a esta ponta da Europa se é grande o trajecto, maior é ainda o desejo de o vermos no cathalogo dos nossos collaboradores.

A ESTRELLA DOS MAGOS TE GUIE. — D'esta vez não houve extravio, talvez por encommendar o seu artigo á Estrela dos Reis Magos. Lá o encontrará adiante.

AINDA O ARRAIANO. — Ainda o arraiano e porque não ? O que sentimos é não lhe poder dar tanto logar como dezejavamos. São tantos a pedil'ol

SERA' ARTIGO MASSUDO? (*Santarem* — Não senhor : é curioso. Mande mais alguns, se tem.

SERVE OU NÃO SERVE? (*Coimbra*) — Serve, sim, senhor ; para o anno falaremos, que n'este accordou muito tarde.

JARDINEIRO LIMENSE.—Que culpa temos de que o menino tenha trez lustros, que componha as suas regrinhas em trez quartos de hora, e que morra d'amores, sem ainda saber o que isso é? Sempre tem cousas!

Ora pois, para que não fique desconsolado, e para que a sua *Ella* saiba quanto lhe deve, lá vai uma amostra.

E a violeta rasteira	Dos teus olhos o fulgor,
Aos pés da bella roseira	Da tua fronte o alvor,
Ao senhor louvor mostrando	Não ha no meu jardim,
Da tua alma a candura	Que taes represente flôr,
Que faz pasmar a natura	Da-me pois o teu amor
Sempre, sempre representando.	Oh! Compadece-te de mim.

Tambem nós lhe pedimos que se compadeça do menino. Temos tanto dó!

AUSSI-NON? (*Coimbra*). — O artigo que lhe publicamos no *Almanach* de 1864, e os dous que encontrará no de 1865, dizem-lhe que ha da nossa parte a melhor vontade de lhe guardarmos todos os annos um lugar. *Macte, nova virtute, puer.*

PRESTA? QUE DIZEM? (*Porto*). — O nosso Barbosa Baccellar (a proposito não nos lembra agora de quê) escreveu:

Se jogar o chadrez leve eu um mate
E jogando ás trezentas o capote,
Faltem-me as consoantes para um mote,
E sem o sêr me teubão por orate...

Applicando *el cuento*, é o mesmo que dizemos a v. s.^a se acaso o entendemos. Pois olhe que lhe mettemos os hom-bros! Adeus, meu caro senhor, presta para muito, menos para escrever cousa que nos não ponha mal comnosco mes-mo depois de a lermos meia duzia de vezes.

TAMBEM EU ? (Portalegre). Também v. s.^a, sim senhor. Cá foi admitido como conviva, e esteja certo de que continuará a sê-lo, e a assistir ao banquete annual, sempre que se apresentar como d'esta vez.

PREGUIÇA ? OU RECEIO E MEDO ? — Nem preguiça, e menos receio e medo deve ter o *anonymo*. Ainda bem que venceu a primeira e sopeou os segundos, por que o temos collaborando no *Almanach* para 1865.

Está enganado de meio a meio, se julga que os dous sonetos a que se refere foram condemnados ás *profundas cavernas*. Estavão longe de as merecer, forão já o anno passado postos de parte para se comporem, mas um cabecinha de vento, que lidou algum tempo com os nossos papeis sumiu-os por modo tal, que nunca mais lhe pozemos os olhos em cima.

Se v. s.^a não fôra *anonymo* já lhe haveríamos escripto a dizer isto mesmo.

Da charada que nos remetteu não lhe podemos dar boas noticias. Um defeito tinha ella — era clara como agua.

RECEIO O LIMBO ! (Sado). — Não receie ; o limbo ainda não esteve aberto, nem esperamos que o estejam nunca para os seus escriptos. Lá vai adiante uma mimosa peesia, e cá fica outra para o anno de 1866.

Era excellente que alguma, ou algumas das suas patricias a emitassem ; mas recamos que o não fação porque a timidez nem sempre deixa brilhar o sexo das graças.

GUARDA-SEGREDO. — Se v. s.^a é da Guarda não sabemos nós, segredo sabemos que lh'o guardamos, satisfazendo os seus desejos. Lá encontrará adiante ambos os seus artigos, e a simples inicial que lhe pozemos por assignatura quer ainda dizer *segredo*. É que elle é alma do negocio, e cada um sabe as linhas com que se cose. São dictados já muito velhos, e com que as nossas avós nos embalaram.

RAPOSA E LVAS (Porto). — Desejavamos publicar o seu artigo, mas para isso era necessario que fosse em portuguez.

Quer vêr o que ha tempos sahiu em uma excellente folha periodica d'esta capital, em boa lettra redonda ? Leia, e veja se percebe.

«**Ratoneiros.** — Refere a parte da policia que hontem de madrugada, foi o sr. Francisco de Paula, morador na travessa. das Almas, queixar- vessando-lhe um pau. Os ratoneiros exerceram o e que depois lhe ataram a argola da porta atracamisas, dois pares de meias, e um guardanapo, aberto a janella da loja e dali lhê roubaram duas se de que os ladrões durante a noite lhe tinham seu officio e em seguida divertiram-se. Erão engraçados !»

Foi o resultado d'uma inversão de linhas ; á primeira vista não se sabe o que os ratoneiros fizeram, percebe-se unicamente que erão *engraçados*, pois o seu artigo nem á primeira, nem á segunda se lhe dá com o sentido, o que tambem não deixa de ter sua graça.

Porque o não intitula enigma ?

C. M. (Rio Zaire). — Recebemos á ultima hora o seguinte annuncio, do Rio Zaire :

«Dá-se um premio a quem com exactidão descobrir o motivo porque sendo o cabello da barba muito mais novo do que o da cabeça, aquelle encanece quasi sempre muito mais cedo do que o d'esta.

«P. S. O premio não é chalaça, dá-se effectivamente.»

Ahi fica, para vêr se alguem se habilita a ganhar um premio *innominado*, porque se não sabe em que elle consiste. Está satisfeito sr. C. M. do Rio Zaire ?

AFINAÇÃO (Rio de Janeiro). — V. S.^a toca perfeitamente rebeca, a afinação é das mais perfeitas, mas devemos-lhes dizer que a sua musica desagradaria a muita gente — dos dous hemispherios.

A outra porta, irmão, e Deus o favoreça.

CHÁRADAS, PROBLEMAS, ENIGMAS E LOGOGRIPOS

DO

ALMANACH DE 1864

PAG.

83 ABRADE.
87 CAIXEIRO.
103 ROCA E FUSO.
106 JASMINEIRO.
110 AMAZONAS.
111 LOGOGRIPO.
119 RADIANTE.
131 MACARIO.
134 DIUTURNO.
140 CARACOL.
148 CHARRUA.
159 FERRADOR.
164 ESTALAJADEIRO.
169 POPE.
178 MARÉ.
186 REMADOR.
191 TELHADO.
197 ARVAMAR.
202 REALEJO.
211 ARPOAR.
215 DÃO.
220 FLORINDA.
229 DIALOGO.
236 AMERICANO.
238 APOSTULADO.
245 HENRIQUETA.
247 DECIFRAÇÃO.

PAG.

255 AMADEU.
260 MACARIO.
266 DAMASCO.
271 MEIA-NOUTE.
277 MEXILHÃO.
282 PECUGO.
287 ESPADACHIM.
291 GOMADO.
295 CHRISTOVÃO.
301 NÃO DIGAS TUDO O
QUE SABES, etc. NÃO
FAÇAS TUDO O QUE
PODES, etc.
303 ARVINHO.
311 CASSAOLA.
324 MAQUINA.
331 ARVORE.
339 DUVIDA.
349 ICARO.
356 SERRADOR.
358 MARTELLO.
362 SOCEGO.
373 MARGRAVE.
380 ONEROSO.
382 PEDRO 98 annos, AN-
TONIO, 54.

TABELLA DOS INCENDIOS

TORRES	badal.	POSTOS DE GUARDA
Beato Antonio	11	Reg. e Cab. de Bola.
S. Vicente	12	Escolas Geraes.
S. Estevão	12	Chafariz de Dentro.
Graça	13	Calçada do Monte.
Se	14	Loyos.
S. Christovão	14	Costa do Castello.
Conceição Nova	15	Guarda do Deposito.
S. Nicolau	16	Praça da Figueira.
Soccorro	17	Mouraria.
S. José	18	Passeio.
Pena	19	Conv. da Encarnação.
Bemposta	20	Cab. de Bola.
Anjos	20	Monte Agudo.
S. Sebastião da Pedr.	21	Quartel de Santa Rita.
Coração de Jesus....	21	Largo de S. Martha.
Monsserrate	22	Amoreiras.
S. Mamede	22	Collegio dos Nobres.
S. Izabel.	23	Junto á egreja.
Estrella, ou C. Novo	24	B. Ayres, B. Morte, Est.
Lapa	24	Pão da Bandeira.
Necessidades	25	Praça d'Armas.
S. Pedro em Alcant.ª	25	Rua da Junqueira.
S. Francisco de Paula	26	Pampulha.
Santos-o-Velho	27	Inglezinhas.
Paulistas	28	Junto á egreja.
Chagas	29	Rua das Flores.
S. Rôque	30	T. da Quei. ^m , S. P. d' Alc.
Martyres	31	Governo Civil.
S. Paulo	32	Caes do Sodré.
Bóia Hora, Belem....	33	Calçada de D. Vasco.
Jeronymos	34	Belem.

ECLIPSES DO SOL E LUA.

Haverá no anno de 1863 4 eclipses : dous do sol e dous da lua.

1.º a 11 de Abril. — Eclipse parcial da lua visível em Lisboa.

Primeiro contacto com a penumbra	1 ^b 26. ^o 2 m.	} tempo médio
" " com a sombra	3 8. ^o 9 "	
Meio do eclipse	4 1. ^o 5 "	
Ultimo contacto com a sombra	4 54. ^o 1 "	
" " com a penumbra	6 86. ^o 8 "	
Grandeza do eclipse 0,192 do diametro da lua, ou 2,3 digitos.		

2.º a 23 de Abril.— Eclipse total do sol invisível em Lisboa.

3.º a 4 de Outubro. — Eclipse parcial da lua visivel em Lisboa.

Primeiro contacto com a penumbra	7 ^h 49. ^m 4 n.	} tempo médio
" " com a sombra	9 2. ^m 7 .	
Meio do eclipse	10 3. ^m 4 .	
Ultimo contacto com a sombra	11 4. ^m 1 .	
" " com a penumbra	12 17. ^m 4 .	

Grandeza do eclipse 0,342 do diametro da lua, ou 4,1 digitos.

4.º a 10 de Outubro.— Eclipse annular do sol. Para Lisboa este eclipse será parcial.

Principio do eclipse 3^h 42^m da tarde

Maxima phase 4 h 53 m

Põe-se o sol ás 3^h 4^m ainda eclipsado.

Grandeza do eclipse 0,475 do diametro do sol, ou 5,7 digitos.

MARÉS.

Para a intelligencia da seguinte taboa veja-se a explicação que se tem dado nos volumes precedentes.

TABOA DOS PRÊAMARES E BAIXAMARES DO TEJO.

IDADE DA LUA	1. ^o PRÊAMAR	1. ^a BAIXAMAR	2. ^o PRÊAMAR	2. ^a BAIXAMAR
	<i>h. m.</i>	<i>h. m.</i>	<i>h. m.</i>	<i>h. m.</i>
1	3 18 t.	9 30 t.	3 42 t.	9 54 m.
2	4 6 t.	10 18 t.	4 30 t.	10 42 m.
3	4 54 t.	11 6 t.	5 18 t.	11 30 m.
4	5 42 t.	11 54 t.	6 6 t.	0 18 t.
5	6 30 t.	0 42 m.	6 54 m.	1 6 t.
6	7 18 t.	1 30 m.	7 42 m.	1 54 t.
7	8 6 t.	2 18 m.	8 30 m.	2 42 t.
8	8 54 t.	3 6 m.	9 18 m.	3 30 t.
9	9 42 t.	3 54 m.	10 6 m.	4 18 t.
10	10 30 t.	4 42 m.	10 54 m.	5 6 t.
11	11 18 m.	5 30 m.	11 42 m.	5 54 t.
12	0 6 m.	6 18 m.	0 30 m.	6 42 t.
13	0 54 m.	7 6 m.	1 18 m.	7 30 t.
14	1 42 m.	7 54 m.	2 6 m.	8 18 t.
15	2 30 m.	8 42 m.	2 54 m.	9 6 t.
16	3 18 m.	9 30 m.	3 42 t.	9 54 t.
17	4 6 m.	10 18 m.	4 30 t.	10 42 t.
18	4 54 m.	11 6 m.	5 18 t.	11 30 t.
19	5 42 m.	11 54 m.	6 6 t.	0 18 m.
20	6 30 m.	0 42 t.	6 54 t.	1 6 m.
21	7 18 m.	1 30 t.	7 42 t.	1 54 m.
22	8 6 m.	2 18 t.	8 30 t.	2 42 m.
23	8 54 m.	3 6 t.	9 18 t.	3 30 m.
24	9 42 m.	3 54 t.	10 6 t.	4 18 m.
25	10 30 m.	4 42 t.	10 54 t.	5 6 m.
26	11 18 m.	5 30 t.	11 42 t.	5 54 m.
27	0 6 t.	6 18 t.	0 30 m.	6 42 m.
28	0 54 t.	7 6 t.	1 18 m.	7 30 m.
29	1 42 t.	7 54 t.	2 6 m.	8 18 m.
30	2 30 t.	8 42 t.	2 54 m.	9 6 m.

NASCIMENTOS E OCCASOS DO SOL EM 1865.

MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO.	OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO.	MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO.	OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO.
Junho	1 9 17 25	39 36 36 38	16 23 25 27	Dezembro	1 9 17 25	7. 1 8 14 18	37 37 38 42
Maio	1 9 17 25	4. 5 56 49 42	7. 50 57 5 11	Novembro	1 9 17 25	29 37 47 55	4. 59 51 43 39
Abril	1 9 17 25	47 34 24 13	21 30 37 45	Outubro	1 9 17 25	6. 57 5 13 21	42 30 18 7
Março	1 9 17 25	35 23 11 5. 56	51 59 7 41	Setembro	1 9 17 25	30 38 45 52	29 17 4 51
Fevereiro	1 9 17 25	9 0 50 40	19 28 38 46	Agosto	1 9 17 25	5. 3 10 17 24	9 1 51 40
Janeiro	1 9 17 25	7 h. 20' 21 18 14	4 h. 48' 53 3 12	Julho	1 9 17 25	4 h. 39' 43 50 55	7 h. 28' 25 21 17

COMPUTO ECCLESIASTICO

Aureo numero.....	4
Cyclo solar.....	26
Indicção Romana.....	8
Epacta.....	III
Letra Dominical.....	A

TEMPORAS

Março.....	8, 10, 11	Setembro.....	20, 22, 23
Junho.....	7, 9, 10	Dezembro.....	20, 22, 23

FESTAS MOVEIS.

Septuagesima 12 de Fevereiro.	Pentecostes.....	4 de Junho.
Cinza..... 1 de Março.	Trindade.....	11 de Junho.
Paschoa 16 de Abril.	Corpo de Deus....	15 de Junho.
Ladainhas.. 21, 23, 24 de Maio.	Coração de Jesus.	23 de Junho.
Ascensão... 25 de Maio.	Advento	3 de Dez.

QUATRO ESTAÇÕES DO ANNO.

Primavera	Começa a	20 de Março.
Estio.....	"	a 21 de Junho.
Outomno.....	"	a 23 de Setembro.
Inverno.....	"	a 24 de Dezembro.

BENÇÕES.

Prohibem-se desde Quarta feira de Cinza até ao 1.º Domingo. depois do de Paschoa; e desde o 1.º Domingo do Advento até ao Dia de Reis.

FOLHINHA PORTUGUEZA

SIGNO DE



AQUARIO

- 1 DE JANEIRO. *Domingo*. CIRCUNCISÃO DO SENHOR. *Festa na Grça. Ind. em varias egr. Ind. plen em S. Amaro no 1.º Domingo de cada mez. Grande gala. Cortejo.*
- 2 *Segunda*. S. Isidoro B. M.
- 3 *Terça*. S. Antero. P. M. S. Aprigio. S. Genoveva, V.
- 4 *Quarta*. ☾ S. Gregorio, B. S Tito *Ind. na Madre de Deus. Q cr às 3 h. e 6 m. da tarde.*
- 5 *Quinta* S. Simeão Estelita. S Apollinaria, V. *Ind. no Convento do Desagravo em todas as quintas feiras do anno, e como a da Porciuncula na igr. das Religiosas do Sacramento na 1.ª quinta feira de cada mez. Vesperas de instrumental na Sé. e ao escurecer começaõ as matinas, tamhem de instrumental.*
- 6 *Sexta* ✠ DIA DE REIS. *Ind. no Loreto. Benção no Menino Deus. Festa na Sé a que assistem SS MM. Começão as 13 sextas f-iras de S. Francisco de Paula. Com. a nov. de N Sr. da Divina Providencia.*
- 7 *Sabbado*, S Theodoro. *Abrem-se os tribnnaes.*
- 8 *Domingo*. (1.º depois de Reis) NOSSA SENHORA DE IESUS. S. Lourenço Justiniano, *Festa em Jesus, Ind. em S, Damin-gos por a Irmandade dos Passos no 2.º Domingo de cada mez.*
- 9 *Segunda*. S Julião, M. *Festa na sua freguezia.*
- 10 *Terça*. S. Paulo 1.º Eremita S. Gonçalo de Amarante,
- 11 ☽ *Quarta*. S Hygino, P. M. S. Honorata, V. *L. cheia às 10 h. e 23 minutos da tarde.*

- 12 DE JANEIRO. *Quinta.* S. Satyro, M. S. Taciano.
- 13 *Sexta.* S. Hilario, B.
- 14 *Sabbado.* S. Felix de Nole. O B. Bernardino de Corleone,
- 15 *Domingo.* (2.º depois de Reis) SS. Nome de Jesus. Nossa Senhora da Divina Providencia, S. Amaro. Ab. *Festa em S. Amaro, Conceição Velha e conv. do Desagravo.*
- 16 *Segunda.* Os Santos Martyres de Marrocos. S. Marcello, P. M. *Com. os dias de Santa Engracia na Sé de Lisboa.*
- 17 *Terça.* S. Antão, Ab.
- 18 *Quarta.* A Cadeira de S. Pedro em Roma. S. Prisca.
- 19 *Quinta.* S. Canuto, M.
- 20 C *Sexta.* S. S. bastião, M. *Festa de instrumental em S. Sebastião da Pedreira. Q. ming. às 2 h. da m.*
- 21 *Sabbado.* (Jejum no patriarchado) S. Ignez, V. M.
- 22 *Domingo* (3.º depois de Reis) S. Vicente, M. S. Anastacio, M. *Festa em S. Vicente de Fóra. Festa do Sagrado Coração de Maria no Mosteiro da Encarnação.*
- 23 *Segunda.* Os Desposorios de N. Senhora com S. José. S. Raymundo de Penafort. S. Ildefonso.
- 24 *Terça.* Nossa Senhora da Paz. S. Timotheo B. M. O B. Marcolino, D.
- 25 *Quarta.* A Conversão de S. Paulo, *Festa e Lausp. na sua freguezia.*
- 26 *Quinta.* S. Polycarpo, B. M. S. Paula, *Festa a S. Sebastião em S. Paulo.*
- 27 ● *Sexta* S. João Chrysostomo. *Festa de N. Senhora da Piedade na freguezia de S. Paulo. L. n. às 8 h. e 53 m. da manhã.*
- 28 *Sabbado.* S. Cyrillo, B. A B. Veronica. A trasladação de S. Thomaz d'Aquino. *Princ. a Nov. das Chagas de Christo.*
- 29 *Domingo.* (4.º depois de Reis) S. Francisco de Salles. B. *Festa e Lausp. nas Sallesias e S. Francisco de Salles.*
- 30 *Segunda.* S. Martinha, V. S. Jacyntha.
- 31 *Terça.* S. Pedro Nolasco. S. Cyro, M. A B Luzia Albertoni, F.



- 1 DE FEVEREIRO. *Quarta* (Jejum excepto nos bispados d'Eltos e Vizeu). S. Ignacio, B. M. S. Brigida.
- 2 *Quinta*. ✕ PURIFICAÇÃO DE NOSSA SENHORA. *Festa nos Terceiros do Carmo e na Sé.*
- 3 ☾ *Sexta*. S. Braz, B. M. O B. Odorico, F. Q. *cresc. aos 32 m. da manhã.*
- 4 *Sabbado*. S. André Corsino, B. S. José de Leonisa. *Fallecimento da princeza a Senhora D. Amelia.*
- 5 *Domingo* (5.^o depois de Reis) S. Agueda, V. M. Os MM. do Japão. S. Pedro Baptista e seus CC. *Matinas na igr. das Chagas á festa do orago.*
- 6 *Segunda*. As Chagas de Christo. S. Dorothéa, V. M. *Festâ e Lausp. na igr. das Chagas e Te Deum de tarde.*
- 7 *Terça*. S. Romualdo, Ab. S. Ricardo. *Festa a S. Urbano na igr. das Chagas.*
- 8 *Quarta*. S. João da Matta.
- 9 *Quinta*. S. Apolonia, V. M. *Festa e Lausp. nas Monicas.*
- 10 ☉ *Sexta*. S. Escolastica, V. S. Guilherme, L. *cheia ás 3 h. e 50 m. da tarde.*
- 11 *Sabbado*. S. Lazaro, B. Os fundadores dos Servitas.
- 12 *Domingo da Septuagesima*. S. Eulalia, V. M. *Com. os Domingos na Madre de Deus.*
- 13 *Segunda*. S. Gregorio II. P. S. Catharina de Ricci, V. D.
- 14 *Terça*. S. Valentim. M. *Vesperas de trasladação da Santo Antonio na sua igreja.*
- 15 *Quarta*. Trasladação de S. Antonio. Os SS. Faustino e Iovita MM. *Festa em Santo Antonio da Sé.*
- 16 *Quinta*. S. Porphyrio M.
- 17 *Sexta*. S. Faustino, M. O B. Nicolau de Longobardis. *Faz 20 annos a Ser. Senhora Infanta D. Antonia.*

- 18 DE FEVEREIRO. *C* *Sabbado*. S. Theotonio, S. Simeão, B. M. *Quarto minguante ás 9 horas e 1 minuto da tarde.*
- 19 *Domingo da Sexagesima*. S. Conrado, F. O B. Alvaro de Cordova.
- 20 *Segunda*. S. Elentherio, B. M.
- 21 *Terça*. S. Maximiano, B. M. S. Angela de Miricia, V. F.
- 22 *Quarta*. S. Margarida de Cortona. A. Cadeira de S. Pedro em Antiochia.
- 23 *Quinta*. S. Pedro Daniel.
- 24 *Sexta*. S. Mathias, Ap. S. Sergio, M.
- 25 *Sabbado*. S. Cezario. *L. nova ás 7 h. e 26 m. da tarde.*
- 26 *Domingo da Quinquagesima*. S. Torquato, Arc. de Braga. *Ind. das 40 horas na Se por occasião da Exposição do Santissimo Sacramento até á terça feira depois de completas.*
- 27 *Segunda*. S. Leandro. A B. Eustachia, V. F.
- 28 *Terça*. S. Romão, Ab. O B. Thomas de Cora.

SIGNO DE



ARIES.

- 1 DE MARÇO. *Quarta feira de Cinza (Jejum até á Paschoa, excepto aos Domingos)*. S. Adrião M, S. Rozendo. Port. *Prohibem-se as benções nupciaes até ao 1.º domingo depois da Paschoa.*
- 2 *Quinta*. S. Simplicio, P.
- 3 *Sexta*. S. Candido, Martyr. S. Hemeterio, S. João de Brito. S. Cunegundes.

- 4 DE MARÇO. ☾ *Sabbado*. S. Casimiro. S. Lucio, P. M. Q.
cresc. às 11h. e 42 m. da manhã.
- 5 *Domingo* (1.º da *Quaresma*). S. Theophilo, O B. João José da Cruz, F.
- 6 *Segunda*. S. Ollegario, B. S. Colleta V.
- 7 *Terça*. S. Thomaz de Aquino. SS. Perpetua e Felicidade, Martyres.
- 8 *Quarta*. (*Temporas*). S. João de Deus.
- 9 *Quinta*. S. Francisca Romana. Santa Catharina de Bolo-
nha.
- 10 *Sexta*. (*Temporas*). S. Militão e seus 39 Comp. MM. O B.
Pedro de Jeremias D. *Começa a a Nov. de S. José.*
- 11 *Sabbado*. (*Temporas*). S. Candido M. *Faz 43 annos a*
Ser. Sr.ª D. Januaria Maria.
- 12 ● *Domingo* (2.º da *Quaresma*). S. Gregorio P. e Dr. da
Igreja. *L. cheia às 10 h. e 5 m. da manhã.*
- 13 *Segunda*. A B. Sancha, V. Infanta de Portugal. S. Rodri-
go M.
- 14 *Terça*. *Trasladação* de S. Bôaventura. S. Mathilde, Rai-
nha, S. Henrique. *Faz 43 annos S. M. a Imp. do*
Brazil,
- 15 *Quarta*. S. Longuinhos, Soldado, M.
- 16 *Quinta*. S. Cyriaco, M.
- 17 *Sexta*. S. Patricio, Ap. da Irlanda. S. Gertrudes V.
- 18 *Sabbado*. S. Gabriel, Archanjo. S. Narciso, Arcebispo.
- 19 *Domingo* (3.º da *Quaresma*). S. José. Esposo de Nossa Se-
nhora *Festa em varias igrejas.*
- 20 C *Segunda*. S. Martinho Dumiense, Arc. de Braga. O B.
João de Parma, F. *Com. a Primavera. Q. ming. às 11 h.*
59 m. da manhã.
- 21 *Terça*. S. Bento, Apostolo. *Festa no Mosteiro da Encarna-
ção.*
- 22 *Quarta*. S. Benvenuto, B. S. Emygdio, B.M. S. Am-
brosio de Sena.
- 23 *Quinta*. S. Felix e seus CC. *Matinas na freguezia do Sacra-
mento.*

- 24 DE MARÇO. Sexta.** Instituição do SS. Sacramento, S. Marcos, M. *Festa no Sacramento.*
- 25 Sabbado.** ✠ ANNUNCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA. S. Quirino e seus Comp. MM. *Festa em varias igrejas.*
- 26 Domingo (4.º da Quaresma).** S. Ludgero, B. S. Braulio, Bispo.
- 27 ● Segunda.** S. Roberto, B. L. *nova às 4 horas e 31 m. da manhã.*
- 28 Terça.** S. Alexandre, M.
- 29 Quarta.** S. Victorino e seus Comp. MM. S. Marcellino Martyr.
- 30 Quinta.** S. João Climaco.
- 31 Sexta.** S. Balbina, V. S. Benjamim, Diácono, M. S. Amancio. B. O B. Clemente de Osimo.

SIGNO DE



TAURUS.

- 1 DE ABRIL. Sabbado.** As Chagas de S. Catharina de Sena, S. Macario. Trasladação de S. Monica, S. Procoro. M. Com. *o Set. das Dôres de Nossa Senhora.*
- 2 Domingo da Paixão.** S. Francisco de Paula. S. Maria Egypciaca. *Festa e Lausp em S. Francisco de Paula. Benção no Menino Deus.*
- 3 ☾ Segunda** S. Ricardo, S. Benedicto. *Faz 34 annos a Ser. Senhora D. Adelaide Sophia esposa, do Sr. D. Miguel de Bragança. Q. cresc. aos 42 m. da m.*
- 4 Terça.** S. Isidoro, Arc. de Sevilha.
- 5 Quarta.** S. Vicente Ferrer, D.

- 6 **DE ABRIL. Quinta.** S. Marcellino, Martyr A B. Catharina de Palancia.
- 7 **Sexta.** As Sete Dóres de Nossa Senhora, S. Epiphanio, M. B. *Festa em varias igrejas.*
- 8 **Sabbado.** S. Amancio, B. O B. Clemente de Ozimo. S. Engracia, V. M. S. Fructuoso. *Faz 29 annos que chegou á barra de Lisboa Sua Magestade o Senhor Dom Fernando.*
- 9 **Domingo de Ramos.** Traslado de S. Monica. *Festa na Sé. Proc. na Madre de Deus, Campo Grande, Loures e Almada.*
- 10 **Segunda.** S. Ezequiel, Propheta. O B. Antonio, Martyr Doutor.
- 11 **Terça.** S. Leão I, P. O B. André de Monte Real. *Luz cheia ás 3 h. 51 m. da manhã.*
- 12 **Quarta feira de Trevas** S. Victor, M. Port. O B. Angelo de Clavasio, *Officio em varias igrejas.*
- 13 **Quinta feira d'Endorçãos** (~~Idende~~ *Idende o meio dia até ao meio dia seguinte*). S. Hermenegildo, M. *Festa de instrumental na Sé.*
- 14 **Sexta feira de Paizão** (~~Idende~~ *Idende até ao meio dia*). S. Tiburcio, S. Valeriano, MM. *Proc. do Enterro.*
- 15 **Sabbado d'Alleluia** S. Basilissa e S. Anastacia, MM. S. Eutychio M.
- 16 **DOMINGO DE PASCHOA.** S. Engracia, V. M. S. Fructuoso, Arc. de Braga. *Festa na Sé, e nos Martyres. Benção papal, Peg. gala*
- 17 **Segunda.** (1. *octava da Paschoa*) S. Aniceto, P. M. S. Elias monge Port.
- 18 **Terça.** (2. *octava*) S. Galdino, B. e Cardeal. O B. André Hilbernon, F. Q. *minguante ás 10 horas 43 minutos da tarde.*
- 19 **Quarta.** S. Hermogenes, M. O B. Conrado Miliano, F.
- 20 **Quinta.** S. Ignez de Montepoliciano, V. D.
- 21 **Sexta.** S. Anselmo, Arcebispo de Cantuaria. *Principia a Novena de Santa Catharina de Sena.*

- 21 DE ABRIL.** *Sabbado.* SS. Sotero e Caio, MM. S. Senhorinha, V. Port.
- 22 Domingo da Paschoela.** Fugida de Nossa Senhora. S. Jorge, M. Defensor do Reino. *Festa e Lausp. na sua freguezia. Festa à Senhora das Augustinas em S. Francisco de Paula. Communhão dos meninos e sermão nas freguezias do Sacramento e Magdalena.*
- 23 Segunda.** Nossa Senhora dos Prazeres e da Pena. S. Fidellis de Sigmaringa, M. F. S. Honório B. *Festa e Lausp. na freguezia da Pena. F. em varias igrejas. Proc. da freguezia de Santos para a Ermida dos Prazeres. Acabão as ferias. Começa a Novena da Invenção de Santa Cruz.*
- 24 Terça.** S. Marcos, Evangelista. L. nova á 1 h. e 36 m. da tarde.
- 25 Quarta.** S. Pedro de Rates, 1.º bispo de Braga. S. Clero e S. Marcellino MM.
- 26 Quinta.** S. Tertuliano, B. S. Turibio, Arc. de Lima. *Proc. da Saude.*
- 27 Sexta.** S. Vital, M. S. Prudencio, B. O B. Lucio, F. *Com. a Nov. de N. Senhora do Resgate.*
- 28 Sabbado.** S. Pedro, M. D. *Anniversario da Carta Constitucional. Grande gala. Cortejo.*
- 29 Domingo do Bom Pastor.** S. Catharina de Sena, V. S. Peregrino, Servita. *Festa nos Paulistas.*

SIGNO DE



GEMINIS.

1 DE MAIO. *Segunda.* S. Filippe e S. Thiago, Ap. *Dia do nome de S. M. El-Rei. Pequena gala.*

- 2 DE MAIO ☉ *Terça.* S. Atanasio, B. A. B. Mafalda,
Infanta de Portugal. *Quarto crescente à 3 h. e 27 m. da
tarde.*
- 3 *Quarta.* Invenção da Santa Cruz.
- 4 *Quinta.* S. Monica, Com. a nov. na *Nossa Senhora dos
Martyres.*
- 5 *Sexta.* Conversão de Santo Agostinho.
- 6 *Sabbado.* S. João ante portam latinam.
- 7 *Domingo.* MATERNIDADE DE N. SENHORA. S. Estanislau B.
M. *Festa de Nossa Senhora do Resgate na sua Ermida
aos Anjos. Festa do Senhor Jesus dos Perdões na fregue-
zia da Magdalena. Com. a nov. de S. João Nepomu-
ceno.*
- 8 *Segunda.* Apparição de S. Miguel, Archanjo. *Festa na sua
igreja.*
- 9 *Terça.* S. Gregorio Nazianzeno, B.
- 10 ☽ *Quarta.* S. Antonino, Arceb. de Florença. D. S. Gordia-
no e S. Epimaco MM. *Festa ao Patrocinio de S. José nas
Religiosas de S. Alberto. L. cheia às 7 h. e 36 m. da
tarde.*
- 11 *Quinta.* S. Anastacio, M.
- 12 *Sexta.* S. Joanna, Princeza de Portugal, *Festa no seu con-
vento.*
- 13 *Sabbado.* NOSSA SENHORA DOS MARTYRES. S. Pedro Regalado.
O B. Alberto de Bergamo. *Festa nos Martyres. Princ. a
Nov. de Santa Rita.*
- 14 *Domingo.* Fr. Gil, S. Bonifacio, M.
- 15 *Segunda.* S. Izidro, lavrador. O B. Egydio.
- 16 *Terça.* S. João Nepomuceno, M. S. Ubaldio, B. Com. a Nov.
da Ascensão.
- 17 *Quarta.* S. Paschoal Baylão, F. S. Possidonio. Com. a nov.
de S. Filippe Nery.
- 18 ☾ *Quinta.* S. Venancio, M. S. Erico, Rei da Suecia. *Quar-
to minguante às 6 horas e 2 minutos da manhã.*
- 19 *Sexta.* S. Pedro Celestino. P. S. Ivo, F.
- 20 *Sabbado.* S. Bernardino de Sena, F.

- 21 DE MAIO. *Domingo*. S. Manços, M, primeiro B. de Evara.
- 22 *Segunda (Ladainhas, abst. de carne, e proc)*. S. Rita de Cassia, V. S. Quiteria V- M. e 8 irmãs portuguezas. S. Ato.
- 23 *Terça. (Ladainhas, abst. de carne, e proc.)* S. Basilio, Arc. de Braga. S. Desiderio, B.
- 24 ● *Quarta (Ladainhas, abst. de carne e proc.)* S. Afra, M. Trasl. de S. Domingos. *Embarca o cyrio do Cabo. L. nova ás 10 h. e 12 m. da tarde.*
- 25 *Quinta. ✠ ASCENÇÃO DO SENHOR.* S. Gregorio VII, P. S. Urbano P. M. *Festa em varias igrejas, e com Lausp. na ermida da Assenção aos Paulistas.*
- 26 *Sexta.* S. Philippe Nery, S. Eleuterio P. M. *Festa em algumas igr.*
- 27 *Sabbado.* S. João, P. M.
- 28 *Domingo.* S. Germano, B. *Procissão do Corpo de Deus no Salvador.*
- 29 *Segunda.* S. Maximo e S. Maximiano. *Desembarca o cyrio do Cobo.*
- 30 *Terça.* S. Fernando, Rei de Castella. *Nome de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando. Pequena gala.*
- 31 *Quarta.* S. Petronilla. V. O B. Diogo Salomão.

SIGNO DE



CANCER.

- 1 DE JUNHO. ☾ *Quinta.* S. Firmo, M. *Começa a trezena de S. Antonio. Quarto crescente ás 7 horas e 43 minutos da manhã.*

- 2 DE JUNHO. *Sexta. (Jejum).* S. Marcellino, M.
- 3 *Sabbado.* S. Paula, V. M. S. Ovidio.
- 4 *Domingo de Pentecostes.* S. Francisco Caraciolo. S. Quirino, B. M. *Festa na Sé.*
- 5 *Segunda.* S. Marciano, M. S. Bonifacio, B. M.
- 6 *Terça.* S. Norberto, B. S. Paulina, V. M.
- 7 *Quarta. (Temporas, Jejum).* S. Roberto, Ab. *Com. o outarario do Corpo de Deus.*
- 8 *Quinta.* S. Salustiano, C. S. Severino B.
- 9 ☉ *Sexta. (Temporas, Jejum).* S. Primo e S. Feliciano, MM. S. Melania L. *cheia às 9 h. e 4 m. da manhã.*
- 10 *Sabbado. (Temporas, Jejum).* S. Margarida.
- 11 DOMINGO DA SS. TRINDADE. S. Barnabé, Ap.
- 12 *Segunda. (Jejum no Patriarchado)* S. João de S. Facundo, S. Onofre.
- 13 *Terça. (✠ no Patriarchado)* S. Antonio de Lisboa. F. *Festa de instrumental na sua igr.*
- 14 *Quarta.* S. Basilio Magno, B. S. Elizeu Propheta. *Com. a Nov. do Coração de Jesus.*
- 15 *Quinta. ✠ CORPO DE DEUS.* S. Vito, M. *Com. a Nov. de S. João Baptista. Proc. da cidade. Pequ. gala.*
- 16 C *Sexta.* S. João Francisco Regis. *Começa a Novena de N. Senhora Mãe dos homens. Q. ming. às 11 h. e 16 m. da manhã.*
- 17 *Sabbado.* S. Thereza. Rainha de Leão, Port.
- 18 *Domingo.* S. Leonicio, M. S. Amando, A. B. Ozana, V. F.
- 19 *Segunda.* S. Juliana de Falconieri, V. S. Gervazio e S. Probasio, MM.
- 20 *Terça.* S. Silverio, P. M. *Com. a Nov. de S. Pedro.*
- 21 *Quarta.* S. Luiz Gonzaga. *Com. o Estio.*
- 22 *Quinta. (Jejum)* S. Paulino, B. O B. Filippe da Placencia. A. *Proc. do Corpo de Deus na Sé.*
- 23 ● *Sexta. ✠ O SS. CORAÇÃO DE JESUS.* S. João, Sacerdote. S. Edeltrudes *Festa na Estrella a que assistem SS. MM. Pequena gala. L. nova às 7 h. e 20 m. da manhã. Proc. de tarde em Jesus.*

- 24 DE JUNHO. *Sabbado*. ✠ NASCIMENTO DE S. JOÃO BAPTISTA, *Festa na igr. de S. Pedro em Alcantara, nos Inglezinhos, Lumiar, Cintra e Seixal.*
- 25 Domingo. PUREZA DE NOSSA SENHORA. NOSSA Senhora Mãe dos homens, S. Guilherme, Ab. S. Febronia, V. M. S. Tude.
- 26 Segunda. S. João e S. Paulo, II. MM. S. Pelagio M.
- 27 Terça. S. Ladislau. O B. Benevenuto F.
- 28 Quarta (Jejum). S. Leão II, P.
- 29 Quinta. ✠ S. Pedro e S. Paulo, Ap. *Festa na egr. de S. Pedro em Alcantara, nos Inglezinhos, no Lumiar, Seixal e Cintra.*
- 30 Sexta. S. Marçal, B. *Festa na Graça.*

SIGNO DE



LEO.

- 1 DE JULHO. ☾ *Sabbado*. S. Theodorico. Ab. S. Julio, M. S. Adrião MM. *Quarto cresc á 1 h. e 4 m. da m.*
- 2 Domingo. VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA. *Festa em S. Roque e nas Sulexius.*
- 3 Segunda. S. Jacintho, m. S. Heliodoro B.
- 4 Terça. S. Izabel, Rainha de Portugal. *Festa. e Lausp. na sua freg. onde foi abolido o dia santo de guarda. Faz 64 annos a Ser. Senhora D. Izabel Maria Simples gala.*
- 5 Quarta. S. Athanasio, O B. Miguel dos Santos.
- 6 Quinta. S. Domingas, V. M. Com. a Nov. de S. Camillo.
- 7 Sexta. S. Pulcheria, V. S. Claudio e seus CC. MM. Com. a Nov. de N. Senhora do Carmo.
- 8 ☉ *Sabbado*. S. Procopio, M. O B. Lourenço de Branduzzi. C. L. cheia ás 8 h. e 50 m. da t.

- 9 DE JULHO. *Domingo*. Nossa Senhora do Patrocínio. S. Cyrillo. B. M. O. B. João de Colonia M. D. O. B. Nicolau e seus CC.MM. S. Veronica Juliana, Cap.
- 10 *Segunda*. S. Januario e seus CC. MM. S. Amelia V. A. B. Joanna Escopeli. *Com. a Nov. de Santa Justa. Dia do nome de S. M. I. a Duqueza de Bragança. Pequena gala.*
- 11 *Terça*. S. Pio, P. M. S. Sabino B.
- 12 *Quarta*. S. João Gualberto, Ab.
- 13 *Quinta*. S. Anacleto, P. M.
- 14 *Sexta*. S. Bôaventura. B. F.
- 15 **C** *Sabbado*. S. Camillo de Lellis, S. Henrique Imp. *Festa na Magdalena a S. Camillo de Lellis. Q. ming. às 3 h. e 49 m. da t.*
- 16 *Domingo*. Anjo Custodio do Reino. Triunpho da Santa Cruz. Nossa Senhora do Carmo. *Festa em S. Nicolau, na igr. das Religiosas de Santo Alberto, e no conv. da Estrella. Festa e Proc. no Sacramento.*
- 17 *Segunda*. S. Aleixo.
- 18 *Terça*. S. Marinha V. M. S. Symphorosa e seus filhos Martyres.
- 19 *Quarta*. SS. Justa e Rufina. S. Vicente de Paulo. *Festa e Lausp. em Santa Justa.*
- 20 *Quinta*. S. Jeronimo Emiliano. S. Elias. S. Margarida, V. M.
- 21 *Sexta*. S. Praxedes, V. S. Claudio. S. Secundino e outros MM. S. Julia *Faz 22 annos a Ser. Senhora Infanta D. Maria Anna. Pequena gala.*
- 22 **●** *Sabbado*. S. Maria Magdalena. *Festa e Lausp. na sua freguezia L. nova às 5 h. e 52 m. da tarde.*
- 23 *Domingo*. S. Ap. linario, B. M. S. Liborio B. *Com. a Nov. de Sant'Anna.*
- 24 *Segunda*. S. Christina, V. M.
- 25 *Terça*. S. Thiago, Ap. S. Christovão, M. *Festa em S. Thiago. Festa e Lausp. em S. Christovão.*
- 26 *Quarta*. S. Symfronio. S. Olympio e S. Theódulo, MM. *Com. a Nov. de S. Domingos.*

- 27 **DE JULHO** *Quinta*. S. Pantaleão, M. A B. Conegundes V. F.
 28 *Sexta*. S. Innocencio e S. Victor. PP. S. Nasario, M.
 29 *Sabbado*. S. Martha, V. S. Olavo, M. *Festa em S. Martha.*
Com. a Nov. de S. Caelano.
 30 **DOMINGO**. SANT'ANNA, MÃI DA NAI DE DEUS. S. Rufino,
 M. *Festa nas freiras de Sant'Anna, nas de Santa Joanna,*
e em Bemfica. Festa e Proc. na Magdalena Q. cresc. às 6
h. e 32 m. da t.
 31 *Segunda*. S. Ignacio de Loyola. S. Fabio, M. S. Colimerio,
 F. *Juramento da Carta Constitucional. Faz 53 annos*
a Senhora Duquesa de Bragança. Grande gala. Cortejo.

SIGNO DE



VIRGO.

- 1 **DE AGOSTO**. *Terça*. S. Pedro *ad Vincula*. Os MM. de
 Chellas.
 2 *Quarta*. N. Sr.^a dos Anjos. S. Estevão, P. M.
 3 *Quinta*. Invenção de S. Estevão, Proto-Martyr.
 4 *Sexta*. S. Domingos. *Festa no conv. de S. Joanna.*
 5 *Sabbado*. N. Sr.^a das Neves. *Festa no Soccorro. Faz 12*
annos a Ser. Sr.^a D. Maria das Neves, 1.^a filha do Sr.
D. Miguel de Bragança.
 6 *Domingo*. Transfiguração de Christo. *Festa na freguezia*
do Salvador. Com. a Nov. da Assumpção.
 7 **SEGUNDA**. S. Caetano. S. Alberto, C. *Com. a Nov. de*
S. Roque. L. cheia às 4 h. 52 m. da manhã.
 8 *Terça*. S. Cyriaco, e seus CC. MM. *Faz 33 annos S. A. o*
Principe Jorge da Saxonia. Pequena gala.
 9 *Quarta*. S. Romão, M. O B. João de Salerno.
 10 *Quinta*. S. Lourenço, M. S. Filomena, V. M. *Festa e*
Lausp. na freguezia de S. Lourenço.
 11 *Sexta*. S. Tiburcio e S. Suzana, MM.

- 12 DE AGOSTO. *Sabbato*. S. Clara, V. F. *Festa na sua igreja e nas Francezinhas.*
- 13 **C** Domingo. S. Hypolito e S. Cassiano, MM. S. Helena, V. M. Q. *ming. às 9 h. e 3 m. da tarde.*
- 14 *Segunda (Jej.)* S. Eusebio. O B. Sanches, F.
- 15 *Terça.* ✠ ASSUMPCÃO DE NOSSA SENHORA. *Festa na Sé e em outras igrejas.*
- 16 *Quarta.* S. Roque. F. S. Jacintha. *Festa em S. Roque.*
- 17 *Quinta.* S. Mamede, M. A B. Emilia, V. *Festa e Lausp. em S. Mamede.*
- 18 *Sexta.* S. Clara de Monte Falco, V. S. Lauro, M. *Com. a Non. do Coração de Maria.*
- 19 *Sabbado.* S. Luiz, B. F. *Começa a Novena de S. Agostinho.*
- 20 *Domingo.* S. Joaquim, Pai de N. Sr.^a S. Bernardo, M e Dr. da Igreja.
- 21 ● *Segunda.* S. Joanna Francisca, V. S. Anastacio, M. *L. nova às 6 h. 40 m. da manhã.*
- 22 *Terça.* S. Timotheo, M.
- 23 *Quarta* S. Filippe Benicio. S. Liberato e seus CC. *Martyres.*
- 24 *Quinta.* S. Bartholomeu, Ap. S. Aurea, M. S. Eutychio. *Faz 10 annos a Ser. Sr.^a D. Maria Theresza, filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*
- 25 *Sexta.* S. Luiz. Rei de França.
- 26 *Sabbado.* S. Zepherino, P. M.
- 27 *Domingo.* SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA. S. José de Calazans. *Festa do Coração de Maria na sua ermida, ao Cumpo Grande, e no Mosteiro da Encarnação.*
- 28 *Segunda.* S. Agostinho, H. e Dr. da Igreja. S. Hermes, M.
- 29 ☾ *Terça.* Degolação de S. João Baptista. S. Candida, V. M. *Quarto crescente às 11 horas e 9 minutos da manhã.*
- 30 *Quarta.* S. Roza de Lima, V. D. *Com. a Nov. de N. Ssnhora das Necessidades.*
- 31 *Quinta.* S. Raymundo Nonnato. *Festa em S. Martha.*



- 1 DE SETEMBRO. *Sexta*. S. Egydio. Ab. A B. Izabel. V. F.
Começa a Novena de S. Nicoláu Tolentino. Começam as férias.
- 2 *Sabbado*. S. Estevão. S. Brocardo, C.
- 3 *Domingo*. S. Euphemia. V. M.
- 4 *Segunda*. S. Roza de Viterbo, F. S. Candida.
- 5 ☉ *Terça*. S. Antonino, M. A Trasladação dos Martyres de Lisboa. *L. cheia á 1 h. e 15 m. da tarde.*
- 6 *Quarta*. S. Libania, V. A.
- 7 *Quinta*. S. João, M.S. Anastacio, M.
- 8 *Sexta*. NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA. S. Adrião, M.
Festa e Lausp. na ermida da Victoria.
- 9 *Sabbado* S. Sergio, P.
- 10 *Domingo*. SS. NOME DE MARIA. S. Nicoláu Tolentino, A.
Festa em varias igrejas.
- 11 *Segunda*. S. Theodora. O B. Bernardo de Offida.
- 12 ☾ *Terça*. S. Auta, V. M. *Quarto ming. ás 4 h. e 21 m. da manhã.*
- 13 *Quarta*. S. Filippe, M.
- 14 *Quinta*. EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ. *Festa nas Francezinhas e nas religiosas de S. Alberto.*
- 15 *Sexta*. S. Domingos em Soriano. S. Nicomedes, M.
- 16 *Sabbado*. Trasladação de S. Vicente, M. S. Cornelio e S. Cypriano, MM.
- 17 *Domingo*. FESTA DAS DORES DE NOSSA SENHORA. S. Pedro Arbués, M. As Chagas de S. Francisco. *Festa em varias igrejas.*
- 18 *Segunda*. S. José de Cupertino, S. Thomas de Villa Nova B.

- 19 **DESETEMBRO.** ● *Terça.* S. Januariô, B. M. S. Constança, M. Faz 11 annos o Sr. D. Miguel, filho do Sr. D. Miguel de Bragança. L. nova às 10 h. e 9 m. da tarde.
- 20 *Quarta.* (Temporas, Jejum). S. Eustaquio e seus CC. MM. Com. a Nov. de S. Miguel.
- 21 *Quinta.* S. Matheus, Ap. e Evang. S. Efigenia, Princeza.
- 22 *Sexta* (Temporas, Jejum). S. Mauricio, e seus d-z mil CC. MM. Faz 30 annos S. A. o Principe Leopoldo de Hohenzollern Sigmaringen. Cam. a Nov. de N. Senhora do Rozario.
- 23 *Sabbado* (Temporas, Jejum). S. Lino, P. M. S. Tecla, V. M. Com. o Outono.
- 24 *Domingo.* NOSSA SENHORA DAS MERCÊS. S. Geraldo, C. Aniversario do fallecimento do Sr. D. Pedro IV.
- 25 *Segunda.* S. Firmino, B. M. S. Pacitico e S. Severino, F. Com. a Nov. de S. Francisco de Assiz.
- 26 *Terça.* S. Cypriano e S. Justina, MM. A B Luiza V. F.
- 27 *Quarta.* S. Cosme e S. Damião, MM. S. Eliziario, F.
- 28 ☾ *Quinta.* S. Wencesláu, Duque de Bohemia. O B. Bernardino de Feltro. Festa no Sacramento. Q. crece. às 2 h. e 10 m. da manhã. Faz 2 annos S. A. R. o Principe Real D. Carlos Fernando. Grande gala.
- 29 *Sexta.* S. Miguel Archanjo. Festa nos Anjos, e em outras igrejas.
- 30 *Sabbado.* S. Jeronymo, Dr. da Igreja. Festa e feira em Belem. Acabão as férias.

SIGNO DE



SCORPIO.

- 1 **DE OUTUBRO.** *Domingo.* O SS. Rozario de Nossa Senhora. SS. Verissimo, Maxima, e Julia, II. MM. Port. Festa e Lausp. em Santos. Festa em varias igrejas. Proc. das Religiosas do Bom Successo.

- 2 DE OUTUBRO. *Segunda*. Os Anjos da Guarda.
- 3 *Terça*. S. Candido, M. Trasladação de S. Clara.
- 4 ④ *Quarta*. S. Francisco de Assiz. *Festa em varias igrejas.*
L. cheia ás 9 h e 54 m. da tarde.
- 5 *Quinta*. S. Placido e seus CC. MM.
- 6 *Sexta* S. Bruno. *Com. a Nov. de S. Thereza. Anniv. do*
do casamento de S. M. ElRei o Sr. D. Luiz I.
- 7 *Sabbado* S. Marcos, P. O B. Matheus Carrierio.
- 8 *Domingo*. Nossa Senhora dos Remedios. S Brigida, V. S.
Pelagia. *Festa na Sé. Principia a feira do Campo Grande.*
- 9 *Segunda*. S. Dionisio, B. SS. Andronico e Athanasia, MM.
Festa das Palmelões na Penha de França.
- 10 *Terça*. S. Francisco de Borja, Padroeiro do Reino. *Com.*
a Nov. de S. Pedro d'Alcantara.
- 11 C *Quarta*. S. Firmino, B. 1.ª Trasladação de S. Agosti-
nho. *Q. ming. ás 2 h. e 45 m. da tarde.*
- 12 *Quinta*. S. Cypriano, B. M. S. Seraphino, F.
- 13 *Sexta*. S. Eduardo, Rei de Inglaterra, M. S. Daniel, M.
- 14 *Sabbado*. S. Calisto, P. M. S. Gaudencio, B. M.
- 15 *Domingo*. S. Thereza de Jesus, V. C. *Festa na Estrella.*
Com. a Nov. de S Raphael.
- 16 *Segunda*. S. Martiniano, M. A. S. Gallo Ab. *Faz 18*
annos S. M. a Sr.ª D. Maria Pia.
- 17 *Terça*. S. Hedwiges, V.
- 18 *Quarta*. S. Lucas Evangelista.
- 19 ④ *Quinta*. S. Pedro de Alcantara, F. *Festa na sua*
igreja. L. nova ás 3 h. e 51 m. da tarde.
- 20 *Sexta*. S. João. Cancio. S. Iria, V. M. Port.
- 21 *Sabbado*. S. Ursula, e suas CC. MM. *Festa das 11000*
Virgens em S. Martha.
- 22 *Domingo*. Dedicacão da Basilica de Mafra. S Maria Sa-
lowé. O B. Gregorio S. Celli. A. O B. Ladisáu, F. *Festa*
das 11000 Virgens em S. Joanna.
- 23 *Segunda*. S. João Capistrano, F. S. Romão, B. S. João
Rom, A.
- 24 *Terça*. S. Raphael. S. Fortunato, M.

- 25 DE OUTUBRO. Quarta.** S. Chrispim e S. Chrispiniano, H. Martyres.
- 26 Quinta.** S. Evaristo, B. M. O B. Roaventura de Potenza, F. *Faz 63 annos o Sr. D. Miguel de Bragança.*
- 27 Sexta.** Os Martyres d'Evora. S. Elesbão. *Q. cresc. às 3 h 13 m. da tarde.*
- 28 Sabbado.** S. Simão e S. Judas, Ap.
- 29 Domingo.** Trasladação de S. Isabel, Rainha de Portugal. A B Bemvinda. *Faz 49 annos S. M. ElRei o Sr. D. Fernando. Grande gala. Cortejo.*
- 30 Segunda.** S. Serapião, B. M.
- 31 Terça.** (Jejum). S. Quintino, M. *Faz 27 annos S. M. ElRei o Sr. Luiz I. Grande gala. Cortejo.*

SIGNO DE



SAGITARIO

- 1 DE NOVEMBRO. Quarta.** ✠ **FESTA DE TODOS OS SANTOS.** *Festa do Senhor Jesus da Via-Sacra em Santa Engracia e de tarde proc. por voto, pelo terremoto de 1755. Festa e proc. por voto em Cacilhas.*
- 2 Quinta.** COMMEMORAÇÃO DOS FIEIS DEFUNTOS. S. Victorino, M.
- 3 Sexta.** S. Malaquias, B. Primaz da Irlanda *L. cheia às 6 h. e 26 m. da manhã.*
- 4 Sabbado.** S. Carlos Borromeu. *Faz 18 annos o Senhor Infante D. Augusto. Pequena Gala.*
- 5 Domingo.** S. Zacharias e S. Izabel.
- 6 Segunda.** S. Severino, B. M. *Com. a Nov. de S. Gertrudes. Officiu e missa por alma do Sr. D. João IV. Anniv. do fallecimento de S. A. o sr. Infante D. Fernando.*

- 7 DE NOVEMBRO.** *Terça.* S. Florencio, B. *Com. a Nov. do R. Gonçalo de Lagos.*
- 8 Quarta.** S. Severiano e seus tres II. MM.
- 9 Quinta.** S. Theodoro, M. Os SS. da Ordem de S. Domingos. Dedicção da basilica do Salvador,
- 10 Sexta.** C S. André Avellino. Os Defuntos da Ord. de S. Domingos. *Q. minq. às 5 h. e 9 m. da m.*
- 11 Sabbado.** S. Martinho R. *Festa em S. Thingo. Anniversario do fallecimento (1861) de Sua Magestade o Sr. D. Pedro V.*
- 12 Domingo.** O Patrocinio de N. Senhora. S. Martinho, P. M.S Diogo, F.
- 13 Segunda.** S. Eugenio B. de Toledo. Os SS. das Ordens de S. Agostinho, S Bento, e SS. Trindade.
- 14 Terça.** Trasladação de S. Paulo. O B. Gabriel F. O B. João Lucio D. Os SS. da Ordem do Carmo.
- 5 Quarta.** Dedicção da Basilica do SS. Coração de Jesus. Santa Gertrudes Magna. O. B. Alberto Magno. D. *Festa no convento do Coração de Jesus. Anniversario do fallecimento (1834) de S. M. a Senhora D. Maria II.*
- 16 Quinta.** S. Gonçalo de Lagos, A. S. Ignez. Os Defuntos da Ordem do Carmo. *Com a Nov. de S. Catharina.*
- 17 Sexta.** S. Gregorio Thaumaturgo, B: A. Beata Saloméa F
- 18 Sabbado** S Romão. M, Dedicção da basilica de S. Pedro e S. Paulo. *Lua nova às 10 horas e 23 minutos da manhã.*
- 19 Domingo** S Ignez Rainha de Hungria.
- 20 Segunda.** S Felix de Valois, Fundador dos Trinos.
- 21 Terça.** Apresentação de Nossa Senhora. *Indulgencias em varias igr.*
- 22 Quarta.** S Cecilia, V.M Grande *Festa de instrumental nos nos Martyres.*
- 23 Quinta.** S. Clemente, P. M. S. Felicidade, M.
- 24 Sexta** S João da Cruz, C. S. Estanislaue Kostsk. S: Chrysostomo, M.

- 25** DE NOVENBRO. *Sabbado* S. Catharina, V. M. *Festa na sua freguezia. Com. a Nov. de S. Barbara.*
- 26** ☾ *Domingo* S. Pedro Alexandrino, B. M. A B. Delphina' Q. cr. ás 2 h. e 10 m. da manhã.
- 27** *Segunda* S. Margarida de Saboya, V. D. Os SS. da Ord. de S. Paulo, *Com. a Nov. de S. Nicoláu.*
- 28** *Terça* S. Gregorio III, P. S. João de Maria F.
- 29** *Quarta* S. Saturnino, M. Os SS. das tres ordens de S. Francisco. *Começa a Novena de Nossa Senhora da Conceição.*
- 30** *Quinta.* S. André, Ap.

SIGNO DE



CAPRICORNIO.

- 1** DE DEZEMBRO. *Sexta.* S. Eloy, B. *Festa na Ermida da Victoria.*
- 2** ☼ *Sabbado.* S. Bibiana, V. M. Os Defuntos da Ord. de S. Francisco. *Faz 40 annos S. M. I. o Sr. D. Pedro II. L. cheia ás 6 h. e 7 m. da tarde.*
- 3** *Domingo* (1.^o do Advento). S. Francisco Xavier. *Festa em S. Roque. Prohibem-se as benções matrimoniaes desde este dia até ao de Reis.*
- 4** *Segunda.* S. Barbara, V. M. *Officio de Santa Cecilia nos Martyres.*
- 5** *Terça.* S. Geraldo, Arc. de Braga. S. Sabbas, Ab.
- 6** *Quarta* S. Nicoláu, B. *Festa na sua freguezia.*
- 7** *Quinta* (Jejum). S. Ambrosio, B. e Dr. da Igreja. *Matinas na Sé.*

- 8 DE DEZEMBRO. Sexta.** ✕ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, Padroeira do Reino. *Assistem SS. MM. á Festa Pontifical na Sé, bem como todos os Grã-Cruzes e Commendadores da Conceição, que se acharem na Córte. Benção papal. Festa em varias igrejas.*
- 9 C Sabbado (Jejum).** S. Leocadia, V. M. Q. ming. ás 11 h. e 36 m. da t.
- 10 Domingo (2.º do Advento).** S. Melchiades P. M. *Festa de Nossa Senhora da Conceição da Guia.*
- 1 Segunda.** S. Damaso P. S. Francisco C.
- 12 Terça.** S. Justino, M.
- 13 Quarta.** S. Luzia, V. M. O Beato. João Marinonino. *Festa em S. Luzia e nas Chagas.*
- 14 Quinta.** S. Agnello, M.
- 15 Sexta (Jejum).** S. Euzebio, B. M. S. e seus CC. MM.
- 16 Sabbado. (Jejum)** As Virgens d'Africa, MM. O. B. Sebastião Magi. D. Traslado de Santa Maria Magdalena de Pazzi, Com. a Nov. do Natal.
- 17 Domingo (3.º do Advent).** S. Lazaro.
- 18 ☉ Segunda.** Nossa Senhora do Ó. L. nova ás 4 h. e 36 m. da manhã
- 19 Terça.** S. Fausta.
- 20 Quarta (Temporas, Jejum).** S. Domingos de Sillos, Ab.
- 21 Quinta.** S. Thomé, Ap. *Festa na sua igreja. Começa o Inverno.*
- 22 Sexta. (Temporas, Jejum).** S. Honorato, M.
- 23 Sabbado (Temporas, Jejum).** S. Servulo. S. Victoria V. M.
- 24 Domingo (4.º do Advento).** S. Gregorio M. *Matinas na Sé. Férias até ao dia de Reis.*
- 25 ☾ Segunda.** NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR JESU CRISTO. *Festa de intrumental e pontifical na Sé. Jubileu no Arc. de Braga, por 8 dias no patriarchado. Festa em varias igr. Pequena gala. Q. cresc. ás 11 horas e 54 minutos da manhã.*

- 26 DE DEZEMBRO.** *Terça.* S. Estevão Proto-Martyr. *Festa e Lausp, na sua freguezia.*
- 27 Quarta.** S. João Ap. e Evang. *Aniversario de S. A. o Sr. Infante D. João.*
- 28 Quinta.** Os SS. Innocentes, MM. *Está patente ao publico a Santa Caza da Misericordia. Começa a Novena dos Reis.*
- 29 Sexta.** S. Thomaz, Arc. de Cantuaria. *Festa nos Ingezi-nhos.*
- 30 Sabbado.** S. Sabino, M.
- 31 Domingo.** S. Silvestre, P. *Te-Deum na Sé e em todas as cathedraes e colligadas. Festa na Magdalena. Pequena gala.*



ALMANACH DE LEMBRANÇAS

JANEIRO — I

Direito feminino. — Os sicambros, uma das tribus dos francos, começavam em uma batalha a ceder o terreno e a fugir diante do inimigo, superior em numero.

As mulheres detêm-os, e descobrindo os seios dizem-lhes

ram a coragem e o orgulho dos sicambros, que reunindo-se de novo, recommença a batalha e acabão por destruir o inimigo, que já se julgava vencedor.



•cravai, cobardes, cravai, e matai-nos, antes do que nos exponhais ao opprobrio da escravidão. Este espectaculo e estas palavras reanima-

gava vencedor. É, diz Saint Foix, depois d'esta victoria, e em memoria da parte que n'ella tiverão as mulheres, que ellas, adquirindo o direito de trazerem o seio mais ou menos descoberto, começaram a decotar-se.

Se assim é respeitemos-lhes a regalia, e continuem a decotar-se em nome do valor das mulheres dos sicambros.

Nobreza. — Disputavam certos fidalgos castelhanos, sobre nobreza, diante de Filippe II.

Que estaes disputando? Diz-lhes o rei. Não ha mais que duas gerações, e é zero tudo o mais—Ter ou não ter.

Um rei de Chypre. — Na ilha de Chypre, na sepultura d'um príncipe d'aquelle reino, foram encontrados uns versos, escriptos em lingua grega, os quaes se mandaram ao nosso rei D. João III. Ouviu-lh'os elogiar muita a rainha D. Catharina, e um dia, antes que D. Sebastião, seu neto, tomasse as redeas do governo, deu-lh'os, dizendo-lhe e pedindo-lhe que cuidasse em deixar de si tão eloquente epitaphio, porque muitas vezes ouvira dizer a seu avô que era o que mais invejava.

Dizião assim :

•O que pude fazer por bem, nunca o fiz por mal.

O que pude alcançar com paz, nunca o tomei pela guerra.

O que pude vencer com rogos, nunca o desviei com ameaças.

O que pude emendar em segredo, nunca o castiguei em publico.

O que pude conseguir com avisos, nunca o fiz com castigos.

Nunca consenti que a minha lingua dissesse mentira.

Nunca permitti a meus ouvidos que escutassem lisonjas.

Refreei o meu coração para que não desejasse o alheio; e acabei com elle para que se contentasse com o proprio.

Velei por conservar os meus amigos, e desvelei-me por não ter inimigos.

Não fui prodigo em gastar, nem cubicoso em receber.

Nunca castiguei uma culpa, que primeiro não perdoasse quatro.

Do que castiguei tenho pezar, do que perdoci alegria.

Nasci homem entre os homens, portanto comem os bichos a minha carne.

Vivi virtuoso com os virtuosos, portanto descansará a minha alma com Deus.

Hypocrista. — Os hypocritas, diz um escriptor, não servem a Deus; servem-se de Deus para enganar os homens.

JANEIRO — 3

Para que vai o diabo ao pé dos confessoros. — O padre Philippe d'Oultreman no seu *Pedagogo Christão*, publicado em 1628, conta alguns casos curiosos a respeito da confissão.

Referindo as *Vidas dos Padres do Deserto*, diz que um d'estes piedosos solitarios viu um dia por especial favor de Deus, o demonio, que andava no seu giro do costume, parar proximo a todos os confessionarios, onde havia penitentes. O religioso solitario perguntou-lhe em nome de Deus, o que andava por alli fazendo?

— Ando restituindo, respondeu-lhe o condescendente demonio.

E como fosse obrigado a responder mais explicitamente accrescentou: «Roubei a esta gente a vergonha do peccado, quando estavam para o commetter; restituo-lh'a agora em alta dóse para que se pejem de o confessar.»

Rodrigo Paganino.

JANEIRO — 4

Burla d'um ministro. — Roberto Walpole, ministro da Inglaterra, querendo fazer passar um *bill* importante foi procurar o arcebispo de Canturbery e pediu-lhe, depois de lhe haver explicado o seu projecto, que simulasse uma doença perigosa. O prelado convence-se da utilidade do disfarce, cede ao pedido do ministro, mette-se na cama, e tão bem foi dirigido o negocio por um médico, que entrava no segredo, que não tarda a espalhar-se o boato da sua morte proxima e inevitavel. Fixam-se os olhos de todos os bispos sobre a bellissima *séde* que vai ficar *vacante*, todos se mostram ministerialissimos e affectos ao governo para a obter, o *bill* proposto n'esta occasião passa por grande maioria, o arcebispo ressuscita dias depois, e o manhoso Walpole ri-se de todos os crédulos, tão arteiramente enganados.

O sacristão e o rei. — O sacristão da igreja cathedral de Berlim escreveu um dia a Frederico, o grande, a seguinte carta :

«Senhor, advirto a vossa magestade 1.º que faltão livros de canticos para a familia real; advirto a vossa magestade 2.º que falta lenha para aquecer a tribuna real; advirto a vossa magestade 3.º que a balaústrada que borda o rio, por detraz da igreja, ameaça ruina. — SCHMIDT, *sacristão da cathedral.*»

A esta epistola respondeu o rei :

«Eu advirto aosr. sacristão Schmidt 1.º que quem quizer cantar póde comprar livros; advirto ao sr. sacristão Schmidt 2.º que quem quizer aquecer-se poderá comprar a lenha; advirto 3.º que a balaústrada que borda a ribeira não está a meu cargo; emfim, eu advirto ao sr. sacristão Schmidt 4.º que não quero tornar a ter correspondencias com elle.»

Mais que nenhuma outra revella esta anecdota o character folgasão e genio bondoso do monarcha mais popular que tem tido a Prussia.

JANEIRO — 6

Jogo dos Reis, em Cabo-Verde. — No primeiro de Janeiro de cada anno esperão as raparigas os rapazes, e estes aquellas, e o que avista primeiro o outro grita com toda a força, dizendo:—Nhó fulano, ou Nhã fulana, dá-me os Reis? Se a rapariga foi quem pediu primeiro, o rapaz dá-lhe um córte de camisa, ou de saia, que lhe leva a casa no dia 6; e se o rapaz foi quem pediu, vai este a casa d'ella, que já lá tem um córte de calça de cotim, ou outro qualquer objecto.—No anno seguinte o que recebeu dobra a dádiva, e assim continua todos os annos, até chegar a contas de ouro no valor de 20\$000, córtes de calças, casacos de panno fino etc. A final acabão os Reis com o casamento, como succedeu, ainda não ha muito, no sitio dos Mosquitos d'aqui tres léguas.

Augusto Maria Cordeiro. (Villa da Praia).

MARIA, A CEIFEIRA.

(IMITAÇÃO DE URLAND).

•Bons dias, Maria: da lida do prado
•Nem mesmo te afastão cuidados d'amor.
•Se ao fim de tres dias m'o deixas ceifado,
•A mão de meu filho te quero propôr.»

Promessa é do rico soberbo rendeiro:
Maria, oh! quão ledo seu peito bateu!
Seus olhos brilharam, seu braço ligeiro
Mais forte nas messes a fouce moveu.

Soou meio dia: que ardente seccura!
Já todos demandão a fonte, o pinhal;
Sómente nos ares a abelha murmura:
Maria não pára, que é sua rival.

O sol esmorece, bateram trindades;
Debalde o visinho lhe grita: bastou!
Zagues e ceifeiros se vão ás herdades:
Maria, co'a fouce, lidando ficou.

O orvalho desliza; desponta a seu turno
A estrella no espaço, na selva o cantor:
Maria, insensível ao bardo nocturno,
A fouce incançavel agita ao redor.

Os dias e as noutes assim por taes modos,
Nutrida d'amores, mal sente passar.
Tres dias findaram; oh! vinde ver todos
Maria ditosa d'esperança a chorar.

•Bons dias, Maria: já tudo ceifado!
•Lidaste devéras: a paga has-de ter.
•Em quanto a meu filho, foi graça o tratado:
•Quão loucos e simples o amor nos faz ser!»

Tal disse, e passava... no peito constante,
Ai pobre Maria, que transe cruel!
Teu corpo formoso tremeu vacillante,
E exhausta cahiste, ceifeira fiel.

Um anno a coitada, sósinha comsigo,
Vivendo de fructos, vagou sem falar...
No prado mais verde cavai-lhe o jazigo:
Ceifeira como esta jámais heis de achar.

. A. A. Soares de Passos.

JANEIRO — 8

O amor e a loucura. — Diziam os antigos que Cupido não fôra cego de nascimento, mas antes nascêra de vista tão apurada como a do lynce; porém que brincando um dia com a Loucura, ella já enfastiada lhe dêra tão grande bofetada, que o cegou. Soube-se o caso, foi a injuria á decisão dos juizes, e estes sentencaram que já que a Loucura cegára o amor, ella lhe servisse de guia.

Desde aquelle tempo não entra o amor em parte alguma, que a Loucura não vá adiante como moço de cego.

Haymos de convir que não ha apólogo mais moral, nem mais verdadeiro do que este.

A belleza. — São variados os juizos que se tem formado a seu respeito. Socrates, chamava-lhe uma curta tyrannia; Plão, um privilegio da natureza; Theophrasto, uma eloquencia muda; Diogenes, a melhor recommendação; Theocrito, uma serpente occulta em flores; Bion, um bem que nos não pertence.

Glossa e rimas obrigadas. — No *Almanach de Lembranças* para 1861, a pag. 316, vem a seguinte décima ao mote :

O negro manto da morte

Tive um sonho bem fatal,
Triste scena era a do quadro!
Vi, que se abria no adro
Uma lousa sepulchral.
Os sinos davão signal;
Tornou-se-me a dôr mais forte
Ao vêr a minha consorte
Prostrada na terra fria,
E sobre a face a cobria
O negro manto da morte.

É d'um pobre artista curioso, do concelho da Maia. Pois outro curioso, tambem da provincia, a quem se leu esta décima, fez outra ao mesmo mote e com as finaes de cada verso obrigadas. É tão curioso, e tão ignorante do que é verso, que nem sabe como isso se chama em poesia.

A mulher sempre é fatal!
Amal-a apenas em *quadro*,
Ou quando passa no *adro*
P'ra o recinto *sepulchral*!
Se de a amarem vê *signal*,
De fraca, torna-se *forte*;
De amante, féra *consorte*.
Amei uma... mas já *fria*...
Quando o corpo lhe *cobria*
O negro manto da morte.

É innegavel que esta décima tem algum merecimento pela difficuldade, e esta foi tanto maior quanto a opinião do author é inteiramente opposta na materia sujeita.

Digitized by Google X. (Constancia)

Terror panico. — Filho de Hermes, como querem uns, de Pendlope, como querem outros, ou de Mercurio, como ha quem o affirme, é Pan, deus dos pastores, sem contradicção o mais feio entre todos os deuses da mythologia. Vêde-o, que a nossa estampa representa-o. Com aquelles pés de cabra, aquelle vélo que lhe cobre as pernas tortas, aquellas orelhas esguias e as pontas que lhe sombreião a cabeça, que traças não urdiria, e quem não teria medo d'elle? Tinhão-o, e muito, e



d'ahi vem a designação de *panico* dada ao terror cuja causa é desconhecida e subita. Uma vez era elle Pan capitão de Baccho, estava em frente de inimigos, e observando que no valle em que assentára o campo havia échos, mandou que os seus soldados fizessem muito ruido antes de começar a pejeia. O estrondo retumbou no valle multiplicado pelos échos e isto fez com que o inimigo aterrado, julgando que tinha em frente um grande exercito, se puzesse em fugida. Outra vez, estavam os gaulezes commandados por Brenno a ponto de saquear o templo de Delphos, na Grécia, e de repente forão tomados de um terror tão grande, que mesmo sem serem perseguidos abandonaram a temeraria empresa. Este terror subito foi attribuido a Pan.

O mesmo succedeu na tão falada guerra entre os gigantes e os deuses, porque estando aquelles a ponto de escalar o céu de tal sorte os amedrontou o capripede Pan, soprando n'um buzio, que elles se puzerão em vergonhosa fuga.

Os deuses em extremo reconhecidos gratificarão-o pelo feito, chamando-o ao céu, e collocando-o no Zodiaco, como signo de Capricornio.

A saída do Paraíso. — Poucas cousas se têm escripto em poesia tão patheticas como a saída do paraíso dos nossos primeiros pais, no *Paraíso Perdido*, de Milton.

Saboreado o fructo da arvore prohibida, o filho de Deus, que já se havia offerecido para o resgate do genero humano, apresenta ao Eterno Pai as supplicas de Adão e Eva

ver no paraíso, e envia Miguel com uma legião de cherubims para os expellir da mansão de delicias,



arrepentidos, e intercede por elles. Deus accellia-lhas, mas declara que não podião continuar a vi-

cias, depois de lhes descerrar a cortina dos tempos, e revelar os successos futuros.

Desce Miguel, intíma ao peccador a sentença do exilio, e para cumprir as determinações do Eterno leva-o acima de uma collina. Ahi n'uma visão lhe descobre e lhe conta o que hade acontecer até ao diluvio, do diluvio até á redempção do homem pelo sacrificio do Filho de Deus, e da redempção até ao juizo universal. Já consolado, porque viu no futuro re-

mida a sua falta, desce da collina o nosso primeiro pai, vem encontrar Eva, que tinha adormecido durante todo esse tempo, e que por sonhos se tranquillisára, e ambos conduzidos por Miguel saem do paraíso, ao tempo em que já a espada flammejante se brandia atraz d'elles, e a legião de cherubins guardava as avenidas do jardim.

É n'esta situação que o poeta exclama, rematando com chave de ouro o seu maravilhoso poema:

.....

De Deus a espada á frente da columna
Vem pelo ether brandindo accêsa e fêra,
Qual comêta preságio de ruinas ;
E logo com vapôres abrazados,
Como os que reinão pela Lybia adusta,
Começou a queimar tão dôce clima.
O archanjo que tal viu toma apressado
Pela mão nossos pais que se demorão ;
Do Oriente até á porta assim os leva,
E chegando á planície que se alonga
Fóra do Eden, deixou-os e sumiu-se.

Olhando para traz então observão
Do Eden, ha pouco seu ditoso asylo,
A porção oriental em flammæ toda
Debaixo de ignea espada, e á porte horribéis
Bastos espectros ferozmente armados.
De pena algumas lagrimas verteram,
Mas resignados logo as enchugaram.
Diante d'elles estava inteiro o mundo
Para a seu gosto habitação tomarem,
E tinham por seu guia a providencia.
Dando-se as mãos os pais da humana prole,
Vagarosos lá vão com passo errante
Afastando-se do Eden solitarios.¹

¹ *Paraíso Perdido* — Canto XII — traducção do sr. Lima
Leitão.

● **Archive Rural.** — Este excellente jornal de Agricultura, publicou ha tempos uma curiosidade, como elle mesmo lhe chama, que é digna da attenção publica. Diz :

• Quando se pelejaram as grandes batalhas de Solferino e S. Martinho, ao começar d'ellas estava o tempo sereno e desnevoado, mas no correr e fim d'estas batalhas desataram-se tempestuosas as cataractas do céu. Phenomeno análogo se tem observado na actual guerra da America, em que os mais rijos combates, onde troou forte a artilheria, dados na primavera e estação sêcca, têm sido sempre acompanhados, ou seguidos de copiosas chuvas, e até de innundações. Será este phenomeno devido á agitação parcial do ar por effeito das descargas, e á condensação successiva de seus vapores, ou a outra causa desconhecida? Se fôr pela primeira, pelo effeito das descargas, concebe-se, com applicação á agricultura, as grandes vantagens que esta podia tirar, chamando por vozes de canhão aos campos sequiosos, a agua que d'elles foge. •

Accrescentava que o remedio era caro, mas que quando se via tanta polvora consumida em devastar a humanidade, e não pouca malbaratada em salvas de banaes comprimentos, não era muito que se dispensasse em favor da agricultura algumas *canhoadas* mais.

Nós dizemos ainda, que havendo a guerra sido em todos os tempos a inimiga dos progressos agricolas, que só medram na paz, era justo que a sua imagem em compensação de tantas perdas lhes servisse tambem algumas vezes de utilidade.

● **Os nossos defeitos.** — Confessar os nossos defeitos, quando nos são lançados em rosto, é modestia; descobril-os aos nossos amigos é ingenuidade, senão é confiança; exprobral-os a nós mesmo é humildade; divulgar-os a toda a gente desnecessaria em orgulho.

Identidade. — É notavel que a palavra *vinho* — sóa, ou escreve-se quasi do mesmo modo em diferentes linguas, assim antigas, como modernas. Em grego *vinos*; em latim *vinum*; em arabe *vainou*; em allemão *wein*; em inglez *wine*; em francez *vin*; em hespanhol *vino* etc.

LOGOGRIPO I

A primeira repetida
É da America que vem;
Dá-nos leite em abundancia,
Que nos sabe muito bem.

E se ainda a repetires
Dando-lhe outra inflexão;
Forma o canto d'uma ave,
Que merece estimação.

A segunda posta ás vellas
Já se usou no portuguez;
No latim é um pronome;
É particula em francez.

A primeira co'a terceira
É muito feio animal,
Não te aproximes a elle,
Que te póde fazer mal.

* A terceira co'a primeira
Caçador é por paixão;
Que por uma certa caça
Tem maior inclinação.

Nestas mesmas com cedilha,
Que mudança encontrarás!
Por capricho do idioma
Em ti mesmo o acharás.

É gentil, formosa dona,
É princeza sem igual,
Que reclina o corpo lindo
Sobre um flóreo estendal.

Que de afagos e ternura
Para seus filhos não tem!
Inda mesmo para estranhos,
As caricias são de mãe.

Foi por mouros requestada
N'essas éras que lá vão;
Mas aos do mouro prefere,
Os amôres do christão.

Quem não ama um seu sorriso!
Quem não ama um gesto seu!
Quem não ama tantas graças!
Quem não quer na terra o céu.

JANEIRO — 15

● **deus falcocetre.** — Luiz XIII, rei de França, foi talvez o homem de seu tempo que mais conheceu, e mais apaixonado se mostrou pela caça do falcão.

Os bons espiritos do tempo indagaram o motivo, e crêram havel-o encontrado no anagramma do seu nome.

Louis treisième, roi de France et de Navarre,

deu-lhes :

Roi très rare, estimé dieu de la FAUCONNERIE.

JANEIRO — 16

Doctrina indiana. — Lê-se no *Vedam* (a Biblia dos indios) : O primeiro homem ao saír das mãos do Senhor disse-lhe : «quando houver sobre a terra diferentes occupaões nem todos serão proprios para todas. Como distinguir entre elles ? Deus respondeu-lhe : «Os que participarem de mais espirito, e gosto pela virtude serão os bramanes (sacerdotes indios). Os que participarem mais do *tomogoun*, isto é, de mais avareza, serão negociantes. Os que participarem mais do *rosogoun*, isto é, de mais ambição, serão guerreiros. Os que forem mais robustos, e de gostos mais simples occupar-se-hão nas obras servis.

CHARADA I

Eu sou animal quadrupede — 1	Eu entrei na academia
Porém todo mundo attesta,	Sem nunca ser estudante — 1
Que o cidadão avarento	O meu todo pois se escreve
Guarda tudo para esta — 1	Sem vogal, nem consoante.

D. Maria Antonia Brochado Guedes.

Regencias em Portugal. — A do infante D. Affonso, conde de Bolonha, segundo filho de Affonso II, na incapacidade de D. Sancho II, desde 1245 a 1248.

As da rainha D. Leonor Telles, e depois do Mestre d'Aviz, no interregno pela morte de D. Fernando I, desde 1383 a 1385.

A da rainha D. Leonor, viuva de D. Duarte, e depois do infante D. Pedro, duque de Coimbra, na menoridade de D. Affonso V, desde 1438 a 1446.

As da rainha D. Catharina, viuva de D. João III, e depois do infante-cardeal D. Henrique, na menoridade de D. Sebastião, desde 1557 até á maioridade do rei.

A dos cinco governadores do reino nomeados pelo cardeal-rei para depois da sua morte determinarem o successor do reino. Eram: o arcebispo de Lisboa, D. Jorge d'Almeida; o célebre capitão de Diu, D. João de Mascarenhas; o camareiro-mór Francisco de Sá Menezes; Diogo Lopes de Sousa, senhor de Miranda; e D. João Tello de Menezes, senhor d'Aveias. Durou desde a morte do cardeal, a 31 de Janeiro de 1580, até 17 de Julho do mesmo anno, em que declararam rei a D. Filippe II de Castella.

A da rainha D. Luiza Francisca de Gusmão, viuva de D. João IV, na menoridade de D. Affonso VI, desde 1656 até 1662.

A do infante D. Pedro, ultimo filho de D. João IV, na incapacidade de seu irmão D. Affonso VI, desde 1667 até á morte d'este em 1683.

A do principe do Brazil, D. João (depois rei, sexto de nome) durante a molestia mental de sua mãe D. Maria I, desde 1792 até 1816.

A nomeada pelo principe regente D. João, por causa da retirada da família real para o Brazil. Era composta do Marquez d'Abrantes, do tenente general Francisco da Cunha e Menezes, do principal Castro, de Pedro de Mello Breyner, e do tenente general D. Francisco Xavier de Noronha. Durou desde 30 de Novembro de 1807 até 1 de Fevereiro de 1808, em que foi abolida por Junot.

Desde 1808 até 1820, em que rebentou a revolução, houve varias regencias, que se seguiram a esta.

Progredindo o movimento nacional, creou-se um governo interino, que durou até á reunião do congresso, e que geriu os negocios com a junta provisoria do governo supremo do reino, levantada no Porto.

A nomeada pelo congresso, composta de fr. Francisco de S. Luiz, conde de S. Paio, José da Silva Carvalho, marquez de Castello Melhor, e João da Cunha Souto Maior. Exercceu o poder executivo em nome de D. João vi desde 26 de Janeiro de 1820 até 4 de Julho de 1821, em que o rei desembarcou de volta do Brazil.

A de S. A. R. a Sr.^a Infanta D. Isabel Maria, juntamente com o cardeal patriarcha de Lisbôa, duque de Cadaval, marquez de Vallada, e conde dos Arcos, desde o fallecimento de D. João vi em 10 de Março de 1826 até 22 de Fevereiro de 1828, em que desembarcou o sr. D. Miguel de Bragança.

A do sr. D. Miguel de Bragança, nomeado regente por decreto do Sr. D. Pedro iv, de 3 de Julho de 1827, na menoridade de S. M. a rainha a sr.^a D. Maria ii. Durou desde o dia do seu desembarque até 3 de Maio do mesmo anno.

A da Ilha Terceira, composta do marquez de Palmella, conde de Villa Flôr, e Antonio José Guerreiro, desde 1828 até 3 de Março de 1831, em que o sr. D. Pedro desembarcou nos Açores.

A de S. M. Imperial o sr. duque de Bragança, desde 1831 até 1834, em que se declarou a maioridade de S. M. a rainha a sr.^a D. Maria ii.

A de S. M. el-rei o Sr. D. Fernando, na menoridade do sr. D. Pedro v, desde 15 de Novembro de 1833 em que falleceu a rainha, até 16 de Setembro de 1835.

JANEIRO — 18

Ricos e pobres. — Perguntou-se a Bias, o philosopho, quem no mundo era rico: respondeu — quem nada deseja —: quem era pobre; respondeu — o avarento. —

Motivos para mandriar. — O célebre David Hume, historiador inglez, chegou a disfructar mil libras sterlingas de renda, provenientes, tanto de pensões, como do producto das suas obras. Vendo-se certo



até ao ultimo reinado, respondeu-lhe: «Meu caro, honrais-me demasiadamente, mas tenho quatro razões para não escrever. Estou velho, quero ainda engordar mais, sou muito preguiçoso, e muito rico.»

D'esta ultima molestia em homem de lettras, grassa por cá muito pouco.

Oração de Platão. — Platão a quem denominaram o divino, um dos homens mais notaveis da Grécia, e chefe d'uma eschola philosophica, querendo ensinar o modo com que haviamos pedir a Deus, compoz a seguinte e brevissima supplica: «Jupiter, concede-nos o que fôr bem, quer o peçamos quer não, e afasta de nós o que fôr mal, ainda que por erro o imploremos.»

É uma oração verdadeiramente catholica, escripta ha mais de vinte e tres séculos no centro do paganismo, por um homem em cujas obras se encontra o primeiro ensaio de demonstração da espiritualidade da alma, e da sua immortalidade.

A obesidade. — A obesidade não concorre para a força do homem, nem para a belleza da mulher, apesar do ditado — *dai-me gordura, dar-me-heis formosura*. A obesidade predispõe para diversas doenças, e obsta muitas vezes a que o individuo chegue a uma idade avançada. Ninguém tem a culpa de ser extremamente gordo, porque isso é devido ao seu temperamento lymphatico, mas muitos empregando um regimen adequado podem corrigil'o bastante.



As tres principaes causas que determinão a obesidade são — alimentação abundante e mal escolhida, falta de exercicio, e excesso de dormir. Que é necessario, pois ?

Não comer tanto quanto apeteçemos, escolher os alimentos, estar menos tempo na cama, e passear bastante, a pé sobretudo.

Os alimentos que se devem evitar são os farinaceos, quaesquer que sejam as formas porque elles se apresentam ; os ovos, as massas e os doces. Em contraposição, a carne, a salada, os fructos ácidos, são excellentes. Se ao comer bebermos uns goles d'agua de Seltz em vez d'agua pura, nos servirmos de pão secco, ordinario, em vez de pão fino, molle, e usarmos de manhã, depois do jantar e á noute, de café, ou chá, pouco assucarado, melhor ainda.

Lembre-mo-nos de que os animaes carnivoros nunca engordão, o lobo, por exemplo, é magro; e de que os herbivoros, o porco, por exemplo, engordão com facilidade, dando-lhes batatas, farinhas e legumes.

O homem segue a lei commum.

O exercicio é conveniente, ou antes indispensavel, porque activa a circulação, augmenta a transpiração, e destroe por ella os elementos que a natureza converteria em tecido adiposo.

O somno prolongado, se o exercicio é indispensavel, é claro que não pôde admittir-se, e por muito que o homem o apeteça tem de o moderar, se não quizer ser tão obeso.

A medicina tem meios efficazes para combater a obesidade, taes são o iode, as substancias alcalinas, e as fumações sêccas de resinas aromaticas, mas esses meios, como se vê, são mais do dominio da therapeutica do que da hygiêne, e por isso só os médicos é que devem prescrevêl'os.

JANEIRO — 22

Vícios de nações. — Um antigo diplomáta distribuindo os vícios a que estava sujeita a Europa no seu tempo, diz «que á Hespanha cabia a soberba, á França a cubiça, á Italia a mentira, á Allemanha a gula, á Inglaterra a inconstancia, á Polonia a simplicidade, á Russia a astucia, á Suecia a deshumanidade.» Como não fomos contemplados na partilha não sabemos o que nos caberia. Já então seríamos preguiçosos ?

JANEIRO — 23

Os tres risos. — Estando em artigos de morte um padre antigo do famoso deserto de Scithis, os outros monges rodeando-lhe a pobre cama, ou esteira em que jazia, choravam amargamente. N'este ponto abriu os olhos e sorriu-se; d'alli a pouco tempo tornou a rir, e depois de outro breve intervallo, terceira vez deu a mesma mostra de alegria. Causou isto nos circunstantes não pequeno reparo por ser austera a pessoa, e formidavel a hora. Perguntaram a causa e respondeu-lhes: A primeira vez me ri porque vós outros temeis a morte; a segunda porque temendo-a não estais apparelhados; a terceira porque já lá vai o trabalho e vou para o descanso. Tornou então a cerrar os olhos, e desatou-se seu espirito.

P.º Manoel Bernardes (Nova Floresta.)

JANEIRO — 24

A mordedura mais venenosa. — Perguntando-se a Diogenes que mordedura era mais venenosa — respondeu — que dos animaes bravos a do maledicente, dos mansos a do lisongeiro.

GUARDA II

Um obulo, sequer, aos que precisam, 1
Pois os que bebem do infortunio a taça
Aos nobres corações hão-de inspiral'o
Fazendo-os commover ante a desgraça. 1

Quando me animam do mavorcio fogo
Formo com meus irmãos viva phalange;
Curvo-me ardente sobre a cruz do gladio,
Ou sobre a lua do mourisco alfange.

● **Imperador da China.** — Se o dominador do celeste imperio exerce sobre os homens uma authoridade despotica, as mil algemas, com que o prendem o uso e a etiqueta tornão-no mais escravo que o ultimo de seus subditos. Vejamos. Antes das 4 horas da manhã um eunucho, munido de uma lanterna, vem irrevogavelmente arrancar-o ao somno; chegam depois os criados do quarto, e os domesticos encarregados dos preparativos do chá. — Acabado o *toilette*, e tomado o chá, o imperador passa ao seu gabinete, aonde o esperão maços de papeis, de que é necessario tomar conhecimento. Depois enche-se de mandarins a sala do throno, o imperador apparece, todos os assistentes batem por tres vezes com a cabeça no chão, e a audiencia começa.

Às 7 horas a audiencia termina, e o monarcha vai então almoçar sósinho: como não tem quem lhe seja igual não admite ninguem á sua mesa. Do mesmo modo que lhe não é permittido o dormir quando tem somno, tambem não pôde comer segundo o seu gosto; a lei fixa os pratos que devem ser servidos á mesa de S. M. chinesa; os legumes e fructos obtidos prematuramente por meios artificiaes são absolutamente prohibidos.

Depois do almoço a etiqueta concede ao imperador duas horas de liberdade, seja para dormir a sesta, seja para não fazer nada, se lhe apraz; e depois volta aos negocios do gabinete. Algumas chicaras de chá são as unicas distracções que pôde gosar o dominador do celeste imperio, durante as horas do trabalho, que o occupam a maior parte do dia. Chega assim o momento do jantar, cuja lista é regulada com o mesmo rigor da comida da manhã.

Depois do jantar tem finalmente o imperador alguns momentos de descanso; pôde ir passear nos seus jardins, ou nos aposentos de sua familia, mas estes prazeres domesticos têm ainda um lado desagradavel: é a hora da comida dos príncipes e das mulheres, e como os rigores da lei não

se estendem a estes, o imperador pôde ter a mortificação de os vêr regalar-se de comidas e de fructas, em que lhe é prohibido tocar. É o supplicio de Tantaló. Para coroar o dia, apenas o sol se esconde é necessario que o imperador, igual a elle, faça outro tanto para na manhã seguinte continuar o mesmo fadario.

É este o circulo em que vive, salvo as raras excepções dos dias de festa, que são para elle antes de fadiga do que de descanso, porque a etiqueta nas solemnidades redobra de tyrannia.

JANEIRO — 26

Paciencia. — Virtude que dà ao animo humano forças, para soffrer sem queixa as dôres do corpo, as adversidades da fortuna, e todos os mais trabalhos da vida. Pintaram os egypcios a paciencia em figura de mulher, com uma canga, ou jugo no pescoço, as mãos juntas, e os pés sobre espinhos. O remedio dos males incuraveis é a paciencia. Na vida humana é mais necessaria que pão, porque quando o pão falta suppre a paciencia.

É a pedra philosophal com que o sabio converte as injurias em glória, as infamias em honra, os trabalhos em allivios; ella é o fogo que purifica o ouro, o toque que o legitima, e o cunho que o corôa.

É uma virtude sem luzimento; vive em trevas, agasalha-se nas sombras, defende-se soffrendo, tem por cara a tranquillidade, por boca o silencio.

Quando S. Pedro cortou a Malcho a orelha, feriu com este golpe a paciencia de Christo; é pensamento de Tertulliano. S. Martinho, Bispo Turonense, injuriado, e perseguido de certo clérigo, chamado Bricio, aos que lhe dizião que o lançasse da sua igreja costumava dizer: Christo soffreu Judas, eu não soffrerei Bricio?

Não ha n'este mundo quem não tenha o seu Bricio; é necessario soffrêl-o á imitação de S. Martinho.

D. Raphael Bluteau

Mais valem trêtas do que letras.— Estamos vendo todos os dias como certos charlatães chegam a ajuntar grandes fortunas, nunca deixamos de nos admirar, e comtudo a cousa é facil de conceber. Um médico muito habil teve ao seu serviço por algum tempo um criado intelligente, que o veio a deixar sem motivo, e de quem nunca mais ouviu falar. Passados annos, sendo-lhe necessario ir a certa cidade distante d'aquella em que vivia, aconteceu deter-se um momento a observar um empyrico dos mais habéis, que n'uma praça estava cercado d'uma chusma de povo embasbacado a ouvil-o. Repara, e conhece no que era objecto de todas as attensões, o seu ex-creado.

D'ahi a pouco entrava no *Hotel* onde se hospedava, e logo depois lhe annunciaram o médico da praça.

— Com que então estás feito médico? Diz-lhe o doutor.

— Como qualquer outro, lhe respondeu, e contou-lhe como lhe viera a fantasia de imitar seu amo, como pelo auxilio de certas formulas que havia decorado conseguira impôr-se ao povo, como por algumas receitas de que havia tirado cópia tinha conseguido algumas curas, e como por tudo isto, subindo em créditos e divertindo-se, podéra em menos de dez annos juntar uma fortuna maior do que a d'elle, médico da Universidade, adquirida em trinta annos de experiencia, de bôa practica e estudo.

— Mal te posso acreditar, respondeu-lhe o amo, porque emfim, não passas d'um charlatão miseravel.

— D'accordo, doutor, e é por isso mesmo que eu consegui o que queria, e faço fortuna. Quereis convencer-vos?— E dizendo chama-o para uma janella que dava sobre a praça: — Estão além 60 pessoas, talvez. Entre ellas quantas julgais quetenhão illustração e bom senso?

— Eu sei? 6, ou 7 — respondeu o doutor.

— Dou-vos 10 — replicou o curandeiro. — Serão os vossos clientes. Agora contaí o resto; são meus todos os outros.

Os vãos pensamentos do homem. — O seguinte soneto que por muito tempo foi attribuido a Camões, mas que no entender de Faria e Sousa pertence ao infante D. Luiz, principe muito illustrado, irmão d'elrei D. João III, é digno de ser conhecido.

SONETO.

Horas breves do meu contentamento,
Nunca me pareceu quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos annos de tormento.

As altas torres que fundei no vento,
Levou enfim o vento, que as sustinha,
Do mal que me ficou, a culpa é minha,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Amor com brandas mostras apparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura,
Mas logo no melhor desaparece.

Estranho mal! estranha desventura!
Por um pequeno bem, que desfallece
Uma alma aventurar, que sempre dura.

Os grandes pés. — Consolem-se os que têm grandes pés; se não estão hoje em moda já o estiverão. O comprimento do sapato era no século 14.º um signal de distincção. O sapato d'um principe tinha dous pés e meio, de comprimento (lá nos parece comprimento de mais); os de um barão dous pés, os de um cavalleiro, pé e meio. Deriva d'alli, ao que parece, esta expressão, que ainda hoje está em uso para dizer que um individuo está em boa posição, ou lugar elevado: — *F. está em muito bom pé.*

Bilhar. — O jogo de bilhar com quanto não fosse conhecido dos gregos, nem dos romanos, é bastante antigo, sobretudo na Inglaterra, e tanto que se desconhece assim o tempo em que se começou a usar, como o nome do inventor. Querem que elle tire a sua origem do jogo da bolla, e isto é provavel, porque não é absurdo supôr que o plano verde do bilhar seja a imitação do chão coberto de relva, em que se exercia, e exerce muitas vezes, o jogo da bolla. Querem tambem que a palavra bilhar seja corrupção da palavra ingleza *balyards*, que significa o cabo, ou instrumento, com que se atira uma pélla e os que isto dizem fazem o bilhar originario de Inglaterra.



Como quer que seja, é certo, que este jogo hoje muito em voga, é um dos mais uteis, porque se exerce em pé, traz-nos quasi sempre em movimento, e é motor de um exercicio regrado.

Pai modêlo. — O pai d'Ariosto ralhava um dia desabridamente com seu filho, e este escutava-o sem procurar defender-se, e olhando attentamente para elle.

Perguntou-lhe depois o irmão, porque foi que emquanto o pai ralhou não soltou uma unica palavra, nem buscou desculpar-se.

— Foi, respondeu-lhe Ariosto, porque trabalho actualmente n'uma comédia, em que entra um velho que ralha muito com o filho, e logo que o nosso pai abriu a bôcca lembrei-me de o examinar com attenção, afim de lhe não perder os modos, e pintar depois ao vivo o meu ralhador. Se isto era o que me preocupava como querias tu que eu me defendesse?

• **tambor de ziska.** — João Ziska, general dos hussitas, ou insurgentes da Bohemia, que no principio do século xv

se levantaram para vingar a morte de João Hus, é um dos vulgos mais notaveis do seu tempo, pela energia que desenvolveru, perseguições que fez aos catholicos, e batalhas que lhes ganhou, mesmo depois de perder o segundo olho e cegar de todo pelo golpe de uma flecha que recebeu no cerco de Rabbi.¹ Morreu da peste em 1434, no momento em que assignava a



se levantaram para vingar a morte de João Hus, é um dos vulgos mais notaveis do seu tempo, pela energia que desenvolveru, perseguições que fez aos catholicos, e batalhas que lhes ganhou, mes-

paz com Sigismundo, imperador da Allemanha, que em oito combates havia derrotado e que por fim lhe concedêra o governo da Bohemia, com o titulo de vice-rei. Conta-se que a sua ultima determinação foi que da pelle se fizesse

¹ O nome de Ziska, que em bohemio significa **zabolho**, vem-lhe de ter perdido um olho em creança.

um tambor, para ainda depois da morte afugentar os seus inimigos, e que depois lançassem no campo o cadaver do *velho cansarrão crego*, como elle a si proprio se chamava, para ahi ser comido pelos bichos e aves de rapina. Isto não passa de uma fábula, mas o que é certo é que ha um tambor, que se diz feito da pelle de Ziska, e que este, em 1743, foi transportado da Bohemia á capital da Prussia.

Frederico II escrevendo em 4 de Dezembro d'aquelle anno a Voltaire, que lhe perguntára pela pelle do general dos husitas, diz-lhe :

•Sim, sim, a pelle de Ziska, ou para melhor dizer, o tambor de Ziska, é um dos despojos que trouxemos da Bohemia.»

FEVEREIRO — I

Maravilha calligraphica.— Assim se póde chamar a um raro, mas pequenissimo quadro, apresentado pelo nosso excellente calligrapho o sr. M. N. Godinho. Contem a biographia de Sir Roberto Peel, mettida n'um circulo que apenas tem 33 cent. e 7 millim. de diametro, comprehendendo 5 columnas do jornal—*The Examiner*—d'onde foi copiada.

A escripta, toda executada sem auxilio de lente, e sem abreviaturas, contém 28:600 letras! No centro ha uma estrella, tendo do lado esquerdo uma flecha para indicar o começo da leitura. Em volta d'este circulo ha uma facha com esta legenda—*Sketch of the public character of sir Robert Peel*—cercada de tarjetas d'ornato. O todo do quadro tem 50 centim. de alto, sobre 37 e 5 millim. de largo.

Emblema de ladrões.— Estava um milhano quasi arrebatando pelo muito que tinha comido, e queixava-se á mãe, dizendo-lhe que lhe safam as entranhas pela bôcca — Filho, respondeu a mãe, não creias tal, porque como vives de furtar só vomitas o alheio. Não ha melhor emblema de ladrões do que é o milhano, diz Alciato, depois de vos contar esta pequena fábula.

Alcacer de Sal. — Foi já uma das mais importantes povoações do occidente da península a antiga Salacia, a Al-Kassr-ben-abn-danés dos arabes, a moderna Alcacer do Sal.

Situada na margem direita do rio Sado, a quarenta kilometros da cidade de Setubal, foi esta villa fundada pelos lusitanos cerca de trinta annos antes de Jesu Christo.

Em 715 caeu em poder dos árabes, que se conservaram senhores d'ella até 1158, sendo n'este anno, a 24 de Junho, não obstante o seu inexpugnável castello, e a muito numerosa e aguerrida guarnição que n'elle havia, tomada por D. Affonso Henriques, depois de dous mezes de sitio; mas em 1191, no reinado de D. Sancho I, novamente a perdemos.

Em 1217, reinando D. Affonso II, o bispo de Lisbôa D. Sueiro a retomou aos árabes. No *Almanach de Lembranças* de 1861, a pag. 210, se acha um bem escripto artigo sobre esta conquista.

A batalha que se deu antes de tomada a praça, e em que foram derrotados os walis de Badajoz, Jaen, Cordova e Xerez, pelejou-se a tres kilometros da villa, no sitio ainda hoje denominado — Valle de Matança. —

É a taes feitos que o nosso immortal poeta se refere quando na Est. 90.^a do Canto 3.^o diz :

- «..... segundo Affonso, e rei terceiro,
- «No tempo d'este aos mouros foi tomado
- «Alcacer do Sal, por derradeiro,
- «Porque d'antes os mouros o tomaram,
- «Mas agora estruidos o pagaram.

Durante o império de Cordova teve Alcacer um vasto arsenal d'onde saíam grandes frotas contra os christãos. Era então rodeada de extensos pinhaes, cujas madeiras erão um dos principaes objectos da sua exportação. Abundavão em gados de toda a especie os seus fertéis campos.

Hoje tudo mudou inteiramente ; apenas do temeroso castello se vêem restos d'algumas de suas torres e muros.

A villa compõe-se de duas freguezias, Santa Maria do Castello, e S. Thiago, cujo templo é magestoso ; a população d'ellas, dentro da villa, é talvez inferior actualmente a 2:000 almas.

No districto da primeira freguezia existe um convento de Nossa Senhora d'Ara-Coeli, de religiosas franciscanas, edificado de novo pelo piedoso Ruy Salema e sua mulher D. Catharina, anteriormente a 1573, segundo se vê d'uma escriptura de doação pelos mesmos feita em 3 de Junho d'aquelle anno, e que está no archivo do convento ; vive ainda n'elle uma religiosa.

Do convento de franciscanos, que na villa tambem havia, restão a igreja em máu estado, e parte das paredes do edificio.

Alem dos templos referidos ha o da Misericordia, o do Senhor Jesus dos Martyres, que é fóra da villa, mas a pequena distancia, e notavel pela muito venerada imagem de Christo crucificado que n'elle está, e por algumas ermidas.

Alcacer do Sal sempre foi commercial pelo tracto, e tem proporções para ser uma das mais consideraveis povoações do moderno Alemtejo ; todavia desde 1855 tem havido para ella uma calamidade em relação á riqueza de que gosava. A falta de cereaes no Alemtejo extinguiu quasi de todo o seu commercio.

Em melhoramentos municipaes está ainda Alcacer um tanto atrasada. É certo que alguma cousa se tem já feito, graças ao seu zeloso municipio, porém muito mais ha ainda para fazer.

As suas ruas trazem-nos á memoria o célebre Amaro Mendes Gaveta.

- *E que direi das ruas ? tão mal postas*
- *Que quem debaixo a cima se encaminha,*
- *Traz as côxas das pernas descompostas,*

•E vem capaz d'um caldo de gallinha!

.....
.....

*•E os arômas que tem cada travessa,
•Almiscares, algalias e outros cheiros!
•Que buscando quartel, a toda a pressa
•Se encaixão nos narizes passageiros :
•A lama em toda a parte é tão espessa,
•Em vindo quatro dias de chuveiros,
•Que enchendo-se os sapatos d'esta praga,
•Me lembra alugar besta que m'os traga.»*

Esta villa ainda é insalubre, sendo a sua péssima posição uma das causas que concorrem para essa insalubridade.

A. Latino de Faria Junior.

FEVEREIRO — 3

Mulher de 8 maridos. — Morreu ha annos na Belgica uma mulher que tinha tido 8 maridos. Contava 48 annos quando casou a primeira vez, e 33 quando se dispunha a desposar-se com o nono, mas a morte não lhe permittio consummar este ultimo sacrificio. Esta heroína que nunca se divorciou, parecia mais uma romana do que uma belga, por que em Roma, no dizer de Séneca, houve mulher que não contava os annos pelo numero dos consules, mas pelo numero dos consortes.

Houve tambem em Roma, diz Brantome, uma mulher que conheceu vinte e dois maridos (já era abusar do divorcio!) e um homem que teve vinte e duas mulheres, e ambos se combinaram em casar, o que effectuaram. O marido sobreviveu gloriosamente a sua mulher, por cujo motivo adquiriu tal apreço e estimação de todo o povo, pela victoria conseguida, que passou em um carro triumphal, coroado de louros, e com uma palma na mão. Que triumpho!

● **Tasse no juizo do seu creado.** — Scismava e para-fusava o creado do author da *Jerusalem*, sem poder adivinhar que era o que o amo fazia fechado no quarto horas esquecidas. Seria moeda falsa? Serião planos d'alguma conspiração? Serião nigromancias? Como esclarecer-se? Em quanto o patrão trabalhava lá dentro a porta não se abria, e quando saia a passeio levava comsigo infallivelmente a chave.

Outros moços de servir com quem frequentes vezes discutia este assumpto curioso, e talvez muito grave, chegaram a aconselhar-lhe que tomasse com cêra o molde da fechadura, e mandasse fazer uma chave falsa, com o que depressa satisfaria a sua curiosidade e a de todos elles.

Era um domestico fiel, resistio á sugestão.

Um dia, porém, saiu Tasso para um negocio de pressa e esqueceu-se de fechar a porta. O servo, que havia muitos annos não esperava por outra cousa, aproveitou a abertura, entra, revolve toda a immensa papelada que pejava a mesa, e sai todo satisfeito a delatar aos seus amigos o que havia descoberto.

— Não é bruxo, nem conspirador, nem moedeiro falso, lhes disse elle ás gargalhadas; é maluco: tem lá um horror de cadernos escriptos de sua lettra, e não ha em todos elles uma só linha que esteja completa.

Erão versos, e versos da *Jerusalem*, os que no tribunal d'este arcopago grangeavão ao seu author os créditos de maluco.

CHARADA XXX

Eu sou segunda — 1
Segunda sou — 1

Eu sou primeira — 1
A sciencia dou.

Francisco Luiz de Abreu Medeiros (S. Paulo, Brazil).

Reinar á candeia. — O coronel Mac Lead dirigindo, em nome d'uma pequena cidade de Escocia, um discurso de felicitação a George VI por ocasião da sua subida ao throno, terminou o seu *speech* desejando a Sua Magestade um reinado tão duradouro como o sol.

«Quereis então, que o meu successor reine á candeia, respondeu-lhe o monarcha?

Amor patrio.— Só quem teve a infelicidade de viver longe da patria, é que poderá imaginar a intensa saudade que essa ausencia produz! Quanto é doce pensar n'ella! As caricias maternas, os brinquedos e travessuras da infancia, os que n'elles tomaram alegremente parte comnosco, tudo emfim quanto vimos, e por nós passou, que suavissima reminiscencia não inspira! Cada canto, cada arvore, cada pedra do torrão onde nascemos, tem para nós uma historia, cujo encanto é pela saudade augmentado, e só nós sabemos apreciar! Quem se não commoverá sensivelmente, lendo os *Tristes* de Ovidio, desterrado no Ponto Euxino? Não era só a rudeza dos getas, sármathas, e scythas, incolas d'essa agreste região, nem a aspereza do clima, nem a falta dos commodos da vida, nem a ausencia da chara esposa, da idolatrada filha, e dos amigos, que lhe fazião vibrar as mais sensiveis cordas do coração nas sentidas e lastimosas queixas, exhaladas de sua triste lyra, era mais que tudo a pungente saudade do berço natal, do ninho patrio.

Eu, que não vivo exilado como Ovidio, que habito entre um povo culto e civilisado, n'um paiz abençoado, onde tenho familia, amigos, commodos e interesses, cada vez sinto mais vivo esse doce sentimento, que torturava o infeliz desterrado no Ponto, e exclamo com Delavigne—*ce n'est pas ici, c'est la que'est mon cœur!*

Antonio Maria do Amaral Ribeiro (Porto Alegre, Brazil.)

Arvore do pão. — A *artocarpus incisa*, de Linneu, a que vulgarmente se chama arvore do pão, e que os naturaes do Malabar denominão *tjaca*, cresce espontaneamente nas Molucas, nas ilhas de Sonda, em todos os archipelagos da Polynesia, e attinge a altura de 40 a 50 pés.

O seu fructo oval, ou quasi espherico, como se vê em a nossa gravura, e em geral do volume de uma cabeça de criança,



fornece aos habitantes d'aquelles paizes durante oito mezes consecutivos, uma alimentação agradável e que lhes é de grande recurso. Antes de amadurecer completamente a polpa d'este fructo é branca, dura e um pouco farinacea, e é n'este estado que a comem cozida no forno, como o pão, assada, fervida, ou de outro modo. O sabor é semelhante ao do pão de trigo, com um tanto, ou quanto, tam-

bem do da alcachofra; e para a estação em que a arvore está desprovida de fructos convertem-n'a os habitantes da Polynesia n'uma especie de conserva susceptivel de durar muito tempo. Chegado á maduração o fructo torna-se de um sabor adocicado, e então é indigesto e purgativo. As sementes que contém são do tamanho de castanhas e servem igualmente de alimento.

Amor. — É uma senhora que falla : — Os homens acham a felicidade no amor que, experimentão; as mulheres no amor que inspirão. Elles buscão o primeiro amor; nós o ultimo.

Utilidade dos sapos. — O sapo é um animal feiíssimo ; tem os olhos fixos, estupidos e redondos, a sua pelle é escura e causa asco, o seu ventre é disforme, o seu andar pesado e vagaroso, aos saltos, a bôcca horrenda, o halito infecto, todo elle objecto de antipathia e repugnancia para os que o vêem. É desengraçado este quadro no ultimo ponto, e como se não fôra bastante pretende-se ainda, que a vista do sapo provoca espasmos e convulsões, e até que o seu halito mortal empesta os lugares a que chega.

de fealdade. Este pobre animal não produz com a sua vista espasmos nem convulsões, não envenena, com o seu halito, é



É um engano. O sapo é menos culpavel que desgraçado, e mais digno de dó, que de aver-são ; o seu crime é a sua gran-

timido, fôge ao aspecto do homem, e este se não fôra tão superstitioso protegeria o sapo em vez de o matar.

O sapo nos mezes da primavera é o guarda e o protector das nossas hortas e dos nossos jardins, porque o seu alimento é a infinidade de insectos, que n'essa estação, principalmente, devastão flôres, arvôres, legumes e plantas. Os inglezes não só não perseguem os seus sapos, senão que tambem comprão todos os que lhes forem vender dos outros paizes para os lançarem nas suas fazendas ; nós, menos avisados, matâ-mol'os para assim lhes pagarmos os beneficios que nos fazem.

Sobre as margens do Orenoque, os indios dão ao sapo as honras do culto, e guardão-no cuidadosamente em vasos para obter o bom, ou o máu tempo, segundo precisam d'um

d'outro. Conta um viajante que elles estão de tal sorte persuadidos de que d'esses animaes depende o terem a chuva ou bom tempo, que os fustigão sempre que as suas preces não são ouvidas.

FEVEREIRO — 8

Interior de Angola.—Com o bom exito da expedição a Cassange, commandada pelo Major Salles em 1850, ficaram os portos do Quango abertos ao commercio portuguez com o gentio do interiqr. Entre as differentes tribus ha uma que habita as margens do rio Zaire, muito acima do Reino do Congo, chamada Pende, onde se ia commerciar bastante marfim, que todo vinha a Cassange, a troco de buzio branco meudo, missanga, alguma fazenda, e bastante sal tirado das salinas de Cassange. Este gentio é affavel com os commerciantes pretos, que alli vão: branco nunca lá foi nenhum. São anthropophagos e de estatura pequena e fraca. Quando em qualquer habitação adoece um d'elles e os mais o julgão em perigo de vida, vem logo os de outra tribu visinha recebê-lo como divida para depois satisfazerem do mesmo modo. Estes, depois de lhe abreviarem os dias de vida, o que fazem logo para não emagrecer muito, abrem uma cova no chão, forrão-n'a de folhas de bananeira, deitão alli o morto, cobrem-no de mais folhas, lanção-lhe terra em cima, fazem-lhe uma grande fogueira, e depois de estar bem passado o tirão e refazem-se n'aquelle horrivel manjar! Escravisão-se, mas os que chegavão a Cassange vendidos pelas familias quasi todos morrião. Consta que esta raça de gente habitava no tempo da descoberta de Angola as terras de Cassange. O rio Zaire, que l'hes banha as terras é por elles chamado Cauzare; ha nas suas margens abundancia de palmeiras, e do fructo d'estas extraem os naturaes o azeite de palma. De Quango alli serão umas 70 a 80 léguas de distancia.

O anel de Polycrato.—Polycrato, tyranno de Samos, que viveu no 6.º século antes de J. C., empregou, ora a violência, a crueldade e a guerra, ora os espectáculos e as festas para subjugar o seu povo, e conserval-o na mais vil das submissões. Devia ser infeliz no seu reinado, e não obstante, o que experimentou foi uma nunca interrompida série de prosperidades.

Amasis, rei do Egypto, seu amigo e seu alliado, não o desejava tão feliz, e um dia, segundo nos refere Herodoto, escreveu-lhe dizendo: «As vossas prosperidades atterrão-me; eu desejo o bem e o mal ás pessoas de quem sou amigo, por que ha uma divindade ciosa que não soffre que o mortal, qualquer que seja, desfrute uma ventura inalteravel no mundo. Buscai pois, que algumas penas e reveses se misturem com os favores constantes da fortuna.»

Preoccupado com esta carta, quiz Polycrato obrigar a fortuna a conceder-lhe tambem algumas desgraças, e para isso arrojou ao mar a cousa, cuja perda lhe seria mais sensivel, isto é, um anel de ouro massiço, com uma esmeralda engastada, a mais rara e a mais estimada das pedras d'esse tempo, em que ainda o diamante não era conhecido.

Este anel era um sinete, cujo assumpto era uma lyra em roda da qual e superiormente esvoaçavam 3 abelhas, tendo em baixo á direita um delfim, e á esquerda uma cabeça de boi. Sabe-se que a lyra é o emblema da poesia, as abelhas do trabalho, o boi da producção: o delfim consideravam-n'o como amigo do homem.

Dias depois trazem-lhe, em consequencia da sua enorme grossura, um peixe que se havia pescado, e em cuja entranha se descobriu o suspirado anel. O que Amasis previa realisou-se. Polycrato estava a ponto de se apoderar de toda a Jonia e das ilhas visinhas, quando um satrapa persa, Oreta, attrahindo-o a sua casa o crucificou traiçoeiramente para se vingar d'uma pretendida injuria. O anel foi mais tarde

levado a Roma, onde Plinio diz tel'o visto, examinado e tocado. O imperador Augusto havia-o collocado no Templo da Concordia, no meio de mil outros objectos de arte de grande valor.

Ha poucos annos chegou a dizer-se que esta maravilha havia sido encontrada n'uma vinha por um camponez d'Albano. Foi uma pura invenção, ou um boato sem fundamento. O anel de Polycrato, está talvez (quem sabe?) reservado para ornar o museu d'algunha grande nação da Europa, mas se existe, ainda até hoje não foi descoberto.

FEVEREIRO — 10

Promeição engraçada. — Em 1780 um homem republicano de véras e favorecido dos bens da fortuna, lembrou-se para ridicularisar os titulos, de os distribuir a cada um dos seus domesticos, segundo a natureza dos seus serviços. Por exemplo. — Fez cavalleiro o seu creado de cavallariça, porque a palavra cavalleiro vem de cavallo; nomeou duque o seu cocheiro, porque a palavra duque significa conductor. Os seus lacaios tiveram o titulo de condes, porque conde vem de *comes* (o que acompanha, o que segue). E como o titulo de marquez foi inventado para os nobres que guardavão as fronteiras, foi este titulo conferido ao porteiro, porque lhe guardava a entrada da casa. Estava no seu direito, e os agraciados se não lucravão muito, tambem não pagavão direitos de mercê.

Epitaphio d'uma faladôra. — Em Castella pôz-se o seguinte epitaphio na sepultura d'uma mulher que falava, como cá se diz, pelos sete cotovêllos.

Aqui yase sepultada	Y es tanto lo que habló
I a mas que noble señora,	Que aunque mas no ha de hablar
Que en su vida, punto, ni hora	Nuno llegará el calar,
Tuvo la boca cerrada.	Adonde el hablar llegó.

AS TRINDADES DA TARDE

Ao soar n'esta campana,
Singela, vaga harmonia,
Deixo-se a lide mundana,
O cançasso d'este dia.
Eis primeiros sons dispersos ;
Em santas preces immersos
Prostremo-nos á porfia.
Aos primeiros sons dispersos
Ave Maria...

Inda ajoelhados fiquemos
Na fecunda terra fria :
A celeste arcada olhemos
D'estrellas inda vasia.
Aos tres retumbos seguidos,
No centro d'alma acolhidos,
Dêmos graças á Mãi Pia.
Aos tres retumbos seguidos
Ave Maria...

Que contento, que doçura,
Orando o céu nos envia !
Que prazer n'esta tristura !
E que amôr n'esta alegria !
Aos ultimos santos brados
Pouco e pouco dissipados
Resemos, termina o dia !
Aos ultimos santos brados
Ave Maria...

Tres Ave Marias,
Tres dôces magias,
Meus astros, meus sóes.
Tres joias, tres flôres,
Tres vivos fulgôres,
Meus bellos pharôes.

Tres graças havidas,
Tres glorias nascidas
D'um santo dever.
Tres ricas offertas,
Tres portas abertas
Que o céu me hade ter.

Manoel Ferreira da Portella (Aguim.)

● **que basta.** — Para quem sabe escolher e limitar-se basta uma bibliotheca de poucos livros, uma pharmacia de poucos remedios, uma mesa de poucos guisados, uma sociedade de poucos amigos.

A cataracta do Niagára. — Têm-se feito calculos curiosissimos sobre a famosa cataracta do Niagára, e de todos, talvez o mais curioso é este relativamente á sua força.

No espaço d'um minuto passa por sobre os rochedos do salto do Niagára uma massa d'agua igual a 22,440,000 pés cubicos, cujo pezo se eleva a 1,402,500,000 libras.

Avaliando a altura da quéda em 160 pés inglezes, em um terço a perda da força da agua como motor, e a força d'um cavallo (de vapor) em 33,000 pés, elevados á altura d'um pé por minuto, o salto do Niagára equivale a 4,533,334 cavallos.

Compare-se agora esta força á que emprega a industria mechanica em Inglaterra, o mais industrioso paiz do mundo.

Baines avaliava em 1835 o poder mechanico da Grã-Bretanha, tanto pela força do vapor, como pela da agua nas diferentes manufacturas, marinha e minas, em 191,000 cavallos.

É evidente que esta cifra tem augmentado desde 1835 para cá, attendendo aos progressos da industria, e ao desenvolvimento que tem tido o vapor como meio de locomoção, tanto sobre o mar como nos caminhos de ferro, e por tanto póde esta força mechanica, subindo 20 por cento, elevar-se á cifra de 233,000 cavallos.

Mas como a acção d'esta força se não exerce senão durante 11 horas por dia, e durante 6 dias por semana, em quanto que a quéda do Niagára, nem de noute, nem no domingo repousa, resulta que o seu poder mechanico é pelo menos 40 vezes superior ao que põe em movimento toda a industria da Grã-Bretanha.

A de 56 p. 289 — A de 59 p. 345.

O egoista e o pródigo. — O pródigo é um louco que accende a sua candeia ao meio dia, não lhe sobejando azeite para a noute.

O egoista é um homem que para cozer um ovo para cozer, não duvidaria lançar o fogo á casa do seu vizinho.

Ação médica dos perfumes.—Deve olhar-se com toda a attenção para o modo de obrar dos perfumes.

É certo que alguns médicos reprovão o seu uso, mas nós devemos fazer differença entre as flores, cuja visinhança é prejudicial em consequencia do acido carbonico, que exhalam de noute, e os perfumes extrahidos das mesmas flores.

Pelo que respeita aos perfumes, seria irracional ou rejeital-os, ou preconisal-os de um modo geral. O seu effeito varia como os dos outros agentes medicamentosos, e, se a um individuo faz dôres de cabeça o cheiro do almiscar, a este mesmo individuo não impressiona, e até lhe póde dar allivio, o de um cosmético com essencia de limão, quando o respire.

O doutor Capellini conheceu uma senhora, que não podia soffrer, segundo a propria confissão, o cheiro de uma rosa sem que cahisse n'uma syncope; e como ella manifestava em certo dia os primeiros symptomas de um deliquio, quando vio um ramo d'estas flores, foi necessario dizer-lhe que eram artificiaes, para que ella voltasse a si.

Entre os exemplos mais frisantes do effeito curativo ou prophylatico dos perfumes, devemos citar o que se deu na ilha de Ternate. Os hollandezes, tendo alli destruido por especulação todas as arvores do cravo da India, derão logar a que a colonia soffresse grande numero de epidemias passado pouco tempo, e então se conheceu que a presença d'aquellas arvores a tinha até aquella época preservado do flagello.

Durante as choleras de Londres e Pariz não consta que houvesse uma só victima do terrivel flagello entre os artistas, que se occupavão nas fabricas de perfumarias.

Peça sem interesse.— Certo individuo que assistia n'um theatro á representação d'uma peça, perguntou quem era o author. Responderam-lhe que era o filho d'um judeu.

— Oh! admira, replicou o curioso, n'esse caso devia haver mais *interesse* na peça.»

A moda. — Conta-se que um doudo andava pelas ruas esfarrapado e quasi nú, trazendo ora ás costas, ora debaixo do braço, uma porção de panno com que se podia vestir e ainda lhe sobrava, se mandasse fazer um fato.

— Porque estou a vêr em que pá-
rão as modas. Respondia elle.



— Porque te não vestes, tendo es-
se panno? Perguntava-o-lhe.

Esta anecdota publicada n'um livro italiano ha mais de 200 annos, tem ainda hoje razão de sêr, e é de todos os tempos.

Quem acreditará que houve já um século em que se elogiava, e era tido como perfeição, o ter a mulher os dous sobrolhos unidos? Pois é verdade. Anacreonte exaltava esse genero de belleza, Theocrito e Petronio fazião o mesmo, e as damas, que assim os não tinham pela natureza, buscavão-nos pelo artificio.

Abençoadas sejam ellas ; a moda é a cousa em que mais se exerce a sua imaginação, a moda é a sua arma mais poderosa, e é por ella que reinão como soberanas.

Voltaire desenhou-a nos seguintes versos :

•Il est une déesse inconstante, incommode,
Bizarre dans ses gouts, folle en ses ornements,
Qui parait, fuit, revient, et naît en tous les temps ;
Protée était son père, et son nom est la mode.»

FEVEREIRO — 15

● **o veado e o cavallo.**— Pastava o veado em uma formosa campina, diz uma fábula de Esopo, a tempo em que também chegou para pastar o cavallo. Apenas aquelle o viu, fortalecendo-se no direito de *primi capientis*, intimou-o



para que logo despejasse o campo, porque alli ninguem se não elle pastava.

Respondeu-lhe o intimado que lhe não reconhecia direito; enfureceu-se o veado, e o cavallo vendo que por então não tinha partido, porque não dispunha de tão boas armas, nem

de tanta ligeireza, retirou-se dissimulando a injúria, mas protestando de si para si vingar-se o mais depressa que lhe fosse possível. Veio ter com o homem e pediu-lhe soccorro para entrar em luta com o veado.

Prometteu-lh'o o homem, mas pondo por condição que o havia de arriar de freio e sella, (ainda então o cavallo não conhecia arreios) e depois montal-o, porque só assim poderia tirar a melhor do seu inimigo. Aceita o cavallo a proposta, que tanto era o desejo da vingança; vai, sellado, enfreado e montado em busca do seu adversario; mas este apenas o viu entendeu que o caso era agora mais sério, e houve por bem abandonar o campo.

— Muito bem, diz o cavallo, todo soberbo pela victoria, estou desaggravado, e agora podeis apear-vos.

— Que! respondeu-lhe o homem rindo, agora tem paciencia, em quanto tiveres préstimo hei-de servir-me de ti.

E assim o fez, porque o mandou prender na estrebaria, tornando-o de forro que era, captivo em quanto viveu.

Quiz Esopo mostrar-nos que erra quem por cousa alguma do mundo captiva a sua liberdade, e o nosso sentencioso Sá de Miranda, contando esta mesma fábula, conclue:

Quem ha tal medo á pobreza,	Se lhe vês herdades largas,
Tal á fome e á frialdade	Não lhe hajas inveja á troca,
Que por ouro e por riqueza	Que embaração roupas largas,
Dá a só rica liberdade,	Faz sangue o freio na bôcca,
E mais outrem que a si présa?	E as espóras nas ilhargas.

FEVEREIRO — 16

Política hesitante. — Perguntaram uma vez ao duque d'Alva [o] que lhe parecia certo grande de Hespanha, que nas contendias de Henrique IV com seu irmão D. Affonso, vacillava entre um e outro partido — respondeu — que lhe parecia cão de estalajadeiro, que ladra aos de fóra e morde nos de dentro.

Queixada. — Especie de porco montez, assim chamado porque, sendo preto, correm-lhe duas listras brancas ao longo das queixadas. Este animal vive em bandos mais ou menos numerosos nos sertões d'esta provincia, e principalmente no interior de suas áridas catingas, no mais espesso e cerrado das brenhas, aonde passa toda a estação sêcca, (quasi dous terços do anno) sem beber agua, bastando-lhe para mitigar a sede o succo de batatas silvestres, e de outras raizes bulbosas, de que faz sua alimentação ordinaria. O seu tamanho regula pelo de um porco domestico, tendo tambem, como este, fortes e agudissimas presas, que lhe servem de armas para defender-se de seus inimigos. A carne é muito saborosa, o a pelle propria para calçado e outros differentes misteres.

É curioso e até divertido ver o modo porque os queixadas tentão defender-se dos caçadores, quando estes os vão perseguir em seus esconderijos. Apenas ouvem o latido dos cães, ou por qualquer maneira presentem a chegada do inimigo, toção a rebate, fazendo um tão forte ruido com os dentes, que, ouvido ao longe, assemelha-se aos rufos de um tambor. A este signal reúnem-se todos em fileiras, pondo-se os mais fortes na frente, e os mais fracos na retaguarda, ou couce da vara; n'esta attitudo bellicosa, sempre rufando, marchão contra o inimigo, procurando a todo custo envolvê-lo, e ai! d'aquelle que lhes cair na armadilha, porque n'um momento o espedação. Felizmente, porém, os cães de caça, entre os quaes ha sempre dous ou tres já praticos n'estes exercicios, não entrão em lucta, antes lhes dão costas, correndo e attarahindo-os até onde o caçador, trepado n'uma arvore, espera de espingarda em punho, que elles cheguem a alcance dos tiros.

Chegando ao tronco da arvore, entretêm-se os queixadas em redor d'ella, á espera, talvez, que o caçador desça, em quanto este lhes vai atirando, escolhendo de preferencia

maiores e mais gordos do bando. Dura este trabalho ordinariamente de quinze a vinte minutos, ou antes até que os queixadas atordoados com o cheiro da polvora, e atemorizados pelas repetidas detonações, correm em debandada, deixando mortos no campo seis ou sete de seus mais robustos companheiros.

P.^o *Lino Deodato Rodrigues de Carvalho* (Ceará, Brazil.)

FEVEREIRO — 18

A inquisição de Hespanha. — Durou desde 1481 até 1820. N'este espaço de 339 annos forão queimados em vida 24:658 individuos, e 18:049 em effigie, não contando 288.314 que forão condemnados ás galés e á prisão perpetua, e mais de 200:000 que obrigados a vestir o *sambenito* transmittiram a infamia á sua posteridade. Total das victimas mais de 530:000.

O periodo mais doloroso, foi o que correu de 1481 a 1498, em que governou Torquemada, o 1.^o dos 43 inquisidores geraes que teve o Tribunal, no referido espaço de 339 annos, N'este periodo forão queimados em vida 10:220; em effigie 6:840; condemnados ás galés e á prisão 97:361.

Consta da Historia da Inquisição de Hespanha por Llorente.

CHARADA IV

Eu e minhas irmãs somos
Reprovadas pelo céu; 2
Tambem tenho outras irmãs
Tão agradaveis como eu, 1

Todo o homem n'este estado
Fica cego e perturbado.

J. A. Gomes da Silva Junior (Pitangui-Brazil.)

A Russia e os homens de letras.—Poucas nações são tão remuneradoras dos seus homens de letras como a Russia.

Onwaroff, philosopho distincto e author de diversas obras, que lhe grangearam celebridade europêa, foi pelo imperador Alexandre nomeado successivamente curador da Universidade de S. Petersburgo, presidente da Academia Imperial das Sciencias, senador, conselheiro privado, ministro da instrucção publica, e por ultimo, para mais o distinguir, conferio-lhe pergaminho de nobreza hereditaria com o titulo de conde.

Lomonossoff, filho de um pobre pescador, o poeta a quem a Russia deve um dos seus melhores poemas épicos, foi nomeado conselheiro de estado. Quando morreu, mandou Catharina 2.^a celebrar em sua honra umas magnificas exequias, e em 1825 para mais perpetuar a sua memoria levantou-se-lhe um monumento em Arkangel.

Derjavin, o simples e desconhecido voluntario que um dia entrou nas fileiras, e que dentro em pouco foi um dos poetas de que a Russia tem mais orgulho, foi pelos seu talento elevado ás mais altas dignidades, nomeado thesoureiro do imperio, e ministro da justiça.

Mas a Russia não é só simplesmente remuneradora. Cercando de riquezas e dignidades os seus filhos mais dilectos fal'o ás vezes com uma graça e uma distincção tal, que dobra o valor ás dadivas.

Ahi vão dois exemplos, d'entre muitos.

N'uma occasião em que Karamzine, o primeiro historiador da Russia, esteve gravemente doente, o imperador Nicolau, exigiu que elle passasse a sua convalescença n'uma parte do palacio de Tauride, rodeado de jardins onde podia respirar um ar mais puro: deu-lhe 50-000 rublos (o rublo vale 4 francos da moéda franceza, proximamente) para que, logo que a saude lh'o permittisse, se dirigisse á França, ondè uma fragata de marinha imperial o devia conduzir; e para com-

pletamente o tranquillisar com respeito á sorte de sua familia, depois do seu fallecimento, concedeu a esta ultima, por um rescripto de maio de 1826, uma pensão d'outros 500-000 rublos, pagaveis até ao momento em que o mais novo dos seus filhos tivesse completado 20 annos.

Karamzine, de nascimento humilde, morreu conselheiro de estado. Hoje a sua familia faz parte da alta sociedade de S. Petersburgo.

Kriloff, o poeta fabulista, o La Fontaine da Russia, completava 70 annos a 2 de fevereiro de 1838. A patria quiz celebrar este anniversario de uma maneira digna do grande poeta, e offereceu-lhe na immensa sala do circulo da nobreza um banquete de 300 talheres, a que foi convidado tudo quanto a Russia tinha de mais illustre nas lettras e nas artes. Chegada a occasião dos *toasts*, o ministro d'instrucção publica levantou-se, entregou-lhe uma carta de felicitações do imperador, e collocou-lhe ao peito a insignia da ordem de Santo Estanislau. Findo isto levantarão-se tres vivas. O 1.º ao czar, o 2.º ao poeta, o 3.º á patria, e quando concluiu o banquete foi o ancião conduzido á prezença do grão duque herdeiro, que o estava esperando para o comprimentar,

Kriloff era bibliothecario da bibliotheca imperial. Além d'isto foi nomeado conselheiro d'estado, cavalleiro de S. Wladimir, e ao seu ordenado de bibliothecario, tinha o imperador Alexandre reunido uma pensão de 3,000 rublos.

É pena, que um paiz que assim tem procedido, fosse n'um momento de intolerancia politica enviar ao desterro nm Lermontoff; e um Pouchkine, dous dos seus poetas mais populares, como nós fizemos a Camões.

FEVEREIRO — 20

Homens que se não podem soffrer. — Dizia um homem de Lóa critica, que havia no mundo tres generos de homens que se não podião soffrer, e crão estes — o pobre soberbo, o velho namorado, e o tólo presumpçoso.

LOGOGRIPO II

A segunda carrregada
 É concha bem delicada — 1.^a e 2.^a
 Distingo côr de animal
 Mas não lá em Portugal — 1.^a e 4.^a
 Do bom vinho não se rapa,
 Se elle todo, assim s'escapa — 1.^a e 5.^a
 Nem vendida, nem prestada,
 Sou no trato mui gabada — 2.^a e 2.^a
 Sou casulo delicado
 Pelo homem, semeado — 6.^a e 5.^a
 Ando sempre em viva roda :
 Velha não sou procurada,
 Nos janotas faço póda — 3.^a e 2.^a
 Sou feliz nas minhas mattas,
 Mas tenho a hora chegada
 Em uma ou n'outra caçada — 5.^a e 3.^a
 Presido á dança e folia,
 Onde estou reina a alegria — 3.^a e 3.^a
 Seu colloquio não me agrada,
 — Que belleza desgraçada ! — 5.^a e 5.^a
 Assim faz,
 A criança em tenra idade,
 E o matuto,
 Que abre a bôcca na cidade — 6.^a e 6.^a

Em poética collina,
 Dominando o Parahyba,
 Ver-me-has edificada
 Caminho de Cortiba.

*Antonio Joaquim Daniel do Prado (Taubaté, P. de
 S. Paulo.)*

Abstracção. — O amor do estudo levado ao excesso chega a preocupar e a absorver a attenção dos homens de letras, de modo que nada ouvem, nem vêem, senão o que tem relação com elle. É uma paixão como outra qualquer.

— Não me fallão, diz elle, mais do que dous períodos, e em os trez duzindo irei seguidamente.

Voltaam, e disserão-lhe, — que



Frederico Morel trabalhava na sua traducção de Libanio quando lhe vierão dizer que sua esposa, gravemente enferma, lhe desejava falar.

se não demorasse porque estava na ultima extremidade.

— Estou quasi concluindo, pouco me falta; voltai, e dei-lhe isto mesmo.

Emfim, vierão participar-lhe que tinha expirado.

— Morta !

Sinto-o infinitamente ; era uma bôa mulher. E continuou o seu trabalho.

Outra. — Um mancebo a quem Corneille havia concedido sua filha em casamento, vendo-se pelo estado dos seus negocios obrigado a renunciar a elle, veio uma manhã procurar o poéta ao seu gabinete, para lhe expôr os motivos do seu procedimento, e retirar a palavra dada.

— Não podieis vós, replicou Corneille, sem me interromper, falar de tudo isso a minha mulher ?

Ide, ide tor com ella; eu nada entendo d'esses negocios.

Outra. — Entra um creado apressadamente no gabinete de estado do sábio Budé, e diz-lhe que pegára o fogo na casa.
— *Bem! Bem!* respondeu elle; *adverti minha mulher. Saibéis perfeitamente que eu não costumo intrometter-me no governo da casa.*

FEVEREIRO — 23

Variações do barometro. DESCIDA — O barometro que desce quando faz *calôr* annuncia *tempestade* ou *grande vento*.

Quando *gêla*, a descida annuncia *degêlo*.

Se *chove*, pouco depois que o barometro desceu, pôde esperar-se que a chuva não *dure muito*.

Se o barometro desce durante o tempo da *chuva*, é signal de que *choverá* por muito tempo.

Se quando faz *bom tempo* o barômetro desce e permanece em baixo *choverá muito* e fará *vento*, provavelmente.

sómente, a menos que o vento não seja de *leste* ou do *nordeste*.



A maior descida do barômetro annuncia *vento* e *chuva*, ou *vento*

SUBIDA. Durante o *inverno* a ascensão do barômetro annuncia *grande frio* e *gêlo*.

Quando *gêla*, a subida annuncia *neve*.

Se o bom tempo vem pouco depois que o barômetro subiu não *durará muito*.

Se quando faz *máu* tempo o barómetro sóbe muito e permanece elevado, é provavel que em um, ou dous dias, o tempo mude para *bom*, e assim continue por uma temporada.

Se quando faz *máu* tempo o mercurio sóbe muito e depressa, o *bom* tempo não será de longa duração.

N. B. O barómetro sóbe muita vez quando os ventos são do *norte*, ou de *leste*, e baixa quando os ventos sopram de outro ponto.

Regra geral — A ascensão do barómetro indica bom tempo e a descida máu.

FEVEREIRO — 24

Tôlo descoberto. — Certo pai que tinha um filho de tal sorte néscio, que não abria a bôcca que não dissesse uma necessidade, tendo de assistir com elle a um jantar para que havião sido convidados recommendou-lhe que estivesse sempre calado, para que o não conhecessem.

Calou-se o rapaz, e calou-se tanto, que os seus mais proximos commensaes, reparando-lhe na mudex, disserão entre si que devia de ser tôlo.

Ó pai, disse elle, assim que tal ouviu, já posso falar, que já cá me conheceram.

FEVEREIRO — 25

CHARADA V

Se sou adorno das damas
O todo logo lh'o diz,
Esta agora desfigura,
Faz muita gente infeliz

2	Aquella que o não possui
	Sempre anda desconfiada ;
	Que lhe dá grande cuidado,
4	Se ao amante desagrada.

José Corrêa Nogueira dos Santos (Sobreira de Farinha Podre.)

A mordedura da tarantula. — A tarantula é uma aranha, assim chamada da cidade de Tarento, na Italia, onde ella se encontra mais commumente que n'outras partes. Esta aranha, diz-se, tem a propriedade de se enraivecer, e n'este estado os que são mordidos por ella, uns cantam, riem, ou choram sem cessar; outros não falam mais, outros falam constantemente; alguns experimentão uma insomnia insuportavel; muitos um somno lethargico.

Que fazer para curar tão difficeis e oppostos males? Tomar diversos instrumentos, e tocar differentes symphonias, até que se tenha encontrado o que é analogo á doença. Então, diz-se ainda, o mordido salta da cama, dança até que cáia de fadiga,¹ e levanta-se curado.

São curas maravilhosas, não ha duvida, mas operadas em impostores que se dizem mordidos e publicadas por charlatães, que roubão os parvos que os escutam e que os crêem.

Muitas pessoas esclarecidas têm estado em Tarento, e têm presenciado muitas d'estas curas, chamadas maravilhosas, mas todas são conformes em dizer que nunca virão uma tarantula enraivecida, nem individuo que por ella fosse na realidade mordido.

Naturaes da ilha Nicaria. — Lê-se n'uma *Historia Natural* attribuida a Buffon. «Os habitantes da ilha Nicaria têm a voz tão forte que se falam ordinariamente a um quarto de légua, e ás vezes a uma légua de distancia, de sorte que a conversação é cortada por grandes intervallos, e a resposta não chega senão muitos segundos depois da pergunta.» Sempre se escrevem cousas!

¹ Parece picado da tarantula, diz-se d'uma pessoa que se vê dançar muito, ou andar em grande desenvoltura.

INVOCACÃO.

Archanjo da minha guarda,
Ampara-me por piedade,
Que eu sinto fugir-me a espaços
A antiga felicidade.

Dirige-me a juventude,
Segue meus passos no mundo,
Senão prestes me despenho
Em negro pégo profundo.

No mar da vida não vejo
Pharol para me guiar,
Vem das procellas do mundo
A minha vida salvar.

O que eu sinto dentro d'alma,
Nem eu bem dizer-t'ó sei;
Não é d'amora descrença,
Porque os homens nunca amei.

Eu amei sómente a lua,
Nas quentes noites d'estio,
Do rouxinol os gorgeios,
Nas verdes margens do rio.

Amei do vento o rugido,
E os tristes écos da serra;
Amei os dias risonhos
Da minha formosa terra.

Amei os versos singelos,
Que eu na lyra descantava;
Amei os sonhos da infancia,
Que a mente não decifrava.

Amei os prados e as flores,
E da brisa o murmurar;
Amei os bosques, as aves,
E as bravas ondas do mar.

Amei tudo o que revela
O poder d'um Deus supremo;
Hoje tudo me apavora
De sustos, de medo tremo.

Já não tenho os meus amores,
Negra dôr os enlutou,
Bosques, aves, brisa, flores,
Infancia, tudo acabou.

Archanjo da minha guarda,
Ampara-me por piedade,
Que eu sinto fugir-me a espaços
A antiga felicidade.

D. Maria Candida de Carvalho Coutinho e Vasconcellos.

Industria fabril da Covilhã.— (*Extrahido de uma correspondencia do sr. Antonio J. Boavida, dirigida á Gazeta de Portugal, em Agosto de 1863.*)

..... para se formar uma idéa exacta do auge, a que tem subido a industria, exclusivamente fabril, da Covilhã, convém apresentar alguns dados estatísticos, relativos a 1860, e que acabamos de compulsar.

O numero de suas principaes fabricas de lanifícios monta a 35, afóra a grande quantidade de casas, em que particularmente se trabalha na industria.

O numero de suas differentes machinas eleva-se a 472.

O mappa dos operarios, que se exercem nos differentes productos fabrís, mostra que sóbem a 3.808, cujo trabalho annual importa em 205.509\$400 réis.

A quantidade da producção annual excede a 20,000 peças de pano, cujo valor parcial póde computar-se em 42\$000 réis: sendo o total de 810:000\$000 réis.

D'aqui se deprehende, que a quantidade de seus productos quasi tem triplicado desde 1801; por quanto n'este anno a Covilhã produziu 7,687 peças; e em 1802 umas 8,074.

A qualidade dos seus productos são panos castores pretos, azues, etc.; casimiras; mesclas; meias casimiras; xadrezes; borelinas; briches; castorinas; boreis; chales mantas, etc.

O capital fixo na industria propriamente fabril é superior a 720:464\$000 réis: accrescendo a fabrica real, que representa mais de 200:000\$000 réis.

O capital circulante, que consomme na compra de materias primas, e que as férias dos operarios absorvem, monta a 729:678\$000 réis.

O consummo de lã excede a 100:000 arrobas.

Emblêma de Eterno.— Thimeu de Locres, figurou o Eterno por esta idéa: Um circulo cujo centro está em toda a parte, e a circumferencia em nenhuma.

Igreja matriz da Torre de Moncorvo.—É um magnífico templo da invocação de N. Senhora da Assumpção, todo de granito, e de construção muito solida¹. A sua frente, decorada por columnatas, e nichos que contêm diversas imagens de santos, em cujo cimo campeia uma torre quadrada que termina em galeria, com uma grimpá em cada um dos angulos, collocadas sobre globos, olha ao nascente.

Suas solidissimas paredes são ainda reforçadas externamente por pilastras salientes coroadas por pyramides, de cuja base saem horisontalmente carrancas, que pela bocca expellem as aguas da chuva. Dão claridade a este sumptuoso edificio doze grandes janellas de arco envidraçadas (seis por banda), e ingresso para o mesmo tres portas, tambem de arco, uma na frente e duas lateraes.

A architectura externa é pesada mas não assim a interna. Compõe-se o templo de tres naves formadas por duas renques de quatro gigantes e esbeltas columnas cada uma.

A capella-mór, ainda que bastante acanhada em relação com o templo, é bella; e a tribuna e retábulo do altar-mór são de primoroso entalhamento, assim como as cadeiras lateraes, onde, n'outro tempo, os membros de uma collegiada que havia aqui desempenhavam quotidianamente as funcções religiosas.

O altar do SS., á direita da capella-mór, résguardado por uma forte gradaria de ferro dourada, tem um retábulo de figuras em meio relevo de custoso trabalho. Da esquerda cor-

¹ As suas dimensões são as seguintes:

Comprimento interior do templo até ao arco da capella-mór, 44 metros e 2 decímetros.

Dito da capella-mór, 11 metros, 5 decímetros, e 2 centímetros.

Largura do templo, 19 metros, 2 decímetros e 7 centímetros.

Dita da capella-mór, 7 metros, 1 decimetro, e 4 centímetros.

Altura da abobeda 16 metros.

Dita da torre, 29 metros, 3 decímetros, e 4 centímetros.

responde-lhe outro de N. Senhora das Dores; ambos elles de figura oval com uma abobada de cantaria em fórma de concha.

Tem mais quatro altares lateraes, dois por cada lado, cujos retábulos harmonisam com a vastidão do templo, e um côro com bom órgão, ainda que presentemente damnificado bastante.

A torre tem nove ventanas, tres na frente, e duas nas outras faces; nas ventanas da frente ha tres sinos, incluindo o do relógio, e nas duas do norte outros dois.

Antigamente rematava a torre n'um zimbório d'azulejo de cujos fragmentos existe ainda parte, mas foi destruido por uma fiação electrica; e ha tradição de que o coroava um corvo de ferro dourado, que por machinismo soltava tantas grasnadellas, quantas as horas que o relógio dava, e ouvindo-se a grande distancia.

É circumdado este templo por um espaçoso adro de cantaria com parapeito e assentos em toda a volta, e embelezado por elegantes pyramides ou agulhas, rematadas por um globo, que de distancia em distancia assentão no sobre-dito parapeito.

Foi lançada a primeira pedra no alicerce d'esta obra monumental em 1544: durou a sua construcção muitos annos, (quasi um século) como consta dos livros da camara, mas a despeza saía toda dos rendimentos do concelho. Tanto pôde o zelo e constante dedicação!!!

No dia de S. José, 19 de Março de 1838, chegou a deslocar-se e a cair uma pedra de cantaria da abobada, por causa de um tremor de terra forte, que houve. A pedra foi logo substituida, mas é lastima que para aquella parte as paredes, e mesmo a abobada se conheça terem dado de si algum tanto, devido isto talvez aos frequentes abalos que tem havido, ainda que eu julgo que aquelle defeito é já antigo e procedido de abatimento que alli houve nos alicerces.

Francisco Antonio Carneiro de Magalhães e Vasconcellos
(Torre de Moncorvo).

MARÇO — 3

O vinho e a moda. — O primeiro vinho que em França se julgou superior a todos os outros foi o vinho de Surénes. Consta d'uma carta de Henrique IV. Ao vinho de Surénes succedeu o vinho de Borgonha, que deve a sua reputação a um desarranjo de estomago na digestão do rei Luiz XIV, a quem o seu prí-



meiro médico o aconselhou, diz-se que com bom resultado. No fim do reinado d'este príncipe a moda deu a preferencia ao vinho de Cham-

MARÇO — 4

Marinha italiana. — Segundo uma estatística que appareceu no jornal francez — *Tempo*, em 1863 — tinha então a esquadra italiana: 1 náó de 3.^a ordem, 20 fragatas, 32 corvetas, 4 escunas, 12 avisos, 8 canhoneiras e 27 navios de transporte. Total 10½ vasos de guerra. Notando-se pela natureza de construcção e pelo numero de artilheria, havia n'estes 10½ vasos de guerra; 24 helices, 40 vapores de rodas, 30 de vela e 10 couraçados. A náó de 3.^a ordem tem 64 peças, as fragatas têm ao todo 824, as corvetas 317, as escunas 40, os avisos 30, as canhoneiras 32, os transportes e rebocadores 40: total 1:353 peças.

N'este mesmo tempo havia construcções nos arsenaes de Castellamare e Spezzia, e entre essas contavão-se 12 navios couraçados.

Altenaria — Era a caçada que se fazia com aves de rapina, falcões, neblis, alfaneques, girifaltes e outras domesticadas e ensinadas para que remontando-se ao ar viessem cair sobre a preza. Esta especie de caça, esteve muito em

sommas fabulosas. Não era cavalleiro n'aquelles bons tempos o que não tivesse uma espada ao lado, e um falcão em punho,



uso na idade média, e mesmo depois, porque Luiz XIV ainda teve grande trem de aves e falcões, e isso custava á França

e os mesmos escudeiros, que ainda não podião cingir espada, erão sempre representados nos sellos e miniaturas, como na nossa estampa se vê, empunhando um falcão. D'esta mesma prerogativa gosaram muitas damas. A importancia da altenaria cra tal que as antigas leis capitulares prohibia-

França que por preço de resgate se desse o falcão ou a espada. Quer dizer, estes dois objectos erão como sagrados, e de tal sorte inherentes á personalidade do cavalleiro, que nem mesmo para recobrar a liberdade podia este empenhal'os, ou desfazer-se d'elles.

S. Huberto era o patrono dos caçadores, e d'ahi vinha, que a abbadia d'esta invocação, protegida pelos reis de França desde o século 11.º enviava todos os annos ao paço, no mez de Julho, seis cães-corredores e seis aves de presa, e o individuo que os conduzia era levado á presença do rei com o ceremonial d'um embaixador.

Alguns dos nossos reis forão tambem muito apaixonados d'esta especie de caça.

MARÇO — 6

Modestia.— Um philosopho a quem certo imperador, amigo das letras, tinha dado um logar litterario importante, respondia muitas vezes ás perguntas que se lhe fazião : — Não sei.

Um ignorante que uma vez o interrogára, e a quem elle déra esta resposta, disse-lhe ; — Mas o imperador paga-vos para que saibais.

— O imperador, replicou o philosopho, paga-me pelo que eu sei, se me pagasse pelo que eu ignoro não lhe bastarião todos os thesouros do imperio.

CHARRADA VI

Tornei-me a primeira	1	Exerço sentado
Por ser a segunda.	1	Minha profissão,
E de ambas o mal		Em certas porfias
Tornou-m'a profunda.	1	Entrada me dão.

Antonio Augusto Ferreira.

● **Brazil.**—Foi descoberto a uma 4.^a feira pela tarde, 22 d'Abril, dia que se seguiu ao da ultima outava da Paschoa, no anno de 1500.

A primeira cousa que a armada de Pedro Alvares Cabral descobriu quando o gageiro da *Capitania* lhe bradou *terra!* do alto da gavia, foi uma montanha de fórma arredondada, depois outras serras mais baixas para o lado do Sul, depois a terra chã coberta de arvoredo. O monte, que faz parte da pittoresca Serra do Mar, ou dos Aymorés, foi logo por Pedro Alvares denominado *Monte Paschoal*, em memoria da solemnidade que acabava de celebrar-se, e á terra chamou-se *Terra da Vera Cruz*.

Este nome de Vera Cruz, ou de Santa Cruz, lhe foi ainda confirmado no dia 1.^o de Maio, ao celebrar-se a 2.^a missa, e ao erguer-se n'um pequeno outeiro além do rio, que corria na *Enseada Cabrelia*, o lenho da redempção.

Ouçamos agora o nosso elegante chronista João de Barros. Diz elle na 1.^a das suas *Décadas*.

«Por aquelle nome *Santa Cruz* foi aquella terra nomeada os primeiros annos, e a Cruz arvorada alguns durou n'aquelle lugar. Porém como o demonio por o signal da Cruz perdeu o dominio que tinha sobre nós, mediante a Paixão de Christo Jesus consummada n'ella; tanto que d'aquelle terra começou de vir o páu vermelho chamado brazil, trabalhou que este nome ficasse na bôcca do povo, e que se perdesse o de *Santa Cruz*, como que importava mais o nome de um páu que tingia pannos, que d'aquelle páu, que deu tintura a todos os Sacramentos, por que somos salvos, por o sangue de Christo Jesus, que n'elle foi derramado: e pois em outra cousa n'esta parte me não posso vingar do Demonio, amoesto da parte da Cruz de Christo Jesus a todos os que este lugar lerem, que dêem a esta terra o nome que com tanta solemnidade lhe foi posto, sob pena de a mesma Cruz, que nos hade ser mostrada no dia final, os accusar de mais devotos do páu brazil

que d'ella; e pôr honra de tão grande terra chamemos-lhe Provincia, e digamos Provincia da Santa Cruz, que sôa melhor entre prudentes, que Brazil posto por vulgo, sem consideração, e não habilitado para dar nome ás propriedades da Real Corôa.

Agora diremos nós como o sr. José Silvestre Ribeiro, no seu patriotico opusculo — *Os Lusíadas e o Cosmo*. Não fizeram os homens a vontade ao piedoso Escriptor. *Brazil* continuaram a chamar a essa vastissima região, que é hoje muito mais do que *Provincia*... é um *Imperio*, nascente sim, mas esperançoso e cheio de vida. O céu derrame sobre elle as suas benções, e o eleve ao maior gráu de civilisação e de poder!

MARÇO — 8

Preservativo contra a picadura dos insectos.— Parece que se descobriu um meio muito simples de preservar o gado das picaduras dos insectos. Consiste em lavar os animaes quando vão para o campo com um cosimento de folhas de nogueira.

Se assim fôr, facil é o remedio.

ENIGMA.

Adivinhem. — Adivinhe quem não tiver outra coisa em que pensar. O que vale tanto na opinião de Sterne como o beber, o dormir, ou o entristecer-se a gente por não possuir mil libras de renda.

As iniciaes de cada palavra são as unicas indicadas e as outras letras são substituidas por pontos.

O enigma é o seguinte; será facil reconhecer-lhe o mecanismo.

•V.., q.. f..... f..... r... a. f.....
Q.. l..... s.. a..., o n... a.....

A cintura da rainha. — Era um antigo uso que teve origem nos primeiros tempos da monarchia franceza.

Quando uma joven ia ligar-se ante os altares com os sagrados laços do matrimonio, o sacerdote benzia um cinto, e o esposo, cingia com elle a cintura da sua esposa.

À familia do noivo pertencia fornecer o cinto, que era mais ou menos rico, segundo a qualidade e teres das pessoas.

Quando os filhos de Clovis repartiram entre si os estados de seu pai, os povos, para lhes darem uma amostra de respeito e amor, offereceram ás suas esposas o *cinto*, que desde então se ficou dando a todas as rainhas de França.

Maria Antoinette pedio a seu esposo Luiz xvi que desobrigasse o seu povo de semelhante tributo: esta abnegação da joven rainha, de todos muito applaudida, foi celebrada nos seguintes versos:

Vous renoncez, charmante souveraine,
Au plus beau de vôtres revenus:
Mais que vous servirait la ceinture de reine?
Vous avez *celle de Vénus*.

José Victorino Pinto de Carvalho (Santa Cruz).

Proverbio desmentido. — Dizia-se a um homem que bebia de mais, e que talvez por causa d'isso não era dos mais bem comportados.

— Homem, continue, mas lembre-se que tantas vezes vai o cantaro á agua até que se quebra.

— Não sei para que vem esse aviso; respondeu o bebado, o meu cantaro nunca vai á agua, vai ao vinho.

● **homem põe e Deus dispõe.** — «Ora eis-me aqui proprietário d'uma herdade que vale bem 500 libras esterlinas de renda, dizia o velho Gregorio, antigo caseiro do conde de Derby, subindo a uma collina, que fazia parte da sua nova aquisição. Eis-me grande proprietário, e tenho apenas 60 annos, goso saude e sou robusto como poucos. Posso pois comer e beber á vontade, posso já encarar esses lords insolentes, que até agora me não vião, e vingar-me d'esses camponezes, que me não tiravão o chapéu, e que continuão grosseiramente a chamar-me *mestre Gregorio!* Vou passar alegremente o resto da vida.

Que bella terra, e que excellente casa! continuou elle, chegando ao cimo da collina d'onde se descubria toda a extensão do seu grande dominio. Aqui mandarei plantar um pomar, acolá fazer um viveiro das plantas e arvores mais raras; além pastarão os meus numerosos rebanhos para disputar o premio d'engorda ao Duque de Bedford. N'este sitio edificarei uma casa de verão, onde reunirei as pessoas distinctas do paiz a fim de que as suas conversações me distraião. Terei um intendente.

—E quaes serão as vantagens dos vossos rendeiros?

—Perguntai-o ao meu intendente; essas cousas pertencem-lhe, respondeu o velho Gregorio.

Aquella ribeira, que faz mover [o moinho, hei-de desviar-a, e fazel-a entrar no meu parque.

—E onde se moerá o grão para a aldeia, se o moinho parar por falta d'agua?

—Procurai ao meu intendente, porque eu não quero saber d'isso, respondeu. Gregorio.

O presbyterio tira-me a vista; obrigarei o padre a ceder-me o terreno, e farei no lugar d'elle construir um lago cujas aguas, elevando-se em fórmias variadas, animarão esta perspectiva.

—E quem fará o serviço da parochia, se vós expulsardes o padre?

Perguntai-o ao meu intendente, essas cousas dizem-lhe respeito, respondia sempre o velho Gregorio.

D'este modo se entretém consigo mesmo o velho Gregorio, volta á casa, come alegremente um bom pedaço de *roast-beef*, bebe-lhe uma garrafa de vinho do Porto, toma duas fmaças de cachimbo, deita-se e adormece com um somno tão profundo, que nunca mais acordou. O padre ficou no seu presbyterio, o moinho continuou a moer o grão da aldeia, os rendeiros não chegaram a ser vexados, e os camponezes, não a lastimando, sempre que falavam da morte do velho Gregorio dizião: *O homem põe e Deus dispõe.*

MARÇO — 12

Calembour á queima roupa. — Um dia que madame de Nogent tinha entre outras pessoas a jantar em sua casa mr. de Rièvre, que passava por um dos calembouristas mais felizes de Pariz, pediu-lhe que fizesse um *calembour*.

— Antes de tudo, respondeu-lhe elle, haveis de permittir que eu vos pergunte se vamos já para a mesa?

— Immediatamente: espero apenas pelo conde de Nogent, e sei que não tarda. (Era seu filho).

— Com effeito! Replicou mr. de Rièvre, 'é sempre antes de jantar que fazeis *le compte de vos gens*?

Testas grandes e testas pequenas. — Os romanos tinham em grande estimação as testas pequenas, e por isso as suas mulheres usavão de bandós para que parecessem taes. «*Insignis tenui fronte Sycoris*» dizia Horacio. As medalhas de Sapho representavão esta bella poetisa grega com uma pequena testa, e Ovidio lhe dá o epitheto de *fronte brevis*. As mais bellas circassianas descem os cabellos até aos sobrolhos para que as testas pareçam pequenas. Hoje as damas erguem os cabellos e desafrontam as testas, para que estas pareçam ainda maiores do que a natureza as fez. São modas.

Taboletas. — O charlatanismo das taboletas é levado na Inglaterra muito mais longe do que n'outro qualquer paiz. Um droguista de Londres intitulava-se — *Destruidor privile-*

giado dos perseguidos ao servi-
ço de Suas Magestades. Na fa-
chada d'uma loja decorada com
o maior gosto, lia-se ainda ha
pouco tempo — Aqui mora o
fornecedor de leite de burra de
suas allezas reaes, o duque e a
duquesa de York. Diz-se que
o duque de Kent recusou a
um torneio a permissão de



usar do titulo de — *fabricante de pernas de pau de S. A. R. o principe de Kent.* Tambem por cá temos algumas taboletas bem curiosas.

Namismatica. — Segundo o que referem alguns authores era a *barbuda* uma moeda de prata, com muita liga metallica, e do tamanho, pouco mais ou menos, do actual tostão. Representava d'um lado um capacete coroadado, e uma cota de malha com esta inscripção: *Si dominus mihi adjutor, non timebo* — e do outro uma cruz da ordem de Christo, quatro castellos nos cantos da cruz, no meio um pequeno escudo com as quinas, e estas tres palavras por inscripção: *Fernandus rex Portugalliæ...*

El-rei D. Fernando I fixou-lhe o seu valor em trinta e seis reis. Chamou-se-lhe *barbuda* porque assim se denominão os capacetes d'aquelle tempo.

Manoel Alves de Sousa (Castello Branco).

Arte de cosinha. — Elisen deu um banquete de despedida aos seus amigos, e consistiu este em dous bois que mandou matar e coser com a lenha dos instrumentos agrarios. Se isto se pôde chamar arte, era a da cosinha entre os hebreus. Ulisses cosinhava pelas suas mãos, talvez como qualquer preto de roça, e um porco bem ou mal adubado bastava a satisfazer o appetite dos heróes da primitiva Grécia.

Os romanos, depois das conquistas da Asia, introduziram o

de passaros mais estimados. É a arte que regeltamos por demasiada, como a da Grécia primitiva por deficiente. Somos hoje menos faustosos do que



epicurismo nos seus banquetes, chegando a consumir avultadissimas sommas para obter um prato de fígados dos peixes mais raros, ou de miolos

os romanos do império porque não compramos rouxinões a a outenta e tantos mil réis para lhes tomarmos o gosto; entretanto pôde ainda hoje dizer-se da nossa cosinha mais opipara o que o padre Bluteau dizia á 136 annos da cosinha do seu tempo : «Das cosinhas são os peixes sem espinhas, e as aves sem ossos, comem-se pyramides, engolem-se castellos, e se devorão baluartes e montes de carne, e manjares, não só desconhecidos do appetite, mas hyperbolicos ao pensamento.» É arte de mais, e que perde pelas subtilezas de que a revestem.

Não são estes acipipes, nem estes manjares á italiana,

ou *á franceza*, o que mais convem á saúde; tambem não achamos mais racional, ou mais para seguir-se, o uso em que estão os inglezes de comer carnes meio cruas sem o condimento das ervas, tão vantajoso ao nosso organismo, porque essa prática, diz um escriptor, faz com que em Londres, e ainda em povos menores, o consumo mensal de pilulas digestivas se conte por toneladas, ao passo que nos paizes meridionaes se conta aos arrateis, O que importa, e n'isto não nos referimos aos gastrónomos, nem aos que nunca hão de prescindir d'um cosinheiro, que lhes tempére a comida *á franceza*, o que importa é que os nossos alimentos sejam saborosos, saudaveis e economicamente preparados, e a *arte de cozinhar* que n'esse bom proposito dirigisse ás nossas cosinheiras, boças a maior parte das vezes, faria um optimo serviço. Quando se escreverá ella? Q que por ahi ha com esse título são livros que ensinão a estragar o estomago e a enbotar o paladar. Não é outra cousa, e isto é o contrario do que precisamos.

● **coração humano.** — O pezo médio do coração do homem, segundo o doutor Glaudinning, sábio médico inglez, é de nove onças, e o da mulher de oito. O coração do homem á proporção que envelhece torna-se mais pesado, e o da mulher depois dos trinta annos diminue gradualmente de peso, a ponto que n'uma certa idade é quasi tão leve como a estopa. É ainda o doutor quem o diz.

Ora, se pelo pezo do coração se pôde avaliar a força do amor, os homens não só devem sentir mais do que as mulheres, mas hão-de necessariamente ser mais constantes na idade madura, e na velhice do que na juventude.

D'aquí dous corollarios ainda, ou antes dous avisos, diz um jornal, ás damas que esperem que o homem envelheça se o querem ter firme; e aos homens que não gastem o seu tempo com as que tiverem já passado os 40, porque se arri-scão a dedicar os seus cultos a uma estatua.

Se isto é verdade, que d'excepções!

Dançando se faz fortuna. — Um pobre pretendente, que havia mais de um anno se cançava a sollicitar um emprego, que se lhe havia promettido, mas sempre debalde, conseguiu certo dia que o alto personagem de que dependia a realisação dos seus desejos lhe escutasse a leitura d'uma memoria.

— Quem fez a memoria, pergunta-lhe o ministro, porque não desgostou do seu arrasado?

— Eu, respondeu-lhe o pretendente, e tambem a puz em verso para vol'a apresentar, no caso que preferissemos a poesia á prosa.

— Em verso? Excellente. Vejamos os versos. — São magnificos. — Diz-lhe depois de os haver lido.

— Senhor, eu puz ainda a minha memoria em musica.

— Oh! isso é divertido, vamos a ella.

— Eil'a; mas se tiverdes a bondade de me mandar buscar uma rebecca eu a tocarei igualmente.

— Optimo, optimo, tenho feito idéa, cantais como um rouxinol, e tocais como um professor.

— Senhor, diz o pretendente, restituindo a rebecca ao ministro, eu sei que v. ex.^a é um musico habilissimo; se quiser ter a condescendencia de tocar a minha memoria, eu a dançarei tambem.

— Tambem dançada? Vejamos.

E o Mecenas sobraçando a rebecca teve a satisfação de ver o supplicante dançar a sua memoria com desembaraço de mestre.

— Oh! sois unico, meu caro, sois o homem de que eu precisava; faço-vos meu secretario.

O livro de que extrahimos esta anecdotia accrescenta que o homem que sabia rimar, cantar, tocar rebecca e dançar, posto não dispuzesse de igual habilidade para o cargo que lhe foi commettido, subira a grandes alturas, e fizera uma grande fortuna. Não duvidamos.

Quem não mette sôpa não tira sôpa. — Em uma povoação consideravel do alto Alemtêjo observão-se nos casamentos usos curiosos e particulares, que nos forão contados por testemunha presencial, pessoa para nós de todo o crédito. Apontaremos alguns dos principaes, para dar uma idéa de quanto differem dos nossos. Todo o noivo, seja qual fôr a sua condição, vai receber-se de casaca, e esta é sempre presente do padrinho para os menos abastados, o que torna bastante oneroso o encargo de ser muitas vezes padrinho de noivado. A noiva veste sáia de seda preta muito curta, e mantilha á moda antiga. O banquete das nupcias consiste, exclusiva e invariavelmente, em arrôz cozido com ovelha, a que chamão badana, e assim mesmo ninguem é a elle admittido sem que tenha presenteado os noivos com algum objecto de arranjo de casa, roupas, comestiveis, etc. o que dá lugar a um rifão usado entre elles — quem não mette sôpa não tira sôpa. — Os concorrentes vão munidos com os seus talheres, e reúnem-se a comer a tal badana em volta da mesa collocada na rua, ou no quintal. Dentro de casa só comem os noivos, e os padrinhos, e ainda que estes não assistão, nem por isso deixão de ser contemplados com o seu prato d'arroz.

O leito nupcial acha-se em exposição permanente por uns poucos de dias. Alli se accumulão uns por cima dos outros, todos os objectos, que lhe são proprios, como cobertas, cobertores, colchas, lençoes, fronhas; alguns que os noivos já possuíão, outros com que forão presenteados, e outros finalmente, que pedem emprestados para mostrar maior riqueza, e ostentação. Collocada ao lado d'esta cama d'estado está constantemente uma rapariga solteira, vestida com toda a garidice, e encarregada de mostrar aos visitantes, uma por uma, todas os peças d'esta guarda-roupa improvisada.

RETRATO DE FATIMA

Ao lado de Hauzeri bella apparece,
 Piedosa vista em lance tão p'rigoso !
 Filha linda qual luz quando amanhece
 Ao romper d'alva em dia caloroso.
 O turbante, que a fronte lhe guarnece
 Remata alvo penacho precioso,
 Em quanto vão os zéphiros brincando,
 C'os anneis sobre os hombros fluctuando.

De seda as calças tem da côr da neve,
 Sobre ellas desce a tunica bordada,
 Cerulea facha a cinta circumscreve,
 Qual a hastea do lirio delicada :
 Cobre o virginal seio a têa leve
 Onde a seda co' a lã fôra tramada,
 De vermelhos coraes um fio brando
 Do côlo airoso a base contornando.

Suaves de Fatima os olhos erão,
 Vivos ao mesmo tempo e magestosos.
 Quaes unicos os nossos climas gérão,
 Climas caros ao sol, climas ditosos ;
 Olhos, fôcos d'amor, que n'alma impêrão
 Quer languidos, quer meigos, quer irosos ;
 Olhos taes, que se pranto derramaram
 As mesmas brutas penhas abrandaram.

Nas pudibundas faces reluzia
 A viva côr da nacarada rosa,
 Que em leve gradação se esvaccia
 Pela macia pelle melindrosa ;

Virgem, filha gentil do meio-dia,
A côr tinha morena e tão formosa,
Como a que a luz de um sol claro e brilhante
Communica do prado á flôr fragrante.

Da laranjeira em flôr com o delectoso
Arôma o ar da tarde embalsamado
Cede em suavidade ao amoroso
Halito de seus labios exhalado.
O murmurio do arroio saudoso
Entre meúdos seixos derivado,
O meigo sussurrar do brando vento,
Menos magia tem que o seu accento.

Quem viu a vermelha rosa	Quem na belleza prestante
N'um ramalhete de flôres	Do palacio, ou templo santo,
De todas a mais formosa	Viu a corinthia elegante,
Quernasfôrmas, quernascôres:	Que remata o móle achanto :
Quem da noute socegada	Quem entre a familia leve,
No silencioso véu	Habitante da espessura,
Viu a lua prateada	Viu a pomba côr da neve,
Entre as estrellas do céu :	Vivo emblema da candura :

Não viu mais que uma imperfeita
Imagem das maravilhas,
Com que Fatima deleita
Os olhos, do seu povo entre as mais filhas.

Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque
(Ruy o Escudeiro.)

Alegrias comparadas. — A alegria dos francezes, diz madame de Stael, vem-lhes do espirito da sociedade ; a dos italianos da imaginação ; a dos inglezes da originalidade do character ; a dos allemães é philosophica ; gracejão mais com as cousas e com os livros do que com os seus semelhantes.

Homem industrial. — O arcebispo de Cantorbery encontrou um certo dia em um bosque, que elle atravessava bastantes vezes, um homem assentado no chão com um jogo de xadrez, que parecia preoccupal'o bastante, collocado diante de si.

— Que fazes tu ahi, meu amigo?

— Meu senhor, eu jogo o xadrez.

— Como! Pois tu jogas o xadrez sósinho?

— Não, meu senhor, jogo-o com Deus!

— Com Deus! Deve-te custar pouco quando perdes.

— Perdoai-me, meu bom senhor, mas estais enganado. Jogamos rijo, jogamos a valer, e quando perco pago exactissimamente. Esperai um instante, talvez sejais de bom agouro; estou hoje de uma infelicidade pasmosa... Ah! *xequ e mate*, foi Deus que ganhou. O arcebispo ria, e o caso era para isso.

O infeliz jogador com o maior sangue frio do mundo tira 30 guinéus da sua algibeira, e dando-os ao prelado diz-lhe:

— Meu senhor, quando perco envia-me Deus sempre alguém para receber o que lhe pertence, e assim não hesiteis em acceitar este dinheiro e em o distribuir pelos pobres, que são os seus thesoureiros. É o preço da partida.

O arcebispo quiz escusar-se, mas viu-se obrigado a acceitar os 30 guinéus, mormente pela applicação que o jogador lhes dava.

Dias depois tornou a passar pelo mesmo bosque, e viu ainda o seu jogador na mesma attitude que a primeira vez. Fez-lhe este apenas o viu, signal para que se aproximasse, e disse-lhe:

— Meu senhor, tenho perdido, que é um nunca acabar, desde a ultima vez que nos vimos, mas agora espero desforrar-me. Effectivamente — *xequ e mata*. Foi Deus quem perdeu.

— Bem, diz o arcebispo, quem te hade pagar ?

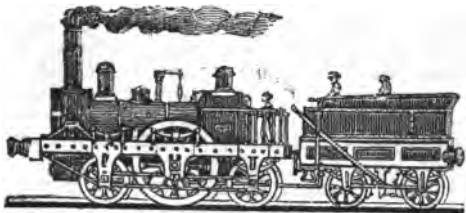
— Sem duvida nenhuma, que sereis vós, meu senhor, joguei trezentos guinéus, e Deus, quando ganho envia-me sempre alguem que pague, tão exactamente como eu o costume fazer quando perco. Tenho mesmo n'este bosque e não distantes d'aqui, alguns amigos que vos certificarão d'isto mesmo, se acaso vos não fiaes na minha palavra.

Contra este argumento não havia réplica ; o arcebispo houve por bem pagar os trezentos guinéus, sem esperar que a isso fosse provocado pelos amigos do jogador do bosque.

MARÇO — 20

Velocidades comparadas. — Fez-se o seguinte calculo : Um homem que andasse noute e dia, e desse por minuto 100 passos, o que importa 4 kilómetros por hora, consumiria um anno e 63 dias em fazer o giro em volta da terra.

Um comboio no caminho de ferro, impellido por força média, percorreria o espaço em 36 horas.



Um grito, se o som podesse prolongar-se indefinidamente, faria igual giro em 32 horas e meia.

Uma balla de artilheria em 21 horas e 3 quartos.

A luz percorria esta distancia em dous décimos de segundo ; a electricidade, mais veloz ainda, em metade d'este tempo.

S. Lucas Evangelista. — Era d'Antiochia, na Syria, o médico de profissão. Foi o companheiro das viagens, e da pregação de S. Paulo, e começou a seguil'o no anno 51, quando este apostolo passou á Macedonia e o converteu á graça.

Crê-se que elle prégou o evangelho na Dalmacia, na Macedonia, na Italia e nas Gallias, e que morreu na Achaia, mas desconhecemos a epocha e o genero da sua morte, e alguns sustentão que não foi martyr. Além do seu *Evangelho*, que escreveu sobre as



Memorias dos Apostolos, temos d'elle os *Actos dos Apostolos*, que contêm uma grande parte da vida de S. Pedro e S. Paulo, desde a Ascensão do Salvaçor até á chegada de S. Paulo a Roma. Isto é, abrangem um periodo de 28 a

30 annos. Os *Actos*, que sempre tiverão na igreja authoridade canonica, forão compostos para oppôr uma verdadeira historia dos apóstolos e da fundação da igreja christã, aos falsos actos e ás falsas historias, que se começavão a espalhar.

S. Jeronymo, diz que esta obra composta por um homem que era médico de profissão, era um remedio para a alma enferma (*animae languentis medicinam.*) Com razão assim a considera, porque não ha nada mais bello que a pintura simples e fiel que S. Lucas ahi faz da vida admiravel, e da união que reinava entre os primeiros christãos.

S. Lucas escreveu em grego, e é de todos os authores inspirados do Novo Testamento aquelle, cujas obras passam por mais bem escriptas.

O modo porque elle faz a historia de Jesu Christo, das suas acções e da sua doutrina tem esse caracter sorprendente de verdade e de persuasão que subjuga o espirito, a ponto que o mesmo J. J. Rousseau se viu um dia obrigado a dizer — *«Não é assim que se inventa.»*

Representa-se S. Lucas, tendo sempre um boi ao lado, um dos quatro animaes emblematicos da visão d'Ezequiel.

MARÇO — 22

CHARADA VII

Sou principio d'amor, fim d'existencia;
No firmamento, no ar, na estrella errante
Terra, e centro do mar me vês constante. 1
Sou a fonte d'amor e da clemencia. 1

Eu consumo, afflijo e despedaço
Quando encontro um sensivel coração
E se ternos amantes me proferem
Mais supplicio e tormento causo então.

José Jacyntho de Mattos (Escalhão.)

As honras de triumpho concedidas aos generaes romanos. — O triumpho era a funcção mais pomposa, com que os romanos honravão os generaes, que havião vencido os seus inimigos. Para o triumpho ser merecido devia o general ser commandante em chefe, deixar mortos no campo, pelo menos, 5.000 inimigos, e dilatar por sua victoria o territorio do imperio. Conseguida a victoria era o general acclamado imperador por seus soldados, titulo que o senado confirmava; depois seguião-se acções de graças aos seus deuses pela victoria.

O general pedia o triumpho, que lhe era concedido por um decreto do senado. No dia marcado para elle, formava-se uma longa procissão pela ordem seguinte: ião na frente as victimas, e os ministros dos sacrificios; depois as imagens das cidades vencidas; o ouro e prata em barras: os quadros e retratos, as armas tomadas na guerra, dinheiro em moeda, vasos preciosos; reis prisioneiros com a sua familia; captivos; o general de vestes triumphaes, a cabeça coroada de louro, montado n'um coche dourado e ornado de figuras de marfim, tirado por quatro cavallos brancos, que o mesmo general conduzia, e governava. Seguião-n'o os seus parentes e amigos; e por fim o exercito triumphante. Esta procissão passava pelos lugares principaes da cidade, e dirigia-se ao capitolio onde se concluia sacrificando um touro branco a Jupiter em acção de graças.

A. J. da Silva Rodrigues (Arruda dos Vinhos).

Luiz XIV, poeta. — Luiz xiv, quiz um dia entrar no campo das musas, e chegou a fazer um madrigal, de que elle mesmo não pareceu ficar muito satisfeito. Não occultando quem era o author mostrou-o a Boileau, e este depois de o ler disse-lhe: «Parece que nada é impossivel a Vossa Magestade. Quiz fazer máus versos e conseguiu-o.»

É assim que a verdade chega ao throno dos reis; elevada de lisonja.

Suicidas. — O suicidio, com rarissimas excepções, tem sido em todos os tempos um acto reprovado, defendido pela religião, pelos costumes e pelas leis.

Em Zurich enterravão o cadaver do suicidado no pavimento térreo da casa onde se déra a morte. Se se tinha apunhalado punhão-lhe junto da cabeça um troço de madeiro em que se cravava o punhal; se se tinha afogado enterravão-no na areia, a cinco pés da agua; se se tinha lançado n'um pôço, sepultavão-n'o n'um monte, ou perto d'um caminho, pondo-lhe uma pedra á cabeça, outra ao centro do corpo, e outra aos pés.

Na Siberia enterravão os suicidados de lado, sobre a face, mas em terra não sagrada. Em Metz enforcavão-nos, ou lançavão-nos em toneis, que depois abandonavão á corrente do Mosella, com estas palavras escriptas: — *Deixai ir, é pela justiça.* —

Em Strasburgo fazião o mesmo, e em 1584 suicidando-se um dos seus bispos foi tambem mettido n'um tonel, e este lançado ao Rheno.

No século **xviii** uma bulla de Bento **xiv** considerou o suicidio como um acto de loucura, e permittiu que se sepultassem em terra santa os que se tinham dado a morte.

Cortezias e réplicas. — Doutor (disse certo dia o conde de Rochester encontrando Barow, insigne mathematico do seu tempo) sou o vosso servidor até ao centro da gravidade. — Sr. conde, eu sou o vosso até aos antipodas. — Adeus, doutor, estou as vossas ordens até ao fundo do inferno. — Adeus, mylord, haveis de permittir que ahi vos deixe.

O conde de Rochester, célebre pelos seus ditos espirituosos e pelas suas excentricidades, não menos que pelos seus vícios e extravagancias, viveu no século **xvii**, no tempo de Carlos **ii**.

Peixe monstro. — No dia 5 de Agosto do anno de 1840, conduziram os pescadores d'esta cidade um peixe geralmente desconhecido, o qual enguliu as redes com a pescaria que tinham, e ficou engasgado nellas.

A sua apparencia era semelhante á de um tubarão em feitio e côr, tendo de comprimento 40 palmos, diametro na maior grossura 18, e de bôcca 5. Era esta guarnecida de tres ordens de dentes agudos, sendo uma d'ellas mais saliente e de maior grossura. O dito peixe pezo 84 quintaes, e o fígado produziu para cima de 20 almudes de azeite, que forão vendidos por 72\$000 réis, quantia que não chegou para indemnizar os pescadores do prejuizo das redes. O mesmo peixe tambem podia dar uma boa porção de azeite, mas não lh'o aproveitaram, e foi mandado lançar ao mar retalhado.

Para se formar uma idéa aproximada da sua grandeza, basta dizer que não pouco trabalho deu para se trazer acima da lingueta da alfandega, sendo para isso necessario empregar 8 juntas de bois.

Verificou-se depois que era um *squalo magno*, muito voraz, que de ordinario povôa os mares da India. A pelle foi mandada seccar, e enviada para o museu de Lisbôa, aonde deve existir.

A. D. de Oliveira (Vianna do Castello.)

Cimento-diamante — Para collar a porcellana e o vidro. M. Pelouse aponta como dando os melhores resultados o seguinte cimento. Ajunta-se a uma dissolução concentrada de *colla de peixe* um pouco d'alcool e de *gomma ammoniacal*, de modo que do todo se faça uma massa mui pouco consistente, quasi liquida. Applica-se esta massa com uma espatula de madeira nas partes que se querem collar; comprimem-se fortemente uma contra a outra e deixam-se seccar. Por este modo ficam tanto a porcellana como o vidro perfeitamente collados, e por isso a este cimento se chama, *diamante*.

Valdade feminina. — Estava o bispo de Jaca D. Migtel de Frias, confessando em uma occasião, e vendo que duas mulheres brigavam por querer cada uma d'ellas ser a primeira a chegar-se ao confessorio disse-lhe — Venha cá a mais velha.

Não foi nenhuma; retiraram-se ambas.

LOGOGRIFHO III

A primeira com segunda
Feminina por natura
Da luz cruel inimiga
Infunde negra tristura.

Apesar de cerros, montes,
E dos valles apesar,
Podem primeira e terceira
Em linha recta marchar.

É devido á prima e quarta
Este dom maravilhoso,
Que imitar em balde tentas,
Humano ser orgulhoso,

São a primeira e a sexta
De materia um pouco dura,
A geometria revendo
Acharás sua figura.

Qual seja segunda e tércia,
Habil leitor, adivinha;
Se as não tiver uma casa,
Deverá ser bem mesquinha.

Mas segunda, terciã, e quarta
Não ter póde, e ser ingente;
Eu te juro todavia,
Que jámais as vês na frente.

Tira lettra á terciã e prima,
E a anatomia te diz
O que seja, e o nauta ousado,
Mais o mineiro feliz.

A terceira e mais a quarta
No presente podes vêr
D'um verbo mui buliçoso,
Que tudo faz remecher.

A quarta junta á primeira
Já em nossa lingua lusa
Foi synonymo de som,
Hoje porém se não usa.

Quando enfermo em pobre leito
Quarta e sexta pronuncio,
Na palavra animadora
Do meu médico confio.

A quinta com a primeira
Já não serve para mim,
Paa tornal-a prestavel,
Desde já lhe faço assim.

Acredita-me, te digo,
Eu d'esta não me occupava,
Quinta e segunda te dizem
De que mulher te falava.

Indicão-te, quinta e sexta
Caudal, rápida torrente,
Que dizima, e não aterra
Indomavel, brava gente.

Quem será a sexta e quarta?
É na Suissa habitante,
Provocar parece o Olympo,
Qual da fábula gigante.

Util sendo aos caminhanes,
Infeliz é minha sorte,
A lei me faz crua guerra,
Permittindo a minha morte.

João Maria Mergulhão Neves Cabral (Armamar.)

MARÇO — 27

A instrução primaria em 1869. — Em Dezembro de 1862 havia em Portugal e ilhas, 2:845 escolas de instrução primaria frequentadas por 107:131 alumnos; sendo escolas publicas 1:788 e particulares 1:037.

Das escolas publicas, 1:559 erão do sexo masculino, frequentadas por 70:720 alumnos, e 189 erão do sexo feminino, frequentadas por 8:452.

Das escolas particulares 501 erão do sexo masculino, frequentadas por 16:042 alumnos, e 536 do sexo feminino, frequentadas por 11:917.

Estes calculos, que demonstrão grande adiantamento na instrução primaria de ha annos a esta parte, estabelecem a proporção de 1 alumno por 37 habitantes, computando a população de Portugal na Europa em 4 milhões de habitantes aproximadamente.

Domador de cavallos. — Os jornaes inglezes derão a tempos conta das experiencias mysteriossas de um americano, que domava cavallos por bravos que fossem, sem o auxilio de meio algum disciplinar. Ao que parece já n'aquella data um irlandez, Sullivan, possuia um igual condão havia já mais de 40 annos, e ultimamente M. Catlin, author de uma obra interessante sobre os americanos do norte, divulgou o famoso segredo.

«Aconteceu-me, diz Catlin, segundo o uso entre as hordas selvagens das *Montanhas de Rocha*, pôr as mãos nos olhos

sem me desamparar, como um companheiro fiel. E por este mesmo processo, continúa elle, que alli domesticão



d'um veado e assoprar-lhe com força ás ventas, e depois d'isto o pobre animal seguir-me por toda a parte

os cavallos selvagens. O indio aprésa o cavallo por um laço, avança para elle gradualmente até poder collocar-lhe as mãos sobre os olhos, e chegar a assoprar-lhe as ventas. O cavallo no mesmo instante se torna outro; a mansidão, a submissão é tal — que sem mais nada o indio monta-o para ir aonde lhe apraz.»

Mr. Ellis, proprietario em Cambridge, depois de ter lido a obra de M. Catlin, diz o *Morning Advertiser*, quiz fazer a experiencia em cavallos inglezes. Procurou o resultado em um potro selvagem, bravo e medroso, e pouco conseguiu em quanto se limitára a cobrir os olhos do animal, e assoprar-lhe ás ventas; quando porém lhe lembrou respirar-lhe ás ventas, logo os movimentos impetuosos do potro socegaram, a ponto de se

tornar immovel, e pôr-se a tremer. Mostrava experimentar um intimo prazer, elevando mais a cabeça para melhor poder receber a respiração que se lhe bafejava. Depois d'isto ficou inteiramente docil a toda a direcção, e teria sido mesmo impossivel espantal-o. Se aqui não anda exageração, segue-se a quasi certeza de se poderem operar metamorphoses semelhantes a essas que forão longo tempo um mysterio, de que a mágica pretendia o privilegio.

MARÇO — 29

Baralho glorificado. — Em Inglaterra, na igreja de Glasgow, assistia Ricardo Middleton, simples soldado, ao officio, e em vez de lêr na biblia o evangelho do dia, como os seus camaradas, espalhava diante de si um baralho de cartas.

Notou o sargento a irreverencia, intimou-o para que guardasse as cartas, foi desobedecido, e por isso logo que acabou o officio levou o soldado á presença do principal magistrado da cidade. O crime era ainda mais civil do que militar.

•O que vos levou, diz-lhe o magistrado, a um tão estranho e tão escandaloso procedimento? Se tendes razões que vos justifiquem dizei-as, aliás sereis rigorosamente punido.»

— Senhor, diz o soldado, tirando da algibeira o baralho das cartas e mostrando ao juiz a carta do *az*; quando vejo o evangelistas S. Marcos, S. Lucas, S. Matheus, e S. João; o *cinco* nas cinco virgens sábias, que ministravão o óleo á santa lampada; o *seis* diz-me que em seis dias creou Deus o mundo; e o *sete* que ao sétimo dia descansou depois de o haver creado; o *outo* recorda-me que forão outo as pessoas



az lembro-me de que ha um só Deus.

Quando vejo o *duque* ou o *terno*, recordo-me do Pai e do Filho, ou do Pai, do Filho e do Espirito Santo; os *quatro* fazem-me pensar nos

virtuosas que se salvaram do diluvio — Noé e sua mulher, seus tres filhos e suas esposas; os *nove*, os nove leprosos purificados pelo nosso Salvador; os *dez* os dez mandamentos da Lei de Deus.

N'isto chegou Ricardo ao *valete*, põl-o de parte, e continuando diz — a *dama* faz-me lembrar a rainha de Sabá, que veio das extremidades da terra para admirar a sabedoria de Salomão; e o *rei* recorda-me o Rei do céu e tambem o nosso monarcha Jorge III.

Ainda mais. Quando conto o numero de pontos que ha nas cartas acho 365, tantos como os dias do anno; quando conto o numero de cartas encontro o numero 52 e 52 são tambem as semanas do anno; quando conto as figuras acho 12 e é este justamente o numero dos mezes. D'este modo um baralho de cartas é ao mesmo tempo para mim uma biblia, um almanach e um livro de orações.

— Muito bem, diz-lhe o magistrado, destes-me uma explicação satisfatoria de todas as cartas menos do *valete*.

— Se v. ex.^a, respondeu Ricardo, promette de se não zangar comigo darei d'essa carta uma explicação tão justa como das outras.

— Pois bem, fale não me zangarei.

— Os valetes (*Knave*¹) são tratantes, e de todos o mais tratante é o sargento que me trouxe á vossa presença.

É escusado acrescentar que o glorificador do baralho foi absolvido.

ENIGMA.

No deserto fui nascido,
Buscão-me para a cidade :
Nascendo nos dias grandes
É mui curta a minha idade.

Inda que sou fraco leigo,
Pertenco a certo convento :
Cantar, sem ser com a bôcca,
É o meu divertimento.

F. A. Silva (Santarem).

¹ *Knave* em inglez ao mesmo tempo que significa *valete*, significa tambem velhaco, tratante etc.

Mãe de família. — O seguinte epitaphio, que se lê u'uma pedra sepulchral d'um cemiterio, no condado de Kent, em Inglaterra, é digno de ser conservado :

«Aqui repousa o corpo de Maria Water, filha de Rob Water, Esq., de Lenham, condado de Kent, espôsa de Roberto Honeywood, Esq., de Charing, condado de Kent, seu segundo marido. Á hora da sua morte tinha ~~três~~ **três** e **sessenta e sete** filhos, provenientes do seu legitimo matrimonio Era mãe de dezeseis filhos, avó de **114**, bisavó de **228**, e trisavó de **9**. Viveu piedosamente e morreu como christã em Markshall, aos 93 annos de idade, e no quadragesimo da sua viuvez, a 10 de Maio de 1620.»

O cura de Montlhéri. — Quando em 1707 Philippe v, vindo para tomar posse do reino de Hespanha, passou por Montlhéri, apresentou-se-lhe o cura da parochia á testa dos seus fréguezes, e disse-lhe: «Senhor, os longos discursos são incommodos, e os discursadores insoffríveis. Não quero enfadar-vos, e assim haveis de permittir, que eu em vez de vos comprimentar em prosa, o faça cantando umas coplas.» E pôz-se a cantar :

O povo todo de Chartres
Com o de Montlhéri,
Sente uma grande alegria
Em vos vêr, senhor, aqui.
Sois neto de S. Luiz,
Liz, liz, liz;
Sois um principe tão bom,
Dom, dom, dom,
Que até Deus vos acompanha,
E por cem annos fará,
Tra-la-lá,
Que reineis na bella Hespanha.

Applaudio o rei muitissimo a lembrança do cura, e satisfeito de ouvir as suas coplas — disse-lhe — *bis*.

Obedeceu o cantor, repetiu-as ainda com mais emphase, e quando acabou, ordenou Philippe v que lhe déssem 10 luizes para distribuir pelos pobres da parochia.

Bis, tambem, voltou-lhe o cura, e o rei levou tanto em graça a liberdade do bom ecclesiastico que lhe mandou dobrar a somma.

Folgaram os pobres.

MARÇO — 31

Epitaphio. — A um professor chamado João Vitello, que morreu na flôr da idade, fez um dos seus escolares o seguinte epitaphio :

*Jupiter omnipotens, Vituli miserere Joannis
Quem mors præcipitans non tulit esse bovem*

Isto é — Jupiter poderoso, tende piedade de João Vitello a quem a morte não deu o tempo sufficiente para chegar a ser boi.

CHARADA VIII

Não penses tu que adivinhas	Fazes cara de zangado
Sem trabalho esta charada ;	Não te agrada esta jornada ?
Pois tens de passar o Téjo	Pois emfim, n'este papel
E procurar-me em Almada 1	Meencontrassem custar nada. 2

Sou verde tapete
De hervas e flores,
E mui procurado
Dos moços pastores.

José A. J. da Costa (Mafra.)

*

Chronologia maranhense — 1612: Fundação do convento de Santo Antonio—**1616:** Foi n'este anno que se erigiu o magnifico templo de N. S. do Carmo—**1622:** Na margem direita do rio Itapecuru se estabeleceram os primeiros engenhos de canna—**1648:** O lugar denominado Tapuytaperá, foi elevado á cathogoria de villa, hoje cidade de Alcantara. Os frades carmelitas edificaram alli um convento em 1643, assim como os mercenarios outro em 1639. Em 1654, lançaram-se os fundamentos para o convento da ordem de N. S. das Mercês, d'esta capital—**1676:** Por bulla pontificia de Innocencio XI, foi creado o bispado d'esta provincia. **1739:** Pelo alvará de 17 de Abril, foi creada a Sé e seus capitulares, instituindo-se as quatro dignidades de arce-diago, arcipreste, chantre e mestre escola; 12 conezias, 8 beneficios, 16 capellães, e mais funcçionarios de menos cathogoria—**1751:** Foi instituido o recolhimento de N. S. da Annunciação e Remedios, pelo jesuita Gabriel Malagrida, em virtude da concessão que lhe fôra feita por alvará de 2 de Março. Rege-se pelos estatutos de 19 de dezembro de 1840, confeccionados pelo bispo d'esta diocese, D. Marcos Antonio de Sousa, de grata recordação—**1757:** Em 8 de julho, passou a aldeia de Maracu á cathogoria de villa de Vianna, hoje cidade; a 16 do dito mez a de Carará passou a ser villa de Monção; no 1.º de Agosto, a chamada da Doutrina, na mesma ilha do Maranhão, denominou-se villa de Vinhaes; a 4 do mesmo a de S. José, tambem na ilha, passou a lugar de S. José de Riba-mar; em 4 de Outubro, a de S. João de Côrtes, na bahia de Cumãa, fronteira á fazenda de Guarapiromga, hoje villa de Guimarães, passou a villa com a mesma denominação—**1761:** Em 11 de Janeiro foi transferida a cathedral da primitiva igreja de Nossa Senhora da Victoria, local que é inteiramente desconhecido, para a do antigo collegio de N. S. da Luz dos jesuitas, onde se acha ainda hoje—**1716:** foi n'este anno que a

extincta companhia do Commercio, introduziu na provincia o arroz branco da Carolina — 1769: Remetteram-se para Lisboa, umas 14 arrobas d'yntaica, resina que se extrae do yatubá (que no mercado se conhece por gomma copal), bem como uma porção da resina do cajueiro, que com maior vantagem supprime a gomma arabica, por afugentar os insectos que estragam os livros grudados com ella — 1771: Remetteram-se para a metropole as primeiras amostras de anil fabricado n'esta provincia — 1805: Por carta regia d'este anno, foi creado o seminario episcopal d'esta capital, em conformidade com os preceitos do Concilio Tridentino. Foi levado a effeito pela lei provincial n.º 49 de 4 de Agosto de 1837, e reje-se pelos estatutos de 29 de janeiro de 1838, organisados pelo reverendo bispo D. Marcos Antonio de Sousa. Vicente Fructuoso Pinheiro, e meu irmão Manuel Corrêa de Faria, que morreu quando já occupava a cadeira de latim do mesmo seminario, foram os primeiros escolares d'esta instituição — 1815: Começou-se a edificar o theatro d'esta cidade, com a denominação de *Theatro União* concluindo-se em 1817. Foram seus proprietarios Eleuterio da Silva Lopes Varella e Estevão Gonçalves Braga: hoje é proprio da provincia e acha-se primorosamente decorado.

Ricardo Alexandre Corrêa de Faria.

(Brazileiro, Maranhão)

ABRIL — 2

A esperança. — Iro, diz madame de Pompadour, deitando sobre as palhas sonha que se tornou possuidor de uma riqueza que toca a opulencia; começa a edificar, e a viver *en grand seigneur*, casa com uma mulher encantadora, depois o prazer acorda-o, e acha-se nas palhas. Eis a imagem da esperança; que não é muitas vezes mais do que um bello sonho,

Pitada de tabaco.— Quaesquer que tenham sido na primeira metade d'este século as exaggerações e extravagancias dos ultra-romanticos, estão ellas longe de comparar-se ás de alguns escriptores que precederam o século de Luiz XIV. Duvidamos mesmo de que na propria Allemanha se apresente uma phrase tão *saboroso* como esta de que se serviu o primeiro Balzac para pedir a uma senhora uma pitada da sua caixa. «Madame, disse-lhe elle, permitti que as minhas extremidades digitaes se ensinem nas vossas concavidades tabachicas para d'ahi tirar esse pó subtil, que dissipa e confunde os humores aquaticos do meu cérebro alagadiço.»

Amor do nome de familia— Pedro Annes do Canto, natural de Guimarães e provedor das armadas e fortificações da Villa da Praia, foi um dos que mais concorreram para a prosperidade da Ilha Terceira, A sua modestia igualava o seu mérito, por que prestando grandes serviços recusou muitos titulos que lhe offereceram dizendo que queria morrer com o mesmo nome com que naseera.

No testamento com que falleceu, ordenou que a pessoa que administrasse o morgado que deixava, depois do nome da pia se chamasse — Canto — porque elle se chamava Canto, e o pae de seu pae, que fora melhor do que elle, se chamave tambem — Canto. —

Até ao dia d'hoje tem-se cumprido esta determinação, e todos os que se teem alliado á familia Canto, tem tomado este nome. Em 1582 D. Filippe quiz dar alguns bens d'esta familia (bens confiscados) ao seu favorito Christovam de Moura, e este foi obrigado a tomar o cognome de Canto.

A familia Canto é uma das mais illustres familias portuguezas, e muito estimada de quantos a tractam e conhecem.

Francisco José Vieira Junior.

Napoleão I e o maire. — Quando em Abril de 1810 Napoleão e Maria Luiza forão visitar o canal subterraneo de

*Il n'a pas fait sottise
En épousant Marie-Louise.*
Napoleão admirou aquelle esforço de uma imaginação que tinha tanto de politica como de poética, e mandou em continenti chamar o *burgo-mestre*.



S. Quintino, e as cidades de Cambrai e Valenciennes, o *burgo mestre* d'uma povoação hollandesa entenderam que devia decorar o arco de triumpho, que tinha feito erguer em honra dos visitantes, com a seguinte inscripção rimada:

M. *maire*, diz-lhe o imperador, então cultivão-se por aqui as musas francezas ?

— Senhor, eu faço alguns versos...

— Ah! fostes vós? Cheirais? Ajuntou, apresentando-lhe uma caixa de rapé, cravejada de diamantes.

— Sim, senhor, mas...

Tomai, tomai, guardai a caixa e o rapé, e

*Quand vous y prendrez une prise
Rappelez-vous Marie-Louise*

Loucura. — De todas as definições que se tem dado de loucura, a de Bailly é talvez a melhor. Segundo elle a loucura não é mais que a tyrannia dos objectos sobre a imaginação.

Bom Jesus do Monte — Uma das maravilhas de Braga e não sei se diga de Portugal, é indubitavelmente o famoso santuario do Bom Jesus, collocado no Monte Espinho, suburbios de Braga.

Situado n'uma elevação notavel, que domina uma grande parte da provincia do Minho, deslizando-se-lhe em volta, fontes e regatos, rodeado d'um tapete de verdura em que avultam annosos carvalhos, agigantados choupos, e copados teixos, excede a tudo o que se possa imaginar de bello.

No cimo, onde está construido o templo, quem alongar a vista para qualquer lado, ficará surprehendido d'uma perspectiva mil vezes encantadora. Nas faldas, Braga com todas as suas bellezas, torres, passeios, e edificios. Ao sul Barcellos, Pova de Varzim e Villa do Conde, semi-occultas pela evaporação constante das aguas do Oceano, que fica proximo, e que tambem se divisa, mas um pouco mais a sudoeste. Mais ao longe, no extremo do horisonte, o pico do monte de Santa Luzia, em que está edificada Vianna do Castello. De todos os lados uma infinidade d'aldeias de que se compõe a provincia do Minho, com rasão chamada — Paraíso Portuguez, — Tudo isto offerece ao viajante horas e horas de aprazivel contemplação.

O portico da entrada para o santuario, ao sopé do monte, é a sua primeira maravilha.

Reconstruido pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura, no primeiro quarto do século XVIII, com a altura de 8 metros aproximadamente, tem resistido á inclemencia dos tempos, e mão destruidora dos annos sem o mais pequeno abalo. Seguem-se as capellas que representam a paixão do Salvador, elevando-se alternativamente umas ás outras em zig-zag, avultando no cimo o magestoso templo em fórmula de cruz.

Nenhum dos nossos monarchas, nem das pessoas célebres que tem vindo a Braga, têm deixado de visitar a sua principal maravilha — o santuario do Bom Jesus.

Por ultimo concluiremos com estas notaveis palavras do nuncio de S. Santidade que esteve aqui em 1860: Deus escolheu este local para ser adorado com o maior esplendor, não pelas grandezas da arte, mas pelas bellezas da natureza.»

(A. de 60 pag. 226.)

B. d'Azevedo (Braga).

ABRIL — 6

Mercurio inglez — Julga-se que não ha homem na terra que iguale em força bruta ao doutor Jorge B. Wilship, de Roxbury, medico, de 28 annos de idade, e que pesa 442 arrateis inglezes. Deita ao hombro com a maior facilidade um barril de farinha de quatro quintaes de peso: levanta de chão com o dedo minimo pezos fabulosos, e com as duas mãos 1:200 libras. O homem de maior força physica que se conheceu em Inglaterra, não levantava senão 800, que era o mesmo que podia fazer o célebre gigante belga.

O doutor Wilship é além d'isso um mestre consumado nos exercicios gymnasticos.

Deus nos livre d'um seu abraço.

Os genros são filhos? — É difficil fazer passar insensivelmente das lagrimas para o riso, mas não tanto que isto se não tenha visto algumas vezes. Uma senhora respeitavel vendo uma de suas filhas em perigo de morrer, exclamava banhada em lagrimas no meio da sua dôr: «Meu Deus, conservai-m'a, e levai, se vos apraz, os meus outros filhos.»

Aproxima-se d'ella um homem que havia casado com uma irmã da docute, e puchando-lhe pelo vestido lhe diz: «Senhora, os genros são filhos?»

Foi tal o sangue frio, e sal cómico com que elle pronunciou estas palavras, que a mãe, crêmos que a propria moribunda, e toda a familia, soltaram uma gargalhada.

O homem, se acaso o consideravam filho, recusava naturalmente tanta caridade, e tinha razão.

ADEUS

Eu venho grata relembrar as rosas,
Que me offertára festival prazer,
N'este recinto d'amisade e encanto,
Que talvez nunca tornarei a vêr !

É doce áquelle que em montanha estéril
Por entre espinhos tanta vez gemeu :
Vêr-se n'um campo vicejante e ameno,
D'um negro abysmo transportado ao céu !

Por isso eu, pobre d'affeições e mimos,
Amada filha do martyrio e dôr,
Onde a ventura me sorriu fagueira
Dando-me a vida fascinante côr,

Venho saudades semear, que n'alma,
Ha muito as sinto com ardôr brotar,
Rega-as o pranto d'um adeus sentido
Que a custo os labios poderão soltar !

Malta frondente, myst'riosa gruta,
Onde inda ha pouco tão feliz sorri,
Nega-me a sombra, quando a calma abrasa,
Se eu algum dia me esquecer de ti !

E tu — Passeio — que ao amor convidas,
Roubando em sonhos ao jardim dos céus,
Em cada folha que te leve o outomno
Repete a todos meu saudoso adeus !

Caldas da Rainha. — Setembro de 1863.

D. Amelia Janny (Coimbra.)

Cyprião de Figueiredo e Vasconcellos.— Se os Filippes venceram facilmente os portuguezes na Europa foi por causa da desunião que lavrava entre estes. Os que não queriam para rei D. Antonio, não resistiram ao exercito do duque d'Alva, julgando que o melhor modo de defender os direitos da casa de Bragança era deixar em perigo a independencia nacional.

O povo dos Açores não imitou a nossa frouxidão. N'aquellas terras, a lucta contra os hespanhoes durou até 1583.

Um dos mais illustres partidarios de D. Antonio foi o corregedor Cyprião de Figueiredo e Vasconcellos, a quem o mesmo D. Antonio, nomeou governador e seu logar-tenente na Ilha Terceira. Foi elle quem dirigiu todos os trabalhos de resistencia, até 1582; anno em que o imprudente prior do Crato o demittiu, para dar os logares em que elle servia ao conde Manuel da Silva e a Gaspar de Gambôa.

Praticaram estes toda a casta de atrocidades até 1583; mas os seus excessos não macularam a gloria pura e nobre de Cyprião de Figueiredo.

Em 1581, teve esta occasião de provar como estava disposto a resistir aos estrangeiros. Um tal Bartholomeu Simeão, achava-se na cadeia, e obteve sentença a seu favor, passada por D. Philippe II de Castella. Quando o corregedor a recebeu, levou-a á casa da camara, para onde convocou: todos os empregados do governo. Estando estes reunidos, apresentou-lhes a sentença, e logo o pregoeiro annunciou. Ouvi o mandado do corregedor, juizes, vereadores, procuradores, mistéres e capitão-mór d'esta mui nobre e sempre leal Villa da Praia, que manda publicamente queimar esta sentença por vir em nome de el-rei D. Philippe, rei de Castella, que nunca foi rei d'estes reinos de Portugal, que não lhe pertencem, antes pertencem a el-rei, D. Antonio, nosso senhor natural, a quem tem jurado obediencia como a rei e senhor, e feito menagem n'esta villa.

Sairam todos da casa da camara, com Cyprião de Figueiredo na frente, e chegados á praça do Pelourinho queimaram a sentença.

Cyprião de Figueiredo acompanhou D. Antonio quando este regressou á Europa, e morreu refugiado em França.

Em 1586, Philippe II, publicou uma carta de perdão ao povo dos Açores. A famosa carta continha este artigo.

•Hei por bem, havendo respeito aos principaes culpados n'esta rebellião serem degolados e enforcados pela justiça, quando a dita Ilha se entrou, de exceptuar d'este perdão e da minha clemencia, para d'ella não haver de gosar, a Cyprião de Figueiredo e Vasconcellos, corregedor que foi na dita ilha.

D. Filippe e seus successores, pudéram arruinar a ilha Terceira, com os rigores da sua justiça, e as graças que distribuiram pelos seus sequazes; mas não pudéram fazer com que a historia esquecesse os esforços d'aquelle brioso povo.

Francisco José Vieira Junior.

ABRIL — 9

Tabeleta curiosa. — Um cabelleireiro de certa cidade, crêmos que de Troyes, em França, homem de bom gosto e de lembranças que o farião passar por doutor em cadeira quatro léguas em redondo, mandou pintar por insignia na taboleta da loja, um Absalão suspenso pelos cabellos no meio d'um bosque, depois de atravessado pela lança de João, general do rei David.

Por baixo da pintura lia-se o seguinte :

Contemple a Absalão, quem passa,
Suspenso (ai dor !) pela nuca
Teria evitado a desgraça
Se houvera usado peruca.

Digitized by Google

A moda. — Descreveu-a d'este modo o célebre Voltaire.

Il est une déesse inconstante, incommode,
Bizarre dans ses goûts, folle en ses ornements,
Qui parait, fuit, revient, et naît en tous les temps;
Protée était son père, et son nom est la mode.

A definição é exacta, e não obstante ser a moda das cousas pouco sérias d'este mundo a menos séria, o primeiro jornal de modas, que teve a França, foi escripto por um grammatico, um homem grave, entre os que mais timbram de o ser.

GERADA IX

Não tem valor em minha alma
Honra, virtude, nem gloria;
Da sã moral mesmo a idéa
É para mim irrisoria. 1

Climas em que surge o dia,	Morrer é lei infallivel
Forão meu berço natal;	Da humana natureza;
Mas todo o mundo me acolhe	E eu sou effeito da morte
Com agrado especial. 1	Que causa tanta tristeza. 1

Cognome d'algumas gentes,
E instrumento mui vulgar;
E o meu uso é bom ou mau,
Conforme elle se empregar.

Manoel Fulgencio Gomes (Galafura.)

Archeologia bracarense. — Conservam-se hã bastantes annos n'esta cidade de Braga, no local denominado as— Carvalheiras—umas columnas de granito bastante deterioradas pelo tempo, mas cujas troncadas inscripções ainda dão a conhecer, bem que superficialmente, qual o motivo por que foram erigidas, não só no local em que presentemenie se acham, mas n'outro, cuja existencia é absolutamente ignorada. São em numero de nove de 1^{ra},50 aproximadamente. As inscripções em parte gastas pela inclemencia dos annos, dão comtudo a conhecer que foram erectas as columnas em honra de varios imperadores romanos, e algumas parece remontarem ao tempo da républica, por ahi se acharem nomes d'alguns consules e dictadores d'esse tempo.

O districto de Braga é copiosissimo em riquezas archeologicas, e a propria cidade, antiga séde dos suevos, a *Bracara Augusta*, dominada depois pelos romanos, offerece aos curiosos thesouros e minas quicá inexgotaveis.

N'um muro, que rodeia a cerca do convento dos Remedios, de freiras franciscanas, acha-se n'uma das pedras em relevo uma palmatoria quasi gasta, um pouco mais adiante uma machadinha e um feixe de varas, talvez indicando a celebre dignidade romana representada n'estas insignias. ⁽¹⁾ D'aqui vem o chamar-se áquelle sitio—Congosta da Palmatoria.

Ha pouco tempo (em março de 1862) n'uma quinta situada na freguezia de S. Martinho de Dume, suburbios de Braga, pertencente a um proprietario bastante indagador de curiosidades archeologicas, depois de varias escavações encon-

(1) O feixe de varas e a machadinha, (*fascēs*) eram insignias dos lictores que precediam certos magistrados romanos, durante os reis e os primeiros annos da republica. Depois do consulado de Publicola, nenhum magistrado, excépto o dictador, teve o direito de se acompanhar da machadinha, na cidade de Roma, e só foi permittido aos consules á testa dos exercitos, e aos questores nas provincias.

traram-se columnas com inscripções, e até varias armas e utensilios de guerra romanos, o que prova até á evidencia o seu dominio n'esta cidade.

Como estas, outras riquezas e vestigios d'antiguidade, estarão sepultados em diferentes pontos da provincia, e muito util seria proceder ao seu descobrimento, pelo menos em sitios onde se suppõe que elles existem. A. Sottmoaior (Braga).

ABRIL — 13

Alabardeiros. — A alabarda é a arma offensiva e defensiva de que ainda hoje usão os archeiros na guarda dos principes, e antigamente nas batalhas os alferes. Ao que hoje se chama archeiros (do francez *archer*) chamaram os nossos avós

para respeito da pessoa real, como para segurança d'ella pelos muitos estrangeiros



alabardeiros, e como guardas dos principes o primeiro que os introduziu assim

e herejes que havia em Lisbôa, foi D. Sebastião. Depois D. Philippe II, retirando-se, e deixando por governador d'este reino ao archiduque cardeal Alberto, nomeou-lhe guarda tudesca (alemã) d'archeiros, e archeiros se continuaram a chamar d'ahi por diante os que no paço compõem a guarda real.

Assim se denominão tambem os guardas da universidade de Coimbra.

AS SETE DORES DE MARIA SANTÍSSIMA

1.^a DOR

A Prophecia de Simeão

Crava-se a espada de dôr
No coração de Maria,
Quando o propheta annuncia
A paixão do Redemptor.



2.^a DOR

A Fugida para o Egypto

Já a familia sagrada,
Deixando os lares amigos,
Affronta immensos perigos
N'esta forçosa jornada.

3.^a DOR

A Perda do Menino

Sentado o tenro Menino
Entre os doutores, no templo,
Com saber e nobre exemplo
Explica a lei do Divino.

4.^a DOR*O Encontro*

Oh que angustia tão penosa
Quando encontra o seu Jesus
Curvado ao peso da cruz
A triste Mãe carinhosa!

5.^a DOR*A Morte de Jesus*

Depois de tanta afflicção
N'esse madeiro pendente
Morre a victima innocente
Para a nossa redempção.

O Vigário J. G. d'Oliveira Paiva (Desterro, Brazil.)

6.^a DOR*O Sagrado Cadaver*

Soon o fatal momento,
E o cadaver sacrosanto
Recolhe o materno pranto,
Que produz o soffrimento.

7.^a DOR*A Soledade*

Por amor dos peccadores,
N'este triste desamparo,
Saúdosa do Filho caro
Soffre a Mãe acerbas dores.

ABRIL — 15

Principaes poemas épicos portuguezes. — (Datas das 1.^{as} edições).

1572 *Os Lusiadas*. Luiz de Camões.

1574 *Segundo cerco de Diu*.

1594 *Naufragio de Sepulveda*. } Jeronymo Corte Real.

1588 *Elegiada*. Luiz Pereira Brandão.

1607 *Lusitania Transformada*. Fernando Alvares do Oriente.

1610 *O Condestabre*. Francisco Rodrigues Lobo.

1611 *Affonso Africano*. Vasco Mousinho de Quevedo.

1636 *Ulyssea*. Gabriel Pereira de Castro.

1640 *Ulyssipo*. Antonio de Sousa Macedo.

1641 *Luzitania Restaurada*. Vicente Gusmão Soares.

1671 *Destruição d'Hespanha*. Antonio da Silva Mascarenhas.

1684 *Malaca Conquistada*, Francisco de Sá e Menezes.

1699 *Viriato Tragico*. Braz Garcia de Mascarenhas.

1741 *Henriqueida*. D. Francisco Xavier de Menezes.

1814 *Oriente*. José Agostinho de Macedo.

A classe mais numerosa. — Nicoláu III, marquez d'Est e de Ferrara, tinha na sua côrte um bobo chamado Gonelle, que se tornou célebre pelas suas facécias. Questionou-se um um dia sobre qual era em Ferrara a profissão mais numerosa; dividiram-se as opiniões, e Gonelle interrogado respondeu que era a dos médicos.

Observou-se-lhe que não havia na cidade mais que tres ou quatro; o bobo teima que era a dos médicos, e aposta, pedindo dous dias para a demonstração. No outro dia atá um lenço nos queixos, simulando uma fortissima dor de dentes, e entra na antecâmara do principe.

Cada um que passa pergunta-lhe o que tem, e indica-lhe um remedio. Gonelle tem o cuidado de escrever todos os differentes remedios e os nomes das pessoas que lh'os receitação. O mesmo marquez, que já se não lembrava da conversação da vespera, vendo o seu bobo a soffrer d'aquelle modo, lastima-o, e tambem lhe aconselha um remedio. Gonelle agradece-lhe tantas attensões, e diz-lhe que passa a experimental'o.

No dia seguinte, como se já estivesse curado, volta a fazer a côrte ao marquez, e apresentando-lhe uma lista de quantos lhe tinham receitado remedios para a dôr de dentes, pergunta-lhe se tinha ganhado a aposta.

Era impossivel negal'o; e Nicoláu III, que via o seu nome na cabeça da lista, viu-se obrigado a confessar que a classe dos médicos era a mais numerosa, assim em Ferrara, como em toda a parte.

Má sorte de mineiros. — Nos seis annos de 1851 a 1856, segundo a declaração de um dos inspectores de minas do governo inglez, morreram 5:000 pessoas, e 19:000 ficaram mais ou menos feridas em consequencia de differentes sinistros na exploração de minas.

Antes andar cá por cima. .

● **cravo ocular.** — Têm-se muitas vezes comparado os sons com as côres.

Com effeito, na série de sons da escala, em numero de sete, trez d'entre elles são principaes, porque constituem os intervallos do accorde perfeito: são a tónica, a terça e a quinta. Na série das sete côres, trez d'entre ellas são simples e primitivas: são a encarnada, a amarella e a azul; a encarnada corresponde á tónica, a amarella á terça, e a azul á quinta.

D'esta analogia entre os sons e as côres, nasceu a idéa do *cravo ocular*. Este aparelho, imaginado no principio do século xvii por um sábio jesuita, o padre Castel, produzia para a vista quadros harmonicos iguaes á harmonia dos sons para os ouvidos. Via-se succederem-se as melodias e os acompanhamentos, e ao mesmo tempo as côres succedião ás côres nas sonatas e phantasias oculares, como no cravo ordinario, os sons succedião aos sons. Era muito engenhoso, na verdade; todavia cada sentido tem gosos que lhe são proprios, e um *trinado*, por exemplo, bem executado por uma linda voz, ou um instrumento sonoro, deliciará o ouvido, ao passo que o mesmo *trinado*, formado pela successão rápida de duas côres, não fará mais que cançar a vista. O *cravo ocular* viveu o que vivem os paradoxes; brilhou algum tempo, e em seguida sumiu-se para sempre.

José A. J. da Costa (Mafra).

● **adulterio em Sparta.** — Um estrangeiro perguntou a um spartano que castigo se dava no seu paiz ao homem e á mulher convencidos de adulterio. Respondeu — Condemnã-os a dar um touro que do cume do monte Taygeto possa beber na ribeira do Eurotas. — E como, replicou o estrangeiro, se poderia achar um touro com essas dimensões? — Seria isso menos difficil, continuou o spartano, do que encontrar um adúltero em Sparta.

Portuguez latim. — Manoel Severim de Faria diz que com quanto o latim se corrompesse em Italia, França, e Hespanha por varios modos, aonde comtudo está menos vi-ciado é reconhecidamente na lingua portugueza, e depois na castelhana.

Os italianos, diz elle, nenhum nome, ou verbo, acabão em consoante, senão em vogal, com que notoriamente ficão corrompendo a mór parte dos vocabulos latinos; e os francezes, pelo contrario, não só porque admittiram muitas consoantes nos finaes, acabando bastantes palavras em F — como por-que tomaram muitos termos da lingua teutonica, que ne-nhuma affinidade tem com a latina, pela visinhança que têm com os allemães, tambem a não corromperam me-nos.

Conclue d'aquí — que em nenhuma lingua se achão tantos nomes latinos em sua inteireza como na portugueza, e na castelhana, e na portugueza perticularmente podem-se com-pôr muitas orações e periodos, que juntamente sejam latinos e portuguezes.

Ahi vai um exemplo apresentado pelo mesmo Manoel Se-verim de Faria :

É um elogio á lingua portugueza :

«Ó quam gloriosas memorias publico considerando quanto vales nobilissima lingua! Cum tua facundia excessivamente nos provocas, excitas, inflammas. Quam altas victorias pro-curas, quam célebres triumphos speras, quam excellentes fá-bricas fundas, quam perversas furias castigas, quam fero-ces insolencias rigorosamente dómas, manifestando de prosa et de metro tantas elegancias latinas!»

Camões, tambem, na estancia 33, canto 1.º do seu immor-tal poema, diz :

E na lingua, na qual quando imagina
Com pouca corrupção crê que é latina.

Modêlos de cortezia. — Achava-se em Paris lord Stair e elogiaram-n'o a Luiz xiv como homem tão bem educado, que nunca em sua vida havia commettido a menor incivildade.

— Hei-de experimental'o, disse o monarcha, que em matéria de cortezania podia dar lições aos mais sabedores.

Dias depois convidou Luiz xiv lord Stair a um passeio e antes de subir para a carroagem disse-lhe: «Entrai, my-lord,» Lord Stair obedeceu, e entrou primeiro que o rei. «Bem me disseram a mim, confessou depois Luiz xiv; outro que não fosse elle teria impoliticamente recusado o meu offerecimento, impacientando-me com as suas ceremonias.»

Esta anecdota do grande rei, faz-nos recordar de outra do mesmo genero, que se deu com um antigo fidalgo nosso: o visconde de Ponte de Lima, o velho, passando um dia por sitio onde não podião passar duas pessoas a par, succedeu encontrar um individuo que, apenas pôz n'elle os olhos, recuou para lhe dar passagem. Parou o visconde, pediu-lhe que andasse para diante, mas escusando-se o homem e porfiando, disse-lhe já um pouco impaciente — «Vocemecê quer vencer-me em ser cortez? Faça-me favor de passar.»

Ha gente que entende a cortezia de differente modo, mas os modêlos são estes.

Prospecto de dote. — As camponezas da Bretanha, no dias de festa, atavião-se com as suas saias carmezins franjadas, o que significa entre ellas o dote que cada uma possui.

D'este modo, as que enfeitão as saias de franja branca (que representa prata) indicão que seus pais têm de renda 300 francos. As que a trazem amarella (representa ouro) dão a entender que 1:000 francos, pelo menos, é a renda de seus pais.

Quando algum camponez, d'estes que trazem em mira o casamento, encontra moça do seu gosto, basta olhar-lhe para o distinctivo da saia, para conhecer quanto ella peza.

Era bom que por cá se fizesse o mesmo.

D. João d'Austria. — Este famoso filho de Carlos v foi um dos mais distinctos generaes que tem tido a Hespanha. Entre muitas batalhas que venceu, a que sobresáe com mais brilho e gloria é a do *Lepanto*, aonde immortalizou o seu nome.

Guinés Perez de Hita, na sua — *Historia de las guerras civiles de Granada*, — descreve D. João d'Austria de estatura apessoada e bem talhada; de rosto camprido; testa alta e espaçosa; olhos vivos e azues; nariz aquilino; bigode e cabello arruivados.

Quando em 1567 foi aos Paizes-Baixos, como governador, o duque d'Alba, enviado por Filippe II, para reprimir os excessos na reforma da religião, acompanhou-o D. João d'Austria com um poderoso exército, composto da flôr dos hespanhoes, para se oppôr á fortuna e ao génio do principe Guilherme d'Orange, e ahi morreu victima (dizem) da sanguinaria inveja de seu irmão Filippe II, a quem alcunharam — *O demonio do Meio-dia, e rei inquisidor*.

Manoel José Esteves (Figueira da Foz).

CHARADA X

Não ha n'isso distincção,	Se vejo de quê, sem duvida
Ou com boa, ou má vontade,	Que o faço, e heide fazer;
Que uns a tenham, outros não,	E tenham tambem por certo
Não é isso raridade.	2 Que ou sécca, ou hade correr. 1

Se quizeres visital'o,
Com bastante devoção,
Aprenderás o caminho,
Que conduz á salvação.

Luiz Antonio Silva Prudencio (Galveias).

A oração dominical. — A oração dominical, diz Chateaubriand, é a obra de um Deus, que conhecia todas as nossas necessidades. Que se pezem bem as suas palavras:

•*Padre nosso, que estais nos céus;*

Aqui reconhece-se um Deus unico.

•*Santificado seja o vosso nome;*

Culto que se deve á divindade; vaidade das cousas do mundo; Deus só merece ser santificado.

•*Venha a nós o vosso reino;*

Immortalidade da alma.

•*Seja feita a vossa vontade, assim na terra, como no ceu;*

Palavra sublime, que comprehendendo os attributos



da divindade, santa resignação que abraça a ordem physica e moral do universo.

•*O pão nosso de cada dia nos dai hoje;*

Como isto é pathético e philosophico! A unica necessidade real do homem é um bocado de pão, e ainda este lhe não é necessario senão no dia de *hoje*, porque não sabe se amanhã existirá.

•*Perdoai-nos as nossas dividas, assim como nós perdamos aos nossos devedores;*

É a moral e a caridade em duas palavras.

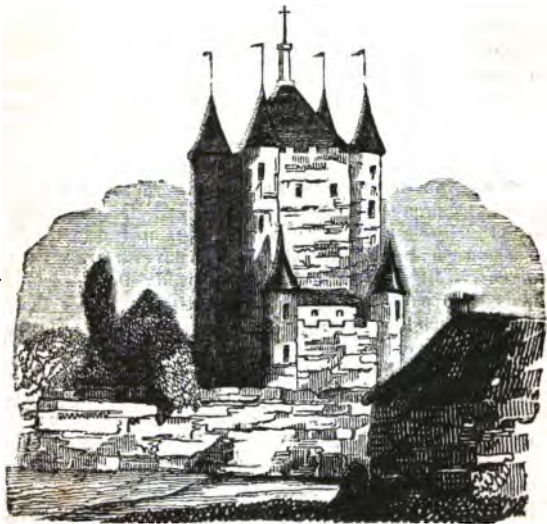
•*Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.*

Aqui revella-se o coração humano, aqui mostra-se o homem e toda a sua fraqueza. Não pede forças para vencer, pede para que o não tentem, e o livrem do mal.

Só Deus, que creou o homem, o podia bem conhecer.

Conselho de Seneca. — Escrevia Seneca ao seu discipulo Lucillo: vive com os homens como se Deus te visse, e fala com Deus, como se os homens te escutassem.

A torre do Templo. — O *Templo*, ou mosteiro, que os templarios habitavão em Pariz, data do século XII. A torre d'este grande mosteiro, ou antes fortaleza, foi edificada em 1212 por Huberto, thesoureiro da ordem. É a torre que a nossa estampa representa. Por muito tempo os reis de França fecha-



ram n'ella os seus thesouros por lhes parecer o edificio mais seguro de Pariz. Os cavalleiros do Templo tinham tambem os seus archivos n'uma das torrinhas dos angulos, que segundo se diz era interiormente revestida d'uma lamina de ferro, e a ninguem, senão a elles, era dado penetrar n'este sanctuario dos segredos da ordem.

Na torre do Templo se hospedou Henrique III rei de Inglaterra, preferindo-a ao novo palacio do Louvre, que se tinha posto á sua disposição quando veio a França conferenciar com S. Luiz; ahi se refugiou Philippe, o Bello, durante as perturbações civis que se manifestaram na capital por causa da alteração da moeda; d'alli, perseguido pelo mesmo Philippe, o Bello, saíu o grão-mestre Jacques Molay com 60 dos mais qualificados da ordem, que morreram uns no cadafalso, outros na fogueira no principio do século XIV; ahi, finalmente, para coroar a celebridade da torre do Templo, foi conduzido em 13 de Agosto de 1793 o infeliz Luiz XVI para a 21 de Janeiro do anno seguinte sair a acabar os seus dias no patibulo.

ABRIL — 23

O campo de Deus. — André Rudigerio, médico de Leipsick, lembrou-se, estando ainda no collégio frequentando os primeiros estudos, de fazer o anagramma do seu nome, e achou em *Andréas Rudrigerus* as palavras: *arare rus Dei dignus*. — Digno de cultivar o campo de Deus — Isto era mais claro para o nosso estudante do que qualquer theorema de Euclides; concluiu que a sua vocação era o estado ecclesiastico, e dedicou-se á theologia.

Encontrou-o um dia o célebre Thomasio e disse-lhe que faria melhor se seguisse a medicina, mas o supersticioso observou-lhe que o anagramma do seu nome o mandava ser padre, e que era esta a sua vocação por conselho divino.

— Estais enganado, respondeu-lhe Thomasio, consultastes o vosso anagramma para vos fazerdes padre, e é elle quem justamente vos aconselha a que estudeis a medicina. Por ventura — *rus Dei*, o campo de Deus, não é o cemiterio? E quem o cultiva melhor do que os médicos?

Rudigerio não teve que responder-lhe, converrou essa noite com o seu travesseiro, e no outro dia, postos de lado os livros ecclesiasticos, começou a estudar a sciencia de Galeno.

Moedas antigas. — Entre outras, circularam as seguintes:
Escudo, era uma moeda d'ouro, do tempo de D. Duarte, a qual valia 90 réis.

Pé-terra, outra moeda d'ouro, cujo valor era de 246 réis.

Maravidil ou maravidim, havia-os d'ouro e de prata: os primeiros valião 500 réis, ou pouco mais, e chamavão-se *maravidis Alfonsins*; os segundos valião 27 réis, desde o tempo de D. Manoel.

Florim, também os houve d'ouro e de prata; o seu valor não teve uniformidade. Os de Amsterdam valião 300 réis portuguezes; os do Aragão 20 soldos, ou 70 réis; os de Castella 400 réis; estes vierão depois a valer muito menos. No tempo d'el-rei D. Fernando corrião por 340 réis.

Soldo, houve-os, entre nós, de ouro, de prata e de cobre; valendo os primeiros 320 réis; os segundos 10 réis; os terceiros 10 ceitis e $\frac{4}{5}$ de ceitel: 20 d'estes fazião uma libra de 36 réis. Havia-os que valião 1 real e $\frac{2}{7}$ de real, e dizião-se *saldos de 24 livrinhas*,

Depois lavraram-se outros que valião 7 *livrinhas*. Ultimamente declarou-se que o soldo valia 11 ceitis.

Ceitel, era uma moeda de cobre, com o valor da sexta parte do nosso real.

Livra, moeda de prata, que começou com este reino, no valor de 36 réis.

José Caetano Preto Pacheco (Escarigo).

Elogio de Berenice. — Perguntou-se um dia ao grande Condé o que pensava, ou em que conta tinha a tragedia *Berenice*, muito em voga no seu tempo... Respondeu com os dous seguintes versos de Tito a Berenice, da mesma tragedia.

*Depuis deux ans entiers chaque jour je la vois,
Et crois toujours la voir pour la première fois.*

Césto. — Era assim chamado o cinto, ou cintura de Venus, em que, segundo os poetas, estava bordado o quadro das paixões, dos desejos, das alegrias e das penas do amor. Homero diz, que quando Venus queria conciliar o amor de Marte, o cingia com o *césto*, e o mesmo fazia Juno a respeito de Jupiter.

Entre os gregos era o *césto* uma das ceremonias conjugaes, cingindo o esposo a futura consorte, com um precioso cinto no dia dos seus desposorios em signal de perpetuo amor, e fidelidade conjugal. Esta prenda, de que as casadas fazião grande estimação, era guardada por ellas com a maior cautella, persuadidas de que tinha a particular virtude de lhes conservar o affecto marital, e de as tornar felizes.

Entre os romanos seguiu-se o mesmo costume, e no municipio d'Evora, deu-se uma prova d'esta verdade. Por uma inscripção, que segundo Rezende, ainda se acha na igreja de S. Thiago, e que foi exarada na baze de uma estatua que os eborenses levantaram a Julio Cezar pela liberalidade e munificencia de os fazer *municipes* do antigo Lacio, consta que no mesmo dia da inauguração forão as matronas de Evora em romaria ao templo de Venus, que ficava a quatro léguas da cidade, e segundo parece, no sitio onde chamão Pumares, levar á deusa progenitora de Cezar (*veneri generici*) a offerenda do *césto*.

Cæsto escripto d'este outro modo, era tambem uma especie de manopla entretecida de couro, e guarnecida de chumbo, de que os antigos atheletas se servião para maltratar os seus contendores.

GEARADA XI

Ao som da primeira 2

Se entõa a segunda. 3

Produz a primeira

Na India fecunda.

Manoel Augusto da Conceição Novas (Figueira da Foz).

Desforço por desforço. — Dous casados, e ainda de pouco tempo, disputavão calorosamente, não sabemos porque bagatella. No meio da disputa, e como razão que provava mais que qualquer outra, péga o marido da cadeia do rejogio e lança-a pela janella fóra, dizendo : Ah! tens o caso que eu faço do que tu me dás.

Ainda bem taes palavras não erão ditas, e já o relógio, arrojado pela mulher, media também a distancia que havia da janella á rua.

— Ah ! tu deitas assim o meu relógio !

— É, respondeu a mulher furiosa, para que quem achar a cadeia saiba ao menos a que horas a achou.

SONETO

Ser um no coração, outro no rosto,
Calcar aos pés o mérito indigente ;
Beber, sorrindo, o sangue do innocente,
Ao sábio propinar pera e desgosto ;

Ter para o crime o animo disposto ;
Mostrar da religião zelo apparente ;
Calumniar, trahir, mas cortezmente ;
Ter o ouro por Deus, por lei seu gosto :

Eis do presente século a doutrina,
Em que é baixaza a estrada da ventura,¹
A perfidia brazão, moda a rapina.

Ai do triste, a quem coube uma alma pura,
Que a honra abraça, e bajular dedina,
Que abrigo só terá na sepultura.

Author ignorado.

¹ O trabalho honesto.

Veneno usado pelos indios. — A raiz é uma planta tuberculosa, do genero da *tubara*. No seu estado natural não produz folhas nem flores, e parece um pedaço de cortiça informe e resequida. É por certas indicações do terreno que os indigenas reconhecem as camadas subterraneas em que ella se acha. Para a pôr em contacto activo com o corpo humano, é necessario desenvolver-lhe o poder occulto da vegetação. Para este fim reduzem-a a pó, e misturam-a ou com bebida, ou com alimentos. Assim que penetra no systema, apodera-se da victima uma languidez doentia acompanhada d'oppressão. Este ultimo symptoma provém de um phenomeno, por effeito do qual, cada parcella da substancia absorvida, começa a vegetar ao cabo de algumas horas no interior da victima, e a desinvolver-se sob a fórma de fios compridos e viscosos,

Pouco a pouco se vão estes fios entrelaçando, e a final produzem a suffocação.

H. C. J. d'Oliveira

Raio engraçado — Sob esta epigraphe vem descriptos no *Almanak* de 1860, pag. 172 os effeitos d'um raio, que caiu em Coimbra n'uma loja de relojoeiro, e que soldou as duas metades da caixa de um sabonete de prata, que o relojoeiro tinha na algibeira.

Não menos engraçado é o que caiu, diz a «Gazeta do Meio Dia» em a noite de 3 de novembro de 1863 na igreja de St.^a Aphrodisia em Beziers. O unico prejuizo que este causou foi furar a abobada do templo, porém antes de desaparecer accendeu todas as vellas. Quando o sachristão pela manhã abriu a igreja achou o altar illuminado, como para a celebração da missa.

Aquelle fez de mestre relojoeiro, este usurpou as attribuições do sachristão. Não deixão de ter graça.

Oxalá todos causassem tantos prejuizos como estes dous:

A. L. T. da Silva Meneses.

Anéis esponsalícios. — Estabelecida a religião de Jesu Christo substituíram felizmente os anéis esponsalícios a superstição dos *Céstos* ⁽¹⁾. E sem falarmos agora na disciplina d'este anel, que se fez geral em toda a Igreja; já sendo de ferro para lembrança da fragilidade, já de ouro para indicio de um amor constante e sem fezes; já de palha, ou junco, com que em Pariz eram recebidos na face da egreja, e para sua vergonha, e confusão os que antes tinham usado das liberdades do matrimonio. Santo Isidoro nos transmittiu o que em Hespanha a este respeito se praticava, a saber: «que os casados jámais em sua vida usavam d'outros anéis, que não fossem os que haviam recebido de seus maridos; e que este rito era guardado como tão santo e religioso, que seria uma grande culpa o omitil-o; pois tinham para si que este anel era um symbolo, em que se significava a reciproca fé do seu matrimonio, e que com elle, como com um vinculo indissolúvel do amor casto e perfeito se ligavam e prendiam os corações dos futuros consortes.»

Hoje se não escrupulisa sobre este ponto, e os signaes de affecto se mudáram talvez para ornamentos de luxo. Entre estes se distinguiram os *relhos*, de que as grandes senhoras fizeram não pequeno uso. Correspondiam elles à *facha peitoral* de que as filhas d'Israel tanto se presavam, e como eram apertados com uns largos fivelões de ouro, ou prata, cravados de pedraria, e com figura triangular de corações, relha, ou ferro de arado, d'aqui lhes veio o nome de *relhos*. A estes succederam os broches, brincos, e joias; e n'isto veio a parar o *césto* nupcial dos antigos.

(A de 63, pag. 92.

Frei Joaquim de Santo Rosa de Viterbo.

(1) Vidè artigo *Césto* a pag. 172.

A ponte do diabo. — Não é só em Portugal que ha pontes, cuja arrojada construcção pelo alpestre dos sitios é attribuida ao anjo das trevas,¹ ha-as tambem n'outros paizes; e designadamente na Suissa, uma, que não tem, nem é conhecida por outro nome, senão por ponte do diabo. En-

contra-se na estrada que percorre o valle de Schellenen, lançada entre duas montanhas alcançilladas, e sobre uma torrente cujas aguas despenhando-se em cascadupa sobre os rochedos, tornão o quadro ainda mais sombrio e



medonho para os camponezes. Representa-a a nossa gravura. Havia, e não sabemos se ha ainda, outra ponte em Bruxellas, tambem denominada ponte do diabo; e a de Saint-Cloud, em França, era igualmente attribuida pelo povo crédulo ao poder de Satanaz. A respeito d'esta conta-se que não tendo o architecto com que pagar aos pedreiros e canteiros para a concluir, recorrera ao diabo, que poz remate á obra com a condição de que se lhe daria, ou pertenceria, o primeiro individuo que a atravessasse. O architecto, que era manhoso, fez passar um gato para não perder alma christã, e d'esta vez, o perseguidor de consciencias houve por bem de contentar-se com elle.

¹ A. de 62, pag. 142.

POESIA

**Ao offerecer um peru em casa aonde todos os domingos
davam este prato ao author**

Senhora, tambem um dia
Entrarei co'a frente erguida ;
Não serei na vossa meza
Dependente toda a vida ;

Nem sempre abatido pejo
Dirá n'esta cara feia
Quanto dóe a um peito altivo
Matar fome em casa alheia.



Airoso, gordo peru,
É meu soberbo presente ;
Traz inda as pennas molhadas
C'o pranto da minha gente.

No santo dia esperavão,
Quebrando antigo jejum,
Cravar inexpertos dentes
N'este primeiro prú.

A russa, magra Josepha,¹
Ergueu queixume sentido ;
Custou-lhe mais esta ausencia,
Que a do defunto marido.

O loiro alvar galleguinho
Chegou aos olhos seu trapo ;
Tinha vista sobre a carne,
E muitas mais sobre o papo.

Seu almoço requerendo
Em luzindo a madrugada,
Na esquerda, grossa fatia
D'ambas as partes barrada.

Na dextra, com branda cana
O seu pupilo guiava;
Em tenras, publicas malvas,
Para si o apascentava,

Quando lhe mandei trazer-vos
O bom companheiro seu,
Pedindo-me côxos mezes,
Me disse, que o trouxesse eu.

Eu o trago a offerta é pura,
Mas a tenção a envenena;
Traz escondida a usura,
Maior, que a da meia sena.¹

Com um sorriso acceitai
O atraídoado convite;
Vem a morrer uma vez,
Porque muitas resuscite.

¹ Partido de jogo.

² Capellão da casa.

Curai todos os domingos
A minha doença interna;
Sobre a meza milagrosa
Seja esta ave, uma ave eterna.

De outra, que finge a poesia,
Trocai em verdade a pêta;
E seja um negro perú
A fenix d'este poeta.

Na ondada, pia toalha,
Co'a a benção da vossa mão
Seus frios, despidos ossos,
De carne se cubrirão:

Consenti que este ouco peito
Ao prodigio se consagre;
E que dentro em si colloque
A mór parte do milagre;

Quanto ao padre prégador,³
Meu voto é não convidal'o;
Porque ha-de comer o assumpto
Muito melhor que prégal'o.

Nicoláu Tolentino.

MAIO — I

O mez de Maio. — O mez de Maio foi escolhido desde a mais remota antiguidade para as festas populares e religiosas.

Os indios celebravão o primeiro dia d'este mez plantando uma arvore simbólica, em signal de contentamento pela volta da primavera. Os gregos festejavão o principio de Maio juntando de flores o limiar de suas portas, usança que hoje

conservão os seus descendentes. Os antigos romanos consagrão os primeiros dias d'este mez aos jogos que fazião em honra de Flora. Estes costumes, trazidos pelos gregos e romanos á Hespanha e á França, arraigaram-se n'estes paizs : n'aquelle ainda hoje se veste de branco uma rapariga, e coroada de flores, é conduzida de porta em porta, pedindo o necessario para um pequeno banquete ; n'este, fazem-se concursos litterarios, onde o poeta vencedor recebe corôas de flores, de ouro e prata, como premio do seu talento.

A natureza escolheu este mez para ostentar todas as galas de que pôde revestir-se: o luxo de sua vegetação, o esplendor e variedade de seus campos ; a reproducção dos passaros, a industria das abelhas, o canto mavioso do rouxinol. Mas,

«Cesse tudo que a musa antiga canta,
«Que outro valor mais alto se alevanta.»

O christianismo achou no seio de uma crença de amor sentimentos não menos profundos ; e o mez de Maio recebeu com elles mais pura consagração.

Pela igreja forão estabelecidas as ladainhas de Maio. O sacerdote acompanhado do povo, cuja guarda lhe é confiada, sáe do templo cantando em procissão, chamando para sobre a terra as benções do céu. Voltando á igreja, o povo prostrado diante dos altares do Senhor, crê e confia no seu nome, parecendo-lhe desde logo vêr germinar o grão, vergarem as arvores com o peso dos fructos, crescerem e desenvolverem-se as plantas, que hão-de nutrir-lhe os tenros filhinhos e alimentar-lhe os pais decrepitos.

No fim do século passado a igreja dedicou o mez de Maio áquella que tanto concorreu para a redempção do mundo. E, no meio de toda a harmonia que entôa o hymno universal da primavera, o espirito do homem, penetrado das mais dôces inspirações, unindo a idéa da Virgem á da re-

surreição da terra, esquece as antigas festas do mez de Maio, e dá-lhe o nome de — Mez de Maria !

D. Mathilde J. de San'Anna e Vasconcellos
(Ilha da Madeira).

(Nota aos *Fastos d'Ovidio*).

MAIO — 2

Vinte e dous PP. — Um pintor, filho de Portugal, estabelecido em uma cidade do Brazil, querendo attrahir a attenção do publico, poz na porta da casa em que morava o seguinte letreiro: — *Vinte e dous PP.* — O governador da cidade, vendo aquelle letreiro tomou nota do numero da casa, e mandou vir á sua presença o pintor para lhe explicar o que aquillo vinha a dizer. Appareceu este, e sendo perguntado, respondeu: — Chamome Pedro Paulo Pereira Pinto Peixoto, Pobre Pintor Portuguez; Pinto Palacios, Portas, Paredes, Pilares, Pannos, Paineis, Pilastras, Paisagens, Pyramides, Panoramas. — Tornou-lhe o governador, estão só 19, faltão 3. O homem acrescentou: Por Pouco Preço.

Deu-se por satisfeito o governador, deu-lhe uma quantia e disse-lhe: são com effeito muitos PP. A que tornou o pintor, arrecadando o dinheiro; ainda tenho mais 5 PP, e são: Pareço Pobre, Porém Possuo Patacas.

F. A. Machado (Espirito Santo, Brazil).

CHARADA XII +

Quando á minha virgem bella		Eu não posso sem tristeza,	
Digo que é meiga e formosa		Por ver que toda a belleza,	
Na sua face mimosa		De seu composto sem par,	
A primeira se revella.		D'ir a segunda acabar	
Vê'a tão linda e singela		Tem por leida natureza.	1
		<i>D. Leonor A. de F. (Guilens).</i>	

Exército europeu. — Veja-se pela seguinte curiosa estatística, publicada por um jornal de Pariz, da população de diferentes estados, exército effectivo que sustentaram desde 1860 a 1863, e dos gastos que com elle tiveram em cada anno, o quanto está custando a paz armada ás nações da Europa.

Allemanha, habitantes 16.960,512, exército 178,576 homens, dispendio 82.698,687 francos annuaes.

Austria, 35.019,038 habitantes, exército 467,211 homens, dispendio 335.554,200 francos.

Belgica, 4.671,183 habitantes, exército 40,115 homens, dispendio 32.252,630 francos.

Hespanha, 15.500,000 habitantes, exército 120,000 homens, dispendio 125.661,871 francos.

Estados Pontificios, 681,306 habitantes, exército 8,845 homens, dispendio 4.423,500 francos.

França, 37.500,000 habitantes, exército 513,349 homens, dispendio 688.645,395 francos.

Grécia, 1.096,000 habitantes, exército 10,921 homens, dispendio 5.434,826 francos.

Hollanda, 3.596,486 habitantes, exército 59,431 homens, dispendio 46.907,920 francos.

Italia, 21.920,269 habitantes, exército 314,285 homens, dispendio 329.661,141 francos.

Prussia, 18.500,446 habitantes, exército 214,482 homens, dispendio 156.733,672 francos.

O Reino Unido da Grã-Bretanha, 29.193,319 habitantes, exército 300,000 homens, dispendio 677.429,375 francos.

Russia, 64.000,000 habitantes, exército 1.000.285 homens, dispendio 529.240,000 francos.

Dinamarca, 2.605,024 habitantes, exército 50,000 homens, dispendio 17.538,618 francos.

Suécia, 2.856,888 habitantes, exército 67,867 homens, dispendio 17.086,604 francos.

Noruéga, 1.433,734 habitantes, exército 18,157 homens, spendio 8.447,706 francos.

Turquia, 39.000,000 habitantes, exército 429,000 homens, dispendio 150,000 francos.

Romania, 4.000,000 habitantes, exército 20,000 homens, dispendio 11.800,000 francos.

Sérvia, 985,000 habitantes, exército 2,500 homens, dispendio 894,400 francos.

A Suissa nada dispende com o exército.

Resulta d'estes dados que os dezoito paizes que acima se enumerão, com uma população total de 289.495,195 habitantes, têm em armas 3.815,847 homens, com os quaes dispendem annualmente 3.221,400,545 francos, ou mais de 515:424 contos de moéda portugueza.

MAIO — 4

Emparedadas. — Desde o século xii até ao xv houve-as em todas as nações da Europa. Erão, diz fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, mulheres varonis, que desenganadas inteiramente do mundo se sepultavão em vida n'uma estreita cella, cuja porta no mesmo ponto da sua entrada, se fechava com pedra e cal, e só por morte da *inclusa* se abria para ser levada á sepultura. No logar da porta, e ao tempo de a tapar, ficava só uma pequena fresta por onde se lhes ministrava o indispensavelmente necessario para a vida, que poucas vezes passava de pão e agua, recebião o corpo de Christo, e falavão ao seu confessor unicamente no que respeitava á sua consciencia. De se fecharem entre paredes, ou de se emparedarem, se chamavão *emparedadas*. Tambem alguns authores lhes chamão *encelladas*, por viverem n'uma especie de *cellas*.

No Porto houve grande numero d'ellas, como as houve em Lisboa, Santarem e Coimbra. Em Lamego, no anno de 1288 havia mais d'uma, porque o porcionista da Sé, Vicente Martins, refere-se no seu testamento ás emparedadas de Lamego (*inclusis de Lameco*).

Rio de vinagre. — É assim que os americanos da Columbia, provincia de Papayan, chamão a um ribeiro que tem sua origem cerca do vulcão de Puraré, em razão da grande quantidade de ácidos — sulfurico e muriatico, que as aguas do mesmo ribeiro arrastão em solução, phenómeno aliás rarissimo.

A quantidade dos referidos ácidos é tão notavel, que dando ás aguas um sabôr bastante acerbo e semellhante ao do vinagre, não só obsta á creação de peixes no mesmo ribeiro, mas até o rio *Cama* ou *Canca*, onde elle vai pagar o seu tributo, no espaço de quatro léguas abaixo da foz, não consente peixe de qualidade alguma, e só mais álem d'aquella distancia, e tendo desapparecido os ácidos pela sua successiva diluição, é que elle começa a encontrar-se.

SEGREDO DE AMOR

(Imitação de Metastasio)

Bem t'entendo, coração ;
Queres queixas exhalar :
Se queres dizer que adoras
De que te podes queixar ?

Mas cala-te ; não reveles
Da minha alma um tal segredo:
Os deuses podem sabel'o,
Mas dos mortaes tenho medo.

Zephyro brando, se encontras
Quem amo n'esse retiro,
Não digas de quem, mas dize
Que não és mais que um suspiro.

E tu, placido remanso,
Se ao pé d'elle vais correr,
Dize só que és pranto, e cala
Qual chôro te fez crescer.

● **moreêgo.**— Ha nas provincias, e não só nas provincias, um grande preconceito contra este animal, attribuindo-lhe agouros e maleficios de que o pobre nem remotamente pôde ser causa. O moreêgo não tem culpa de ser notivago, de se parecer com o rato, de ser negro, e de ter umas azas que ainda o tornão mais feio. Por isto lhe fazem guerra, d'exterminio, por isto o perseguem, quando é certo que antes protecção lhe devião, mettendo em linha de conta os serviços que elles nos presta. Vêde, e condemnai-o depois.



se publicou em
França,¹ são as an-
dorinhas da nou-
te. Como as ando-

Os moreêgos, diz
o author de um
curiosissimo livro
que ultimamente

rinhas, vivem connosco debaixo do mesmo tecto, e merecem o mesmo auxilio, porque vellão em roda das nossas casas pela tranquillidade do nosso somno.

De que se sustentão elles? De horboletas, de moscardos, de besourós, e de insectos nocturnos, que a não ser a guerra que o moreêgo lhes faz, multiplicarião ao infinito em detrimento nosso.

Diga-se isto a todas as creanças, faça-se-lhes comprehender, que é immerecida a repugnancia, que os moreêgos inspirão, diga-se-lhes que são nossos amigos, e é só d'este modo que um dia virá a acabar o costume deploravel de lhes darmos cabo.

Coincidencia.— Os tres mais célebres actores do seu tempo — Eckhof, na Allemanha; Garrich, na Inglaterra; e Le Kain em França, morreram no mesmo anno, 1788.

¹ *Le livre de la Ferme, et des maisons de campagne*

Commerce de cabellos. — Poucas pessoas avaliam a importancia do commercio dos cabellos, e não obstante é elle de tal ordem que só o mercado de Londres absorve não menos de cinco toneladas d'esta mercadoria.

Os cabellos classificão-se pelo gráu de raridade na ordem seguinte : ruivos, negros, castanhos e louros. Os louros são quasi exclusivamente fornecidos pela Allemanha, e ha annos era esta côr a mais procurada ; hoje os pretos são buscados



com preferencia, e vão da Bretanha, e dos departamentos meridionaes da França. A colheita annual monta a mais de cem mil francos.

Estes cabellos são enviados sem nenhuma preparação ás casas do commercio, em grosso, que os limpão, preparão, e vendem a dez francos a libra.

Os das cabelleiras soffrem uma preparação mais delicada, e pagão-os os cabelleiros de 40 a 80 francos a libra.

Phenómeno da procreação. — O clínico Boudin, de Pariz, fundando-se na sua propria observação, e na de outros muitos médicos, chegou a estabelecer os seguintes dados sobre a procreação, em relação aos sexos : 1.º Que o sexo masculino predomina, quando o pai é mais velho do que a mãe. 2.º Que o sexo feminino predomina, quando a mãe é mais idosa. 3.º Que ha aproximação de equilibrio nos dois sexos, dando-se todavia algum predomínio feminino, quando o pai e a mãe são da mesma idade.

A ordem da Annunciada. — Amadeu vi, conde de Saboya, cognominado *Conde Verde*, por ter apparecido em um torneio com armas d'essa côr, sendo considerado o arbitro da Italia, e o deffensor dos papas, foi á Grecia em soccorro de *João Pakollogo*, e o tirou das mãos do rei da Bulgaria. Soccorreu tambem a França contra a Inglaterra ; e, tendo instituido em 1355 a ordem do *Cordão d'Amor*, morreu de peste em 1383. Amadeu viii, denominado o *pacífico*, e o *Salomão* do seu seculo, tendo elevado em 1416 a Saboia á cathegoria de ducado, deixou seus estados, e filhos, e retirou-se ao priorado de *Ripaille*, junto de *Thonon*, onde edificou um soberbo palacio, a que modestamente chamava *eremiterio* : quantos n'elle erão admittidos, tendo opipara meza, e magnifica apozentadoria, vivião mais como *cibaritas*, ou honestos *epicurianos*, do que como eremitas, que se dizião, aos quaes apenas se assemelhavão nas cumpridas barbas de que uzavão, e em excluir de sua sociedade o sexo feminino. Reunindo alli uma assembléa dos grandes de seus estados, instituiu em 1434 a ordem da *Annunciada*, que é uma verdadeira reforma da do *Cordão d'Amor*. Quando Amadeu viii saboreava voluptuosamente as delicias do seu *Eden*, em opposição a *Eugenio* iv offereceu-lhe o concilio de *Bale* a tiara romana, que elle accei-

tou, tomando o nome de *Felix v*: por fallecimento de *Eugenio* abdicou-a em *Nicolau v*, contentando-se apenas com o chapéu cardinalicio. Quando foi eleito papa, o maior sacrificio que fez, foi deixar o seu retiro, e cortar as barbas! Quanto áquelle, tinha rasão; quanto porém a este perdoe-me a sua memoria, ou tinha ogerisa aos barbeiros, ou então tinha mau gosto, se não era maníaco.

Antonio Maria do Amaral Ribeiro (Barcellos).

MAIO — 10

Nova physica. — Um sujeito, a quem havião presenteado com um garrafão de vinho da Madeira do mais fino, e respeitavel pela sua velhice, entregou-o com todas as recommendações naturaes e devidas em tal caso a um creado, que elle tinha por merecedor de tão honrosa confiança. A virtude, porém, póde ser de bons quilates, e não resistir a certa ordem de provações. O servo depositario d'um thesouro, cujo valor tanto se lhe encarecia, entrou dentro em pouco em luta comsigo mesmo sobre o que deveria provar, se a sua honra, se o vinho. Prevaleceu o vinho; mas como sizal'o sem que o patrão o viesse a descobrir? O garrafão tinha sido perfeitamente lacrado, e marcado para mais segurança com as armas do offerente. Depois de muito scismar acúdiu-lhe o unico expediente possível n'aquelle aperto, Furou pelo fundo a vasilha; tapou o orificio com uma rolinha preta rentiada com todo o cuidado, depois de ter bebido; e como gostasse repetiu nos dias seguintes.

Ía já o garrafão quasi em meio, quando o dono da casa querendo obsequiar a uns amigos a quem tinha convidado para lhe irem celebrar os annos, disse ao criado que apresentasse no meio da meza a façanhosa maravilha. Apenas, porém, appareceu repararam todos que metade do espaço se achava vazio. Aqui forão os espantos; pois era certo que viera cheia e que nem pelo vidro, nem pela rolha lacrada se tinha podido evaporar. Depois de darem todos muitos tratos

ao juizo, occorreu a um dos commensaes que o vinho não podia ter saído senão por algum buraco aberto de proposito no fundo. «Como, senhor, exclamou lá d'um canto da salla o moço, Pois o senhor não vê que o vinho que falta é por cima e não por baixo?»

Onde teria este criado estudado physica?

MAIO — 11

Desejos de D. João de Castro.—Escrevendo da India a D. João III, dizia D. João de Castro:

—Eu senhor, vim rico e estou pobre; de 18 annos tomei as armas em seu serviço, seis vezes passei á Africa e lá me nasceram as barbas. Nunca a honra e opinião dos portuguezes foi por mim diminuida, nem maculada. Vinte annos tenho gastado em seu serviço, os melhores e mais estimados da vida. Por amor de Deus, e paga d'estes trabalhos, peço a V. A. que me dê licença para me ir caminho de Portugal a fazer vida com minha mulher e filhos, e acabar estes breves e perturbados dias, que me fiquem por passar, na serra de Cintra.

Pretensão tresloucada.—Os conegos de S. João de Lyão crão obrigados a adduzir grandes provas de nobreza para serem recebidos e qualificados cónegos e condes de Lyão. Fundados n'isto pertendião elles que como verdadeiros gentíshomens não erão obrigados a dobrar os joelhos á elevação da hostia. A faculdade de Sorbonna condemnou esta pertença como *arrogante, impia e escandalosa*. Os cónegos appellaram para o conselho, visto que não concedião á faculdade de Sorbonna jurisdicção sobre o capitulo, e o conselho, effectivamente, por deliberação de 23 de Agosto de 1553, retirou-lhes a censura da Sobronna, e deu a estes padres orgulhosos o direito de se não humilharem na presença d'aquelle a que se curvão todos os reis da terra. A isto, e a muito mais, têm chegado as loucuras humanas.

D. Garcia de Menezes. — Era natural de Santarem, filho de D. Duarte de Menezes, 3.º conde de Vianna, e de sua segunda mulher D. Izabel de Castro, filha de D. Fernando de Castro. Teve D. Garcia uma notavel inclinação para as lettras, e um génio de querer saber as cousas do mundo, pois na verdura dos seus annos, foi para a universidade de Pariz, aonde estudou com grande fervor humanidades, e com o desejo de querer ver cousas notaveis, correu as melhores côrtes da Europa, fazendo-se assim sciente das linguas estrangeiras. Voltando á patria começou por entregar-se á vida militar, e depois de ahi prestar bons serviços á corôa, adoptou a ecclesiastica, onde continuou a bem merecer da patria.

D. Affonso o nomeou-o bispo de Evora no anno de 1471, e n'esta qualidade acompanhou o rei na batalha de Toro em 1476 com seu irmão D. João, prior do Crato, depois 1.º conde de Tarouca. Em 1480 mandou-o D. Affonso com uma expedição á Italia, que supposto fosse militar, era facção, que só quiz fiar do tino e reconhecido zelo de D. Garcia de Menezes, e já foi este fidalgo commandando uma esquadra, que com outras dos mais principes christãos, foi em soccorro do rei de Napoles, D. Fernando, a fim de o proteger contra os turcos, que se ião assenhoreando das terras de Calabria, e já tinham tomado Otranto. A historia d'esta expedição escreveu-a este douto ecclesiastico, e ensigne soldado, em elegante estylo latino, obra que foi publicada em Coimbra, quasi um século depois da sua morte.

Em 1481 foi enviado a Roma como embaixador, e ahi em presença do papa Xisto IV, houve-se de tal modo, e grangeou taes créditos de sabedor, que o Summo Pontifice o nomeou seu assistente do sólio pontificio, e ao mesmo tempo, por dar satisfação ao rei de Portugal, perpetuo administrador do bispado da Guarda, com retenção do de Evora. Vindo no fim do anno para Portugal esteve um anno na Guarda, e depois passou para Evora. Reinando por ultimo D. João II, por certas accusações, que houve de conspiração contra a vida d'este monarcha, foi preso como

cumplice em Setubal a 30 de Agosto de 1484 e conduzido ao castello de Palmella, onde lançando-se na cisterna acabou os seus dias, tão dignos de melhor sorte.

F. A. Silva (Santarem).

MAIO — 13

Os Jesuitas. — Das memorias da marquezia de Pompadour, consta que ella escrevendo ao arcebispo de Pariz lhe dizia, fallando dos irreconciliaveis inimigos do marquez de Pombal :

« Pelo que respeita aos vossos jezuitas é forçoso abandonal-os á justiça do parlamento. A sua sociedade tem sido o flagello dos reis e dos estados, que os têm soffrido. Um homem, que os conhece bem, dizia-me outro dia que elles a unica cousa boa, que tinham feito, fôra trazer a *quina* do Perou.

É pois necessario ter *febre* para os estimar.»

MAIO — 14

PECCADOR CONTRICTO

De haver batido na esposa

Se confessa um peccador.

— Quantas vezes ? — diz-lhe o padre.

— Todas as manhãs. —

— Que horror !

Peccado negro ! Não sabe...

— Sei que é uma acção vilã;

Prometto que nunca mais

Lhe hei-de bater de manhã.

Castello d'Anciães. — É bello vêr ainda hoje, através de tantos séculos, erguer-se a pequena distancia da villa de Carrazêda, cingido de grossos muros e ameias, o antigo *Castello d'Anciães*, cujas ruinas a voracidade dos tempos não pôde ainda consummir de todo. É bello tambem o panorama, que d'ali se desenrola aos pés do antiquario, que o visita com saudade dos tempos gloriosos que por elle passarão.

Sobre a sua fundação tudo se cala, a não ser a opinião vulgar, que o faz existir já antes de Christo, fundada no apparecimento de varias moédas, que ali se têm achado com as effigies d'alguns imperadores romanos d'esse tempo. O mesmo acontece com a etymologia da palavra—*Anciães*; —porém a tradição, e até a mesma palavra nos diz ou parece significar — *Villa Antiga*, — o que não deixa de ter algum fundamento, porque no pelourinho, que ainda hoje ali se vé partido no chão, se divisa no lado opposto áquelle em que avultão as armas do Castello a figura d'um ancião de grandes barbas, tendo em cada mão uma chave; querendo talvez significar d'este modo que a alcaidaria-mór do Castello pertencia aos nobres e anciãos.

O que é certo é que houve tempo, em que por sua lealdade e serviços á corôa lhe mereceu consideração bastante; e tanto assim, que ainda a custo se lê no cimo d'uma das suas portas a seguinte legenda — *Anciães, sempre leal ao rei de Portugal.* —

Dentro de seus muros tudo é sombrio e carregado, tudo mostra o pouco gosto do seu tempo. As suas casas eram pequenos cubiculos térreos, á excepção de duas, uma das quaes ainda hoje se conserva em estado soffrivel.

Tinha o Castello duas antiquissimas egrejas, a de Santo Salvador — intra-muros — com alguns carneiros, que se diz pertencerem a pessoas distinctas; e a de S. João — extra-muros, aonde segundo a tradição vinhão fazer-se alguns enterramentos, em quanto foi sufraganeo a Villa Real.

Pelo que respeita ao seu estado de conservação, é lastimoso, e nem podia deixar de ser assim, havendo 130 annos que se acha desabitado, depois que em 1734 se realison a mudança da antiga villa para o logar de Carrazêda, chamada hoje d'Anciães.

Augusto Cesar Pereira Loureiro (Carrazêda d'Anciães.)

MAIO — 16

Amphitrite. — Fabulosa deusa do mar, filha do Oceano e de Thétis, ou como querem outros, de Nerêo e de Doris. Apaixonou-se Neptuno por ella, e para a conseguir, visto

que a deusa se lhe esquivava, enviou um delphim para a convencer. Soube o mensageiro desempenhar a sua commissão a contento de Neptuno, levou-lhe a nympha, e o deus do mar para o recompensar dos seus serviços, fê-lo subir ao céu, e collocou-o entre os astros, junto ao signo de Capricornio

Como esposa de Neptuno e deusa



que a deusa se lhe esquivava, enviou um delphim para a convencer. Soube o mensageiro desempenhar a sua commissão a contento de Neptuno, levou-lhe a nympha, e o deus do

dos mares, representão-n'a sobre uma concha, tirada por tritões, e acompanhada de nereidas, ou então, como se vê na nossa estampa, sobre um delphim, e empunhando um tridente, symbolo do poder maritimo, tambem usado por Neptuno.

O sétimo gráu de parentesco. — Diz um author — A prohibição que havia antigamente de se contrahir o matrimonio entre parentes até ao sétimo gráu devia ser bastante embaraçosa, se é verdade que pela regra das multiplicações repetidas se acha que para o nascimento d'um individuo, têm contribuido nada menos que 32:000 pessoas, bastando para isso remontar ao décimo quinto gráu da sua genealogia.

Ceva d'animaes. — O acreditado jornal inglez *Morning Post*, dedicou ha tempos um artigo á prática, segundo elle, abusiva, de engordar muito os animaes destinados ao abastecimento de carnes. Ao que parece, é hoje reconhecido que não convém crear, ou proteger a criação de animaes mons-



truosamente gordos, por isso que a carne d'estes é insipida, sem propriedades nutrientes, e até ás vezes nociva.

A natureza tem leis estabelecidas — acrescenta, e é um absurdo tudo quanto não fôr harmonisar com ellas o systema de ceva.

Consumo de ovos. — É extraordinario o que em Inglaterra se faz. Durante 15 annos, que ainda não ha muito acabaram, importou aquelle paiz a enorme quantidade de 1:613,115,459 ovos. Esta importação cresceu muito de 1845 a 1852, e mais ainda de 1853 a 1859. O seu valor foi de 228,650 libras esterlinas em 1854; de 236,865 em 1855; de 278,422 em 1856; de 317,046 em 1857; de 303,617 em 1858 e de 336,662 em 1859, ou de mais de 1:374 contos de réis da nossa moéda, só n'este anno.

Ferza de electricidade. — A ilha Brava, uma das do archipélago de Cabo-Verde, tem a sua povoação principal n'uma consideravel altura em relação ao nivel do mar, 3 a 4:000 pés. A circumstancia de se achar ella disposta n'uma especie de bacia, que a $\frac{2}{3}$ de sua altura ha na montanha, aonde as casas se occultão envolvidas d'uma frondosa vegetação que deriva essencialmente d'uma cúpula nebulosa que a não abandona, e muitas vezes tão densa que ao meio dia torna-se difficil distinguir um individuo a 12 passos de distancia, concorre para que alli haja noutes d'um escuro tal, que só ás apalpadellas se evita uma quéda a cada passo, e o encontrar a casa tem sido problema que tem custado a resolver a muita gente.

Por isso é que os individuos que alli por gosto ou obrigação transitão de noute se vêem na necessidade de se acompanhar de uma lanterna, e isto sobre tudo na quadra pluviosa de Julho a Outubro, que é quando a escuridão costuma ser maior.

A electricidade que alli se desenvolve e manifesta espontanea é tambem tal, que muitas vezes chega a aterrar os desprevenidos. Succedeu-me que, indo pela primeira vez áquella ilha em 1846, me foi um dia necessario saír de noute. Era uma das mais escuras e serenas, e eu não tinha pharol que me guiasse. N'uma occasião em que hesitava perplexo sobre o caminho a seguir, não obstante achar-me n'uma avenida guarneçada d'um e outro lado com purgueiras, declaro que fiquei um pouco atrapalhado vendo a seis passos distante de mim uma pequena claridade, formando no terreno um circulo de proximamente um palmo de diametro, e que movendo-se lentamente d'um para outro lado se tornava cada vez mais perceptivel. Chegou em alguns segundos a ponto de me deixar vér claramente as purgueiras do caminho, e eu observando o phenómeno com toda a attenção, se bem que um pouco desconcertado, notei que o pon-

to luminoso tomava a fórma esphérica, ora tocando o terreno, ora querendo deixal'o como que attrahida, e oscillando sempre, até que se desvanecia. Isto tudo durou apenas alguns segundos.

Demorei-me algum tempo n'aquella ilha, e tive frequentes occasiões de observar o mesmo phenomeno, que attribuo, especialmente á proximidade em que ella se acha da do Fogo, onde existe um vulcão que se inflamma de longe a longe.

C. M. Apparicio (Ilha de Maio).

MAIO — 20

/ LOGOGRIPO III

A primeira e a segunda
São irmãs, no som que têm,
Differentes n'apparencia
E o mesmo valor contêm.

Cada uma d'estas duas
É irmã de sete irmãs;
Juntas á terceira e quarta
São reino d'almas christãs.

Fiz ainda não ha muito
O que a terceira contém,
E a esta ajuntando a quarta
O fiz na escola também.

Na quarta, só por só,
Principia um quarteirão
E sem ella é incompleta
A sua corporação.

A quarta com a terceira
Não a vais longe buscar,
Olha ahi perto de ti,
Mais longe não póde estar.

A quinta por si sómente
É cega de natureza,
E antepondo-lhe a quarta
Tempo conta sem destreza.

A primeira com a quinta,
Indica, morte e funcção,
E a quinta juntada á quarta
Hora d'officio e paixão.

A terceira com a quinta
É um nome não vulgar.
Um habitante d'um reino,
No todo vais encontrar.

As tendas do grãesenhor. — Os judeus de Constantinopla disputavam com os musulmanos a respeito do paraizo, e sustentavam que elles seriam os unicos que n'elle havião de entrar.

— Onde julgais então que seremos collocados ? Perguntaram-lhes os musulmanos.

— Fóra das muralhas, e d'ahi nos olhareis. Responderam os judeus, não se atrevendo a dizer que os turcos seriam excluidos até da vista do paraizo.

Chegou a questão até aos ouvidos do grão-visir, e vendo que ella lhe proporcionava o pretexto de sobrecarregar os judeus com novos tributos, disse : Pois que, esta canalha nos colloca fóra do recinto do paraizo, e nos põe a olhar de longe para as muralhas, é justo que nos forneça as tendas, a fim de que não estejamos expostos ás injurias do tempo.

Dias depois, aos tributos que pagavam os judeus acrescia mais um, cuja somma era destinada para as tendas do grão senhor, e este tributo, ao que parece, ainda hoje se paga. Bem diz o ditado — Pela lingua morre o peixe.

O homem e as especies de casamento. — Certo philosopho perguntando-lhe um rei o que era o homem, respondeu : É escravo da morte, hóspede do lugar, caminhante que passa.

Dizia um sabio que havia tres especies de casamento : a primeira, o de Deos, a segunda, o do diabo, a terceira, o da morte.

O casamento de Deos, dizia, é o do homem novo com mulher nova ; o do diabo, o da mulher velha com homem viuvo ; e o da morte, o da mulher nova com homem velho.

Fausto dos Duques de Bragança. — Quando em 1518 D. Manoel passou a terceiras nupcias com D. Leonor, irmã de Carlos v de Hespanha, escolheu ao duque de Bragança D. Jaime para tomar entrega da rainha na fronteira. É curioso o modo como elle se apresentou para o desempenho da commissão. Ahi o copiamos do tomo 5.º da *Historia Genealogica da Caza Real*, e por elle se fará uma ideia do fausto de tão poderosa casa.

• Levava cem alabardeiros da sua guarda, vestidos de veludo negro, e amarello, com bandas do mesmo, cápas de panno fino amarello guarnecidas de barras de veludo, e górras de grãa, espadas douradas, e alabardas cravadas de pregaria dourada, com dous capitães, cada um de sua companhia de cincoenta homens, que ião ricamente vestidos. Toda a familia de officiaes menores, como reposteiros, porteiros, cosinheiros, e vinte e quatro moços da estribeira ião vestidos de gibões de sêda, e sayos de grãa, todos uniformes, segundo a sua occupação, sómente divididos nas côres; quarenta moços da camera vestidos de veludo alaranjado, capas amarellas com barras de veludo pardo, e alças do mesmo, guarnecidas de tafetá amarello; treze trombêtas vestidos da mesma côr, onze charamellas vestidos com primor ao modo da libré da guarda, com górras amarellas, capas de grãa guarnecidas de veludo, e todos os trombetas, e charamellas levavam as armas do duque em escudos de prata nos peitos; seis atabaleiros vestidos d'amarello com guarnições negras, sayos de grãa, capas amarellas, e górras encarnadas; dous porteiros da maça, que em os lugares publicos, onde o duque sahia em cerimonia, levavam suas maças de prata, com cotas de veludo rôxo bordadas de ouro com as suas armas; os reis d'armas, arauto, e passavante com cotas de veludo carmesi, com escudos de suas armas bordadas de ouro e prata. Os officiaes, e creados principaes da casa se vestirão (conforme o gosto e eleição de cada um) rica, e luzidamente; seis moços

fidalgos vestidos com a distincção, que pedião as suas pessoas; trezentos homens de cavallo com lanças e couras, de que era capitão Antonio Lobo, alcaide-mór de Monsarás. Não levava á destra mais do que um cavallo, e uma mulla; o cavallo ajasado de ouro, e prata com chavel de veludo de altos encarnados, e rédeas de fio de ouro. A mulla guarnecida de peças tecidas de fio de prata, repartidas de flores de ouro; de sorte que pezavão quarenta marcos de prata; copos, es-tribos, e esporas de ouro; cuberta, ou telis de veludo encarnado, negro e pardo, franjado de ouro, todo semeado de rosas de ouro. O duque fa montado em um cavallo á gineta, ajasado á mourisca (porém rico) de carmesí bordado de ouro e aljofar, vestido de negro com bonet de veludo, e n'elle uma riquissima joya de diamantes. Mandou fazer vinte cadeias de ouro, que repartiu pelos officiaes de sua casa, e conforme a graduação assim era o peso. Levava quarenta até-mollas da sua pessoa, além de outras muitas pertencentes á familia e serviço de sua casa. A cosinha era provida com tanta abundancia, que passou a profusão; porque não erão os manjares, e regalos arbitrados pelo gosto dos domesticos, e familiares da casa, mas dos estranhos, que serviram com igual obediencia.

MAIO — 24

Methode do Bórdé. — Dá-se este nome a um processo, por meio do qual se péde obter o peso exacto d'um corpo, mesmo ainda que seja com uma balança viciada. Consiste elle no seguinte: Colloca-se o corpo que se quer pezar n'um dos pratos da balança, e no outro se deita areia até que ambos elles fiquem em equilibrio; tira-se então o corpo, e em seu lugar se põem pesos conhecidos, grammas, por exemplo, até que equilibrem o prato que contém a areia. Estes pesos serão então o peso exacto do corpo; porque na dupla operação que se fez, tanto o corpo como os pesos, actuando alternativamente sobre o mesmo prato, fazem equilibrio á mesma resistencia.

P. A. (Coimbra.)

Nem o préga fr. Thomas. — Sterne, o author da *Via-gem Sentimental*, pertencia a esta classe de homens, muito communs em todos os tempos, que affectão a moral e a sensibilidade nas suas palavras, e nos seus escriptos, e que em sua casa as desmentem, fazendo o contrario do que dizem fóra. Este era casado, e sendo em theoria um excellente marido passava por tratar muito mal a mulher. Jantava elle um dia com o célebre actor inglez, Garrick, e caíndo a conversação sobre os deveres respectivos dos dous esposos no casamento, falou de modo, exaltando os encantos da haarmonia e da felicidade conjugal, que terminou a sua tirada oratoria com esta sentença :

— «Um marido que trata mal sua mulher mereço que lhe lancem fogo á casa estando elle dentro.»

Ah ! M. Sterne, lhe disse o espirituoso actor — tendes acaso a vossa no seguro ?

A mais extraordinaria raridade. — Um francez provinciano chegou a Pariz, e um dos primeiros monumentos que desejou conhecer foi o Palacio dos Invalidos (*Hotel des Invalides*). Ao saír d'aquelle pantheon de glorias veteranas tanto mais inteiras, quanto mais mutiladas, encontrou-se com um parisiense que lhe perguntou se tinha gostado.

— Assim, assim; não vi coisa que me espantasse; uns homens com uma perna de pau, outros com braço de pau, que demonio de graça tem aquillo?

— Pois não viu mais nada ?

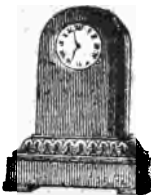
— Eu nada mais.

— Ora essa ? Então não lhe mostraram o sargento F., que tem a cabeça de pau ?

— Nem em tal me falaram; torno já dá para dentro, e vou-me perguntar por elle.

Symbole de ministros. — Um pintor astuto a quem pediram que figurasse o symbole d'um ministro, pintou um relógio ao revez com a campainha para baixo e os pezos para cima.

O nosso sentencioso D. Francisco Manoel de Mello explicando a pintura nos seus *Apolos Dialogaes* diz que todos os adoravão, mas ninguém os acreditava.



os relógios, segundo um proverbio, todos os crêem, e ninguém os adora, e que o pintor agudamente pintando um relógio ás avessas, quiz dizer que os ministros, ao inverso dos relógios,

Duvidas. — Ninguém ousará negar que no século em que vivemos tem a sciencia attingido um desenvolvimento maravilhoso.

Por ahi, em toda a parte, topamos nós com os magnificos resultados obtidos em favor da humanidade.

Continuará em larga escalla o progresso dos conhecimentos humanos? Virá um dia em que no seu caminho encontre as raias do impossivel?

Le monde marche — diz o propheta do progresso, *Eugène Pelletan*.

O mundo acaba, diz o propheta das destruições, *Eugène Huzar*.

Segundo um, a conservação da humanidade depende absolutamente do estudo e do aperfeiçoamento das cousas humanas; segundo o outro, é a sciencia — orgulho do homem — que anniquillará o planeta em que vivemos!

Qual dos dous lê o futuro?

Naturalmente nenhum.

Manoel Alves de Sousa (Castello Branco.)

Ornithorinco. — É um amphibio que vive nos brejos e paúes da Nova Hollanda, ainda ha pouco tempo conhecido, e sobre cujos costumes e modo de propagação ha ainda bastante dúvida. Cuvier colloca-o na ordem dos mamíferos desdentados; ultimamente ha quem o diga oviparo, affirmando que a sêmea põe de cada vez dous ovos brancos, do tamanho dos de gallinha, que cobre por muito tempo, não se alimentando durante elle senão dos limos a que pôde chegar.



Como quer que seja, o Ornithorinco, que pelos pés como os das aves palmipedes, e pelo bico (ornithorinco significa *bico de passaro*) se assemelha a um passaro, em quanto que no mais se parece com um quadrupede, merece bem o epitheto que lhe dão de *paradoxal*.

No estado de adulto anda pela grossura de um coelho manso, e tem de 50 a 55 centímetros de comprimento. É coberto com um vello curto e macio, composto de duas castas de pêllo como o da lontra.

Tem o rabo achatado como o castor, mas coberto de pêllo mais rijo que o do corpo. Como a toupeira tem immensa

força nas mãos, que são muito atidas para cavar em chão humido, e por isso os colonos inglezes lhe chamão *toupeira d'agua*. Os machos têm nas pernas de traz um esporão, que empregão como arma contra os seus aggressores. A cabeça termina n'um bico de colher, semelhante ao do pato, com dous orificios por onde respira. Quando mergulha permanece pouco tempo debaixo d'agua, e levanta-se sacudindo a cabeça como fazem os patos. Os seus movimentos são promptos, a vista agudissima, e por isso é muito difficil agarral'o.

A carne d'este amphibio, apesar de cheirar muito a marésia, é agradável para os naturaes.

MAIO — 30

ESTAÇÕES DA VIDA

Da vida a primavera é tão formosa,
É tão cheia de flôres,

Que o nome deve ter de esperançosa
Estação dos amôres !

O estio é sempre intenso, sempre ardente
O fogo das paixões.

É esta a mais perigosa e imprudente
Das nossas estações !

O outomno quasi sempre vem roubar-nos
As illusões fagueiras,

Vem sem dó, sem piedade, desfolhar-nos
Esp'ranças lisonjeiras !...

Aponta-nos a campa... a eternidade...
A ultime estação !

Desenganos nos traz : e a realidade
Nos géla o coração !

D. Marianna Angelica de Andrade (Setubal).

Questões enigmáticas. — Ah! vão algumas, para ajudar a matar o tempo nos longos meses d'inverno.

P. O que é que se põe sobre a mesa, que se corta, e que nunca se come?

R. Um baralho de cartas.

P. O que se vê uma vez n'um minuto, duas vezes n'um momento, e que se não poderá ver n'um século?

R. A letra — M.

P. Qual é o panno mais quente no inverno?

R. O panno da chaminé.

P. Que differença ha entre Salomão e Rotschild?

R. É que Salomão era o rei dos judeus, e Rothschild é o judeu dos reis.

P. O que é que Deus nunca vê, o rei poucas vezes, e o povo todos os dias?

R. O seu semelhante.

P. Qual é a planta em que nos demoramos mais quando estudamos botânica?

R. A planta dos pés.

P. Em que tempo é que as mulheres falam menos?

R. No mez de Fevereiro, que é mais curto que os outros.

P. Em que se parece Judas com o Mondego?

R. Em acabar na Figueira.

Cargo impossível. — Um cirurgião-parteiro, n'uma aldeia de França, de que o archbispo de Lyão era senhor, e onde possuia uma soberba casa de campo, tinha algumas vezes sido chamado pelo prelado para lhe ver um ou outro credo que adoecia. Lisongeado com esta prova de confiança fez pintar sobre o portal de sua habitação o seguinte leltreiro:

Glaudio Poncei — cirurgião-parteiro — de monsenhor archbispo.

● **Cachão.** — É este o nome que se dá a um perigoso ponto do rio Douro, proximo de S. João da Pesqueira.

— É alli que se eleva de uma e outra margem do rio, uma espantosa penedra formada de rochedos agigantados e quasi perpendiculares. A agua, saltando e luctando de encontro aos rochedos adjacentes, solta um susurro iracundo, que se repercute nos valles das montanhas longinquas, annunciando-lhes a ruina e a devastação ! Este bátrathro, ou para melhor dizer, este abysmo da natureza, exhibe aos olhos do visitante um quadro verdadeiramente atterrador ; parecendo querer ameaçar e envolver, com o estampido de suas ondas irosas e assoladoras, todo aquelle que se aventurar a passar por cima do seu encapellado dorso !

— Vê-se n'esta penedra colossal, do lado esquerdo do rio a seguinte inscripção; ainda que alguma cousa arruinada pelas injurias do tempo. Démo-nos ao trabalho de a copiar textualmente :

IMPERANDO D. MARIA PRIMEIRA
JÁ SE DEMOLIU O FAMOSO ROCHEDO
QUE FAZENDO AQUI
UM CACHAM INACCESSIVEL
IMPOSSIBILITAVA A NAVEGAÇÃO
DESDE O PRINCIPIO DOS SEculos.
DUROU A OBRA
DESDE 1780 ATÉ 1791

PATRIAM AMAVIT FILIOS QUE DILEXIT

É para sentir que a camara de S. João da Pesqueira não mande avivar as lettras d'esta inscripção; pois que dentro em alguns annos serão totalmente inintelligiveis !

Manoel Maria Lucio (Villa Nova de Gaya).

Justiça. — Matto espesso onde a ovelha procura abrigar-se dos lobos, e d'onde nunca sáe sem ahi deixar uma parte da lã.

Neve Archimedes. — Um bacharel acabado de formar na Universidade de Coimbra veio para a capital, para aqui se estabelecer pela advocacia. As letras d'elle não erão, segundo parece, das mais magras, os procuradores conheceram-n'o á légua, e a fréguezia era nenhuma. Vingava-se, pois, em passear de dia, e em ir á noute a S. Carlos, em quanto lhe duraram os *cumquibus* que tinha trazido da terra.

N'uma das suas excursões matutinas deu comsigo na praça da Figueira, viu um alguidar de grillos, e perguntou á mulher do logar para que servião os bichinhos.

— Isto cantam, que é um gosto, principalmente de noute, lhe respondeu ella :

O homem reflectiu e tornou a interrogal'a — Então quanto custa cada um d'estes musicos?

— Uma bagatella, dez reis, com um vintem de gaiola, faz trinta réis.

— E que comem ?

— Qualquer folhinha d'alface.

— Não são os cantores de S. Carlos que gramão dous contos por mez, disse elle comsigo : pois muito bem, accrescentou, levantando a voz como quem acabava de fazer um grande achado, aqui tem voceemecê um pataco e metta-me dous grillos n'uma gaiola.

— Concluido o contracto, metten a gaiola na algibeira, e por cima d'ella o lenço de assuar para maior segurança. Pelo caminho ia-se applaudindo interiormente do bello acerto que tivera, porque com dous vintens sa ter musica todas as noutes, e escusava de ir dispendar moedas com o theatro.

Chegado ao seu quarto saca o lenço, pucha pela gaiola... vasia, completamente vasia ! Correu com a mão a toda a pressa a algibeira, correu todas as outras algibeiras em procura dos fngitivos, e nada ! Encostou-se triste a scismar sobre tão extraordinario acontecimento, pois era para elle evidente que por umas gradesinhas tão meudas não se podião elles ter sa-

fado; parafusou, tornou a parafusar, até que enfim deu um murro em cima da meza com a alegria de um homem que fez uma grande descoberta — está visto, exclamou, brigaram e comeram-se um ao outro.

JUNHO — 3

Vingança de seminarista. — Lendo o chistoso artigo publicado a pag. 373 do *Almanach* de 1861, pareceu-me que não seria fóra de proposito publicar o que abaixo se segue, não só por ter com aquella semelhança, como por ser attestado por pessoas contemporaneas, dignas de toda a fé.

No tempo em que era reitor do seminario episcopal de Olinda, na diocese de Pernambuco, o religioso beneditino fr. Vicente do Rosario, aconteceu-lhe incorrer no desagrado dos seminaristas pela austeridade e rigor com que os tratava, e mais que tudo por haver addicionado ás penas correccionaes d'aquella casa o castigo de palmatoadas; tendo para isso obtido permissão do prelado diocesano, que então era o sr. D. Fr. Antonio de S. José Bastos.

Um dos seminaristas, não podendo de outra maneira vingar-se do velho reitor, contra quem nutria occultos resentimentos, fez circular entre seus collegas um escripto anonymo em que se lião as seguintes palavras :

Tristis est anima mea
Aqui n'este seminario;
Ah ! *Quare conturbas me,*
Frei Vicente do Rosario ?

Por mais indagações que fizesse, nunca poudo o reitor descobrir o verdadeiro culpado; sendo por isso obrigado a usar das obras de misericordia, não na parte em que mandão castigar os que errão, mas n'aquella em que se nos impõe o dever de — *soffrer com paciencia as fraquezas do proximo.*

P.^o Lino Deodato Rodrigues de Carvalho
(Ceará, Brazil).

Espinafres. — Um sujeito da Lourinhã (seja dito sem offensa aos da terra, póde-se ser da Lourinhã, como de Parlermo, ou de Toledo) recém-chegado a Lisboa foi jantar ao Matta em companhia de um amigo. Pediu este, além de outros pratos, espinafres para dous. — Basta para um, emendou o adventicio, eu não posso soffrer os espinafres.

— Mas é um prato muito bom.

— Sim, senhor, toda a gente diz isso, mas eu é que tenho com elles uma embirração particular: nem cheiral'os posso, e tenho pena d'isto, porque toda a gente os gaba. Desejava gostar d'elles... Isto é, desejar, não desejava tal, porque se eu gostasse d'elles havia de comêl'os e eu não os posso supportar.

CHARADA XIII

Deixando a turba sedento,
Foi ao regato beber ; 3
Logo apoz eu alma crua
Fiz seus dias fenecer 2

Acções atrozes não podem	E ao passo de serem feitas,
Commoção em mim causar,	Collocada em liberdade,
Mais me commovem os ventos	Teimarei determinada
Quando se ouvem sibilar.	Dando palmas sem piedade.
	<i>L. T. Trigo (Mogadouro).</i>

● **celibatarío.** — Diz um proverbio árabe: Um celibatarío é um ser incompleto; é um só tomo d'uma obra em dous volumes, que vale menos que ametade da obra; é uma só folha d'uma tesoura, de que se não tira nenhuma utilidade, e póde fazer muito mal.

Abelhas domesticadas. — A Sociedade das artes de Londres apresentou-se um dia M. Wildeman, de Plymouth, com trez enxames de abelhas, parte sobre o rosto, e sobre as espáduas, e parte nas algibeiras. Collocou trez colmeias na salla visinha da assembléa, e deu um signal d'apito. A este signal todas as abelhas o deixaram, e cada enxame voou para a sua respectiva colmeia. Nenhum d'elles recebesse a menor mordedura. A Sociedade das artes de Londres nunca premiou senão as descobertas uteis, esta não o era de certo, mas o facto era tão surprehendente, e revellava tanta paciencia em quem o apresentou, que não duvidou conferir um prémio a M. Wildeman.



O ferrador feito médico. — Um ferrador, visinho do cardeal Paolloto, desapareceu de Roma. Indo depois o cardeal a Napoles a certa missão do Summo Pontifice, teve uma indisposição, para o que convocou uma junta de médicos, e entre elles veio o ferrador como mais afamado. Conheceu-o o cardeal, e chamando-o de parte, perguntou-lhe quem o fizera médico. Respondeu-lhe que só mudára de fortuna e não de officio; porque do mesmo modo que curava em Roma as bestas, curava em Napoles os homens; disse mais, que além de acertar nas curas tanto, ou mais que os outros médicos, se acontecia enviar algum doente para o outro mundo, ninguém o demandava por isso, como tinha feito s. em.^a por um urco do seu coche, que morrêra quando elle era seu ferrador.

H. C. J. d'Oliveira.

208

As arvores. — O carvalho de Carlos Magno, e o de Clovis, no bosque de Fontainebleau, levão-nos o pensamento até ao tempo dos gaulezes e dos francos.

A famosa arvore de camphora, de Ninosa, no Japão, provém d'uma vara espetada na terra pelo philosopho Kobodosai, que viveu no século VIII.

O carvalho de Goff, proximo do velho palacio de Cromwell, foi semeado em 1066 por Theodoro Godfrey, que passou a Inglaterra com Guilherme, o conquistador.

O famoso carvalho d'Allonville, em França, nasceu de uma bolota que germinou no anno 1000.

1200, e no mosteiro de Fondi outra plantada por S. Thomaz de Aquino em 1278.
Em Versailles conserva-se ou-



Ainda ha poucos annos se via em Roma, no convento de Santa Sabina, uma laranjeira plantada por S. Domingos em

tra chamada a *grande-Bourbon*, plantada em 1411 por uma das avós de Joanna d'Albret.

Fribourg, na Suissa, mostra com orgulho o velho til que foi plantado em 1476 em memoria da batalha de Morat.

Em Coimbra, na quinta das lagrimas, os cedros, forão talvez testemunhas dos protestos amorosos e colloquios de ternura do nosso D. Peoro I e da infeliz D. Ignez de Castro.

Em Monte Real, no concelho de Leiria, ha um carvalho decrépito, que data do tempo em que a rainha Santa Isabel alli residia e fa n'aquelle sitio passar algumas horas.

As arvores cheião ás vezes a ser um monumento mais du-

ravel que as estatuas, e até pôde levantar'o tanto o pobre como o rico, tanto o que possui léguas de terra, como o que tem um pequeno campo, ou um estreito quintal.

As arvores podem commemorar uma data de felicidade, dão-nos os seus fructos, e apar d'elles, a nós, e aos nossos filhos e nétos a sua sombra bemfazeja.

JUNHO — 8

A inquisição em Gôa. — Por occasião da memoravel abertura do tumulo de S. Francisco Xavier, que se realisou em Gôa, em Dezembro de 1859, tendo-se começado por ordem do governo a aformosear o terreno da Sé, que se achava obstruído com as ruinas do magnifico palacio da inquisição, a fim de alargar o caminho por onde devião passar os devotos que vinhão em perigrinação venerar o corpo do Apostolo das Indias, descobriram-se nas excavações d'aquellas minas alguns lanços de escadas subterraneas de pedra preta, larga, que talvez davão outr'ora communicação para os profundos e lobregos subterraneos do palacio; uma moéda de pouco valer; e uma enorme massa de chumbo cobrindo ossos humanos. Era lavrada d'um lado e excavada d'outro, larga no meio e estreita nas extremidades, a modo d'uma canôa, do comprimento de trez a quatro mãos, a qual foi recolhida no arsenal.

Sobre esta massa de chumbo ha duas encontradas opiniões. Dizem uns ser uma campa da sepultura da familia real de Hídalcão, a quem pertencia o palacio antes da dominação portugueza; conjecturão outros ser um d'esses diversos instrumentos de que se servião os inquisidores para atormentar as victimas. N'esta diversidade de opiniões callar-nos-hemos, registando tão sómente esta noticia archeologica, de que dá conhecimento o sr. Jacintho Caetano Barreto e Miranda na 1.^a caderneta dos seus — *Quadros Historicos de Gôa* — tratando do estabelecimento inquisitorial na India portugueza.

José Pedro da Silva Campos e Oliveira (Gôa).

Prégador animoso. — No anno de 1690 reinando D. Pedro II, houve uma immensa falta de pão n'este reino, o que obrigou a mandar vir de fóra grande porção de trigo, que se distribuia ao povo, Houve queixas de que esta repartição se fazia com escandalosa desigualdade, e isso fez com que o padre mestre fr. José Suppico, prégando um domingo na capella real, fustigasse os distribuidores com as seguintes palavras. «Acha-se Elias em uma occasião no deserto, fugindo á indignação de Jezabel, deita-se a dormir debaixo de uma arvore, e traz-lhe um anjo de comer um pão; e este pão, diz o texto, lhe servira para 40 dias e 40 noutes. Achando-se Elias em outra occasião retirado por ordem de Deus ao rio Carith, uns corvos lhe trazião o pão de manhã e de tarde. Valha-me Deus! Em uma occasião basta a Elias um pão para 40 dias e 40 noutes, e em outra necessita de pão de manhã e de tarde? Tenhão conta na desigualdade os ministros e logo verão as differenças dos successos. Em uma occasião esse pão era governado por um anjo, e por isso bastava um pão para 40 dias e 40 noutes: e em outra quem repartia erão uns corvos, que tinham muito formosas unhas — *Corvi deservant ei panem*: e quando os ministros dos monarchas têm unhas que deixão os pedaços para si, e dão as migalhas ao povo, ainda que haja muito pão hadé haver muita fome: Sejam anjos os ministros que ainda o pouco bastaria.»

O pulpito era n'aquelle tempo o mesmo que para o de hoje é a tribuna politica e a imprensa livre.

Epitaphio do general Mercí. — Tendo morrido o general bávaro, Mercí, na batalha de Nordlingue, ganha pelo duque de Enghien, enterraram-no no campo da batalha e gravaram na pedra do seu tumulo esta inscripção: *Sta. viator, herodem calcas* — Detem-te, viandante, que pizas um heróe.

José Alexandre Junior (Faro).

Settas e religiões na Russia. — Segundo a declaração dos concilios geraes catholicos, o imperador antocrata de todas as Russias, tem debaixo do seu poder : 10.000:000, adoradores de animaes immundos ; 8.000:000 mahometanos ; 3.000:000 selvagens do pólo glacial ; 1.000:000 sectarios da religião cosmopolita ; 30.000:000 scismaticos e 4.300.000 christãos de raça pura, que seguem a religião de Jesu Christo.

O páu da cruz. — Demorava-me eu ha tempos n'uma aldeia do concelho de Tondella, quando ahi se deu o facto seguinte :

Uma pobre mulher, por appellido a *Russa*, que fóra toda a vida apontada como bruxa, debatia-se, ha mais de quarenta e oito horas nas vascas da morte. Passamento tão afrontoso e demorado, attribuição-o por alli as boas vizinhas, a uma vida desregrada, passada em feiticerias e malefícios: e, na verdade, contavão-se d'ella anedotas, que encherião, pelo menos, a quarta parte d'este livrinho, acrescentando muitas pessoas de *siso* e *religião* que não esperassem que ella morresse antes de lhe *darem* com o *páu da cruz*... porque, dizião ellas, ao contacto do *páu* sagrado, se afastava o demonio, que n'aquella hora, tentava de novo subjeital'a ao seu dominio, e prestar-lhe a paz na morte !... Com effeito, dentro em pouco, nove pancadas, capazes de produzirem o milagre, lhe ~~trão~~ applicadas com o *páu da cruz* por uma vigorosa pythonissa; e, passados alguns minutos, a pobre *Russa* succumbia, ou victima da pancadaria, ou porque a sua hora havia soado !... Estes casos e quejandos dão-se por aqui, *ainda*, a cada passo.

E diga lá o cantor do progresso : *le monde marche !*

Ciganos. — Dá-se o nome de — ciganos — a essa bem conhecida gente, errante, miseravel, e até mesmo de desprezíveis costumes, que anda de cidade em cidade, de feira em feira, sem que se lhe note o menor signal de progresso.

Differem nos seus uzos, não só conforme os tempos, mas segundo os paizes, que habitão, e assim os temos visto, uns pelotiqueiros, outros, dançarinos e tocadores do *bandolero*. Ainda hoje os que habitão as costas do Malabar se dão á pirataria, em quanto que outros, nas planicies de Granada e nas montanhas aridas e escavadas, que as rodeião do lado, que fica fronteiro á Alhambra, fabricão cordas e esteiras de junco, e procurão palhetas d'ouro nas margens do Guadalquivir. Outros, n'outros pontos, conduzem para as feiras grande quantidade d'animaes, ordinariamente roubados, e enganão o povo nos preços, porque os vendem, ou comprão.

Uma das couzas porque são essencialmente caracterizados, é pela leitura da — *buena dicha* — da qual se servem para extorquir alguns vintens ás pessoas supersticiosas e que acreditão em similhante absurdo : foi isto o que lhes ganhou em 1650 a expulsão de Aix de la Chapelle, onde concorria grande numero de crédulos para conhecer o futuro.

Mo meio de tantas qualidades más, de que são dotados, só duas bôas os adornão e parecem ellas incríveis no meio de tanto vicio e depravação : — A honra de suas mulheres e o amor de familia.

O imperador José II e uma sociedade ingleza procuraram civilisal'os, e é forçoso dizer que poucos resultados colheram dos seus esforços.

M. Barrow, que escreveu em 1841 a obra mais completa sobre o seu modo de vida, e que muito os estudou para os melhorar, reconhecendo que o Evangelho é o melhor código de civilisação e de moral, conseguiu completar-lhes a traducção do Evangelho de S. Lucas, que mandou imprimir em Madrid em 1838, mas nada conseguiu com isto.

Aquelle livro foi considerado pelos ciganos como um talisman para a sua boa fortuna, e á sombra d'elle continuaram a vida do roubo.

Esta raça teria uma origem desconhecida se a lingua e physionomia d'aquelles que habitão, reunidos em tribus, no paiz dos Mahrastas nos não revelassem a origem indiana. Effectivamente, quando Tamerlan, célebre conquistador, ou antes devastador oriental, foi á India, as costas superiores soffreram muito, mas a maior parte dos moradores da inferior abandonando uma habitação de miséria, espalharam-se por diversos paizes. Uns forão para o Oriente, outros andaram errantes pela Persia, alguns passaram á Europa onde appareceram em 1417, na Moldavia e na Valachia; no anno seguinte, na Suissa; em 1422 na Italia; e em 1427 na França dando-se por naturaes do baixo Egypto.

Em quanto ao nome, porque são mais geralmente designados é o de — Lingaros — e é este o que na India se dá aos ultimos dos Parias. Os dinamarquezes e suecos, chamão-lhes tartaros; os inglezes, gypcies; os francezes, bohemiens; os arabes, arami, isto é, ladrões; os hungaros, pharadhnepek, ou povo de Pharaó; os hollandezes, heidenen, ou idolatras; os hespanhoes, gitanos, ou maliciosos, que nós invertemos para ciganos.

Sobem a 5:000:000 os espalhados pela Hespanha, Hungria, Africa, Oceania, India, Transylvania e em outras diferentes partes da Asia e da Europa.

F. P. d'Abreu Marques (Santarém.)

JUNHO — 13

Preservativo de cereaes. — Diz-se que para fazer perecer todos os insectos em quatro ou cinco dias, sem que fique um só no interior dos celeiros, ou talhas, bastão duas grammas de chloroformio por cada quintal métrico de trigo.

Vale a pena experimentar.

Um bispo lembrado. — Jacques Amiot era filho d'um sarrador, ou curtidor de pelles, de Melun. Fugindo, ainda muito novo, da casa paterna perdeu-se e casu doente no caminho. Um cavalleiro que o viu estendido na estrada apiedou-se de o ver n'aquelle estado, montou-o á garupa, e conduziu-o ao hospital d'Orleans. Como a sua doença provinha mais de cansasso que d'outra cousa, em breve se restabeleceu, e quando o despediram, attendendo aos seus nenhuns recursos, derão-lhe a esmola de 12 soldos.

O filho do curtidor, quando mais tarde veio a ser bispo de Auxerre, e grande esmoler de França, lembrou-se de que devia 12 soldos ao hospital de Orleans, e para pagamento de capital e juros enviou-lhe 1:200 escudos. Isto é 100 escudos por cada soldo.

CHARADA XIV

Sou dos nobres portuguezes
Um muito illustre appellido — 1
Tirou-me a vida tão cara
Um capitão aguerrido — 2
Tenho um honroso cortejo
N'esse espaço indefinido.

Emygdio Gomes dos Reis (S. Pedro da Cadeira.)

Imposição de nomes. — Diz S. João Chrysostomo, que muitos christãos do seu tempo quando se tratava de escolher o nome para as creanças recém-nascidas, costumavam accender um certo numero de vellas, ou candeias, a cada uma das quaes punhão um nome. O nome da vella, ou candeia, que mais tarde se apagasse, passava a ser o symbolo de uma longa vida, e era o preferido no baptismo da creança

Paciência á prova. — Um americano (na América ha gente para tudo) empregou tres annos de vida, e em cada um dos tres annos 8 horas por dia, para conhecer exacta-

laboriosissimas indagações.
A Biblia. diz elle, contém 31,173 versiculos, 773,692 palavras, e 3,566,480



mente o numero de versiculos, palavras, e letras, que se empregavão na Biblia. Eis aqui o resultado das suas

letras. O nome de Jchovah encontra-se na Biblia 6,855 vezes, e a particula — e — 46,227 vezes. O psalmo 117 é o capitulo que lhe fórma o centro.

Diabo a quatro. — Punhão-se antigamente em scena peccas de devoção, em que ordinariamente se fazião apparecer diabos entre as personagens que as representavão. Estas representações intitulavão-se umas — *pequena diabrura* — e outras — *grande diabrura*.

Na pequena diabrura, havia sempre menos de quatro dos taes embrechados; na grande, de muito maior apparato, os quatro erão sempre de rigor.

D'aqui vem o proverbio que usamos, e que é commum a outras nações, de : — *Fazer o diabo a quatro — Ir o diabo a quatro.*

Remedio contra a surdez. — Um jornal médico de Inglaterra, publicou ultimamente dois factos d'onde parece deprender-se que é optimo remedio contra a surdez o emprego da glicerina.

Um homem de 37 annos tinha já, desde 18 annos, perdido o ouvido direito em resultado d'uma grande inflamação, e

guida de uma melhora de quatro horas. Repetiram-se as locções duas e trez vezes por semana, e passados 40 dias podia dizer-se curado.



sentia um ruído incessante na orelha affectada. Applicaram-lhe a glicerina por meio d'um pincel humedecido n'este liquido, e a primeira locção foi se-

Outro facto.

Uma senhora de 55 annos era surda havia mais de 30 ; e tinha tal sensibilidade nos órgãos affectados, que lhe não podião tocar sem excitar vivas dores. Applicaram-lhe tambem a glicerina, e a melhora que pouco depois se manifestou foi de tal sorte, que a doente poude já ouvir o que lhe dizião. A cura progrediu com duas locções por semana ; mas logo que com ellas se parava, apparecia de novo a surdez.

Apresentamos o que lêmos e o que foi reproduzido nos jornaes de França. Ao médico, e só ao médico, é que compete applicar o remédio, tomando em conta as circumstancias especiaes do doente.

A CRIAÇÃO DA MULHER

O grão poder d'um gesto suave e brando.

CANÕES est.

Sendo Adão a dormir mui descansado,
(E talvez a sonhar já com amor)
Por traz d'elle subtil e disfarçado,
Chega pé-ante-pé o Creador :
Arranca-lhe a costella com cuidado,
Para fazer das artes o primor ;
Em novo molde a vasa, e com tal geito,
Que a transforma em mimoso amor-perfeito.

Humana a flôr nascida da costella,
E os cabellos lhe ondeia em caracões ;
Depois, para adornar-lhe a fronte bella,
De muitas mil estrellas faz dous sóes ;
Põe-lhe no andar a graça da gazella ;
Põe-lhe na bocca a voz dos rouxinões ;
Nas faces duas rosas inconstantes,
Nos dentes o marfim dos elephantes.

O Eterno, a quem nenhum prodigio espanta,
Ao vêr este de espanto fica cheio ;
E querendo augmentar belleza tanta,
Toma o mundo nas mãos e o parte ao meio :
Pendura-lhe as metades à garganta,
Com os dois hemispherios fórma um seio ;
E entre as naves dos polos vergonhosos
Brotão de rosa dous botões mimosos.

Deos então chama a Adão, já acordado,
E diz-lhe com semblante prazenteiro :
— Aqui tens este objecto delicado,
Do teu bom Creador mimo primeiro ;
Recolhe-o em lugar puro e sagrado,
Pois serás d'elle o guarda, o thesoureiro ;
Dá-lhe disvelos, dá-lhe idolatria,
Que em troca te dará doce alegria.

— Por tão caro penhor para mim feito,
Oh ! bem hajas, meu Deus — responde Adão —
Será posto no templo do meu peito,
E terá por sacratio o coração ;
Vou formar-lhe de pérolas um leito,
Quando a elle subir dar-lhe-hei a mão —
— Isto dizia Adão, inda ignorando.
O grão poder de um gesto suave e brando.

Pedro Diniz.

JUNHO — 18

O papa e o bom tempo. — Urbano VIII, que foi pontífice muito sabedor, illustrado, hellenista insigne, e poeta elegantissimo, tambem chegou a compôr *almanachs*, a que a astrologia judiciaria não era estranha.

Uma noite, conta o abbade Longuerue, chama um criado que tinha, Onufrio por nome, que com elle usava liberdades que não offendião o génio bondoso do amo, e pergunta-lhe : — Que tal está o tempo ?

— Excellente, respondeu Onufrio ; todo o céu é uma estrella.

— Bem o sabia, voltou-lhe o santo padre, já no *Almanach* o havia dito.

Chovia a cantaros. Alguma vez o papa havia de ser fallivel.

Provincia de Santa Catharina. — Confina ao N. e O. com a provincia do Paraná, ao S. com a de S. Pedro do Rio Grande, e a E. com o Oceano, comprehendendo 70 léguas de littoral.

Em 1651 veio da provincia de S. Paulo estabelecer-se aqui com a sua familia Francisco Dias Velho Monteiro; pouco tempo depois chegou Domingos de Brito Peixoto, e mais tarde em 1666 Antonio Affonso com 6 companheiros e tambem suas familias. Destes, o primeiro foi assassinado por um corsario holandez; e o segundo foi habitar em uma enseada denominada do Brito, em frente à barra do Sul. A sua povoação regular começou pelos colonos açoristas, que foram mandados por D. João 5.^o em os annos de 1748 a 1750. Foi seu primeiro governador o brigadeiro José da Silva Pães.

A capital desta provincia em 1777 foi occupada por uma expedição castelhana ao mando de D. Pedro Cevallos y Calderon, e evacuada ao fim de desesete mezes, em virtude do tratado de limites de 24 de Março de 1778. Depois da Independencia foi nomeado seu primeiro presidente o desembargador João Antonio Rodrigues de Carvalho, e commandante das armas o coronel Aureliano de Sousa Oliveira Coutinho.

O seu territorio é cortado de muitos rios mais ou menos navegaveis; n'elle se achão estabelecidas differentes colonias agricolas, sendo uma miltar com a denominação de Santa Theresa.

Esta provincia contém além da capital as cidades de N. Senhora da Graça, S. José, Laguna e Lages; as villas de Itajahy, S. Sebastião da Fóz do Tyucas e S. Miguel, e 27 freguesias sendo vinte e uma no continente e seis nas ilhas. Pertence ao bispado do Rio de Janeiro,

A sua população passa de 120:000 habitantes sendo a 6.^a parte escravos. A representação nacional é de um senador, dous deputados á assembléa geral e vinte á assembléa provincial. A renda publica da provincia, comprehendendo a da fazenda geral, é de 350:000\$000 réis, e o seu movimento commercial anda

por 3:000:000-8:000 réis, reunindo exportação e importação.

Possue um Lyceo de preparatorios com 40 cadeiras; e 56 aulas primarias para um e outro sexo. Os generos de sua exportação são: farinha de mandioca, feijão, favas, milho, arroz, amendoim, aguardente, melaço e madeiras de construcção. Produz herba matte de superior qualidade, cuja exportação é ainda diminuta: assim como encerra abundantes minas de carvão de pedra, que acabão de ser exploradas. Tambem se fabricão as mais delicadas flores artificiaes, que são tidas em grande apreço nas outras provincias e no estrangeiro.

As fortificações, ou defesa da capital da provincia e suas immedições, consistem nas fortalezas de Santa Cruz á barra do Norte, e de Nossa Senhora da Conceição á barra do Sul, além das da Ponte Grossa, Ratones, onde está o Lazareto, Sant'Anna, que serve de quartel á companhia de aprendizes marinheiros, S. João, onde existe hoje a casa da polvora, e Santa Barbara, que ha muito serve de hospital militar.

A ilha de Santa Catharina, chamada pelos indigenas Jurirémirim tem 40 legoas de comprimento desde a ponte do Rapaa ao norte até á dos Naufragados ao sul, onde acaba de ser collocado um bom pharol, e tres légoas em sua maior largura. Nesta amena e deliciosa Ilha, que ninguem dirá hoje, que serviu em tempos remotos de lugar de exilio, está situada a capital, cidade de Nossa Senhora do Desterro, com outo mil habitantes. Edificada sobre um plano inclinado apresenta a mais bella perspectiva, toda descoberta á execção do lado oriental, onde assoma o morro do Sinal, um dos mais bellos pontos de vista para as diversas povoações, que existem desde a sua base até á distancia de doze a quinze milhas em todas as direcções.

Uma espaçosa bahia, cujas aguas só se encrespão com o vento do quadrante S., lhe serve de espelho, ondes se mira vaidosa esta pérola do Athlantico. As suas ruas, algum tanto estreitas, são limpas e arejadas. Possue alguns edificios notaveis. A igreja matriz, que conta mais de seculo, é um elegante templo, de proporções mui regulares, cuja cantaria do frontespicio, arco do cruzeiro e portadas vierão da metrópole com os obreiros que as devião

a sentir. As suas imagens são tão perfeitas que prendem a attenção dos viajantes. Além desta ha a igreja da veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, e as capellas filiaes de Nossa Senhora do Rosario, Menino Deus, S. Sebastião, Corpo Santo, e Nossa Senhora do Parto, ainda em construcção. São igualmente dignos de menção: o palacio da presidencia, a casa da camara, cujo pavimento terreo serve de prisões, o imperial hospital de caridade, e um vasto quartel militar no campo deste nome. O seu commercio acha-se hoje mais animado: e a sua navegação de cabotagem vai em augmento. Para isto tem concorrido em parte a colonisação allemã; e a incessante demanda dos artigos da sua produção para as provincias do norte, e os estados visinhos do Rio da Prata.

Os catharinenses são em geral affaveis, hospitaleiros, amigos do trabalho, do estudo, religiosos e eminentemente pacificos. Dentre elles tem sahido bons soldados, e talvez os melhores marinheiros: a temperatura do patrio clima nas diversas estações os faz supportar com firmeza e serenidade, o gelo da campanha do sul, e os queimores da canicula nas regiões septentrionaes do imperio. Esta provincia é com preferencia procurada pelos estrangeiros. A sua preverbal salubridade, a amenidade e doçura do seu clima, a fertilidade do solo, e a indole pacifica e hospitaleira de seus habitantes tem-lhe grangeado a bem merecida denominação de — Paraíso do Brasil.

O Vigario *Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva*.

(Desterro, capital de Santa Catharina).

JUNHO — 20

Utilidade das andorinhas.— O calculo seguinte, diz o *Farmer's Magazine*, é uma prova dos serviços que prestão as andorinhas, e explica melhor do que as superstições, o favor com que são acolhidas em todos os paizes do globo.

Uma andorinha come não menos de 900 insectos por dia.

Ora, considerando que cada insecto produz dez gerações por anno, e pôde engendrar annualmente por si e seus des-

cendentes 560.970:489 milhões de insectos, vê-se a estimação que deve merecer a andorinha.

José Daniel Soporífero (Grijó).

JUNHO — 21

O dote da filha. — Julgou certo pai que se aos attractivos naturaes de sua filha, já em idade de casar, reunisse a cubicada prenda de um bom dote, não tardaria a apparecer-lhe um bom noivo. e por isso ia dizendo a toda a gente que sua filha tinha 140 mil reales de dote. Era hespanhola. Não faltaram effectivamente pretendentes. e entre estes o preferido foi um joven commerciante, a quem, no dia da boda, mas antes da celebração, chamou o pai e disse:

— Meu queridogenro, vou-lhe entregar o dote de minha filha.

— E para quê já, respondeu o noivo? Tempo temos de mais paara isso.

Insistiu o pai, não obstante, e apresentou ao joven um papel em que se lia o seguinte:

• Dote de minha filha •

Educação esmerada, consciencia recta, e sufficiente esper-teza, tudo isto valerá 80:000 reales. — Minha filha não é *coquette*, qualidade, que deve estimar-se em outros 80:000. — É virtuosa, amiga da ordem e da economia, capaz de dedicar-se inteiramente aos seus deveres, e á direcção da sua casa, 120:000 reales. — Não gosta de assistir a bailes nem a espectaculos, qualidade que póde bem avaliar-se em 40:000 reales. — É activa, laboriosa, e póde dispensar as modistas e as costureiras, o que bem vale outros 40:000. — E por ultimo lhe dou 40.000 em dinheiro, que valem mais do que valeria uma grande fortuna em uma mulher de defeitos opostos ás qualidades que felizmente adornão minha filha. — Total 400:000 reales.

Como póde julgar-se, ficou surprehendido, o ligeiramente desgostoso o noivo ao inteirar-se do que resava a cédula dotal. Mas depois de um memento de reflexão, decidiu-se a acceital'a, e os resultados do casamento hão sido não felizes,

que está -empre dizendo que seu sogro ainda avallou em muito pouco as prendas de sua filha, porque esta lhe tem dado a paz, a fortuna e a felicidade doméstica.

JUNHO — 22

Consolação de pobre. — Não se pôde chamar pobre, dizia o nosso erudito lexicographo D. Raphael Bluteau, aquelle que se contenta com o que tem.

A quem não dezeja nada o pouco parece muito. De poucas couzas necessita a pobreza, a cubiça precisa de todas.

conhecem que os não buscão a clem, a indigencia, sua condutora, os põe em salvo.
Se por calamidade publica sabem da patria, não têm saudades do que deixaram; têm por certo



Os pobres vivem quíctos e seguros; como não possuem bens da fortuna, também não temem as suas mudanças.
Não se perturbão com as extorções dos tyrannos.

que em qualquer outra parte acharão quanto possuíão.

Nunca se julgou Seneca mais feliz do que quando se viu depojado dos seus bens; achou que era bemaventurança o ficar livre do cuidado de os conservar.

Quando Deos tira ao homem o necessario, é signal de que o chama a si.

Duello homeopatha. — É assaz conhecida a rivalidade que desde muito tempo existe entre os médicos allopathas e homeopathas, rivalidade que tem dado lugar a que os dous partidos se aggridão constantemente, quer por escripto, quer por palavras. Um dia estava jantando n'um *hotel* o dr.^o e dizia, que querendo bater-se com elle um médico homeo-



patha achava muito desagradavel expôr-se á morte per haver dito na imprensa que as dózes d'aquelles meus senhores erão de todo impotentes.

«Oh ! Oh ! exclama o espirituoso Julio Janin, que se achava presente — a cousa é simples ; batei-vos á pistolla, carregadas com um centésimo de bala e uma millésimo de libra de polvora.

o estudante e o cacho de uvas.—Um estudante que tinha ouvido em uma igreja publicarem-se os banhos d'um casamento, teve occasião de poder entrar dentro do refeitório do collegio onde viu bellos cachos de uvas sobre o aparador. Não podendo resistir á tentação, tomou um dos cachos e, aproximando-o á bocca disse: «Eu publico os banhos do casamento entre este cacho d'uvas e a minha bocca; se alguém tem motivos pelos quaes não se possam unir, queira dizel'os agora, ou então calar-se para sempre.»

As uvas e a bocca unirão-se com effeito; porem, infelizmente para o rapazinho, o mestre, sem que elle o suspeitasse, viu tanto os pregões, como a celebração do tal casamento. No dia seguinte chamou o estudante diante dos seus companheiros, e tomando uma vara, preparou-se para castigal'o, dizendo: «Eu publico os banhos de casamento entre esta vara, e as costas d'este rapaz; se alguém tem motivos pelos quaes ellas não se possam unir, queira dizel'os agora, ou então calar-se para sempre.» O velhaco percebendo de que se tratava respondeu com muita presença d'espírito: — Impeço os banhos! — Que impedimento podeis pôr-lhes? perguntou o mestre. — Impeço-os porque as partes não estão concordes, — respondeu o estudante. «Oh!, disse o mestre, satisfeito com a espirituosa resposta, se não estão concordes, precisamos indeferir ao casamento.»

A. J. de Barros. (Brazil).

Longanimidade tributária. — Disserão ao conde de Nassange, avô do principe d'Orange, que os hollandezes começavam a murmurar e a mostrar-se descontentes dos grandes tributos que elle lhes lançava. Respondeu: deixem cacarejar as gallinhas que nos dão ovos. Já era caridade! Outros os receberião pondo mordaca na bocca dos contribuintes.

Excesse d'amôr conjugal. — Agostinho Duminil, retirou-se de Versailles para viver n'uma pequena quinta, que elle mesmo ajudava a cultivar, junto a Rambouillet. Em 1806 teve a desgraça de perder sua mulher, a quem amava ternamente, e depois d'isso todos os dias ia visitar a sepultura onde ella tinha sido depositada. A 20 de Maio de 1815, este homem despediu-se de seus parentes e amigos, dizendo-lhes que ia emprender uma longa viagem.

Julgavão estes que o fim do consternado espozô era retirar-se para longe d'aquelle lugar, para vêr se a distancia fazia esquecer uma perda de que em muitos annos não tinha podido consolar-se; porem Duminil, não intentava distrair-se, queria pôr termo à sua afflicção. Em a noite da supposta partida, foi em silencio ao cemiterio, abriu a sepultura, tirou os restos de sua amada espozô, encheu a cova de lenha, que tinha para isso prompta, pôz os ossos sobre a pira, ligou os pés com um arame a um ferro que tinha cravado na parede contigua á sepultura, e lançando fogo á lenha, estendeu-se sobre as chammas. Consumiu-se o corpo em breve tempo, e as cinzas misturarão-se com as da espozô.

Antes de consumir o sacrificio, escreveu na parede este epitaphio: «Aqui jaz um homem que foi feliz com sua espozô durante meio século! Elle mesmo confundiu as suas cinzas com as d'ella em 1815. Não me lastimes viajante, porque é uma reunião dezejada por mim ardentemente, a realisação d'um proposito que havia formado. Não me acuzes. Não me desprezes. Não me insultes.»

Em um nicho ao lado do epitaphio tinha posto o retrato de sua mulher com a seguinte inscripção: «Agostinho Duminil a Maria Rafinet, sua mulher: falleceu em 20 de Abril de 1806 na idade de 50 annos. Foi formozô durante 35, amavel e virtuosa toda a sua vida. Agora nenhum poder humano poderá separar nossas cinzas.» Debaixo do retrato, e

inscripção antecedente, havia as seguintes palavras : • Faço presente do retrato de minha mulher ao cabido d'esta villa. Escripto pela minha mão aos 20 dias do mez de Maio, ás duas horas da manhã, no momento de lançar-me ás chamas, para unir-me eternamente com minha mulher. • *Duminiil.*

Tal foi o excessivo affecto que este francez conservou a sua mulher, excessivo e por tanto culpavel, porém ao mesmo tempo heroico. O barbaro sacrificio das viúvas indianas é horrendo, sendo mais effeito d'uma superstição brutal e estúpida, que de real e verdadeiro amor ; porém Duminiil, feliz na companhia de sua mulher, desconsolado com a sua perda, fiel em seu affecto, constante em sua memoria, quiz, como elle mesmo declarou, unir-se eternamente com a que fôra na terra sua inseparavel companheira, e talvez Deos lhe tenha perdoado.

José Vaz Contreiras (Ilha do Principe.)

JUNHO — 27

FONTE ENCANTADA

Era um dia, pela sésta,
E tão vivo o sol queimava,
Que, sendo então primavera,
Nem uma ave se escutava.
As aguas puras da fonte,
Vinha com sede — busquei,
Vinha isento de cuidados,
Cuidados na fonte achei.
Agua encantada foi ella,
Que, em vez da sede matar,
Me accendeu fogo mais vivo,
Para nunca se acabar.

Mas fogo vindo do céu,
Era o fogo que eu sentia ;
Dava uma luz de cegar,
Queimava... mas não doía !
Que poder, oh fonte, disse,
Que feitiço te encantou ? !
—Rosto de casta donzella,
Quando n'agua se mirou —
E n'isto, acertão meus olhos
Com os olhos da donzella ;
Vim á fonte, sem cuidados,
Encontrei-os junto d'ella.

J. da C. Cascaes.

Um dito d'Affonso d'Albuquerque. — Affonso d'Albuquerque, estando na India, confiou a certo homem uns dentes d'elephante para que lh'os vendesse, mas é facto que nunca lhe deu conta d'elles. Como homem desprevenido, e pouco cauteloso em cousas de interesse proprio, passado tempo entregou-lhe uns fardos d'arroz para o mesmo fim, e o resultado foi quasi identico, senão o mesmo. «Se me lembrára, diz-lhe Affonso d'Albuquerque, que tinheis lá os meus dentes não fiara de vós o meu arroz.»

CHARADA XV

Conter lagrimas não póde
 Quem primeira examinar. — 1
 Pódes ir, esta segunda
 Atraz da prima buscar 1
 E depois verás, que o todo
 Póde um sentido encantar.

Francisco Pereira Soares da Motta.

Especies d'amizade. — É uma senhora que fala, e por isso insuspeita — Madame d'Arconville: «A amizade entre o homem e mulher é o laço mais agradável de todos os sentimentos; mas a dos homens entre si é mais segura, e menos sujeita a inconvenientes. Pelo que respeita á amizade de mulher para mulher é ella tão rara que póde considerar-se como nulla.»

Já assim o pensava Le Sage, no *Diabo Côxo*.¹

¹ A. de 1862, pag. 83.

Pânico em Lisboa. — Ardendo em Lisboa o flagello da peste em 1569, levantou-se para maior afflicção do povo, sem se saber d'onde, nem para quê, uma voz vaga, de que no dia 13, interlunio de julho, se subverteria a cidade e arrasaria o castello. O terror de que se possuiram os habitantes, que fugiram em tropel e desordenadamente para fóra dos muros, pôde calcular-se pelos seguintes periodos d'uma carta, que um religioso da Companhia de Jezus dirigiu ao seu provincial em data de 12 do mesmo julho.

Dizia elle :

• Entrou outro medo na gente, dizendo que ámanhã, que é quarta feira, treze d'este mez, se havia Lisboa de subverter; fez tanto medo esta nova, e dava tanta pressa toda a cidade a se despejar, que não sei encarecer o modo, que n'isto houve; porque as ruas, caes, e barcos, tudo era fato, e não havia mais na cidade que gritos, desmayos, e andar a gente douda sem siso. Occupou a gente, que d'esta cidade saiu, sete e oito leguas de redor de Lisboa; e porque não havia casas, se punhão pelos campos aos pés das oliveiras; e como não ha agua, e não são providos de comer bastante, dão-nos por novas que morrem lá com fome e sede com muitos outros damnos, que ha n'esta cidade. As ruas estão desertas; a rua nova dos ferros quasi toda fechada, e n'alguma loja que está aberta, anda-se já entrouxando; cavallos e mullas desapareceram; não sei encarecer a vossa reverencia o que passa. Dizem que em todo o mundo não aconteceu cousa tão horrenda como esta, e tudo isto nasceu do grande medo que lhe puzerão de se a cidade subverter. Se estranhais isto aos que vão fugindo, dizem que não sabem porque fogem, ou que fogem porque também vêem fugir; não ha razão, nem prudencia humana, que os faça aquietar; mas parece que isto é o juizo de Deus: que quiz metter nos corações dos homens um medo maior que o do dia do juizo. A mim me veio desejo de prégar pelas ruas por onde ando, porque me cercão as gentes, assim

nobres, como baixas, pedindo-me pelas chagas de Christo que os desengane, e queira alli morrer com elles, e não basta mostrar-lhes que tudo isto é imaginação. »

Era mal sobre mal; como senão bastasse a peste, que só na capital, menos povoada que hoje, fez succumbir nos trez mezes de Julho a Setembro 50 mil dos seus habitantes.

JULHO — 1

Um grito enthusiastico. — Certo beberrão da freguezia d'Alte, povoação do Algarve, assistindo, talvez por acaso, a um sermão que nos ultimos dias de maio de 1814 ali pregava um frade d'esta provincia, enthusiastado ao ouvir o latinorio não sei de que texto que o orador acabava de citar, exclamou com toda a força que lhe cabia nos pulmões: *Direitinho como uma linha!* Convencido o frade de que não são os templos logar para as cabeças que andem pelas Arabias, e que só uma d'estas poderia ignorar que o respeito que se lhes deve nos veda quaesquer signaes d'approvação, que não sejam as lagrimas do pezar, ou o fulgurar radioso dos olhos, ordenou dez vezes em nove segundos que se puzesse ao fresco quem assim havia berrado por sua conta e risco,

O sr. *Brito* (assim se chamava o amigo da cepa), que não era ahi nenhum *Quixote dos Quixotes alcoolisados* da actualidade, que por dá cá aquella palha despropositão e barafustão, limitou-se submisso, com uma paz d'espírito a toda a prova e com a pilhéria de que só é capaz um bebado, a proferir estas poucas palavras na occasião em que já e voluntariamente se dispunha a sahir: *Ora eis ahi a paga do mundo!* O modo porque as proferio e a reviravolta, de que por falta de equilibrio as acompanhou, despertaram o riso no auditorio; e o frade, desejando esquecer a scena para não rir tambem a bandeiras despregadas, não insistiu mais na expulção do sr. Brito, que por isso teve o prazer d'assistir ao resto do discurso, prazer de que o ia privando uma imprudencia sua, um grito *enthusiastico*.

C. S. (Alvôr).le

● **tamanduá.** — O quadrupede representado pela estampa é natural da América, e pertence á familia dos desdentados. Tem vista curta, mas em compensação um olphato apuradissimo; a lingua é muito comprida, e estreita, e serve-lhe para apanhar a formiga cupim, que é o seu alimento. As unhas das patas dianteiras são muito compridas, e servem-lhe de armas. A cauda é arqueada e muito gadelhuda, e d'ella, diz o distincto corographo o padre Manoel Ayres do Casal, se lhe derivou o nome. O corpo

é coberto de sedas como as do javali, negras e bastas, com uma lista russa de cada lado. As pernas são curtas. Segrega pela bocca e ventas



um liquido transparente e limpido como a agua, transpira em muita abundancia, e uma e outra cousa é para admirar n'um animal que bebe muito pouco.

O tamanduá corre pouco, e quasi que não procura escapar ao agressor. Quando tem que defender-se de um só inimigo sent'a-se como um urso, e espera o aggressor, acompanhando este movimento de um bramido de cholera horrivel. Se é atacado por mais de um, deita-se de costas e assim se defende. É susceptivel de domesticar-se, e affeição-se muito ás pessoas que o tratão. Domesticado, nutre-se de leite, carne, e farinha de mandioca. Encontrão-se ás vezes onças mortas juntamente com o tamanduá agarrados um ao outro.

A carne do tamanduá é insipida, mas dizem-n'a medicinal para certos achaques. Para cair morto basta dar-lhe uma pancada no focinho.

● **escravo.** — Quem lê as pomposas descripções da imprensa moderna, julga de certo que o mundo tem chegado ao maior gráu de civilisação que é possível atingir! A liberdade por toda a parte é hoje, segundo a imprensa, não um mytho, um problema, mas uma verdade real, que todos tem a felicidade de gosar, e por assim dizer, de viver com ella e por ella!

A imprensa diz: «A sociedade é hoje livre; é livre o trabalho; os homens todos são iguaes; a religião e as leis garantem o direito do homem.» Mas essas bellas illusões cáem por terra, com a simples realidade da — *Escravidão!*



Esse legado vergonhoso que o barbarismo dos séculos passados, legou ao século presentr, existe ainda!... A inquisição com todos

os seus horrores baqueou perante o facto fulgurante da civilisação que se aproximava! A escravidão, porém, amparando-se no egoismo da

raça privilegiada, e acobertando-se com o *scepticismo* do século, tem podido resistir aos combates da razão e da philosophia! Quando a civilisação ateou com o seu sopro, a fogueira que consumiu para sempre esses instrumentos da crueldade dos inquisidores, julgou ter cumprido a sua missão; mas esqueceu que ainda ficavão de pé, como uma affronta á sociedade, como uma satyra pungente feita ao orgulho do século XIX, os instrumentos da escravidão de uma parte do genero humano, provando exuberantemente

o despotismo exercido por uma raça forte e poderosa, sobre outra fraca e oprimida !...

A razão, a humanidade e a philosophia nos ensinão que só a palavra e o exemplo moralisão o homem ; mas apesar do que a razão ensina, os instrumentos de tortura ainda existem !

O vira-mundo, o tronco, a colleira, os machos, e os anginhos; o azorrague e o açoute, substituíram dignamente a polé, o cavalleto e o potro.

A religião diz : «trabalha, que Deus ajuda e recompensa o trabalho do homem :» e o escravo trabalha de noute e de dia ; rega os campos com o suor de seu rosso ; mas outro que não elle, colhe o fructo da terra que elle arro-teou !

A sociedade mostra-nos as suas gallas ; embala-nos com o canto harmonioso da liberdade ; mas lá geme o escravo, *oppresso e envilecido*, que nos mostra as feridas gotejantes : que nos implora piedade, fazendo-nos ouvir os seus gemidos, sem que a sociedade se importe com as suas feridas, ou com os seus lamentos !...

Não está elle condemnado e fóra da lei commum ? !.....

Quando será que a liberdade seja uma realidade e não uma utopia ; que as classes niveladas tornem os homens iguaes em seus direitos ? Até quando gemerá o escravo de-baixo do açoute anti-humanitario ?....

Só Deus o sabe !

• • • (Maranhão.)

JULHO — 4

Isocrates. — Um mancebo, grande falador, quiz ser discipulo do grande rhetórico Isocrates, e foi ter com elle para que o admittisse.

— Sim, respondeu-lhe o philosopho, mas haveis de me dar paga dobrada, porque tenho de vos ensinar — a calar e a falar.

Jurisconsulto Lobão. — Encontramos a paginas 381 do seu interessante Almanach do anno de 1863, um equivoco que em homenagem á verdade, nos cumpre rectificar.

Lobão não foi o berço do jurisconsulto Manoel d'Almeida e Souza, mas sim esta villa (Vousella) aonde nasceu em 1745. O appellido--Lobão — proveio-lhe de ter fixado a sua residencia na povoação d'este nome. Vejamos o que diz o sr. Eduardo de Faria, no seu Diccionario :

«Manoel d'Almeida e Souza, um dos mais eminentes jurisconsultos portuguezes do ultimo século, e mais conhecido pelo nome de Lobão, terra onde exercitou a advocacia, nasceu em Vouzella em 1743; formou-se em canones em 1766; foi estabelecer-se como advogado em Lobão, onde falleceu em 1817. A sua fama como jurisconsulto estava espalhada por todo o reino, e de toda a parte corria gente a consultal-o nas questões transcendentis. Escreveu uma infinidade d'obras sobre diversos ramos de direito civil, com que enriqueceu o foro portuguez, taes como as *Notas de uso pratico ás Instituições de Mello Freire*, muitas *Dissertações* sobre differentes objectos, *Tratados dos Morgados*, do *Direito Emphyteutico*, das *Acções Summarias*, das *Execuções*, etc. e outras muitas, que não é possivel ennumerar.»

Limitamo-nos hoje ao que fica dito, e em occasião opportuna daremos noticia de algumas celebridades d'esta villa.

S. B. e Castro (Vousella.)

Amer com amer se paga. — Yo quisiera mas la sortiga, que la mano — dizia um fidalgo, o marquez del Carpio, ao dar n'uma igreja de Madrid agoa benta a uma dama, que ostentava um formoso anel de brilhantes em mão pouco de appetecer — Y oy el cabresto, que el asno, respondeu-lhe ella, apontando-lhe para um collar que trazia o marquez.

Passaro Philantropico. — Encontra-se no sertão do Nano, no interior d'Africa Occidental, um pequeno passaro a que os naturaes do paiz chamão sequi, o qual só deixa d'aproximar-se aos viandantes, e saudal'os com seu harmonioso canto, quando a Providencia, que véla sobre todos os seres, lhe não depara com que possa ser util aos que transitão por aquellas paragens. Logo que elle descobre algum animal morto, ou colmea, estando a passar gente por aquellas immedições, sahe-lhe ao encontro, e retrocedendo repentinamente (caso raro !) acompanhado por alguns pretos gentios, com bastante alvoroço, como presenciamos, vai então pousar no local em que estiver o objecto, voando depois de prestar este serviço : se, porém, os transeuntes não fazem caso das suas repetidas instancias, adejando em torno d'elles, torna-se impertinente, estreitando mais o circulo dos seus vôos, e dando assim demonstrações bem energicas para que o sigão. Acontece, algumas vezes haver desastre no meio d'este contentamento ; porque tem-se achado o leão devorando uma preza, e com o apparecimento dos convidados, torna-se furioso, e os investe, pondo n'uma completa debandada toda a comitiva.

Conego *M. M. de Moraes* (Loanda).

CHARADA XVI

Das-lhe pão ? — não sei se o come ;

Sei que não propaga os seus. — 1

Das-lhe pão ? — d'elle te serve

P'ra calar os filhos teus. — 1

Se tens de padre inteira vestidura,

Has de tel-a, quer sejas ou não cura.

O *Conceito* é bem claro, sei que o é ;

Que outro porém não faço isso é de fé.

E. S. (Alvor).

Um bom jesuita. — O padre Jeronymo Ribeiro, da Companhia de Jesus, foi um dia em Coimbra confessar uma senhora rica, que por desconfiar da vida se queria preparar para a grande viagem. Perguntou-lhe o confessor se tinha feito testamento, e dizendo-lhe ella que sim, e que deixava todos os seus bens ao Collégio da Companhia, persuadiu-a a fazer outro testamento a favor de umas parentas pobres, que tinha, e que vivião com muita honestidade.

Perguntando-se depois ao padre porque fizera com que aquella senhora revogasse o testamento que havia feito, respondeu :

Porque entendi que se não podia salvar com o *testamento velho*, senão com o *testamento novo*.

Nem todos entenderião do mesmo modo.

ENIGMA

Um sujeito tinha em seu poder um certo $n.^\circ 9$. Dividiu-o por 20, e deu-lhe no quociente 9; multiplicou-o por 5 produziu-lhe 9; este producto multiplicou-o por 48, e resultou-lhe 9. O 9 primitivo multiplicado por 80, apresenta ainda um total de 9. Quer-se saber; que $n.^\circ 9$ é aquelle, que o supradito sujeito tinha em seu poder.

T. M. P. P. (Lagoa — Algarve.)

Para qué ha menos paciencia. — Dizia um antigo fidalgo nosso que as cousas para que um homem tinha menos paciencia erão: servir para não agradar; pedir para lhe não darem; dar para lh'o não agradecerem; esperar para não conseguir. Tinha razão.

Inhamasuros. — São curandeiros, assim denominados entre os cafres na costa oriental da Africa. Vivem dispersos pelo sertão, e só acodem ao povoado quando os convidão para tratarem dos enfermos, ou prognosticarem futuros, por haverem elles que curar é adivinhar, e por isso os que applicão rémedios devem fazer adivinhações. Se ha teimosa enfermidade, que não obedece ás primeiras mésinhas, o inhamasuro declara que o enfermo está possesso de algum espirito, e subito põe em obra as adivinhações, a que chamão — zembes. — Fazem-se ellas com seis busios eguaes, quebrados pela parte de cima, e recheados de certa gomma; deitão estes busios tres vezes, perguntando antes de os deitarem o que querem saber, e dedusindo as respostas pela feição com que cáem os busios, de costas para baixo ou para cima, do lado esquerdo ou direito: e d'isto mesmo inferem cujo é o espirito, sua qualidade, e como entrara n'aquelle corpo. Inteirados de tudo mandão vir outro inhamasuro, homem ou mulher (o mais usual é serem mulheres) a quem dão seis fios de missanga, sem o que não visita o enfêrmo. Começa de fazer suas adivinhações com os busios, esfregando todo o corpo do enfêrmo com um d'elles; logo o dono da casa lhe dá a sua — maconeira — que é um cesto de farinha de milho, e duas gallinhas; então os dois inhamasuros tocando em tambores (é instrumento que todos levão quando vão a cousas do seu officio) danção e cantão á roda do enfêrmo todo aquelle dia, e ao anoitecer deitão-lhe ao pescoço um collar de certas raizes, a que chamão — zango — que é remedio preservativo contra espiritos máos, e feitiçarias.

Ante manhã do dia seguinte principião novamente de tanger, dançar e cantar, e apenas é sol nado, tirão o enfêrmo fóra de caza, e em uma esteira o assentão á porta de pernas estendidas. Ninguem então se ouve com o alarido dos tambores, vosearias, e palmadas que atroão os ares; os inha-

masuros cingem o pescoço com outros collares, cobrem a cabeça com um gorro de alevantadas pennas, e ambos juntos, e desconcertados entoão novas cantigas, a que correspondem os circumstantes, requintando o estrondo das palmadas e dos tambores. N'este comenos os inhamasuros fingem-se inspirades, envergão os olhos, torcem os musculos, e quietando-se pouco a pouco, ficão meneando a cabeça; e travando de um canudo de osso começam com elle de assoprar o enfêrmo no rosto, e depois o apalpão, parando em uma ou outra parte do corpo, com momices e visagens, dando assim a entender que alli reside o máo espirito.

Fingem outras vezes que aquelle espirito transmigrara para o corpo de um d'elles, e entrão em nome do espirito a declarar o modo porque se introduzira no do enfêrmo, a razão porque, e que regalos quer para o aliviar da enfermidade. Repetem as adivinhações dos busios, para alcançarem que medicina lhe é mais proveitosa; e abrindo seus — mutundos — que vem a ser uma especie de cestos, em que trazem fechados varios cabaços com azeite, manipulado com diversas ervas e raizes, ungem com elle todo o corpo do enfêrmo, e tirando outro azeite de outro cabaço lh'o dão a provar, e o mesmo praticão os inhamasuros. Tirão logo o zango que tecm ao pescoço, fingem que tornão a si e se despedem, recebendo em paga meio panno, e quatro fios de missanga para quem tange o tambor.

Sebastião Xavier Botelho.
(Memoria Estatistica.)

JULHO — 11

Fecundidade dos peixes. — É pasmosa, e ahi vão alguns exemplos para a justificar. A mera põe 69:000 ovos; o lucio 160:000; o barbo de 600 a 700:000; a sôlha 6 milhões; o redovalho 9 milhões; o bacalhau 11 milhões; as mугens 13 milhões. Veção se é possivel extinguir a raça do bacalhau, apesar da grande colheita que se faz todos os annos d'este peixe.

Dôr materna. — Conta-se que a mulher de um nobre veneziano, havendo-lhe a morte arrebatado o unico filho que tinha, se entregava a todo o desespero da sua dôr, não ha-

— Lembrai-vos do sacrificio de Abrahão, a quem Deus ordenou que enterrasse a es-
pada no seio de seu filho, e que se dispunha a obedecer-lhe sem soltar uma queixa.



vendo palavras, que a podessem consolar. Viu-a um religioso, compadeceu-se do seu triste estado, e diz-lhe para a con-
formar quanto possível com a sua sorte :

— Ah; meu padre, respondeu-lhe ella com toda a emoção d'uma verdadeira dôr, *Deus é justo, e nunca a uma triste mãe haveria ordenado semelhante sacrificio.*

Acaso e sciencia. — Uma cousa assaz humilhante para os que cultivão as altas sciencias é o saber-se que os instrumentos que mais teem servido aos seus progressos, não teem sido inventados por homens, que professem essas sciencias. Nem a bussola se deve a um marinheiro, nem o telescopio a um astrónomo, nem o microscopio a um physico, nem a imprensa a um homem de letras, nem a polvora a um militar. A maior parte d'estas invenções são devidas ao acaso.

● **templo de Santo Antonio em Pádua.** — A igreja de Santo Antonio, em Pádua, é talvez o melhor templo entre

as vinte e seis igrejas, e quarenta e cinco conventos, que decorão a cidade italiana. Representa-o a nossa gravura. Foi começado por Nicoláu Pizano em 1258 e concluido em 1307. É vasto, enriquecido de estatuas magnificas, baixos relevos e quadros dos melhores pintores. Tem tres torres, cinco cupolas, e quatro



grandes orgãos, em que se emprega diariamente mais de quarenta pessoas.

O corpo do Santo é venerado em uma riquissima capella, ornada de muitas figuras de marmore branco em que se representão as principaes acções da sua vida. É agradável que o nosso thaumaturgo, e santo tão popular, tenha em terra es-

tranhado um templo d'esta ordem, mas muito mais agradável a nós seria ainda que elle repousasse dentro dos muros da sua Lisboa.

O nosso célebre orador Malhão consola-se d'esta perda dizendo : «A egreja compara-o ao sol—*Quasi sol effulgens*. Similhante ao astro do dia, não devia pôr-se aonde nascêra : pois tenha o nascimento n'uma região, e o occaso n'outra ; o berço em Portugal, e a sepultura na Italia.

«Enxuguemos as lagrimas, consolemo-nos, sejamos agradecidos á Providencia : o nascimento do homem é um acontecimento alegre ; a morte um acontecimento triste : a Providencia deu-nos a alegria de o vermos nascer e poupou-nos á dôr de o vermos acabar. Não nos esqueça tambem o que devemos á Egreja, que firma com a sua authoridade o nosso direito e desengana os paduanos, dizendo : «Dêem embora a Antonio o nome de Paduano mas saibão que não é seu. *Nomenque non suo dabunt.*»

JULHO — 15

Aguim. — Entre os lemites da vasta, amena, e fecunda Bairrada repousa central, e sobranceira ás duas estradas, férrea, e mac-dam, aquella minha natal, e mui querida aldeia, componente povoação da freguezia de Tamengos.

Sita em espaçoso sérro, dão-lhe realce e mérito os apraiveis panoramas, que continuando-se de suas faldas ás fronteiras elevações, deliciação qualquer, que assome nas suas extremidades.

Demarcção seu horizonte a leste e sul uma cordilheira cujos pontos culminantes são Caramulo e Bussaco ; e ao norte e oeste, um prolongamento de collinas, coroadas de esguios pinheiros. É d'este lado, principalmente, que a curiosidade do observador pôde melhor satisfazer-se.

Passando ao centro vê-se n'ella como em quasi todas as localidades *sui generis* a singellessa d'adornos internos, e exteriores das casas, ainda que n'isto mesmo é ella superior ás suas circumvisinhas. É saudavel, e bastante populosa, tendo expatriados actualmnte no Brasil 30 dos seus filhos.

Junto da torre e capella da sua mui reverenciada pa-

droeira, a Senhora do Ó, existe ainda um edificio com a denominação de *Casa dos Castilhos*. Era ali, ou na proxima quinta da Murteira, que vinhão passar as fèrias academicas o nosso eximio poeta, e seus irmãos; de cujos folguedos, agradaveis e uteis passatempos, se recordão ainda risonhas as sexagenarias existentes. D'aqui descendem seus maiores, o que dá á população, e a mim por consequinte, o devido prazer, e ufania.

Manoel Ferreira da Portella (Aguim.)

JULHO — 16

Phenómeno phisiológico e moral. — Um observador philosopho descobriu por meio de acurada observação, que todos os individuos mais entusiastas pelo anti-social divertimento das corridas de touros, ou da tauromachia, são tambem os mais afamados jogadores das loterias públicas.

Que semelhança, relação, ou ponto de contacto terão estes dous vicios ou paixões? Eis um interessante problema para o phisiologista e para o philosopho.

Pela nossa parte temos observado, e até mui de proximo, que o homem que não joga em loterias, ou em outros jogos de parar, tambem não gasta dinheiro em touradas, nem mesmo gratuitamente gosta de tal espectaculo.

Candido Joaquim Xavier Cordeiro (Coimbra).

EPIGRAMMA

Ao grande nariz de um F. Rapozo

Ouviu Rapozo um lettrado
Sobre certa pretensão,
E para esse fim pediu-lhe
Fizesse uma petição.

— Venha d'aqui a três horas,
Que estará prompta, lhe diz.
— Sabe, doutor, o meu nome?
— Pois não ! O senhor Nariz.

Digitized by Google R. e S.

Algumas excellencias da terra d'entre Douro e Minho.—Esta terra chamada—Entre Douro e Minho, muito conhecida por algumas cousas notaveis, tem mais de cem mil visinhos, por ser tão habitada que em poucas partes darão um brado que o não ouçam em povoado. Ha n'ella duas cidades episcopaes: Braga e Porto; tem desesseis villas cercadas, e dezoito sem cerca. Fóra aquellas duas igrejas cathedraes de Braga e Porto, tem cinco collegiadas, a de Guimarães, Barcellos, Cedofeita, Valença e Vianna; tem cento e trinta mosteiros de S. Francisco, S. Domingos, S. Bento, S. Bernardo, S. Agostinho e S. Eloy, de frades e de freiras; e perto de 1:460 igrejas de pias de baptisar, e abobadadas, fóra outras tantas ermidas.

N'esta comarca ha seis rios capitaes, que são Douro, Leça, Ave, Cavado, Lima e Minho, os quaes entrão no mar e suas fozes são capazes de navios e náus, fóra outros muitos pequenos. N'estes rios ha perto de dusetas pontes de pedra lavrada, fóra outras muitas de pau e pedra não lavrada.

Ha mais de vinte e cinco mil fontes perennes, não falando em muitas outras, que não durão todo o anno. Com a agua destes rios é esta terra grangeada e regada de dia e de noute por duzentos mil lavradores, e todo o anno está verde e tem muitas e diversas flores.

Ha nella mais de cem mil bois, e outras tantas cabeças de gado miúdo; e de taças de prata tanta copia que farão numero de settenta mil, deitando a cada lavrador sua taça, posto que muitos moradores das cidades e villas, e lavradores, têm 30, 40 e 50 taças, porque sendo a terra apertada, e não tendo em que empregar o seu dinheiro o mettem n'ellas, Das cousas necessarias para sustentação é muito abundante e muito barata; tem muitos edificios de paços e quintas antigas e honradas, donde vem a maior parte dos solares, e apellidos de fidalgos, e homens honrados de Portugal, e parte dos de Castella.

Estão nella sepultados muitos corpos santos, como em Braga S. Geraldo, S. Thiago interciso, S. Vitouro, Santa Susana sua

irmã, S. Martinho de Dume. A meia légua de Guimarães, S. Torcato. Em S. Francisco de Guimarães, S. Gualter. Em Basto, Sta. Senhorinha e S. Gervazio, seu irmão. E o corpo Santo de Leça a meia legua do Porto; e outros muitos corpos santos e reliquias. Isto é em substancia, deixando outros miudesas, que se conteeem n'um tratado feito por mestre Antonio, phisico de Guimarães, que viveu cerca dos annos do Senhor 1533.

Gaspar Estaço.

(Varias antiguidades de Portugal).

CANTIGA

Antes que o sol se levante
Vai Violante a ver o gado:
Mas não vê sol levantado
Quem vê primeiro a Violante.

VOLTAS

É tanta a graça que tem
C'uma touca mal emvolta,
Manga de camisa solta,
Faixa pregada ao desdem;

Que se o sol a vir diante,
Quando vai mugir o gado,
Ficará como enleado
Ante os olhos de Violante.

Descalça ás vezes se atreve
Ir em mangas de camisa;
Se entre as ervas neve pisa
Não se julga qual é neve.

Duvida o que está diante,
Quando a ve mugir o gado,
Se tudo é leite amassado,
Se tudo as mãos do Violante.

Se acaso o braço levanta,
Por que a beatilha encolhe,
De qualquer pastor que a olhe
Leva a alma na garganta.

E ainda que o sol se levante
A dar graça a luz ao prado
Já Violante lha tem dado,
Que o sol tomou de Violante.

Francisco Rodrigues Lobo.

Eglogas.

Digitized by Google

Corôa civica. — A que foi offerecida a S. M. o Senhor D. Pedro II Imperador do Brasil no dia da sua sagração e corôação, pela guarda nacional da capital, compõe-se de dous ramos de carvalho feitos de ouro, e prezos por uma fita em fôrma de laço no meio do qual tremula um florão. A fita é rendada com diversas flores formando-lhe debrum recortado á imitação da folha da salça. Este trabalho é transparente, feito de brilhantes cravados a filete, com grampas nos lugares competentes. As pontas da fita trabalham sobre dous cilindros de ouro, por onde passam duas molas que lhe imprimem movimento ao mais pequeno abalo que soffrão. Prende a fita a dous ramos que unidos formão a corôa, brotando de cada um d'elles quatro raminhos de quatro folhas. Do tronco rebentão seis hastes com tres folhinhas lavradas, de cada uma das quaes pendem trez fructas com seus cauzos de brilhantes abertos transparentemente.

Esta peça tem de ouro de lei 1/m e 28/8.^{as}, e contém de brilhantes de diferentes tamanhos 114 k.

A caixa que a encerra é de feitio outavado, forrada por dentro de velludo carmezim, com as armas do imperio gravadas no centro, e por fóra de marroquim verde, com lavrados de ouro, tendo no meio em letras douradas, a inscripção seguinte: — *A S. M. I. o Senhor D. Pedro II offerece a guarda nacional do municipio da côrte, 18 de Julho de 1841.*

A corôa, que existe collocada por ordem de S. M. entre as insignias imperiaes, foi feita pelo artista nacional Fortunato Rodrigues da Silveira, sendo a caixa obra de Mr. Duplanil.

Simeão Pinto Victorino (Portuguez — Brazil)

Maxima de um militar. — «Ouvir missa não gasta tempo, dar esmola não empobrece, fazer bem nunca se perde» dizia D. João da Silva, cavalheiro illustre, que militou na Africa nos bons tempos de D. Manoel.

Costume dos godos. — Os meninos, entre os godos, éão. desde a mais tenra idade, acostumados aos rigores do frio, á fadiga, e á fome; ensinados a exercitar-se com armas, a perseguir os animaes ferozes, a atravessar a nado as maiores correntes, e a combater nús com armas offensivas.

Aos quinze annos, pela sua experiencia e vigor, éão qualificados e admittidos na classe d'homens, e tomavão logar no exercito.

N'esta occasião davão-lhes uma espada, uma lança, e um escudo; e sendo desde este momento considerados como senhores de si, forçoso lhes era buscar alimento e deffender-se fazendo a guerra.

Para mais augmentar o denodo e bravura dos jovens soldados, dava-se-lhes um escudo perfeitamente branco; e era-lhes expressamente vedado o pintar n'elle couza alguma, em quanto não tivessem praticado acção digna de ser commemorada. Chamava-se-lhe o escudo da *esperança*.

Esta prohibição fazia-os obrar prodigios de valor; lançando-se com furia sobre seus inimigos, procurando, á porfia, a honra de prestar importantes serviços ao paiz, e obter para si a recompensa da bravura: a *permissão de pintar os seus escudos*.

Eram costumes d'um povo barbaro, mas ha n'elles alguma couza que aprender. Premiava-se a habilidade e recompensava-se o mérito, e isto nem sempre se faz nos governos modernos.

S. B. (Evora.)

Habitantes dos planetas. — Se o tamanho dos habitantes de um planeta estiver na razão da grandesa d'elle, um homem de Saturno será igual a pouco mais ou menos mil de nós; um homem da Lua terá cerca d'um pé! Que curiosos animais!

Romão José Pinto Cerqueira. (Brazil).

● **pobre cego.** — Mendigava um pobre cego em Pariz na Passagem dos Bernardos, que conduzia ás Tulherias. Na ideia de interessar em seu favor a caridade publica, tinha tido a lembrança de fazer como sabia, ou podia, alguns versos implorando-a, os quaes affixou em lettras garrafaes sobre a porta da sua pobre habitação, mas nem depois d'isto a sorte havia melhorado.

Um amigo a quem elle um dia se queixava da sua infausta sina, e do pouco effeito da sua veia poética, disse-lhe : — Porque não te diriges tu a Piron, que passa por aqui todos os dias, que é cego como tu, e muito melhor poeta ?

passa apresenta-lhe o requerimento em fórmula :
• De muito boa vontade, ca-



O pobre diabo aproveita o conselho, faz espereiar o auctor da *Metromania*, e quando elle

marada, lhe diz Piron : farei o melhor que poder, e podeis desde já contar com alguma cousa.

Com effeito, na volta do passeio, o poeta entregou ao cego os seguintes versos, que não tardaram a apparecer inscriptos na frente da loja,

Chrétien, au nom du Tout-Puissant,
Faites-moi l'aumone en passant !
L'avengle qui vous la demande
Ignore qui la lui fera.
Mais Dieu, qui voit tout, le saura ;
Je le prierai qu'il vous la rende.

Não tardou a espalhar-se a noticia, toda a gente quiz vêr os versos, e o seu mérito real junto á circumstancia que os produziu, fizeram do cégo da Passagem dos Bernardos um dos mais favorecidor de Pariz.

JULHO — 22

Ascensão aerostatica. — Os inglezes Glaisher e Coxwell, fizeram em Setembro de 1862 uma notavel ascensão aerostatica.

Eis alguns trechos da noticia dada pelo primeiro.

Pela 1 hora e 49 minutos tinhamos chegado á altura de cinco milhas acima do solo, e até esse momento respirei livremente, e não experimentei incommodo algum. Á 1 hora e 51 minutos marcava o barometro pouco mais de 44 polegadas; quiz lêr o thermometro, mas por mais diligencias que fizesse não pude ver a columna de mercurio; tentei observar para o barometro — marcava 20 polegadas, de maneira que já tinhamos subido cousa de 6 milhas. Reconheci que hia perdendo completamente as forças tentei levantar-me, baldados esforços; quiz dizer alguma cousa ao meu compa-



outros instrumentos, mas desisti, por que nem mesmo distinguia os ponteiros do relógio. Procurei lançar mão de uma garrafa de aguardente, que estava sobre a mesa, dous palmos distante de mim, mas não o consegui; tal era o desfalecimento que me tinha accommettido; olhei n'esse momento

nheiro, mas não pude soltar um som. Diligenceei novamente ler o barometro; a cabeça pendeu-me para um lado, e quando depois de um grande esforço a endireitei, cahiu logo para o outro, e finalmente para traz. O braço que tinha descansado sobre a mesa escorregou para o lado, logo depois perdi a vista e fiquei como adormecido. Ouvi o meu companheiro perguntar-me quanto marcava o thermometro, mas eu nem via, nem tinha movimento, nem podia falar! Passado algum tempo ouvi Mr. Coxwell dizer-me: «Vamos, observe agora»; e logo em seguida abri os olhos, vendo os instrumentos e o meu companheiro, cada vez mais distinctamente. É que desciamos com rapidez. Disse-me elle então que tambem estivera muito proximo da insensibilidade, chegando a perder o uso das mãos, que tinha quasi negras; o desfalecimento ia-se apoderando d'elle por tal modo que quando quiz abrir a valvula com as mãos, não o conseguiu; e só deitando os dentes á corda ponde, com um supremo esforço, dar sahida ao gaz, obrigando o balão a descer, e recuperando as forças que o tinham já abandonado.

Forão mais felizes do que Nadar em 1863.

JULHO — 23

Barometro ou hygrometro economico. — As sanguessugas tem a propriedade de accuzar regularmente as variações ou mudanças atmosfericas. Mantendo as sanguessugas n'um frasco de vidro conviniente, e tapando o bocal com tecido forte de linho, observa-se que em tempo bom e sereno, estão quietas debaixo d'agua, commumente no fundo do vaso, enroladas em espiral; quando, porém, ellas se amontoão junto da bocca do vidro, e fóra d'agua, póde-se esperar mudança para chuva, dentro em pouco. Na proximidade de alguma tempestade ou ventanias fortes, as sanguessugas mostram-se inquietas, e agitando-se na agua sem cessar. Finalmente, em tempo chuvoso, ou de neve, os animaes permanecem fóra d'agua. e na proximidade do bocal do vaso.

Candido Joaquim Xavier Cordeiro. (Coimbra.)

Origem das Caryatides. — É frequente verem-se nas fachadas, porticos, e outras partes dos edificios sumptuosos, estatuas de marmore, representando matronas com vestidos talares—stolatas—¹ sustentando sobre a cabeça cestos, açafates e outros objectos, ás quaes se dá o nome de caryatides. Forão os gregos os primeiros, que empregaram um semelhante ornato em architectura, eternizando com elle um facto da sua historia. Égo seguinte :

Quando Xerxes, rei dos persas, á testa de um formidavel exercito atacou a Grécia, Carya, cidade do Peloponeso, fez causa commum com os inimigos ; porém, vencidos estes, a cidade foi atacada, arrasada, mortos todos os seus habitantes do sexo masculino, e as pessoas mais graduadas do sexo femenino, trajando os seus fatos mais ricos, forão levadas em rriumpho, e depois sujeitas a todos os horrores e abjecções de uma perpetua escravidão. Como se isto não bastasse, ainda os architectos gregos deixaram gravada no marmore a prova e memoria da terrivel vingança, que a nação, tida pela mais civilisada do seu tempo, não se pejon em tirar de seus irmãos vencidos, e anniquilados, por haverem sido ou mais timoratos, ou menos prudentes.

Antonio Candido Palhóto (Benavente).

Declaração d'amor — Só um homem de pouca experiencia, dizia Ninon de Lenclos, é que póde fazer uma declaração d'amor, em fórma. Uma mulher persuade-se muito mais que é amada, pelo que adivinha, do que pelo que se lhe diz.

¹ Stola — Era uma túnica, ou vestido talar, de purpura, com mangas, e quasi sempre guarnecido na sua parte inferior de franja, galão, ou qualquer outro ornato de ouro.

Remedio contra a hydrophobia. — Ainda que a medicina julga só efficaz o cautério immediatamente applicado nas feridas feitas por animal affectado d'aquella terrivel molestia, convem todavia publicar toda e qualquer receita que, pela pratica e experiencia de muitos annos, se conheça ter produzido bom resultado. A que em seguida transcrevo, extrahida do *Archivo Popular*, tom. 3.^o pag. 344, e que os povos d'esta visinhança têm ensaiado, já nas pessoas, já nos animaes irracionaes, com exito feliz, dá direito a crêrmos na sua efficacia, por isso mesmo que nenhuma das differentes pessoas mordidas tem, até agora perecido. Eis a receita — ao alcance de todos — que envio para o *Almanach de Lembranças* como o mais proprio para a divulgar:

Receita. Um punhado de salva, outro de arruda, outro de trêvo dos prados, (junte-se dobrada porção se as hervas estiverem seccas). Pisae estas hervas, e juntae-lhe uma oitava de cascas de laranja amarga secca e ralada; cinco ou seis cravos da Índia reduzidos a pó, um punhado de sal, e um quartilho de vinho tincto,

Ponha-se tudo d'infusão por 18 ou 24 horas sobre cinzas quentes, e em panela de barro nova vidrada, e perfeitamente tapada. Depois d'aquelle tempo destapa-se, expremem-se bem as hervas para lhes extrahir todo o sumo, e dá-se a beber um copo deste liquido ao doente em jejum, fasendo-o depois passear por 4 horas sem tomar alimento; o residuo que fica, depois de extrahido o succo, applica-se sobre a ferida, e ahi se conserva por nove dias.

Se o doente lançar fóra o remedio (que se toma uma só vez) dá-se-lhe outra porção.

Naturalmente se comprehende que para os animaes, como bois. cavallos etc., é preciso dar-lhes doze proporcionalmente maior,

Longevidade.—Existe em Setubal uma pobre mulher que não sabe dizer a sua idade, mas que segundo o que ella diz conta uns 108 annos : isto não é rarissimo, pois apparecem exemplos destes, mas o que admira muito, é ter ainda uma soffrivel trança de cabello preto ; são poucos os cabellos brancos que lhe apparecem ! Ha tres annos que está entrevada ouvindo pouco, e não vendo quasi nada, mas em seu perfeito juizo. Já que falei desta recordação do seculo passado, contarei o seguinte :

Achava-me eu em Janeiro de 1859 gravemente enferma e um dia vejo ao pé de mim a boa velha, perguntando-me como estava — Muito mal. respondi eu, creio que ainda terá de me resar por alma — « Resarei, respondeu apressadamente a centenaria, resarei, pois por que não ? ! » Que consoladoras palavras para uma doente, e uma doente de 19 annos ! parece que tinha muito gosto em me faser aquelle serviço !.. Posso affirmar que não teve esse trabalho ; o que eu muito estimo.

D, Marianna Angelica d'Andrade. (Setubal)

Albumazar.—Os europeos chamão Albumazar a um sabio indio, cujo verdadeiro nome era Abou — Maaschar — Giar — ben — Mohammed — bem — Omar. Figurava elle em Bagdad no califado do Almamon, e era considerado como principe dos astrónomos do seu tempo. Contão-se d'elle muitos factos maravilhosos ; entre outros o seguinte :

« Querendo o califa Almamon experimentar a sciencia d'Albumazar, fez esconder em um quarto um de seus servos e mandou-o assentar sobre um almofariz de ouro collocado dentro de uma caixa cheia de sangue. Tendo então chegado Albumazar, lhe perguntou o califa onde estava o homem em que elle pensava. O astrólogo pegou nos seus iustrumentos. fez as suas observações astronómicas, e respondeu : Eu o vejo descansando sobre uma montanha, no meio de um mar de sangue. »

É Albumazar que, n'um de seus Tratados, sustenta que o mundo foi criado quando os sete planetas (systema antigo) se achavão reunidos no ponto principal do signo Aries, e que o mesmo mundo acabará logo que os referidos planetas se tornem a encontrar no ponto radical do signo Piscis!!!...

J, A. Junior. (Faro).

JULHO — 29

Corôas. — Em additamento ao artigo sobre corôas, que se lê a paginas 204 do *Almanach* de 1862, ainda se podem mencionar: A *Triumphal*, de que havia tres especies entre os romanos.

1.^a De folhas de louro sem bagas. Era usada pelo general durante o seu triumpho, e chamava-se *Laure-insignia*.

2.^a De ouro, imitando as folhas de loureiro. Era sustida por um empregado publico sobre a cabeça do general, durante o seu triumpho.

3.^a De ouro, e d'um valor immenso. Offerecia-se unicamente ao general que havia alcançado algum triumpho nas differentes provincias do Imperio. Chamava-se por isso — *Provincial*.

A *Raiada*. Coroa guarnecida em volta com raios agudos. Pertencia aos Deuses, ou aos indigetes. Usavam-na os Imperadores romanos, e outras pessoas, que se davam attributos da divindade.

A *Pactil*. Corôa, ou grinalda de flores entrelaçadas com as folhas com a propria haste. Usava-se como ornamento da cabeça.

A *Sutil*. Corôa, ou grinalda de flores sem haste, cosidas, ou presas com linha. Usavam-na, como ornamento da cabeça, os salios, sacerdotes de Marte.

A *Natalicia*. Coroa, ou capella de loureiro, hera, ou salsa, que os romanos costumavam dependurar á porta da casa em que nascia uma creança.

A *Longa*. Coroa, ou festão de flores, que, depois de dar volta á cabeça, deixava cahir sobre o peito uma cauda de flores. Usava-se como ornamento festivo.

Antonio Francisco Barata. (Coimbra).

GHARADA XVII

Bem vejo que a primeira não te agrada. 1
Que só a ti pertence bem parece. 1
Foi que a historia achei muito engraçada. 1
Não ha amor sem mim, sem mim falece. 1
Na memoria ficou mui bem gravada. 1
De tal lição o avaro bem carece. 1
Assim finda a maldade; e d'esta vez. 1
Indica o todo grande estupidez.

J. Barroso (Guimarães).

JULHO — 30

Fez-e-ça. — Recosta-se graciosamente em duas collinas, no meio de uma extensa e bella planura, esta povoação tristemente celebre pelas renhidas luctas partidarias de differentes épocas.

O que se sabe a respeito da sua origem é, que pelos principios do seculo décimo quarto existião nas proximidades da moderna povoação umas pequenas aldêas, que estavam sujeitas ao governador da Numão (Praça sobre o Douro antigamente, e que muitos querem que fosse a antiga Numantia dos Romanos). Os habitantes das ditas povoações, para se verem livres da dependencia de Numão, reuniram-se e edificaram um castello com tres portas, sollicitando ao mesmo tempo do rei a licença de formarem um julgado independente, o que conseguiram. Esse antigo castello foi construido de bella pedra lousinha, em que abundão estes sitios, só os portaes forão de cantaria. Hoje ainda existe d'elle um grande pedaço de muralha arruinada, e uma porta, que se fala em derrubar!

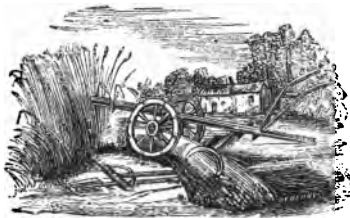
A população foi crescendo, e não cabendo já dentro do estreito recinto da praça, sahiu e principiou fora a edificação da villa actual. Toma ella o nome do sitio onde foi edifica-

da a quatro kilometros da foz do Côa, que desagôa no Douro; seus habitantes são laboriosos, muito hospitaleiros e obedientes ás authoridades, logo que ellas cumprem com os seus deveres. A povoação, que ainda ha 12 annos tinha um aspecto sombrio, está hoje melhorada consideravelmente porque entre outras obras, edificou-se uma bella casa para prisões e para as differentes repartições do concelho, e têm-se mandado calçar as ruas. Estes trabalhos ainda continuão. J. C. (Foz-côa).

JULHO — 31

Quem quer vai, quem não quer manda. — Disséra o dono d'um campo a seus creados, conta o nosso padre Manoel Bernardes, que tratassem de metter a fouce, se vissem estar os pães já sasonados; e ouvindo este recado uma das cotovias que tinham seus ninhos entre as searas, foi pelos ares avisar as outras que mudassem de sitio, porque

zendo : Deixemo-nos estar, que de mandar elle os creados e fazer-se a obra,



vinhão logo os segadores; porém outra mais velha as aquietou do susto, di-

vai ainda muito tempo. D'alli a alguns dias ouviram que o amo se agastava com os creados, porque não tinham feito o que lhes encommendára, e que mandava cellar a egoa para elle mesmo ir vêr o que convinha. — Agora sim, disse então aquella cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o vôo, e mudemos a casa, que vem quem lhe dóe a fazenda.

Bem diz o ditado — quem quer vai, quem não quer manda — e este apólogo contado por tão bom prosador, põe-o mais em relêvo.

Devedor ladino. — Um devedor de bom gosto sabendo que os crédores tinham obtido uma sentença contra elle, e que se seguia-fazer-lhe uma penhora nos moveis, mandou-os tirar de casa durante a noite, e depois retirou-se sem dar cavaco a ninguem, deixando as portas fechadas.

No outro dia apresentou-se a justiça, e vendo que ninguem dava noticias do devedor, mandou abrir as portas.



Queachou? Um bahú velho sem nada dentro, as paredes nuas, e n'uma d'ellas, na que ficava fronteira á porta de entrada, um papel pegado com obreias em que se lia :

Escapei ás vossas redes,
Crédores, beleguins, justiça ;
Farte um bahú a cubiça,
Levai tambem as paredes.

Dizem que S. Bernardo lhe tirou este rabo, e mostram um manto que ella lhe deu por isso. O manto eu o vi, se foi dado por isso, ou não, não o acho escripto, nem mesmo que ella tivesse rabo, mas affirmaram-me pessoas lidas n'estas historias, que o lêrão, que se chamava a rainha raluda: ao menos ella agora não tem signal d'isto, porque não faltou fazer sobre isto diligencias para saber a verdade d'isto. E d'esta maneira que tenho escripto jaz esperando ser chamada. Prazerá ao Senhor que seja para a gloria sua porque esta rainha fez n'este reino muito boas obras, e teve fama de muito santa e devota, e afeiçoada á religião christã.

Foi desacato, e imprudencia d'um rei, que ainda n'este tempo não contava 16 annos, mas nem por isso se julgue que passou sem lhe ser censurada, mesmo na presença.

« Senhor, disse-lhe fr. Francisco Machado, douctor pela Universidade de Pariz, e um dos monges mais authorisado do Convento d'Alcobaça, se estes reis e vossos antecessores vos não deixaram exemplo de conquistar os reinos alheios, ensinaram-vos como haviéis de conservar o proprio; e se vós tomasseis a doutrina de seus governos, não andaria o reino tão alterado; nem vós os viereis inquietar e affrontar á sepultura, onde repousão ha tantos annos. Deus vos dê muitos de vida, e vos conceda nome e sepultura tão honrada como qualquer d'estas, que não librareis mal. »

Parece que o cardeal D. Henrique, para serenar o animo do principe reprehendêra a fr. Francisco Machado, e assim devia sêr; mas accrescentão as *Memorias para a Historia de D. Sebastião*, d'onde tiramos isto, que depois em particular lhe louvou o que em publico lhe censurara. Assim devia ser tambem.

AGOSTO — 3

Resposta de um sábio. — Perguntou-se a Cicero o que ra Deus. Respondeu — Mais facilmente direi o que Deus não é, que o que é Deus. — Nunca houve mais verdadeira, nem mais profunda doutrina em bocca de pagão.

AGOSTO — 4

Pampelros. — Estes ventos frequentes na costa do sul do Brazil, e assim chamados pela sua direcção do paiz dos Pampas, tornão-se fortissimos de inverno, sobretudo em conjuncções e plenilunios ; a sua duração, porém, jámais excede a quarenta e oito horas.

Os signaes caracteristicos que precedem o tufão manifestão-se na repentina descida do barómetro, ao mesmo tempo que do lado do oeste cresce uma espessa nuvem, que pouco a pouco se estende pelo horisonte, deixando entre si uma longa linha avermelhada : bem depressa reina a calma, fuzilão os relampagos, o trovão retumba em toda a sua magnitude, o tempo torna-se cada vez mais ameaçador, breve principia a chuva e desde então, violentas rajadas de vento empolando o oceano até alli tranquillo e socegado, o transformão n'um medonho e espantoso cháos.

Maritimo (Brazil, Bahia).

AGOSTO — 5

Ovação. — Era o pequeno triumpho dos romanos. Chama-se *ovação* do latim *ovis*, ovelha.

O heroe a quem se conferira a ovação entrava a pé e ao som de flautas.

Vestia uma túnica branca, bordada de purpura, trazia na cabeça uma corôa de myrtho e na mão um ramo d'oliveira, para indicar que o combate, ou batalha, havia sido pouco sanguinolento. Seguião-n'o os soldados que trazião também ramos de myrtho e d'oliveira. O senado e o povo marchavão adiante. A *ovação* começava na Porta Capena, ou triumphal, e terminava no Capitolio, aonde imolavão ao heroe um grande numero de carneiros.

Aulo-Manlio foi o primeiro que recebeu as honras da *ovação* no anno de 279 de Roma. Dizem alguns que fôra Posthumio.

Antonio Francisco Barata (Coimbra.)

Algumas superstições na provincia do Espirito Santo. — Espingarda que mata urubú, não acerta ao depois em outra caça.

Quando se vir uma criança bonita, se se disser que é bonita e não accrescentar: — benza-a Deus, fica com o mal de olhado.

Uma grande dôr de cabeça desaparece com tirar-lhe o sol. É um benzimento feito em certas hervas, por tres dias antes do meio dia, livrando-se o doente durante este tempo de apanhar sol, e deitando-se no mar as hervas, depois do toque de Ave-Marias.

A mordedura de cobra venenosa, tem curandeiros proprios, os quaes, se pela distancia em que morão, ou outro qualquer motivo, não podem vir resar ao doente, basta mandar-lhes um chapéu, camisa, collete etc. no qual se faça a resa, por que tem a mesma virtude,

Se um gago estiver falando, custando-lhe muito a explicar-se, lance-se-lhe no chão, sem elle ver, um sapato, ou chinella, com a sola virada para cima e aponte-se-lhe com o dedo para ella, que em a vendo fallará desembaraçadamente.

Se se praticar o roubo, o assassinio, etc. sem se saber quem o praticou ha certa resa e sortes em uma chave do offendido, e desgraçado aquelle em quem a sorte cabir.

Uma criança que ainda não fala, não deve beijar outra que já o faz por que esta perde a fala até aquella a ter.

Não se deve deixar ver uma ferida, a pessoa estranha, sem que esta declare que tem bons olhos, do contrario agrava-se.

Varrer a casa de dentro para fora é deitar a fortuna fóra.

A pessoa que se deitar com os pés para a porta da rua, morre breve, porque já está na posição dos defuntos.

O espinho de ouriço (marisco) não sáe do pé ou mão onde entrou, se não com a maré cheia do outro dia.

A penna da aza do urubú branco lançada ao mar, ou rio, corre mesmo contra a maré, ou veia d'agua e vai parar onde estiver corpo afogado.

Caminhos de ferro e diligencias. — Alguns calculos baseados em documentos os mais authenticos estabelecem que, desde a origem dos caminhos de ferro em França: 1.º, não ha senão *um* viajante morto em cada *dous milhões* de viajantes transportados; 2.º, não ha senão *um* viajante ferido em cada *quinhentos mil* viajantes transportados; ao passo que pelas diligencias, segúndo os extractos feitos durante dez annos, ha um viajante morto em cada 336,000 transportados, e um viajaute ferido em cada 30,000.

Ha pois em França, viajando nos caminhos de ferro, pouco mais ou menos seis vezes menos probabilidades de ser ferido do que pela locomoção das diligencias e carruagens publicas; e note-se que a França é, debaixo d'este ponto de vista, um dos paizes menos favorecidos da fortuna. A Belgica, por exemplo, não tem senão *um* viajante morto em cada *nove milhões* de viajantes transportados em caminhos de ferro, o *um* ferido em cada *dous milhões*. Na Prussia, e no Ducado de Baden não ha senão *um* morto em cada *dezeseite milhões e meio*, pouco mais ou menos, de transportados, e senão *um* ferido em cada *duzentos mil*.

José A. J. da Costa (Mafra.)

ENIGMA.

De um defunto fui nascido,	Tenho quem me lave e cosa
E a defunto assemelhado,	Pelos bocados sómente.
Um só vestido possuo,	Assim mesmo em sociedades
Que foi de meus pais herdado.	Ando de noute e de dia;
Sem que eu me queixe me curão	Porque sabe quem me busca,
Ninguém me quer vêr doente,	Que dou gosto á companhia.

Anonymo Batalhense.

Conselho a escriptores. — Laplace¹ passeava um dia nas Tulherias, dando visiveis mostras de inquietação pela leitura d'um folheto que acabára de comprar.

Sentiu-se nomear pelo seu nome, por alguém que o seguia, olha, e vê Fontenelle, que tinha por elle uma viva sympathia.

— Que tendes, meu filho, para assim andardes desassocegado?

— Olhai, representa-se apenas pela sexta vez a minha tragedia — *Veneza salvada*, e eis já um libello afrontoso contra o author e contra a peça.

— É por isso? Porque vos lembrastes de escrever uma boa obra? Dai-me o braço, e alonguemos o passeio até á minha casa.

— Jaques, diz Fontenelle chegando, e entrando na ante-camara do seu quarto, trazei-me a chave d'este bahú.

Era um cofre antigo, e nada pequeno, que tomava quasi o lado mais estreito da ante-camara.

Correu o creado com um molho de chaves, e abriu o cofre, que Laplace viu com surpresa cheio, ou pouco menos, de brochuras de todos os formatos.

— Aqui tendes, diz-lhe Fontenelle, uma boa parte das criticas, das sátyras, e mesmo dos libellos de que as minhas obras, e eu mesmo, temos sido objecto desde os meus primeiros ensaios nas lettras até hoje; mas o que ainda mais vos ha-de surprehender é que todas ellas estejam fechadas, porque eu ainda não li nenhuma d'essas brochuras.

— Pois que? Como é isso possível?

— Nenhuma, até hoje, meu amigo. De duas uma, pensei eu de mim para mim, desde os meus primeiros ensaios

¹ Não se trata aqui do grande geometra Laplace (Pedro Simão) fallecido em 1827. Este de que falamos (Pedro Antonio) falleceu em 1793.

litterarios ; ou a critica é boa ou é má. Se é bôa, os meus amigos me darão conta d'ella, e eu depois procurarei corrigir-me. Se é má escuso de escaldar o sangue, nem de inquietar-me, porque o meu repouso me foi sempre muito caro.

Fazei o mesmo, meu caro filho, e vereis se vos não dais bem com este conselho.

O conselho é optimo, ganha muito com elle a tranquillidade do nosso espirito, mas é que nem todos podem ter a fleugma do bom Fontenelle.

AGOSTO — 10

Vesta. — Era, na mythologia greco-romana, a deusa do fogo, mas do fogo occulto no seio da terra ; Vesta era ao

mesmo tempo a deusa da castidade, porque tinha obido de Jupiter a concessão de permanecer virgem. Foi ella que ensinou aos homens o uso do fogo e os instruiu na arte de edificar habitações fixas ; d'este modo as



casas, e especialmente a entrada, onde se achava o lar da familia, lhe erão consagradas. Figurão-n'a na imagem de uma matrona, e com os attributos com que é representada em a nossa gravura. Numa Pompilio consagrou-lhe em Roma um templo onde introduziu o seu culto. A sua festa celebrava-se todos os annos a 9 de Junho.

Um casamento a galepe. — Li, ha pouco no *Correio dos Estados Unidos*, e sob este titulo, o seguinte caso, que affirma o dito jornal ter acontecido em Tejas, e que merece archivar-se no *Almanach de Lembranças* supposto nos pareça inverosimil.

Eil-o :

Dous jovens, que se amavão loucamente, resolveram casar-se mesmo contra a vontade de seus pais, e n'este intuito os auxiliou um sacerdote, que dezejava obsequial-os.



No dia e hora aprasada, montaram, por tanto, todos a cavallo, a fim de que o

casamento se celebrasse n'uma casa de campo d'um amigo, que morava a dez

milhas de distancia d'aquella localidade, mas logo que se retiraram, derão os pais pela fuga, e immediatamente montaram tambem a cavallo, e forão em seu seguimento.

Conheceram os fugitivos que erão perseguidos, e tratando de metter esporas aos cavallos, não corrião, voavão. Por desgraça dos noivos, os perseguidores, que tinham melhores cavallos, ião-se aproximando cada vez mais, e era provavel que as azas do amor não fossem tão velozes que podessem livral-os das iras paternas.

N'este tão melindroso aperto occorreu á noiva uma ideia. Mas que ideia !

— Meu padre, disse ella dirigindo-se ao sacerdote, podeis casar-nos ao mesmo tempo que vamos galopando ?

O ministro do altar não vê n'esta proposta cousa alguma que se opponha apparentemente nem á sua consciencia, nem aos seus deveres, e, por tanto trata de desempenhar as funcções do seu ministerio, acompanhando as orações com chicotadas e apostrophes que incitavão os brios do cavallo.

— Depressa ! depressa ! gritou o noivo sentindo já muito perto o futuro sógro.

Então o sacerdote inclinando-se sobre a sella, disse :

— John N... quereis (hup!) ter por mulher e legitima esposa (uma chicotada) a Betsy L... que está presente ?

— Sim, sim, grita o noivo cravando as esporas no cavallo.

— E vós, disse o sacerdote, a Betsy, (maldito animal, que por pouco me não prega em terra !) quereis por marido...

— Sim, sim, gritou Betsy sem esperar pelo acabamento da phrase.

Então John aproximou-se o mais que ponde de Betsy, e sem deixar de galopar conseguiu enfiar o annel nupcial no dedo da desposada, dizendo-lhes então o sacerdote que já erão casados.

Alcançara-os finalmente o pai da noiva, e segurando as rédeas do cavallo em que montava a filha no momento, em que o ministro do altar pronunciava as palavras sacramentaes e irrecusaveis, encolerisou-se a ponto de lançar mão d'uma pistola, que levava á cintura.

— Que vai fazer, querido papá ? Quer matar o pai dos vossos nétos ? Diz-lhe a filha collocando-se-lhe diante.

O pai ficou como espantado !

— Dos vossos nétos futuros ? repetiu ella com alegria.

A estas ultimas palavras caiu a pistola no chão, e tudo acabou com um abraço geral.

L. de Macedo (Souzel).

266

As Linhas de Guimarães. — Um provinciano d'estes que vivem a frequentar as casas nobres por uma certa persuasão tácita de que a fidalguia se péga pouco ou muito, a quem a trata perto, dava-se por aparentado com uma familia das mais distinctas do Porto, em cujas sallas e a cuja meza, sobretudo, não faltava nunca. Sabião-lhe os seus hospedeiros d'aquella mania aliás inoffensiva; rião-se entre si, e nunca trataram de o contrariar com o mais leve desmentimento.

O nosso fidalgo costumava presentear'os pelas festas do anno com caixas de linhas das que tão primorosamente se fabricão em Guimarães, d'onde era natural, e cujo subido valor é conhecido em toda a parte.

V. ex.^a não me dirá, perguntava um dia ao chefe de familia um seu primo, não me dirá por onde é que este homem se aparenta connosco?

— Nada mais facil. Este homem pertence á minha familia pela linha de Guimarães.

GHARADA XVIII

Não ouvia, nem dizia,
 Não tinha a quem perguntar. 1
 Servi m'então d'esse meio
 Para a questão aclarar. 1
 Quem faz tal é despeitado?
 Fel'o Deus 'ao pai Adão. 3
 Todo o que quer a terceira
 Tem de todas precisão.

José Corrêa Nogueira dos Santos
 (Sobreira de Farinha Podre).

Mahomet II e o pintor. — O sultão do Egypto, Mahomet II, que foi o primeiro Imperador ottomano (por ter em 1453 tomado Constantinopla em um assalto, que contra ella dirigiu) era muito inclinado á pintura, e por isso estabeleceu em seu palacio uma aula para que convocou varios professores, e entre elles o célebre pintor veneziano Gentil Bellin.

A este principalmente, mostrava-se o imperador tão affeiçãoado que costumava visital'o muitas vezes, para ter o gosto de lhe vêr o trabalho. Certo dia em que Bellin estava desenhando uma cabeça de S. João Baptista, chegou o imperador e reparando na pintura, notou, que o pescoço estava alguma cousa cumprido: Bellin não deu grande attenção, e continuou o trabalho: porém o imperador o suspendeu dizendo-lhe:

— Eu vos farei vêr, que entendo, e que estou certo do que digo.

Em seguida mandou que á sua presença conduzissem um escravo, a quem por mandado do imperador foi cortada a cabeça e tomando-a na mão se dirigiu ao pintor dizendo-lhe: « Vêde como o pescoço se faz curto, e encolhe quando a cabeça está separada do corpo. » Bellin mais morto do que vivo desculpou-se na melhor fórma possível; e sem tratar de copiar o modelo, procurou retirar-se quanto antes, de uma aula, onde tanto ao vivo se fazião as demonstrações. Foi este imperador que mandou edificar os dous castellos, hoje tão conhecidos pelo nome de Dardanellos.

Anonymo dos Anonymos Batalhenses.

A sciencia. — É uma arvore, dizem os orientaes, cuja raiz é o contentamento, e cujo fructo é o repouso.

Aristoteles definiu-a quasi do mesmo modo. Segundo elle — a Sciencia na prosperidade é ornato, na adversidade é asylo.

Convento da Serra do Pilar. — O convento da Serra da Pilar, em Villa Nova de Gaia, teve a seguinte origem :

Estando o convento de Grijó, 13 kilometros distante do Pono, muito deteriorado, o seu prior-mór, D. Bento de Abrantes, teve a feliz idéa de fundar outro, e obteve para isso a permissão de elrei D. João III. Escolhido o lugar e comprado o terreno á custa do mosteiro de Grijó, foi construido o novo convento no sitio então chamado monte de S. Nicoláu, ou da Meigoeira ; havendo-lhe lançado a primeira pedra o bispo D. Balthazar Limpo, a 28 de Março de 1538. Alguns dos monges derão a preferencia ao antigo convento, e separaram-se por um breve de Pio V no anno de 1566.

O templo de fórma circular, dedicado a Santo Agostinho, em que outr'ora os religiosos elevavão ao Creador as suas preces, foi edificado por D. Accursio de Santo Agostinho ; 60 annos depois da fundação do convento,

Ainda hoje se faz alli uma feira no dia 15 de Agosto, a que afflue muito povo das fréguezias visinhas.

Tem igualmente esta villa um outro convento, chamado do — *Corpus Christi* — de religiosas dominicas, mandado edificar no anno de 1345 por D. Maria Mendes Petite, viuva de Estevão Coelho, e mãe de D. Pedro Coelho, um dos matadores de D. Ignez de Castro ; aquelle a quem D. Pedro mandou arrancar o coração pelas costas.

Manoel Maria Lucio (Villa Nova de Gaia).

Quem dá, leva. — «Amigo, tão de madrugada carregaste !» Disse um a quem faltava um olho, encontrando logo pela manhã um corcovado. «Por certo que deve ser cêdo, respondeu-lhe este, visto que ainda não abriste senão uma janella.» *Ambo cantari pares...*

CANTO FRATERNAL

Deus povoára o immenso ! Deu força ao movimento,
 Baninde o informe cahos, diz : «Faz-te!» e fez-se a luz !
 Mandou-a esplendorosa, brilhar no firmamento,
 Espelho do infinito, que a terra não traduz.

Depois, pulsando a terra, qu'ha pouco despertára,
 «Levanta-te!» lhe brada, e a terra se moveu !
 O homem vem do nada, á voz que lhe bradara
 Ouvindo «és homem ! vive ! — o mundo é todo teu !

•No espaço tens o immenso ! na terra tens o leito !
 •Que feras e boninas, e lyrios, sabe dar,
 •Escuta o que te digo, e guarda este preceito
 •— És homem ! mas tal nome só tem, quem trabalhar !

•Trabalha o espaço, a terra, trabalha o firmamento,
 •Trabalha a planta, o germen, creando trabalhei !
 •Quedar compete ao nada, trabalha o céu e o vento !
 •Trabalha qu'eu do immenso teu braço ajudarei ?

Deus quer os que trabalham, esquece os preguiçosos,
 Obra degenerada d'aquellas sábias mãos !
 A patria dos felizes, não cabe aos ociosos,
 Que n'este mundo esquecem que todos são irmãos !

Oh ! visse eu n'um amplexo, a augusta humanidade !
 Nação, não ha, nem houve, a humanidade é Deus !
 Trabalhe quem respira, visando a eternidade
 Se é nobre aqui o artista, mais nobre inda é nos céus !

Irmãos p'ra a lei, p'ra a vida, p'ra a morte, p'ra o trabalho
Irmãos só no futuro?... irmãos sejamos já!
O mesmo sol a todos, a todos mesmo orvalho!
A humanidade é filha do mesmo Jehovah.

Oh! podéra o meu canto mesquinho
Em mil linguas no mundo echoar,
E a mil povos iria sósinho
O seu jugo d'inércia quebrar!

Vida nobre, no mundo a do artista
Que em fadigas amassa o seu pão!
Quando á tarde do sabbado á vista
Vai comel'o na patria mansão!

Quem mais nobre que o pobre operario
Que na terra bem cumpre esta lei?
É mais grande no colmo, que Dario
Mais augusto na vida, que o rei!

Antes quero o seu pão de fadiga
Qu'as riquezas d'ignaro senhor;
Vida horrenda! qu'a viva, qu'a siga!
Qu'elle é rico das lides no amor.

Não o cegam perystilos d'ouro,
Nem fachadas de prata á kady;
O ser pobre e viver sem desdouro
É a grande riqueza p'ra si!

Quem aos astros mandou que girassem,
Quem as plantas mandou vegetar,
Nunca disse que os homens quedassem,
Pois, ser nobre é na terra lidar!

Mão-de pico, d'espada e de sceptro,
De rabiça, de cruz, de bastão,
Mão d'adaga, de bac'lo, de plectro,
Tudo é d'homem ! d'artista ! e d'irmão !

Trabalhar ! oh ! podéra o meu brado
Com a voz do infinito fugir,
E o meu canto d'esta alma arrancado
Ir os paços dos grandes fremir !

Dona A. Candida (Vianna do Castello).

AGOSTO — 18

Motejo castigado. — Mal andão os que motejão as pessoas estimadas dos que elles querem adular, porque isso lhes custa muitas vezes o amor proprio.

Gonçalo da Fonseca era um homem fidalgo e moi bom cavalleiro, de pequena estatura, a quem o nosso D. João II dedicava particular estima. Um dia estando o rei em pratica com certos senhores da sua corte aconteceu falar-se n'elle, e o commendador mór D. Pedro da Silva, que lhe não era affeiçãoado, chamou-lhe por essa occasião Gonçalinho da Fonseca.

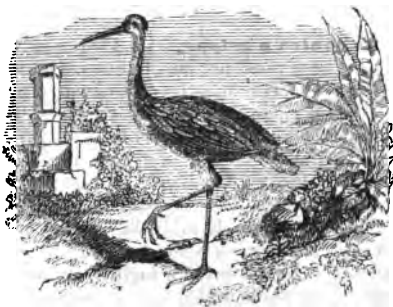
— Gonçalinho lhe chamais, alahou D. João II ? acudindo em defeza do amigo ausente. Talvez que se com elle vos tomardes Gonçalão vos pareça.



Se presente se achára não se defenderia tão galhardamente o offendido.

A cegonha.—É uma grande ave que tem muita semelhança com o grou, a garça real, e pertence á ordem das gralhas, ou aves pernaltas, entre as quaes se distingue pelos seguintes caracteres: bico longo, e conico, ponteagudo e ligeiramente recurvado na ponta; pescoço e pés muito altos; quatro dedos, dos quaes os tres exteriores reunidos por uma membrana. Com quanto as suas azas sejam proporcionalmente pequenas, são muito fortes no vôo, e por isso susceptíveis de transpor sem des-

ruído singular, que resulta do choque das mandíbulas. Quando dormem podem sustentar-se sobre um só pé.



canco grandes espaços. Não têm grito, mas quando se agitam por qualquer circumstancia fazem ouvir um

Na aproximação do inverno deixão os climas septentrionaes pelos paizes quentes, e é então que se vêem numerosos bandos de cegonhas passar á Africa, e particularmente ao Egypto, ao longo do Nilo, porque habitão de preferencia o littoral dos rios e a vizinhança dos pantanos. Sustentão-se principalmente de cobras, lagartos, e outros reptis, a que fazem uma guerra tão destruidora que limpão d'elles o terreno em que vivem. D'ahi vem o protecção, ou especie de culto religioso, de que a cegonha é objecto em todos os lugares em que fixa a sua morada. Os antigos egypcios chegaram a adoral'as. Estas aves de natural muito docil e que facilmente se familiarisão com o aspecto do homem, são também muito dedicadas pela sua prole. Quando a

cidade de Delft, na Hollanda, foi victima d'um incendio, viu-se uma cegonha, que se deixou queimar com os seus filhinhos implumes depois de haver empregado inuteis esforços para os salvar.

A cegonha é, como a andorinha, a mensageira fiel da primavera; os antigos tinham-na como emblema da felicidade e da concordia, e era sempre com festas que celebravão a sua volta.

Ha entre as cegonhas uma espécie selvagem, de plumagem mais escura, que foge dos sitios habitados e vive nos grandes bosques.

AGOSTO — 20

Remedio contra a gripe.—Em 1776 os médicos de Paris recommendaram como precaução util contra a gripe, de que muitas pessoas foram atacadas n'esse anno, o não se sahir nunca de casa em jejum. Um cura dos arredores, instruido da receita, entendeu recommendar o uso aos seus parochianos, e no domingo seguinte vendo-os reunidos na igreja aconselhou-lhes que nunca sahissem pela manhã de casa, nem se expozessem ao ar, sem que primeiro houvessem tomado alguma cousa.

No dia immediato o creado sahiu-lhe de casa pela manhã, não voltou mais, e o pobre cura achou-se roubado em 25 luizes. Derão-se providencias, foi prezo o fugitivo, e interrogado sobre o desaparecimento do dinheiro, disse que fôra elle que o levava, mas que o fizera para se livrar da gripe; isto é que obedeceu a seu amo, que na igreja havia recommendado que ninguem sahisse pela manhã de casa sem primeiro tomar alguma cousa.

AGOSTO — 21

● **Ar tributado.**—Milady Cartwright, mulher do vice-rei d'Irlanda, dizia um dia a Swift: «O ar d'este paiz é excellente.» Swift lançou-se-lhe de joelhos e disse-lhe; «Por piedade, milady, não digais isto em Inglaterra, por que são capazes de nos lançar um tributo.»

Carta dos habitantes de Vimeiro a lord Wellington.

— .III.^o e Ex.^o Sr. Depois que v. ex.^a fez ir d'escantilhão para França o *fanfarrão* Junot, tendo-o posto em *pápos d'aranha* nos campos do Vimeiro : depois que v. ex.^a fez sair com vento debaixo o *ladino* Soult, da cidade do Porto fazendo-o fazer *vispere*, e ir com as *calças na mão* para Castella: depois que v. ex.^a disse ao *xanaga* Massena, *alto lá sr. S. Macario* ; e jogando o *jogo dos sisudos* lhe mostrou as *linhas com que se cozia*, fazendo-o dar às *trancas*, e apanhar *pés de burro*, por ter dado com as *ventas n'um sedeiro* : depois que v. ex.^a fez ir de *catrambias* a Berrier, da cidade de Rodrigo, e ao *caxóla* Philippon *limpar a mão á parede* em Badajoz, como quem diz *passa que me não viu*, e tendo-o *tem-te* Maria não *raias* : depois que v. ex.^a, finalmente, nos campos d'Arrapiles *zás, trás, nó cêgo*, *dezázou o macambuzio* Marmont, e o obrigou a contar a sua derrota *pá, pá, Santa Justa, tim, tim, por tim tim* ; foi então ex.^o sr., que nós os *pés de boi, portuguezes velhos* dissemos — este não é general de *ká, ká, rá, ká, tem amoras*, não faz *cancaburradas*, não deixa fazer o *ninho atrás da orelha* ; e como prudente, umas vezes *accommette*, e outras *põe-se de conserva*. Agora podemos *dormir a somno solto* ; o nosso *mêdo está nas málvas* ; a vinda do inimigo será *día de S. Nunca á tarde*. Por tanto só resta agradecer a v. ex.^a a *visita* que nos fez, que desejamos não seja de *médico*, nem com o *pé no estribo*, devendo saber v. ex.^a, que estes desejos não são *embofas*, nem *parólas* que leve o vento, mas sim *ingénuos votos* de corações agradecidos e leaes, com os quaes têm a v. ex.^a erguido com tanta justiça um throno d'amor e respeito . .

Dizem que lord Wellington *víra* esta carta, e a applaudira muito ; e particularmente, pela difficuldade, senão impossibilidade, de ser traduzida em outra lingua.

Antonio Severo da Roza (Nazareth).

A Gutta-Percha.—A gutta-percha é uma resina extrahida d'uma formosa arvore denominada *Isonandra-Gutta*, originaria do archipelago indio e terras visinhas. Ainda não ha muitos annos que esta substancia, de que hoje se faz um grande consummo, era inteiramente desconhecida da Europa, e não obstante, havia já tempo immemorial que os malaioes a empregavam para differentes usos. Foi um cirurgião inglez, M. Montgomery, quem, reconhecendo por acaso a sua utilidade, enviou em 1743 uma amostra d'este producto á Sociedade Real de Londres, serviço que lhe valeu uma medalha d'ouro. O methodo primitivo empregado pelos malaioes para extrahir a resina da gutta-percha consistia em cortar as arvores, e em as collocar verticalmente, de modo que toda a matéria fluida escorresse e viesse depositar-se em folhas de bananeira. Este processo imperfeitissimo, e a grande extensão que desde logo tomou o commercio de gutta-percha, terião promptamente devastado a *Isonandra-Gutta* se a tempo se lhe não possesse còbro. Hoje a resina recolhe-se, como a do caoutchouc, fazendo uma incisão na casca, e recebendo em um vaso o liquido que filtra da arvore, o qual depois se faz evaporar ao sol, ou ao lume.

A gutta-percha tem muitas das qualidades do caoutchouc, e os seus usos são variados. Empregam-n'a em canos de aguas, e vasos destinados a receber liquidos alcalinos ou acidos, que corroem o metal e a madeira, em instrumentos de cirurgia, pentes, e outros muitos artigos.

CHARADA XIX

Eu a vejo em todo o tempo. 2
 Porém nunca inanimada. 2
 Na linguagem dos amantes
 Tem expressão delicada.

D. Maria Emygdia (Rio Formoso, Brazil.)

Prejuizos na minha terra. — É o lugar do Campo, (d'onde sou natural), uma pobre e miseravel aldeia do concelho das Caldas da Rainha. Alli, como em outras muitas terras, são taes e tantos os prejuizos, que se achão enraizados na cabeça d'aquella pobre gente, que nem a páu se lhe podem tirar de lá. Ahi vai um. Quando alguém tem cesões, é costume da terra abrirem uma noz, tirar-lhe o gomo, e meter em seu lugar a maior aranha (*anjo bento!*) que se encontre; depois cozem a *noz-aranha* n'um bocadinho de panno, e o doente põe-n'a ao pescoço!! Quando eu alli estava, todos os annos tinha as taes sugeitas, que me punhão um *pepino chôco!* e por isso muitas vezes me fizeram andar de *guizo!!!...*

Depois d'isto, temos *bruxas, lubishomens, e quebrantos*, provenientes do máu *olhado*, e o remédio para esta ultima *molessia*, é *benzer* aquelle que se acha affectado do *mal!* Estes prejuizos, são bebidos com o leite na infancia, paixão de pais a filhos, e por isso todos crêem que ha *bruxas* e até máu *olhado!* Mal procede, quem podendo desabuzar aquella gente, e destruir-lhe semelhantes ideias, o não faz.

C. Nery.

Philosophe endiabrado. — Abbaucas, philosopho conhecido na antiguidade, de que nos fala Luciano, levou a amizade a ponto de n'um incendio preferir salvar das chammas um amigo, a salvar sua propria mulher e filhos, dos quaes um morreu com effeito queimado. Interrogado por que precedera assim, deu esta estranha resposta: «Preferi salvar das chammas o meu amigo, porque é muito mais difficil tornar a encontrar um verdadeiro amigo do que encontrar uma segunda mulher, e ter mais filhos.»

Parece que quem assim pensa não a devêra encontrar, nem os devia ter.

Biographia. — Gabriel Pereira de Castro. — Nasceu este erudito varão em Braga, a 7 de Fevereiro de 1571.

Forão seus pais, o famoso juriconsulto Francisco de Caldas Pereira, e D. Anna da Rocha de Araujo.

Pela sua elevada erudição se tornou merecedor, Gabriel Pereira, das nomeações que que lhe forão conferidas de cavalleiro da ordem de Christo, doutor em ambos os direitos, lente da Universidade de Coimbra, desembargador da Relação do Porto e da Casa da Supplicação de Lisboa, corregedor do crime da côrte, procurador geral das ordens militares, chanceller-mór do reino, etc.

Escreveu varias obras, não só em portuguez como tambem em outras linguas, das quaes uma das mais notaveis é, sem dúvida, o célebre poema heroico denominado — *Ulysséa ou Lisboa edificada*.

Este poema é dividido em dez cantos em outava rythma, precedido de differentes poesias escriptas por diversos em honra do author, e de um *Discurso poético*, por Manoel de Galhegos. N'este discurso apologetico, analysa Manoel de Galhegos minuciosamente o poema, e citando varios trechos, fazendo algumas reflexões e tecendo grandes elogios, conclue dizendo que « será necessario outro poema para dizer o menos do que n'este admira o entendimento. »

Sendo desembargador da Relação do Porto desposou-se com D. Joanna de Sousa, de cujo consorcio houverão quatro filhos, sendo o primogénito Fernão Pereira de Castro, que pelejando valorosamente na praça de Tanger contra os mouros, fez tão relevantes serviços, que D. Philippe III, então rei de Portugal, lh'os mandou agradecer, animando-o com tão nobre estímulo para emprezas maiores.

Falleceu em Lisboa, a 18 de Outubro de 1632. Jaz em S. Vicente de Fóra.

A voz mais agradável a Deus. — No seu *Itinerario de Pariz a Jerusalém* conta-nos Chateaubriand que: quando os turcos se julgão ameaçados d'alguma calamidade publica ou particular, levão, para junto das columnas do célebre templo de Jupiter Olympo em Athenas, um cordeiro; e voltando-lhe a cabeça para o céu o fazem berrar. É, dizem elles, porque se não acha entre os homens uma voz tão humilde e que mais agrade ao Ser Supremo; e por isso a procurão entre os animaes da raça mais innocente.

S. B. (Evora.)

Remedio contra a dor de pedra. — Ha tempos disserão os jornaes que se havia descoberto na ilha da Madeira um remedio infallivel contra a dor de pedra, o qual consistia em uma infusão dos filamentos seccos (vulgo barbas) das massarocas de milho. Deixava-se esfriar e tomavão-se dous copos de 3 ao quartilho do liquido, um de manhã, outro á noute.

Agora diz-se que já em Londres se fizeram experiencias, que produziram os melhores resultados. Fala-se sobre tudo de uma mulher que soffrendo de dor de pedra havia mais de vinte annos, deveu a sua completa cura á nova descoberta.

Experimentem os queixosos, que não é cousa que lhes possa fazer mal.

PROBLEMA

Sabe-se pela historia, que a somma das idades dos três primeiros reis da memoravel dynastia Affonsina, é igual a 170 annos. Contando por lustros a idade de D. Affonso 1.^o fica um anno, a de D. Sancho 1.^o restão dous annos, e a do D. Affonso 2.^o ficam egualmente dous. Dividindo por 7 a idade do primeiro, restão 6; por nove a do segundo, restão 3, e por 11 a do terceiro, ficão 4 de resto. Qual foi a idade de cada um?

M. A. C.

Necessidade da revelação. — Debalde se cança o homem em pertender conhecer a Deus pelas luzes e forças da razão : ella tem raias muito estreitas e ambito mui limitado para poder attingir o infinito. Ha entre milhões de provas d'esta verdade, uma que me parece vir muito a proposito, e é

antes de Christo), sollicitado por Hieron, rei de Syracusas, a dar uma definição de Deus, pediu um dia para a meditar : passado este



a seguinte : Simoniades, famoso poeta e philosopho da antiga Grécia, que era então o núcleo das sciencias humanas (5.º e 6.º séculos

dia, pediu 2.º e depois 3.º e depois muitos mais para no fim dar esta resposta : *« Quanto mais medito, mais me foge a esperança de poder definir a divindade. »* Comparemos os conhecimentos religiosos d'este célebre philosopho, que de certo não achou nos que o precederam doutrina que podesse illucidar-o, com os de qualquer menino, por mais rustico que seja, educado no christianismo, e concluamos que só a revelação póde dar idéas exactas de Deus e de seus attributos.

Escolas da infancia. — Quando se examina o ninho de qualquer avesinha, diz Bernardin de S. Pierre, encontra-se-lhe tudo quanto pode ser agradável aos seus filhos. Os alimentos de

que elles mais gostão; a situação, que mais abriga os implumes do vento e da chuva; a cama de penas, musgo, ou palhinhas secas, que mais os resguarda do frio. Examinem debaixo do mesmo aspectto, as escolas dos filhos dos homens, continua o escriptor humani-



tarios, o que vemos e o que ouvimos? varas, palmatorias, ameaças gritos e lagrimas.

São estas as primeiras lições dadas a infancia.

É que de todas as especies de seres sensiveis, conclue, a especie humana, é a unica em que os filhos são educados á custa de pancadas e n'isto, bem como em maldade, a especie europeia, excede a todas as nações do mundo.

Que espelhos para pais e mestres!

A freira-alferes. — No tempo de Filippe III uma freira hespanhola, Catharina Erauso, fugiu do convento, vestiu-se de homem, serviu como grumete nos navios que viajavam para a América, desertou, e depois de muitas aventuras alistou-se no exercito de terra onde se distinguio na guerra contra os indios, e onde chegou ao posto d'alferes. Retirou-se

do serviço em consequencia de ferimento que recebeu n'um duello, e foi n'essa occasião que se descobriu o seu sexo. Voltando á Europa recebeu uma pensão que lhe mandou dar Philippe III. Consta tudo isto d'umas Memorias escriptas por ella mesma, acompanhadas de peças justificativas, e publicadas pela primeira vez em 1829, sob o titulo — *Historia de la monja alferex*.

SETEMBRO — I

Mais uma superstição. — Entre as freguezias de Santo Amaro e Asmós, do concelho de Foscôa, e para a parte do poente, existe uma fontainha, a cujas aguas os povos d'estas cercanias, e com especialidade o de Foscôa, attribuem uma virtude milagrosa para os meninos recém-nascidos. Quando estes vem ao mundo rachiticos, defeituosos, doentes, ou mesmo quando lhes sobrevém alguma molestia desconhecida e pertinaz, que os vai definhando, as proprias mãis são as que se encarregão de lhe procurar a milagrosa cura. Em dia consagrado pela igreja a algum dos Apostolos, e só a estes — e precisamente ao nascer o sol — a creança, depois de ser despojada dos vestidos que a cóbrem, soffre um segundo baptismo nas aguas d'aquella fonte ! !... depois do quê lhe vestem outros ; sendo aquelles alli mesmo abandonados para o primeiro que passa. O mal não terminaria se lh'os tornassem a vestir !

Facilmente se concebe que uma parte d'estes desgraçados — ficão curados por uma vez !.... porém, os que escapão, em virtude, talvez, da reacção produzida pelo banho, são bastantes para confirmarem o milagre.

Ignoro o que deu cauza a esta superstição, nem mesmo algum o saberá dizer. Torna-se, porém tanto mais estúpida esta crença, quanto é certo que a dita fonte existe n'um êrmo, sem que nas suas visinhanças haja alguma ermida que podesse dar-lhe origem.

NA ULTIMA FOLHA DE UM ALBUM

Sentença

Vistos os autos presentes
Em que Author seu dono é,
E Réus os vates *chorosos*
Que juram ser desditosos
Com dólo, fraude e má fé...

Attendendo ao *depoimento*
Que se encontra a folhas dez,
E que é de um douto perfeito,
Leal, fiel, insuspeito
Que em tudo á lei satisfaz:...

Ouvidos outros peritos,
Que inspirados são dos ceus;
E em trechos aprimorados
Erguem bem alto seus brados
Abem do Author, contra os Réus.

Consid'rando que a verdade
Abi transluz sem favor,
Por ser patente e notoria
A devida e justa gloria
De que está de posse o Author:.

Attendendo á vistoria
A que ex-officio assistí,
Undè essa gloria attendida
Foi sem embargos havida
E por bons titulos que eu lí: .

Visto o artigo vinte e sete
Da lei do senso-commum,
Que manda ser parco e brève
Quem (*sicut nos*) escreve
Versos sem sabor algum:...

Eu, portanto, e o mais dos autos,
E a lei a que se attendeu,
Absolvo o Author do pedido
Na forma e como req'reu:
Condemno os Réus por falsarios;
Desção todos dos *Calvanios*,
Não mais corra o pranto seu,
Sejam postos em soltura,
Vivão na paz, na ventura,
Quanto ás custas.. pago-as eu.

J. Candido Furtado. (Loanda).

A Bahia de Lourenço Marques. — Jaz em 25°58' de latitude sul, e 41°35' de longitude a leste do meridiano de Lisboa. Situado já fóra do tropico na costa oriental d'Africa, o terreno que cerca o presidio portuguez de Lourenço Marques produz muitos dos fructos da Europa, com tão bom gosto como os de Portugal. Os seus melões e melancias são excellentes. Conviria experimentar a cultura da vinha, que talvez dêsse identicos resultados aos que se admirão no Cabo da Boa Esperança. Em toda a costa de Moçambique para o sul, ha uva, mas não se fabrica vinho.

São fertilissimos aquelles campos em que se recolhem optimos cereaes e hortaliças, por onde pastão innumeros bois e carneiros, d'onde são o ambar e o cobre; alli se encontra uma planta especial denominada *incachule* pelos cafres, da qual engenhão linhas de pesca, e de que se faz *linha branca* na cordoaria nacional de Lisboa.

Os objectos que se importão pela alfandega de Lourenço Marques reduzem-se, quasi exclusivamente, a algodões, polvora, armas, missanga e enchadas.

A bahia de Lourenço Marques é extensa e segura, ainda que a sua barra seja arriscada. Quem a demandar dará resguardo a uma ponta aguda que jaz ao sudueste, chamada *Focinho de Toninha*, a qual deita fóra, a distancia de légua, uma restinga de pédra; chegando-se antes com cuidado para a ponta da *ilha de Unhaca*, a buscar canal de sete ou oito braças de fundo, entre os parcéis da ilha e da terra firme. Todo o fundo da bahia é areia miuda e branca. As embarcações da costa do norte costumão ir alli na monção de Outubro, quando reinão os ventos leste, lesnordeste e nordeste.

Tem ultimamente sido visitada esta bahia por navios da praça de Lisboa, e outros vasos de commercio europeus e americanos. As suas aguas são sulcadas por innumeras baieiras, e desde séculos, como já dissémos, se vão alli pescar aquelles grandes e productivos cetáceos.

A população d'este districto, no dia 1 de Janeiro de 1858, constava de 73 europeus, incluindo 7 mulheres, solteiras; 1 americano, e 12 asiaticos, christãos; 39 baneanes, e outros gentios, e mouros, incluindo uma mulher casada: 11 libertos do estado. e mais 368 indigenas, dos quaes 28 militares, e 276 mulheres; e 384 escravos de ambos os sexos. Total 888 individuos de todas as idades e religiões.

Em 1856 concluiu-se uma linha de defeza, com 16 peças, que fecha toda a povoação; é preciso pois guarnecel-a de boa tropa, mesclando porém soldados naturaes da India com alguns europeus já aclimados em Moçambique. Os portuguezes dão-se alli mal, talvez pelo péssimo local da fortaleza, que está dominada por um outeiro, sobre o qual de-vêra campear por ser melhor posição defensiva e mais lavada de bons ares. Collocado como está o presidio em nma lingueta de areia, banhada pelo rio do Espirito Santo, pôde soffrer de um momento para o outro o ataque de cafres desleaes, que o cercão por todos os lados, e que mais de nma vez têm mostrado aos nossos a sua decisão e ferocidade.

Não ha uma igreja catholica n'esta povoação de christãos! A sua antiga capella desmoronou-se. Consta-nos porém, que se trata de remediar esta falta; assim como já se providenciou o estabelecimento de uma escola no presidio, sem o que nenhuma differença fará de uma aldeia de cafres.

Francisco Maria Bordalo.

SETEMBRO — 4

Distancia d'algumas estrellas. — Dizem que algumas nebulosas estão a tal distancia de nós, que a sua luz gasta dous milhões de annos para nos visitar. Dous milhões de annos tem 63:115:200:000:000 segundos. Na rasão de 74500 léguas por segundos, conforme as ultimas experiencias, distarão da terra 4:702,082:400,000:000,000 léguas. Um homem comparado com esta distancia é bem menos que um animal infusorio.

Romão José Pinto Cerqueira. (Brazil).

Portugal avallado lá fóra.—Em 15 de Outubro de 1863 escrevia de Pariz, Mr. Luiz Sauvages, dignissimo correspondente da *Gazeta de Portugal*, a esta folha o seguinte:

«Ahi vai uma noticia que não é má.

Um decreto transcripto no *Boletim das Leis* determina o valor das moedas estrangeiras em moeda franceza para a percepção dos direitos do sello das letras nos ultimos seis mezes deste anno. N'esse decreto li eu o seguinte:

Portugal... a libra esterlina 25 fr. 20 c.

Agora queixem-se de que um viajante que não passou de uma agua-furtada de Batignolles, ou que não foi além de Sceaux, ou d'Argenteuil, escreva nos jornaes francezes que *Portugal é uma colonia ingleza, e que nem moeda propria já possui*. Por mais que eu proteste como quem viu, desatam a rir, e mostrão-me o boletim que é official.»

Isto é hoje nos papeis officiaes, que será amanhã nas *Impressões de viagem*? Por força havemos de ser inglezes.

Acção real e palavra de rei. — Carlos XII, rei da Suécia, estando uma occasião embriagado faltou ao respeito que devia á rainha, sua mãe. Impressionou-a isto tanto, que se retirou para os seus aposentos, onde permaneceu encerrada todo o resto do dia e da noute. Na manhã seguinte, como ella não apparecesse, e se dissesse ao rei a causa de semelhante ausencia, mandou vir um copo de vinho, e foi com elle em busca da princeza. «Senhora, diz-lhe elle, acabo de saber, que hontem toldado de vinho me esqueci de que era vosso filho, e venho pedir-vos perdão. Bebo ainda um copo, mas é á vossa saude, e será o ultimo da minha vida.»

Nunca houve mais galharda palavra de rei. Carlos XII nunca mais bebeu vinho.

SETEMBRO — 7

Sciencia d'estadista. — Mr. de Talleirand, dizia um dia Napoleão, diz-se que sois muito rico ?

— É verdade, senhor.

— Mas extremamente rico !

— Não o nego, senhor.

— Então como enriqueceste ?

— Por um modo muito simples. Comprei no 17 *brumaire* todos os fundos publicos que se achavão na praça, e revendi-os no dia 20.

Sabe-se que foi nos dias 18 e 19 d'este mez, que se operou a revolução que collocou o poder nas mãos de Napoleão I, e por isso nunca a adulação e a lisonja inventaram nada mais espirituoso nem mais fino do que esta resposta.

SETEMBRO — 8

CHARADA XX

A primeira e a segunda
São que formão a primeira. 1
As que formão a segunda
São a segunda e primeira. 4
Lá que Deus não tem principio
Não o duvida ninguem,
Mas que sou principio d'elle
Eu vos affirmo tambem 1

X

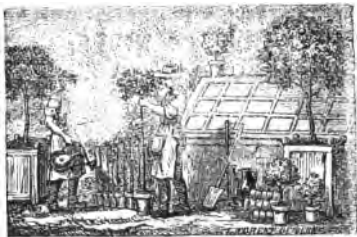
Sou prelado, authoridade,
Veneravel, respeitado.
Agora ficou bem claro
Deves já ter decifrado.

Joaquim Antonio G. da Silva Junior (Pitangui, Brasil).

Conselho oriental. — Nunca peças conselho a um homem que tem a pelle da testa tão lisa como um espelho. Este homem pôde ter a faculdade de reflectir, mas não tem o hábito de a pôr em uso.

Bem viver para bem morrer. — O jardineiro d'uma das casas de campo do papa (*villa Patrizzi*) sabendo que sua santidade se dispunha a dar alli um pequeno passeio, preparou um açafate de bellissimos fructos, e apresentou-o ao santo padre na sua chegada. O papa, que sabia perfeitamente que o espirito que presidiu a estes obsequios foi o

do interesse, tirou da algibeira um macinho de indulgencias in articulo mortis, e deu-o ao jardineiro, dizendo-lhe: «As vossas at-
tenções merecem uma re-
compensa, e eu dou-vos uma bem preciosa. Com isto ficais em estado de bem morrer.»



do interesse, tirou da algibeira um macinho de indulgencias in articulo mortis, e deu-o ao jardineiro, dizendo-lhe: «As vossas at-
tenções merecem uma re-
compensa, e eu dou-vos uma bem preciosa. Com isto ficais em estado de bem morrer.»

O jardineiro acceitou o que se lhe offerencia, examinou-o um instante, depois acenando a cabeça disse: «vossa santidade sabe que para bem morrer é necessario bem viver. Dignai-vos, pois, de tornar a receber a metade das vossas indulgencias, e convertel'as em especies correntes. Viverei com estas e morrerei com a outra metade.

O papa, que não estava preparado para tal esperteza, conveiu, e como tambem não podia deixar de convir que para bem morrer era necessario bem viver, deferiu generosamente ao requerimento do seu jardineiro.

Ociosidade. — Na phrase do nosso distincto vocabulista D. Raphael Bluteau, é o teár onde se téem todas as ruindades, a sementeira de todos os vicios, o resvaladouro de todos os bons, e o precipicio de todos os máus. É quem povôa as terras de tantos pobres e mendigos, os paços de

some o vigor do animo, a traça que rõe a robusteza do corpo, o leihargo mortal dos viveses, a insensível ruina dos reinos. Na escola do ocio, continúa elle, quem tra-



de tantos inhabeis, os montes de tantos ladrões, os theatros de tantos chocarreiros, os prosibulos de tantas mulheres. É o fomento de todas as desordens, a ferrugem que con-

balha menos sabe mais. Em quanto Salomão se occupou na fábrica do Templo foi principe e santo; nos braços das moabitas o ocio o fez idólatra.

Para oppôr á ociosidade não ha outro remedio senão o trabalho, alegria dos que o exercem, riqueza, saude e vigor dos que o não desdenhão. Com razão, pois, exhortando ao tra-

balho, exclama o sr. Antonio Feliciano de Castilho no hymno da *Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes* em S. Miguel:

Mar e terra, ar e céu, tudo lida ;
Deus a todos pôz luz e deu mãos ;
Lei suprema o trabalho é na vida,
Trabalhar, trabalhar, meus irmãos !

SETEMBRO — 11

HORAS TRISTES

A minha mãe

Se occulta quero minha dôr ter n'alma,
Se os labios vertem da ironia o fel,
Não peçam cantos a quem tem só queixas,
Magoados prantos d'um soffrer cruel.

Pulsando a lyra, gemebunda e triste,
Eu triste sempre lh'escutei a voz ;
Não peçam cantos a quem tem só queixas
Sentidas queixas de um soffrer atroz.

Exulta mundo ! mas não peças cantos
A quem sorrisos já para ti não tem ;
Deixa que eu soffra, que em silencio goze
D'este martyrio, que é gozar tambem.

Que vale o pranto que dos olhos brota,
Se os labios mentem com fingido rir ?
Não peçam cantos a quem tem só queixas,
Que nunca d'alma deverão sair !

D. Henriqueta Elisa (Lodeiro).

O enterro d'um imperador d'Austria. — Depositão-se os cadáveres dos principes de casa d'Austria n'uma abobada subterranea no convento dos capuchos de Vienna. — Para os corpos alli entrarem observa-se uma cerimonia desde seculos remotos, que não é tão ridicula em si mesma, como estranho que ainda hoje esteja em pratica. Depois de feitas as exequias na egreja, quando chega'o momento de ser o cadaver conduzido á sua ultima morada, fecha-se a porta da sachristia por onde é forçoso passar para o carneiro. Então o archi-chancellor do imperio chega-se á porta, e bate. — «Quem é que bate ahí? Pergunta de dentro o superior. — O imperador F... — E que quer o imperador? — Um asylo para repousar o corpo. — Promette-me ficar em paz? — Ficará na paz do senhor. — Pois então que entre.» Abre-se então a porta, e o cortejo dirige-se para o carneiro, onde depositão o corpo.

José Vaz Contreiras. (Ilha do Principe).

Condormientes. — Foi no anno da 1233 que em Allemanha se descobrio esta seita, cujos membros dormião todos juntos sem distincção de idade, nem de sexo.

Parece que fôra seu fundador um *quidam* natural de Toledo. Perto de Colonia tinham estes herejes um edificio, onde adoravão uma estatua de Lucifer, que *respondia* a tudo o que lhe perguntavão.

Arrasado o templo e feito o idolo pedaços, fugio o astuto chefe para a Inglaterra, porém, morreu afogado antes de tocar as praias do asylo que buscava.

No século xvi deu-se o mesmo nome a uma seita de adamicas. que a pretexto de *caridade evangelica* fazião dormir no mesmo aposento pessoas de ambos os sexos,

José Victorino Pinto de Carvalho (Santa Cruz).

Medicina instintiva. — O homem para curar o homem tem inventado mil systemas, escrevendo, discorrendo, experimentando e fazendo uso da sua intelligencia, sem que até hoje tenha podido encontrar a verdadeira medicina. O médico é um sábio ; mas um sábio de quem zombão as leis, que regem o organismo.

Outro tanto se não pôde dizer dos animaes a que chamamos irracionais ; porque sem mestres, sem experiencia sem intelligencia, e sem nada do que distingue o homem, conhecem os remedios proprios para as suas enfermidades, e curão-se admiravelmente. Vejamos alguns exemplos.

O gato cura as suas enfermidades com a erva néveda.

O veado extrahe as settas com o dictamo.

O leão na sua febre usa (como dieta) da carne do bugio.

O elephante comendo o camaleão procura logo, como antídoto, as bagas do zimbro.

O urso livra-se das indigestões, comendo formigas.

A raposa cura as suas queixas com resina de pinheiro.

O kágado comendo, a vibora, cura-se com o ourégão.

O cão para as suas enfermidades procura o trigo, ou a grama verde.

A perdiz e o grou curão-se com as folhas do louro.

A cegonha tem o seu remedio na semente do ourégão.

A poupa tem a sua medicina na avenca.

A gralha cura-se com a verbena.

O tordo com as folhas da murta.

A codorniz usa da grama.

O cysne cura-se com a semente da ortiga.

O sapo procura sempre a serralha.

A dóninha cura-se com o verbasco.

O corvo com o dictamo.

O javali com as folhas e bagas de hera.

A Ordem da Coroa da Saxonia.—Foi instituida no anno de 1808, pelo 1.º rei da Saxonia, Frederico Augusto. A grã cruz d'esta Ordem é só conferida aos principes, e grandes dignatarios. A placa é de prata, tendo no centro a legenda—*Providentia Memor*. O habito é em forma da cruz da ordem de Malta; com esmalte verde, ornatos de ouro, no centro uma corôa, e sob ella as letras F. A. que querem dizer Frederico Augusto. A fita é toda verde. Pelo casamento da Senhora Infanta D. Maria Anna com o Principe de Saxonia, vieram para Portugal algumas grã-cruzes, e muitos habitos, d'esta ordem.



CHARADA XXI

Por metade de nada, não sou damno. 1
 Por metade de buxa não sou caça. 1
 Por metade de terço não sou barba. 1
 Por metade de pote não sou taça. 1

Sem deixar de orgulhar-me, dizer posso :
 Das irmãs as mais lindas, sou a flor ;
 Minhas filhas têm graças, têm candura,
 E meus filhos têm brios, têm valor.

Sentada no meu throno de rainha,
 D'aqui eu miro o céu de côres mil
 De lá vejo sorrir-me a branca lua,
 Tão linda de fulgor e tão gentil.

Antonio Marques Corrêa (Recife).

Os casamentos na freguezia de Campêllo. — N'esta freguezia, ao norte do concelho de Figueiró dos Vinhos, são os casamentos festejados com bastante singularidade.

No dia ajustado vão os convidados, que de ordinario são parentes, amigos e visinhos do noivo, com este buscar a noiva a sua casa, e dirigem-se á igreja. Celebrado que seja ahi o sacramento, é de rigorosa etiqueta que na sachristia todos comão pão e queijo, e bebão uma pinga de vinho na companhia do parcho, que não póde deixar de associar-se a este *lunch* sem offensa dos noivos.

Na volta para casa todos os convidados têm como obrigação mandarem saír-lhes ao encontro um seu familiar com uma borracha de vinho. Pelo seu trabalho, e n'esse acto, recebe o familiar da noiva um pão de trigo, metade ou um quarto, conforme a sua generosidade e circumstancias. A este cumprimento chamão elles *amostra*, e em quanto alguns estão saboreando um copo de vinho da amostra estão outros entretidos a carregar as suas pistolas, e a dar tiros de polvora secca, parodiando as salvas d'alegria.

Chegados a casa é-lhes servido um abundante jantar, durante o qual os noivos comem em um só prato, trocando por fim a *chavena* de café por um baile á moda da terra, que dura até alta noute. Passados oito dias é a noiva visitada pelas suas amigas, e visinhas, levando-lhe cada uma aquillo de que melhor póde dispôr, como por exemplo gárfos, facas, louças de meza, ou de cosinha, etc.

J. P. C. Cordeiro (Pedrogão Grande).

A felicidade. — A felicidade, diz Arsenio Houssaye, espera-nos algures, e póde ser nossa, mas com a condição de que não iremos buscá-la. É o castello em Hespanha, ou como nós dizemos, o castello no ar, que se desfaz logo, que, procurando-o, lhe põmos o pé no limiar da porta.

Preço das esponjas. — Os seguintes dados commerciaes sobre a pesca e trafico das esponjas são curiosissimos. Esta pesca principia em junho e acaba em Outubro; sendo todavia os mezes de Julho e Agosto os mais favoraveis para se obterem della bons e abundantes productos. É feita esta pesca no litoral da Syria e nas ilhas do archipelago. De Tripoli, de Kalkí, de Estampalia, Simi, Kalminos e outros portos, saem cada anno para ella mais de 600 barcas. Cada barca vae tripulada por 4 a 6 homens.

Os principaes centros do commercio das esponjas são Smirna, Tripoli e a ilha de Rhodes para as procedentes da pesca turca, ou Syriaca; e Syra para as da pesca grega. As melhores esponjas do archipelago colhem-se em Estampalia e vendem-se cada anno a preço de 200 reales a oca, ou a 3\$600 réis, pouco mais ou menos, cada arratel. Tambem as da Syria são muito boas, ainda que pequenas.

Ha differentes outros preços de esponjas; as boas de Tripoli chegam a vender-se a 600 reales a oca, (aproximadamente a rs. 11:000 o arratel); as mais inferiores da mesma paragem sahem a 4 reales o arratel, ou 180 réis. O valor total do producto das pescas em Kalki, Estampalia, Kalminos, Simi, e Castel-Roso tem sido alguns annos de 56 milhões de reales, ou 2.520:000\$ réis, sem contar a producção de outros pontos.

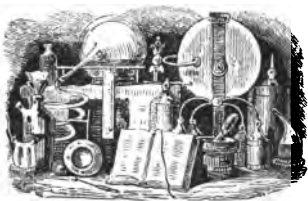
Valores da prata e de ouro. — O ouro e a prata, esses dous metaes preciosos, têm prodigiosamente augmentado de valor.

No reinado de D. Sancho I (1185) valia um marco de ouro 6\$480 réis, actualmente vale por lei 120\$000 réis. Diferença para mais 113\$520 réis. No reinado de D. Fernando I (1367) valia um marco de prata 900 réis, actualmente vale por lei 5\$600 réis. Diferença para mais 4\$700 réis.

F. P. B. Nogueira (Madeira).

Preciosidades naturaes produzidas pela arte. — O physico Becquerel tem ultimamente conseguido por meio de fortes correntes electricas, crystallisar diversos corpos metalicos, e entre outros, o hydrato de sulfato de alumina, em tal grau de duresa que riscava ou raiava o cristal da rocha (quartz vitroso).

posto, ou corpo sobre que se opera, um determinado grau de concentração da solução, e uma força bem proporcionada da corrente electrica.



As condições essenciaes para que o resultado seja completo, segundo o estado physico, são a ab-soluta pureza do com-

Dadas as circumstancias indicadas, e progredindo com affinco os ensaios e tentativas, poderemos ainda ver produzidos pela arte, muitos corpos que só no grande laboratorio da natureza se produzião. Assim muitas pedras preciosas — *rubí, esmeralda, topazio, turqueza*, etc. (combinações metalicas cristalisadas); e porventura o mesmo diamante (carbone puro cristalisado), sem deixarem de ter o apreço que lhes dá a sua belleza, duresa, etc. poderão generalisar-se e popularisar-se porque o subido preço destas joias a que só chegavam os ricos, se tornará mais accessivel aos queo não são, e que por isso mesmo mais carecem de adorno.

Candido Joaquim Xavier Cordeiro. (Coimbra).

Jornaes litterarios. — O primeiro jornal d'este genero que se publicou foi o *Journal des Savants*, imaginado por M. de Sallo, conselheiro do Parlamento para pôr as pessoas instruidas ao corrente das obras que se publicavam. O 1.º numero publicou-se em 5 de janeiro de 1665.

Armadura d'um cavalleiro. — Compunha-se das seguintes peças defensivas : Elmo, barbote, viseira, gorjal, couraça, escarcella, braçaes, manopla, e coxotes.

Elmo, ou capacete, era o nome generico da peça que defendia a cabeça. Quando tinha cimeira, isto é, algum adorno no cimo, chamava-se-lhe murrião.

Barbote, era uma cinta de metal, que descia do elmo por baixo do queixo.

Viseira, era uma peça que defendia a cara, tecida de arcos

de ferro, com dous buracos, engra-



dados diante dos olhos, a que se

bote, e podia por isso levantar-se sobre o elmo, ou capacete.

Gorjal, era a parte da armadura que defendia o pescoço, e vinha da palavra *gorja*, (pescoço). D'ahi a expressão antiga e militar — *mentir pela gorja*.

Couraça, era a peça que cobria o tronco, e compunha-se de duas partes — o espaldar e o peito. Em geral era de couro, forrada de laminas de ferro e estofada de panno por dentro. As placas de metal chegavão até á cintura.

Escarcella, ou fraldão, pendia da couraça, e era, ou de peças compactas, que fão encaixar na armadura das côxas, ou de malhas, e pendente como um saio.

Braçoes, ou mangotes, erão as peças que cobrião os braços, e que vinham terminar na manopla.

Manopla, ou guante, era a luva de ferro, articulada, que defendia as mãos.

Coxotes, erão as peças que descaiam pela parte dianteira das côxas, e fão jogar nos joelhos com as grevas, ou caneleiras, que completavão a armadura das pernas. Á armadura completa dava-se o nome de arnez.

SETEMBRO — 21

Do passado presente. — Como fazem os algarvios do passado presente? Perguntou o meu amigo o sr. M... a um algarvio, e este não soube responder-lhe. Não gostei, porque a pergunta bem deixa ver, que é exclusivamente aos algarvios que deve ser feita, e que a elles cumpre não faltar com a resposta. Para que algum dos meus patricios não torne a soffrer semelhante desar, fiquem sabendo que *do fgo passado fazemos presente*.

A. M. d'Almeida Netto (Coimbra).

LOGOGRIPO V

Fui antiga vestidura — 1.^a e 4.^a

Sou mui farta e portugueza — 5.^a e 6.^a

Têem-n'a todos os viventes — 2.^a e 4.^a

Revêla pouca esperteza — 2.^a e 2.^a

Quando é bella nos atrahe — 4.^a e 6.^a

Sou de páu e sou de linho — 4.^a e 2.^a

Sou commum nos animaes — 6.^a e 2.^a

Tambem sirvo para vinho — 2.^a 3.^a e 1.^a

Furtifero vegetal

Não porém, de Portugal.

J. B. B. Junior (Figueira da Foz).

As mulheres de Braga. — Lê-se no célebre *Dictionaire Historique* de Louis Moreri, no artigo — Braga : «Tanto as mulheres como os homens d'esta cidade, se têm tornado célebres pelo seu valor. A historia diz-nos que n'uma batalha que houve contra os habitantes de Braga e os do Porto tiveram as mulheres de Braga a melhor parte na victoria. Para conservar a memoria d'um acontecimento que lhes era tão glorioso, impozerão os vencedores aos do Porto a condição de que d'alli em diante, e para o futuro, nenhum d'elles poderia ter, ou requerer emprego, sem o aprazimento d'uma mulher de Braga.»

O caso a que particularmente se refere o Dictionario de Moreri, acha-se em Laimundo, escriptor godo, que diz têl'o visto escripto em um registo de antiguidades, que se conservava em Tolledo no tempo do rei D. Rodrigo, de quem era confessor; e de Laimundo, para o esplanar em muitas páginas da primeira parte da *Monarchia Luzitana*, o tirou fr. Bernardo de Brito. Vamos resumil'o.

Em tempo de Octaviano, vinte e oito annos antes do nascimento de Christo, entraram os galegos de Tuy pela terra d'Entre Douro e Minho, fazendo em tudo grande destruição, e os da cidade do Porto, com o pretexto de se dizerem parentes dos de Gallisa, todos de origem grega, derão-lhes mantimentos e coadjuvaram-nos em damno de amigos e naturaes.

Logo que os gallegos se retiraram para além do Minho, os de Braga sentindo a traição forão contra os do Porto, e estes não tendo forças para lhes oppôr, sabendo que se achava na Luzitania, Norbano Calvio, capitão de Roma, com boa força de cavallaria, chamaram-n'o em seu auxilio, prometendo-lhe que em satisfação do soccorro se farião subditos e tributarios do imperio, e admittirião presídio dos muros a dentro.

Coadjuvou-os Norbano, deu batalha, mas tendo a glori

de ser morto por uma bracharense,¹ e ficando os do Porto sem o seu auxilio, virão-se na necessidade de pedir a paz aos de Braga, a qual lhe foi concedida mediante certas condições.

Ahi vão algumas que não erão para se impôrem a ethiopes, quanto mais a gente christã, patricia e visinha.

Que a mulher de Braga casando no Porto não levasse dote ao marido, antes este dêsse ao pai e irmão da noiva certos vestidos a que n'aquelle tempo chamavão sagos. E que se ella lhe commettesse maleficio a não podessem matar, conforme os costumes da terra, ficando o castigo ao arbitrio do pai, ou parente mais chegado da mulher.

Que os do Porto não podessem levantar muros, nem os reparassem sem licença das mulheres de Braga.

Que nas guerras não tivessem logares, nem capitancias signaladas, mas andassem repartidos em diversas bandeiras, purgando a culpa de serem pouco leaes.

Que querendo os de Braga dar algum officio nobre a algum do Porto, uma mulher de Braga, armada de ponto em branco lhe pozesse o pé direito sobre o pescoço, para d'este modo o habilitar para qualquer honra.

Que os gados dos bracharenses podessem pastar nos subúrbios do Porto, mas que as creações do Porto se tomassem por perdidas se entrassem nos limites de Braga.

Que para os gastos d'aquella guerra levantada por sua culpa, os do Porto dêssem aos de Braga a quarta parte das novidades d'aquelle anno, e um certo numero de cabeças de gado, e na primeira guerra que houvesse um certo numero de soldados pagos á sua custa.

Que na morte dos mafidos as mulheres de Braga casadas com homens do Porto herdassem a fazenda toda, ainda que

¹ Segundo o escriptor godo as mulheres de Braga erão tão conhecidas pelo valor, (*quarum virtus in ore omnium gloriosa semper fuit*) que ser em batalha vencido e morto por uma d'ellas era uma gloria.

não houvesse filhos, e quando houvesse alguns com quem se repartisse a fazenda não entrassem na partilha as joias e peças de ouro com tudo o mais que tivessem das portas a dentro.

Havia ainda outras, que pela materia não são para o *Almanach*.

Agora o seu a seu dono, e responde-lhe em quatro palavras Gaspar Estação no livro que intitulou — *Várias Antiguidades de Portugal* :

«No anno em que se diz que foi a guerra entre bracharenses e portugueses, que foi o 14.º do imperio de Octaviano Augusto, 28 annos antes do nascimento de Christo, ainda a cidade do Porto não era no mundo, nem foi em todo o tempo de Augusto. E que digo? de Augusto! Ainda em tempo do imperador Antonino Pio, que tomou o governo do imperio depois do nascimento de Christo 140 annos, não era fundada.» (Prova-se com o Itinerario de Antonino).

Não havia cidade do Porto no tempo de Octaviano Augusto, e que houvesse não erão os portugualenses homens que subcrevessem a algumas das condições que deixamos apontadas, e muito menos a outras, que de proposito calamos. Toda a historia é um romance de Laimundo, levanamente adoptado por fr. Bernardo de Brito.

SETEMBRO — 23

CHARADA XXII

Para escapar á primeira 2
Na segunda me lancei. 2
Que tormento na bonança!
Como fugir-lhe não sei.

D. Maria Peregrina de Sousa (Porto).

SETEMBRO — 24

Distico de Hieronim. — Acho engenhosos os dous versos seguintes : são feitos á lua.

*Terret, lustrat, agit, Proserpina, Luna, Diana,
Ima, superna, feras, sceptro, fulgore, sagitta.*

A lua é divindade triforme, e n'estes versos vê-se sempre representado o n.º 3. Ha tres orações, tres nominativos, trez verbos, trez accusativos, e trez ablativos : ha trez verbos em seguida ; trez nominativos, trez accusativos e trez ablativos, e cada um d'estes corresponde de trez em trez palavras á oração correspondente : ha trez vezes quatro palavras e trez vezes quatro virgulas ; e até a primeira syllaba da primeira palavra principia por — ter — que significa trez vezes.

Constantino T. de V. Leite Pereira (Amarante).

SETEMBRO — 25

Timbó. — Os lavradores na provincia do Rio Grande, luctão com um inimigo que lhes dizima o gado vacum, mas ainda o não puderam descobrir, para promoverem a sua extincção, ou evitar os seus estragos. Esse inimigo a que alludo é o *timbó*, planta que produz um forte envenenamento no gado, fazendo exercicio depois de a comer.

Muitos lavradores presumem conhecel'a, e affirmão ser um pequeno sipó que se encontra nos *capões* de matto, lugar aonde o gado se abriga dos ardores do sol. Eu, porém, inclino-me a crer que não se descobriu ainda essa planta nociva, a não ser um sipó com que se faz a tinguijada ao peixe no Pará.

Jose Thomaz Pereira Soares (Porto Alegre, Brazil).

A ESTRELLA

Tu que scintillas à noute
No firmamento sem véo,
Estrella dos meus amôres,
Linda sáphira do céu,

Sobre as azas sussurrantes
Te leve a brisa do mar,
No meio da paz da noute,
Os éccos do meu cantar.

Serás a luz da esperança,
Que o creador concedeu
A quem sôsinho na terra
C'o a desventura viveu !! ?

Serás a alma innocente,
Que ao firmamento voou,
De um anjo que amei na vida,
Que cedo a terra deixou ?

Ou serás tu, que resplendes
Do espaço na immensidade,
O pharol que Deus suspende
Nas portas da eternidade ?

Borbolêta d'azas d'ouro,
Quem te deu tamanha luz
Que as almas e o pensamento
Ao firmamento conduz ?

Que segredos de além vida
Vens dizer ao triste mundo
Nas horas mortas da noute
E de mysterio profundo ?

Virás dizer aos viventes,
Pungidos d'acerba dôr,
Que só se goza a ventura
Lá na mansão do Senhor ?

Astro saudoso da noute,
Que tens por fado luzir,
Que o universo contemplas
Socegado em seu dormir ;

Quando te vejo brilhando,
Cheia de amôr e poesia,
Para o chão me pende a fronte
A sonhar melancolia.

Dos olhos me corre o pranto,
Mas socegado e sem dôr ;
Vôão lembranças da patria
Nas canções do trovador.

Luzeiro do firmamento
Accêzo por mão de Deos,
Não ha thezouro no mundo
Que igualle um raio dos teus.

És o meu culto divino.,
Astro formoso e sem véo,
Que eu deixei o amor da terra
Pelos amôres do céu.

Sobre as azas surrantes
Te leve a brisa do mar,
No meio da paz da noute.
Os éccos do meu cantar.

Julio Amando da Castro (Caxocira.)

SETEMBRO — 27

Amor da arte. — Pessier, joven pintor Lyonez, ardia em desejos de ir estudar a Roma, mas quando olhava em roda de si, e apalpava os bolços, onde não encontrava senão cotão, des-

d'esmola, fai'o entrar na sua pobre casa de trabalho, propõe-lhe uma viagem á Italia, offerece-se



animava, e era para isso. Um dia vê um cêgo a quem um cão servia de guia, dá-lhe alguns sous

para *mozinho*, e foi tão feliz, pelo menos assim se julgou, que obteve o assentimento do cêgo. D'ahi a dias tudo se achava preparado e disposto para começar jornada, e elle pegando na mão do pedinte diz-lhe: « Vamos. vamos a Roma; tenho bons sapatos, e tu me darás de quando em quando um bocado de pão ganhado com a tua rebecca. Não preciso nada mais. »

Carroagens. — Carroagem em portuguez, carrozza em italiano, carrosse em francez, carriage em inglez — todos estes nomes são visivelmente derivados do latim *carruca* ou *carrucha*, que era uma especie de carruagem de quatro rodas, de grande preço, ornada de esculpturas, que se introduzio em Roma no tempo do imperio, e de que Plinio nos faz a primeira menção. Além d'esta, e menos ricas, tinham ainda os romanos dezeseis ou dezeseite especies de carroagens de denominações differentes, e que em geral pouco ou nada differião das que actualmente se usão.



Na moderna Europa começaram a usar-se muito tarde. Uma das primeiras carroagens, senão a primeira, que se vio em França, foi a que o embaixador de Ladisláu v, rei da Hungria e de Bohemia, deu de presente á rainha em 1457. Mais tarde e já passado o primeiro quarto do século xvi, ainda em Pariz não havia senão trez carroagens; das quaes uma pertencia á rainha e outra á bella Diana de Poitiers, favorita de Francisco i.

Em Inglaterra parece que só começaram a usar-se carroagens no anno de 1588. Lemos não sabemos aonde, que antes d'esta época a faustosa rainha Izabel apparecia nas ceremonias publicas assentada á garupa, atraz do seu camarista. Parece-nos impossivel, mas póde ser verdade.

Jurubela. — Planta medicinal, que abunda no Brazil, e com especialidade na Provincia do Ceará: cresce até dez, ou doze palmos; as suas folhassão verde escuras por baixo, e amarelladas por cima; produz uma fructa pequena, que se assimelha na fórmula e na côr ao tomate, no estado verde, muito acre, porém muito medicinal. Com as suas raizes prepara-se um xarope, que é empregado no Brazil, com bom exito, em todas as molestias do peito; e com a sua fructa uma beberagem, que dizem ser o especifico das Hydrope-sias. Posso affirmar que o seu uso é illimitado no Brazil.
Anonymo Brasileiro (Ceará)

Prisões inspiradoras. — Ao que já sob este titulo escrevemos a paginas 281 do *Almanach* de 1862, accrescentaremos o seguinte:

Demosthenes encerrou-se voluntariamenta n'uma prisão para estudar a moral.

Grotius compoz na prisão o seu commentario sobre S. Matheus, a obra prima dos seus livros sobre a Santa Escrip-tura.

Jeronymo Maggi, em quanto preso pelos turcos escreveu em latim dous livros muito apreciados.

Estevão Zegedin, durante o seu captiveiro em Constanti-nopla, escreveu livros de theologia.

Oddi, geometra italiano do século xvi, escreveu na prisão os seus tratados de mathematica.

O inglez Prynne, condemnado como libellista, escreveu, encarcerado na torre de Londres, uma obra que mais tarde traduziu em verso. — Intitulava-se: *Cordiaes confortaveis contra os temores pouco confortaveis da encarceração.*

Gastelier, médico, deputado da assembléa legislativa, preso em 1793, publicou em Sens, trez mezes depois, uma dis-

sertação sobre o *supplicio da guilhotina*. «Eu compuz, estando preso, diz o author no prefacio da obra, esta dissertação ácerca d'um supplicio a que eu devia succumbir no 15 thermidor, se não fôra a morte de Robespierre acontecida no dia 10.»

Foi tambem na prisão, que o sr. José Liberato Freire de Carvalho traduzio os *Annaes de Tacito*.

OUTUBRO — 1

El-rei e sr. D. Luiz 1.^o e a ilha Terceira. — Este augusto monarcha, quando ainda infante, e herdeiro presumptivo da corôa, veio faser os seus 20 annos de idade, na cidade de Angra do Heroismo, por quanto aqui entrou no memoravel dia 31 de outubro de 1838, seu anniversario, desembarcando da corveta a vapor, *Bartholomeu Dias*, que tinha fundeado na vespóra, na bahia d'Angra pelas 6 horas da tarde.—Houve n'aquelle dia na cathederal um solemne *Te-Deum* celebrado pelo Deão Narciso Antonio da Fonseca, a que el-rei assistio e a sua comitiva;—depois visitou o palacio do governo, e na sala do docel recebeo todos os funcionarios publicos. Em seguida visitou a praça de *D. Pedro IV*, onde está erguido o monumento ao Duque de Bragança, seu excelso avô.—No dia 1.^o de Novembro visitou a capella de Santo Christo, Padroeiro da ilha: visitou a igreja parochial da Senhora da Conceição, ajoelhando perante o altar da Virgem Padroeira do Reino. O vigario da mesma parochia Francisco Rogerio da Costa aproveitou esta circumstancia para indereçar a Sua Magestade uma allocução, por tão fausto motivo, congratulando-se pela honrosa visita, que o Augusto-Principe fasia á sua igreja. El-rei ouviu, com benevolencia esta expressão de respeito. Depois visitou o asylo de infancia desvalida, em que o vice-mordomo Dr. Rodrigo Zagallo Nogueira pronunciou o discurso de recepção, que Sua Magestade se dignou agradecer com termos lisongeiros, promettendo tomar o titulo de proctetor do referido asylo, Forão estas as unicas allocções, que El-rei ouviu, e de que se mostrou satis

feito, pois que ellas enlaçavão recordações d'epocas memoraveis da ilha, com a da sua vinda. Visitou o hospital da Misericórdia e o convento de religiosas de S. Gonçalo. Regressou a bordo da corveta, com tenção de voltar á terra, mas o tempo não o permitio. O illustre Principe seguiu para a ilha do Faial.

Ficaram entre os habitantes d'Angra do Heroismo assignaladas memorías da vinda do senhor D. Luiz á ilha Terceira, pois que, desde então, tem havido um duplo motivo de satisfação para os Terceirenses no seu anniversario, que por uma coincidência, tão distincta e singular, recae no mesmo dia do nascimento de el-rei D. Fernando, o *Formoso*, e de el-rei D. Duarte, o *Eloquente*.

Felix José da Costa. (Angra do Heroismo)

OUTUBRO — 2

Bom memoria. — Dizia o conde da Ericeira, e até o deixou escripto n'um livro de cujo titulo me não lembro agora, que os *Lusiadas* de Camões tinham, na sua opinião, dous grandes defeitos: o de não ser um livro tão volumoso, que nunca fosse possível lêr-se todo, ou então tão pequeno que todas as pessoas o podessem decorar.

Não é facil retel'o na memoria, effectivamente; mas não é isso difficuldade que algumas pessoas não tenham vencido.

Ha em Bragança um honrado negociante, o sr. *A. Franco*, que sabe de cór e salteados todos os versos dos *Lusiadas*.

Apareça pessoa que diga ao sr. *Franco*.

«*Não sei, porque razão, porque respeito*»,

é elle responderá logo: esse verso é dos *Lusiadas*; é do canto IV, estancia LXXVII, a qual estancia principia assim:

«*Eu, que bem mal cuidava etc.*»

Se citarem outro qualquer verso dos 8792 de que o poema é composto, elle responderá com a mesma precisão.

Acresce uma outra circumstancia, que é muito para ponderar: — o sr. *Franco* não sabe só os *Lusiadas*, sabe, quasi com a mesma perfeição, todos os versos de Camões!

SURSUM-CORDA

Improviso

Anjo bom, de amôres pródigo,
Benigno por excellencia,
Torno a tí; ri-se a existencia,
Florece ao abrigo teu :
Em teu seio, como em thálamo,
Que festivaes harmonias !
Que paz ! que sonhos ! que dias !
Que de esperanças no céo !

Anjo ! compaixão do réprobo
Pelo muito que hei sofrido,
N'esse viver desabrido
De muito errar e descêr
Olha-me o rosto... misérrimo!..
Traz, como prémio estampado
O estygma de renegado
Nas rugas do padecer !

Torno a ti ; ingrato e pródigo,
Que, pelos tractos do inferno,
Do amigo seio paterno
Rebelde me desherdei !..
Era o instincto da indole...
Perdoa meu desvario !
Tu sabes n'esse desvio
Quanto rebelde penei !..

C'os soffrimentos indómitos
Paguei cara a iniquidade !
A risonha mocidade
Vi saudoso morta em flôr !
Entre egoistas inhóspitos
Envelheci de pezares,
Sem Deos, sem patria, sem lares,
Affectos, crenças, e amor !

A teus pés, banhado em lagrimas,
Qual me vês desfigurado
Estás vingado... vingado,
Ergue-me agora do chão !
Possa a um teu sorriso angelico,
A um sorriso, a um só dos teus,
Abrir-se a porta — dos céos
Que eu fechei co'a impia mão •

Bruno Seabra. (Brazil)

Uma resposta ao pé da lettra. — Estavão no adro da igreja matriz de Pitangui, á espera da missa conventual, em um grupo de rapazes, dous outros — um com o calçado rôto, apparecendo-lhe dous dedos dos pés; e outro com o paletôt também rôto nos cotovêllos. Este ultimo, esquecido do seu cotovêllo e querendo metter a ridiculo o que tinha o calçado estragado, perguntou-lhe:

— De que se está rindo o seu sapato?

— Do seu cotovêllo: respondeu promptamente o aggreddido. Forão immensas as risadas de applauso á resposta tanto ao pé da lettra.

Joaquim Antonio da Silva Junior (Pitangui, Brazil).

GERADA XXIII

Ha quem diga que possuo,	Inda mais: todos me negão,
Um poder que não é meu;	O condão de racional,
Quem me alcunhe de tyranno,	Dizendo que sou volatil
Justo céu! e... que sei eu? ! 2	Dos bosques de Portugal ! 2

E eu, no entanto,
Sou brinco e sou flor
E ave estrangeira,
De grande primor.

Duarte Augusto Alvares Ribeiro
(Figueira de Castello Rodrigo).

Mem Lopes Carrasco. — Não forão raras as acções, que nobilitáram o nome portuguez no tempo da sua maior gloria, porém a que se segue merece ser considerada como uma das maiores, e mais façanhas, que se praticaram na India.

Indo um navio com quarenta homens d'equipagem, sob o commando de Mem Lopes Carrasco, para a ilha de Sonda encon-

trou á vista do porto d'Achem uma armada composta de mais de cem navios de toda a especie, commandada pelo Rei d'esta cidade. Carasco, em lugar de tomar o largo, peparou-se para o combate, confiando a guarda da prôa a seu filho Martinho, e a da popa a Francisco da Costa. Encarregou da artilheria e mosquetaria a Martim Daço, seu primo, e para si reservou o correr de posto em posto, para animar os marinheiros e dar animo aos soldados.

Desfraldão-se as velas, trabalha-se em todas as manobras e combate-se a tiros de canhão todo o dia, matando os portuguezes immensa gente ao Rei d'Achem. Correu a noute, o combate recommençou com nova furia ao amanhecer, e tres galeras d'Achem vierão a abordagem, e aheráram o navio portuguez, em que se lancaram os barbaros. Então o Padre Francisco Cabral Jesuita, e um religioso da ordem de S. Francisco tomáram cada um sua cruz, metteram-se entre os combattentes, e reanimaram-os de tal modo que marinheiros e soldados, precipitando-se com novo furor sobre os invasores os fizeram saltar ao mar, onde se afogaram quasi todos.

Ao mesmo tempo Daço entrou em uma das galeras, e ahi deu a morte a muitos inimigos; mas opprimido pelo numero, e ferido de muitas estocadas, foi obrigado a ganhar o seu navio. Mem Lopes Carasco tranquillo de animo, mostrava-se em toda a parte, e dava ordens com tanta prudencia como intrepidez. Nada lhe escapava, a sua vigilancia prevenia tudo, mas no meio do combate foi tão gravemente ferido, que o julgaram morto. Forão dize-l'o ao filho. «Bem, respondeu elle. É um bravo de menos, mas nós ainda vivemos; e ou havemos de triumphar, ou havemos de ter uma morte tão gloriosa como a d'elle.»

Com effeito não cessou de pelejar, e este terrivel combate durou tres dias successivos.

Então o Rei d'Achem, vendo quarenta dos seus navios desarvorados e quasi a pique, e os seus mais bravos soldados mortos ou feridos, fez dar signal para entrar no porto, e deixou aos portuguezes a liberdade de se retirarem. Estes, cobertos de feridas, de sangue, e quasi desfigurados, sem mastros, nem velas, nem

munhões, ganharam Malaca, onde forão recebidos com tanta admiração como espanto.

J. C. (Foz-côa).

OUTUBRO — 5

Centenários. — Segundo uma estatística publicada pelo *Jornal de Paris* em 1853, morreram em Inglaterra no século passado quarenta e nove pessoas de 130 a 175 annos de idade. D'estes, sete completaram 134 annos — quatro 138 — dous 146 — quatro 155 — um 159 — um 160 — um 168 — um 169 — e outro, o mais velho, morreu de 175 annos! Durante o mesmo tempo morreram na Russia, segundo

tado 120 annos de idade. Isto na Russia paiz do norte, não é para admirar; por-



consta dos seus recenseamentos officiaes 1.338 centenários, tendo todos comple-

que o clima é tanto mais favoravel á prolongação da vida quanto é mais frio. •Os paizes meridionaes, diz Moureau de Jonnés, o célebre estatístico de França, tão agradaveis pelo seu clima, são aquelles onde a vida corre mais risco. Na risonha Italia ha duas vezes mais probabilidades de morte do que na frigida Escocia,; e debaixo do bello céu da Grécia duas vezes menos se pôde contar com a vida do que no meio dos gélos da Islandia. •

Galeão Bota Fogo.— Assim se denominava um galeão, que com outros navios grandes e gente de desembarque, enviou D. João III á expedição de Tunis em 1535, prestando auxilio ao imperador Carlos V contra Barba Roxa. Este galeão é fama que fôra fabricado em Lisboa, ás Portas do mar, debaixo da direcção do constructor João Gallego, e que na sua construcção, que durou 10 mezes não interrompidos, trabalharam effectivamente 230 operarios. Diz-se tambem que a sua

Quintella, nos seus Annaes da Marinha Portuguesa, falando d'este galeão diz que elle devia orçar pela grandeza da Não Trindade, de 140 peças, que os inglezes tomaram aos hespanhoes na cos-



quilha tinha dous cumprimentos da da maior nau da India, com cinco baterias guarnecidas de 366 bocas de fogo. Esta descripção é talvez exaggerada; pelo menos o vice-almirante João da Costa

ta de Trafalgar, e este juizo d'um homem d'arte parece que se deve ter em alguma conta.

O que é certo, e o que ninguém contesta, é que o galeão Bota Fogo, ou D. João, que era o seu verdadeiro nome, era o maior navio que até áquelle tempo se tinha visto, e que foi elle que ao segundo encontro, fez em pedaços uma fortissima cadeia, com que o Barba Roxa, atravessou o canal, afim de evitar que as embarcações podessem navegar por elle acima.

Estima. — Os homens devem merecer a estima publica; as mulheres a sua propria estima.

Portalegre. — Nobre e antiga cidade da provincia transmontana. Não archivou a historia a época da sua fundação, nem tão pouco se sabe qual o povo que a fundou ou habitou primitivamente; só temos noticia certa de que já existia no tempo dos romanos com o nome de = Amœa = como se prova por um marmore quasi quadrado, que parece ter sido pedestal ou peanha d'alguma estatua, e que hoje existe na casa da camara d'esta cidade, no qual se lê a seguinte inscripção :

IMPER. CÆS. L. AURELIO
VERO AUG. DIVI ANTO-
NINI F. PONT. MAX.
TRIB. PO CON. II P. P.
MUNICIP. AMMAI.

Quer dizer na nossa lingua: — o Municipio Ammai dedicou esta estatua ao imperador Cesar Lucio Aurelio Vero, Augusto filho do Divo Antonino, Pontifice Maximo, Tribuno do povo, consul duas vezes, pae da patria—.

Deste marmore falão Cardoso no *Agiologio Lusitano*, e o bispo Arraes no *Dialogo* da gloria e triumpho dos portuguezes, cap. 8

Diz este ultimo escriptor, que Lysias, filho ou capitão de Baccho, povoara Portalegre da gente que vinha em sua companhia, edificando um forte e um pequeno templo dedicado a Baccho, seu deus, no sitio, onde hoje existe uma ermida sob a invocação de S. Christovão, e ainda hoje se dá o nome de ribeiro de Baccho a um arroio que corre a pouca distancia da ermida,

Lysias chamou á serra = Maia = do nome de uma sua filha, e este nome se extendeu a toda a povoação, appellidando-se Ammai, ou Amœa.

É a serra de Portalegre uma das mais elevadas de Portugal: d'ella se descortinão a serra da Estrella e diversas povoações

da provincia da Beira e Alemtojo : é summamente pittoresca e deliciosa pela formusura das arvores, que a vestem, variedade de plantas e multidão de fontes.

Abunda Portalegre em todos os generos necessarios á sustentação e regalo dos seus naturaes, e até provê em larga escala as povoações visinhas, consistindo porém a sua principal exportação em azeite, carnes, fructas, madeiras e cortiça.

Possue sete fabricas, sendo seis de lanificios, onde se fabricão tecidos de lã de excellente qualidade.

A sua cathedral é um magnifico templo de trez naves com outo capellas lateraes e trez na frente. Em todas ellas ha bellissimos quadros de pintura, representando passagens de um e outro Testamento ; tem um vasto e formoso claustro com uma bella casa de Capitulo. Depois da Sé distinguem-se, entre seus edificios, a igreja do Senhor do Bomfim, igreja e mosteiro de N. S. da Conceição das religiosas de Cister, paço episcopal, fabrica real, hospital da misericordia, palacios dos srs. Caldeira Castello Branco, conde de Avilez, etc.

Ufana-se Portalegre de ter sido berço de alguns homens distinctos, em virtude, e em armas. Em armas Nuno Vás Castello Branco, que foi causa pelo seu valor, da tomada de Gôa no tempo de Affonso d'Albuquerque, Jorge d'Avilez Jusarte de Sousa Tavares, conde d'Avilez, pte do actual, que prestou tão relevantes serviços na guerra peninsular, que recebeu de sua magestade britanica a grande cruz de ouro e outras condecorações dos reis de Portugal e Castella : João Gonçalves Zarco, descobridor da ilha da Madeira. Em letras o P.^e Antonio Alvares, distincto humanista, etc.

Entre os prelados que tem empunhado o baculo e cingido a mitra episcopal de Portalegre distinguem-se D. fr. Amador Arrais um dos nossos bons classicos ; D. Rodrigo da Cunha, que depois occupou as Sés do Porto, Braga e Lisboa, e escreveu a historia ecclesiastica d'estas trez igrejas ; D. Diogo Alvaro Pires de Castro e Noronha, filho do marquez de Cascaes ; D. Domingos Barata, lente da Universidade, etc.

Sirvão estas mal elaboradas linhas de despertar quem, me-

lhor do que eu, faça conhecer aos extranhos esta illustre e sempre leal cidade de Portalegre, que na verdade encerra belezas, que merecem ser observadas e conhecidas.

Thou hast thy beauties.....

.....

Thou hast thy decorations too.....

BARTON.

José Maria da Ressurreição.

OUTUBRO — 8

A vida marítima. — Em 1812 houve em Portsmouth um conselho de almirantes inglezes, doze dos quaes prefazião uma somma de mais de mil annos, isto não obstante haverem figurado em todas as guerras maritimas do nosso século, e de parte do século xxiii. Já se vê que a vida marítima não é d'aquellas em que se vive menos, e que a opinião publica aprecia ás vezes mal as probabilidades de morte que correm certas profissões.

L. Ramos (Guarda).

OUTUBRO — 9

Ha buscar lá e velu tosquado. — Todo entregue ao mister de alquilador, vivia, ainda não ha muitos annos, na cidade do Porto um pobre homems, que os *espirituosos* alcunharam o *trinta burros*.

O homeu morreu ja de velho, e ficou um filho que se propunha seguir o mesmo modo de vida.

Encontrou-se este por acaso um dia com um espartalhão. que lhe disse chacoteando:

— Então, F..., d'esta vez sempre fazes *trinta e um*, hein ?!...

— Não sr., respondeu o moço — d'esta vez *passo por um*.

O espertalhão ficou com cara de lorpa; o moço sem dizer mais lavra foi seguindo seu caminho.

S . . .

316

Banquete fúnebre. — Na cidade do Porto e em geral em toda a provincia do Minho, é costume quando morre alguma pessoa d'uma familia, mandarem os parentes e os amigos dos enojados, um presente de qualquer comida, ou mesmo jantar completo, isto no proprio dia do enterro. Dá-se como explicação d'este singular uso a consternação em que os doridos do finado ficão, que até nem animo têm para ordenarem a feitura do jantar.

Estes presentes são conduzidos n'um amplo taboleiro, coberto com um grande crepe preto,

F. P. B. Nogueira (Madeira).

LOGOGRIPO VI

Primeira quarta e quinta
Em Lisboa encontrarás ;
Apalpa segunda e quinta
E flexivel a acharás.

Se da segunda e da quarta
Muito tempo desfructar,
Presumo que tertia e quarta
Nunca me ha de faltar.

A quinta com a segunda
Annunciação mal passado,
Aterceira com a quinta
Vamos achal'a em julgado.

Se á quarta com a segunda
Uma letra se reunir
Grande homem d'outras eras
Te ha de á memoria acudir.

Sou necessaria nos homens
Em meninos e mulheres ;
E... com esta explicação
Adivinha se quizeres.



UM RAMO SÓ D'UMA FLOR...

Offerecido ás ex.^{as} sr.^{as}

D. Antonia Leonor Cardoso, e D. Anna Leonor Cardoso,
em tributo de gratidão por um ramo de flores
que me offereceram.

Vou dar-vos, virgens formosas,
Um ramo só d'uma flôr...
Se espinhos surgem nas rosas
Não surgem no meu amor !
É pura como a açucena
A canção do trovador !

Tendes da rosa o carmim
E o meigo sorrir, qual mais.
Nunca vio flôres assim
O mundo nos seus rosas !...
Mimosas, puras, singelas,
Sois dous anjos sem rivaes !...

Em manhã de ameno estio
Brotaes viçosas e em flôr !
Não vos quicimou inda o frio,
Nem os raios do calôr !...
Nas almas tendes só crenças
Nos corações só amôr !...

Como avesinhas implumes,
Tentaes apenas voar ;
Do mundo os falsos perfumes
Ireis um dia encontrar !
Quem me dera meigas rôlas,
Que fugisseis de os provar ?..

..... ●
Ha um astro que irradia
N'uma noute e desaparece :
Uma flôr que viça um dia,
No outro murcha e fenece :
Uma aurora d'um momento
Que ao raiar se desvanece :

.....
Ha um sonho que se ignora
D'um arminho seductor ;
Mas que apenas se evapora
Só deixa martyrio e dôr :
Astro, flôr, aurora, sonho,
Meninas... chamão-se amor !...

.....
Eis a flôr d'este raminho
Que vos dou, é sem senão ;
Não ha n'ella occulto espinho,
Nem a dôr d'uma paixão !...
Ha um conselho singelo
Bem vindo do coração !...

Jose Julio d'Almeida Proença (Caria).

Bofetões. — O imperador José II estando no seu quartel general, foi informado de que um official do seu exército dera um bofetão n'um seu camarada. Immediatamente mandou formar o regimento na sua presença, e o official que tinha dado o bofetão foi exautorado das honras militares, e expulso do recinto do acampamento, depois de tambem levar um bofetão do verdugo.

O papa Bonifacio VIII morreu de pezar no fim de um mez, por ter recebido um bofetão, dado por Sciarra Colonna, na presença de Nogaret, embaixador de Filipppe, o bello.

O conde d'Essex, tendo recebido um bofetão da rainha Isabel, jurou que Henrique VIII lhe não teria feito impunemente uma tal affronta; mas soffreu-a d'uma mulher, que de mais a mais era rainha e elle seu intimo valido.

O czar Pedro I mimoseava diariamente com grande numero de bofetões os seus officiaes e cortezãos. Pensava de differente modo, e ninguem se offendia com elles.

. *Francisco Antonio de Mattos.*

LIÇÃO A DORMINHOCOS

- Sex horas, dormire sat est juvenique senique;
- Vix septem pigro; nulli concedimus octo.

Estes dois versos latinos da antiga escola de medicina em Salerno justificação que :

Assim ao velho como ao novo
Dormir seis horas bastará;
Ao enfermo nem sempre sete;
Ninguém outo completará.

A. M. Almeida Neto (Coimbra).

Jornaes. — O primeiro jornal que houve na Europa appareceu em Veneza no principio do seculo 17.^o. Publicava-se uma

vez por semana, e deu-se-lhe o nome de *Gazeta*, que o progresso mais tarde auxilliu com outras denominações, por que se pagava para o ler uma gazeta (moeda do valor de 5 réis). Este exemplo foi depois imitado nas grandes



idades da Europa, e foi um medico, Theophrasto Renaudot, que em França appareceu com a primeira gazeta em 1631. Em Portugal a gazeta commecçou em 1715.

Na china, que se nos antecipa em muitas invenções uteis, conhecem-se os periodicos desde tempos immemoriaes, porque todos os dias alli se imprime a *Gazeta do Imperio* por ordem da corte.

● **Commum dos homens.** — O commum dos homens, dizia a celebre Mme. Rolland, pensa pouco, acredita com facilidade, e obra por instincto.

Barba pelo amor de Deus. — Entrou um 'pobre em uma loja de barbeiro e pediu se lhe fazião a barba pelo amor de Deus. Fizerão-no esperar algum tempo pela resposta, e por fim mandaram-n'o sentar. Esfregão-lhe a cara com agua fria (era em Dezembro) mal lhe dão sabão, pegão de uma navalha de levar couro e cabello, e começão, sem mais cerimonia, a escanhoal'o sem dó nem consciencia.



Torcia-se o misero sem ousar queixar-se, a tempo que um gato, que torturavão no quarto immediato, prorompe n'uma gritaria infernal.

— Que diabo tem esse gato? Grita para dentro o barbeiro, que álem do máu humor em que o pozera a barba gratuita, começava a impacientar-se com tanta bulha.

— É talvez, replicou o pobre, algum pobre gato a quem fazem a barba pelo amor de Deus.

— O barbeiro rio-se. desfranzia a testa, e acabou de barbear o homem com mais alguma caridade.

OUTUBRO — 17

Morte apparente. — Desde muito tempo me traz assustado e desgostoso a nossa legislação médica relativa a encerramentos, e a pratica geralmente seguida pelos nossos facultativos na verificação dos óbitos.

Com o intuito de escrever sobre o assumpto, mas não de leve, mandei vir de Pariz um opusculo de Michel-Hyacinthe Deschamps, que tem por titulo «Do signal certo da morte. Nova prova para evitar que se enterrem pessoas vivas.»

Contém este livrinho especies tão importantes e tão dignas de se vulgarisarem que me decidi a extractal'o e a publicar o extracto, ou resumo, em livro, ou jornal, que muitos lessem, para que a muitos aproveitasse.

N'este caso está o vosso excellent *Almanach de Lembranças*, que me não demoro a elogiar agora, porque ainda ha pouco lhe fiz justiça no meu «Annuario portuguez, scientifico, litterario e artistico para 1863,» e por isso occorreu-me a idéa de enviar-vos a projectada summula da memoria de Deschamps.

Não devendo, porém, abusar da paciencia dos leitores do *Almanach* obrigando-os, a ler um extenso artigo, util, mas triste, porque trata da morte; nem devendo defraudal'os do prazer de amenamente se instruirem saboreando outros escriptos não menos proveitosos, e de certo mais gratos a todos os paladares; resolvi publicar no *Archivo Pittoresco* o que de razão é não saia por agora no *Almanach*, e mandar-vos para este uma mui succinta noticia de alguns casos de morte apparente considerada real, e de enterramentos de pessoas vivas, os quaes despertarão desde já a attenção dos chefes de familia e das authoridades, e concorrerão, talvez, para que entre nós se evitem tão horrorosos acontecimentos.

Admitte Deschamps apenas dous signaes positivos de morte real : a *auscultação*, que revella as ultimas palpitações do coração ; e a *coloração verde do ventre*.

Eis os factos a que me referi : «Sérapis, Esculapio e Hermes restituiram á vida doentes que estavam apparentemente mortos. Platão deixou-nos observações de mortos que volveram á vida. Democrito fala de uma mulher que seto dias esteve apparentemente morta. Apollonio vio salvos dos horrores da sepultura muitos doentes que estavam em apparencia mortos. Ha na *Historia Natural* de Plinio um capitulo que tem por titulo : *Qui elati revixerint*. Fischer conta que estando para se fazer a autopsia de um homem, que julgavão morto, este abria os olhos, se levantara e fugira. Winslow duas vezes esteve em risco de ser enterrado vivo. Thouret, antigo decano da faculdade de medicina de Pariz, assistindo ás exumações no Cemiterio dos Innocentes, viu muitos cadaveres e esqueletos em posições differentes das em que haviam sido sepultados. Foi tão profunda a convicção que teve de terem sido enterrados vivos todos aquelles infelizes, que ordenou em testamento que não tratassem do seu funeral sem que estivesse sensivelmente putrefacto o seu corpo.

«Conta Bartholin que mais de uma vez o tumulto foi berço e jazigo de creancinhas, cujas mãis, gravidas, haviam sido enterradas no estado de morte apparente.

«Bruhier cita 181 casos de morte apparente. N'estes, 56 pessoas forão enterradas vivas, ou abertas antes da morte ; 53 derão signaes de vida estando já sepultadas, ou encerradas nos caixões ; ou quebraram os craneos nas paredes dos jazigos, como fizeram o dr. Scott, o imperador Zenão e um franciscano ; 72 reputados mortos, sem estarem, acordaram do seu somno lethargico.»

Aqui ponho termo, a esta lugubre narrativa.

Á vista do que dito fica o que terá acontecido por cá, onde nem os médicos vão ás casas verificar os óbitos, nem as familias esperão que a putrefacção comece para se tratar do enterro ?

Calcule-se ; e Deus nos preserve, em quanto a legislação
o não faz, de tão malaventurada sorte.

João José de Sousa Telles.

OUTUBRO — 18

NUNCA MAIS

Nunca mais — é um som funéreo
Como o adeus do moribundo
Quando parte deste mundo
Entre soluços mortaes !
Recordando as alegrias
Que a sorte nos tem roubado,
As lembranças de passado
Nós disemos — nunca mais !

Cheia de magoa e remorso
Na fronte da incauta virgem,
Quando de amor na vertigem
Perde as flores virginaes...
Nos ramos do cedro altivo
Se o raio queima a floresta,
Nas folhas que o inverno cresta
O que se lê? — nunca mais !

Passão os annos e os mezes,
Passão as noutes de amores,
Passão as horas melhores
Do nada pelos umbraes !
No vazio da existencia
Longo olhar triste fitando
A tudo que vai passando,
Diz o homem — nunca mais !

Nunca mais — é um desengano !
É uma longa saudade
D'um tempo de f'licidade
D'aureas crenças ideaes !
Nunca mais ! diz-se entre prantos
Quando a esperança é perdida !
Perdem-se os sonhos da vida
Quando se diz — nunca mais !

Não sei porque n'este dia
Claro, esplendido, formoso,
Em que tudo é riso e goso,
Tudo cantos festivaes...
Um pensamento secreto
Que o meu ser opprime e cança,
Aos anhelos da esperança
Vem dizer-me — nunca mais !

24 de Junho de 1862.

F. Quirino dos Santos. (Rio de Janeiro).

Juizes e advogados. — Eis como um escriptor antigo descreve as funcções d'uns e d'outros, que são em tudo oppositas : •O juiz trabalha a descobrir a verdade ; o advogado trabalha a occultal'a, ou a disfarçal'a. O juiz procura o meio termo, que é aonde reside a equidade ; o advogado busca os extremos. O juiz deve ser severo, rigido e inflexivel ; o advogado convem-lhe ser brando, flexivel, complacente para entrar nos sentimentos do seu cliente, e defender-lhe a causa. O juiz deve ser constante, uniforme, invariavel, marchando sempre sobre a mesma linha ; o advogado deve variar, amoldar-se, tomar todas as fórmãs. O juiz não deve ter paixões ; o advogado procura excital'as, e mostrar-se apaixonado pela causa que defende. O juiz deve ter em linha recta o fiel da balança, e esta em equilibrio ; o advogado lança pezos n'uma das conxas para a fazer descer. O juiz em summa, está armado de gladio ; o advogado busca desarmal'o.

LOGOGRIPO VII

No principio de uma fructa
A primeira buscarás,
Sendo esta repetida
Na mesma fructa a acharás.

Ao principio da segunda
Junta um — a — que o não tem
E logo sem mais demora
Sabes a quem quero bem.

Junta tambem á terceira
Um—a— e tens n'um instante
Uma produção da terra
De gosto acre e picante.

Ora agora em quanto ao todo
Não te digo o seu conceito,
Dá voltas ao pensamento
Tambem assim tenho feito.

D. Maria José Furtado de Mendonça (Celorico da Beira),

Origem da galga. — Talvez que as minhas bellas leitoras não saibão porque é que a palavra *canard*, ainda ha pouco tempo só queria dizer *pato*, e hoje é synonymo de patranha, maranhão, bota, mentira, galga, etc. Pois eu lhe digo a razão porque a palavra *accumulou dous empregos*. Haverá 30 annos um jornal parisiense dizia o seguinte: « O departamento de Senne et Oire foi ha pouco theatro de um acontecimento que prova a ferocidade de um animal até hoje tido como pacifico, sosegado e saboroso, mórmente cozido no fórnio com arroz.... Um lavrador de... tinha em caza meia duzia de patos (*canards*) que sempre tinham vivido na mais perfeita harmonia, porém, sem mais nem menos, altera-se a boa ordem, e começam a odiar-se.... Mal sabendo o pobre lavrador do bonito que lhe fa por casa, entra um dia no pateo, onde estavam as desinquietas aves, e oh! *raritas raritatis*! apenas encontra um pato vivo; os mais jazião no campo da batalha, victimas d'um renhido combate que tinha havido entre elles. Mas o caso não para aqui... o pato vencedor deita-se deshumanamente aos mortos e *sás*... reduz todos á expressão mais simples, e dentro em pouco não se vêem no pateo mais do que ossos e pennas.

Todo Pariz deu uma stridente gargalhada ao lér o que vimos de contar, e desde então *canard* foi o synonymo de mentira! Com o volver dos annos fez uma viagem á roda do globo terraqueo, e hoje usa-se tanto em França, como na Polynesia, na Patagonia, como na mais obscura aldeia do nosso *microscopico* Portugal. Ha só uma differença; aqui o pato tomou o nome de galga, talvez pelo seu muito correr.

Não ha villa nem logarejo, por mais insignificante, onde não entre a galga, escusado é para ella o passaporte, as barreiras, ou o cordão sanitario; salta por cima de todos os obstaculos, vence tudo e tudo enche.

Respeitemos, pois, o *canard*, ou a *galga*, como por cá se diz.

José Camillo Dias d'Almeida (Vinhó.)

Carvalho santo. — Denomina-se assim um que ha em Entre Cabeças, entre o extinto concelho d'Alcanede, e a freguezia da Mendiga, do concelho de Porto de Moz. No pé, que que poderá ter dous metros de altura, abriu-se uma espécie de cova, ou grande bacia, que levará perto de cem litros.

Enche-se esta bacia de agua pluvial, e n'ella se conservaria em grande quantidade por todo o estio, senão fosse colhida pelos habitantes das freguezias visinhas para d'ella fazerem uxo em diferentes occasiões. Dizem elles — que bebida nove dias a fio é remédio infallivel contra sezões, e queixas de estomago : que é excellente para tintas, o que não é difficil de acreditar porque está saturada de tanino : boa para curar de bruxaria (!!) e ainda melhor para matar o piolho das favas, borrifando-as com ella no sabbado santo !

Pelas *milagrosas* virtudes da agua appellidão-n'o— carvalho santo.

Antonio de J. e Silva (Minde).

CHARADA XXIV

Amor tante lhe consagra	Qual n'um porão o escravo,
Que a seus peitos a sustenta,	
Té que na viril idade	
Lh'o rouba mão violenta.	
	Tyrannamente empilhado,
	Sofre morte desastrosa
	Pouco depois o coitado.

Vêde agora da natura
 Às leis pasmosa excepção !
 Do ventre são vivaz filho,
 Apesar de ser varão.

João Maria Mergulhão Neves Cabral (Armamar).
 327

A escolha dos oculos.—Um velho, (como o mostra a presente estampa). e de mais a mais muito impertinente, entrou certo dia n'uma loja d'oculista, com o intento de comprar uns oculos de que necessitava. Topando alli um caixeiro que não era, como se diz em frase vulgar, muito bom de dar a orelha,

livro para as experiencias. Percorrendo todos estes oculos sem achar nenhuns que o contentassem, pediu o velho nova porção

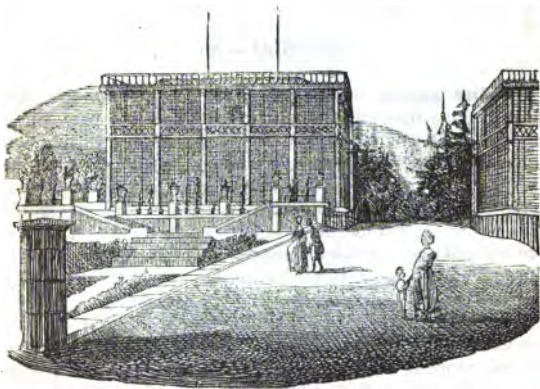


declarou-lhe a sua pretensão, a que o caixeiro satisfez, apresentando-lhe uma grande porção d'oculos á escolha, e juntamente um-

que sem demora lhe foi ministrada. Seguiu-se o mesmo exame, e o mesmo resultado. Como pedisse 3.^a porção ainda o caixeiro teve a condescendencia de lha apresentar, mais já de má vontade. Feito sobre estes o mesmo exame que sobre os precedentes. e sem melhor resultado, o caixeiro que já não podia conter a raiva, lhe diz, no tom desta paixão, quando elle fazia a experiencia dos ultimos:—Então poresses o que é que vê!... diga, o que é que vê?...—O que vejo?... lhe torna o velho, abrindo-lhe muito os olhos e a bocca, o que vejo?... vejo um burro.—Pois sr. lhe redarguiu o caixeiro, descendo algum tanto de tom, não se admire de que assim aconteça, por que têm aco todos os vidros d'esta loja.

T. J. de F. C. (Leiria).

Estufas. — É um logar fechado e coberto, ou uma edificação quasi toda envidraçada, que se destina á creação de plantas, que crescem naturalmente entre os tropicos, e que precisam de uma temperatura bastante alta, tanto para crescerem, como para se conservarem. Para satisfazer a esta necessidade as estufas devem ser sustentadas pelo meio natural dos raios do sol, ou pelo fogo, em um gráu de calor que se aproxime ao que reina habitualmente entre os tro-



picos, isto é termo médio, entre quinze ou vinte gráus acima de zero do thermómetro de Reaumur. D'aqui resultão duas especies de estufas, chamando-se *temperadas* as que se aquecem por meio dos raios do sol unicamente, e *quentes* as que se aquecem pelos raios do sol, e pelo fogo ao mesmo tempo.

São innumeras as condições que se devem ter em vista para levantar uma estufa ; não as explanaremos agora, mas

não deixaremos de dizer que a primeira de todas ellas, a sobre todas indispensavel, é que a sua exposição seja entre leste e sul, para que os raios do sol se não recebam muito obliquamente, ou para que não sejam de pouca duração, o que é de tudo o peor.

A altura do envidraçamento do lado do meio dia deve ser tal, que os raios do sol esclareçam todas as faces interiores da estufa. Esta altura, assim como a largura, determina-se pela altura meridiana do sol no solsticio do estio.

A nossa gravura representa a grande estufa do Jardim das plantas, em Paris.

OUTUBRO — 26

Pilulas azues.— A paginas 198 do seu *Almanach* para 1861, li um artigo, que tem por titulo « Remedio para rheumatismo. » Depois do author d'elle relatar os soffrimentos inherentes áquella doença, diz que um pharmaceutico lhe indicara, tomar trez vezes por dia duas pilulas denominadas—azues—da pharmacopèa de Londres, e logo em seguida uma colher de xarope de salsaparrilha. Póde haver pessoa que achando-se em circumstancias identicas ás do noticiador do remédio, ignore talvez, o que são as taes pilulas azues, mas nós para descargo de consciencia vamos apresentar-lhe a formula do medicamento aconselhado, e declarar ao mesmo tempo, que a base das mencionadas pilulas é o mercurio, ou azougue; medicamento enérgico, cujo uzo póde acarretar padecimentos incuraveis; como são magreza extrema, fraqueza geral, inchação, tremor de membros, paralysisa, ulcerações da pharynge; e finalmente uma especie de cachexia escorbutica. Ahí vai a formula.

Blue pills.

Mercurio 2, conserva de rosas 3, pó d'alcaçus 1. Cada 4 grãos d'esta massa pilular contém um grão de mercurio.

Á vista dos inconvenientes, que pódem resultar de semelhante medicamento, aconselhamos antes o Iodureto de po-

tassio, (medicamento inoffensivo) os prodigiosos banhos das
Caldas, e as reflexões judiciosas de algum habil facultativo.
J. J. Gonçalves.

OUTUBRO — 27

Refinada lisonja. — O ministro Turgot foi um dia encontrar-se com Voltaire a casa do marquez de Villete, em Pariz.

— Ah ! Eis-vos ahí ; mr. Turgot, diz Voltaire, como ides de saude ?

— Custa-me muito a andar, respondeu-lhe o ministro ; a gota atormenta-me.

— Senhores, exclamou o poeta, voltando-se para as pessoas que estavam presentes, sempre que vejo mr. Turgot, lembro-me de Nabucodonosor. ¹

— Pelos meus pés de barro, não é verdade ? Respondeu o ministro.

— Não, atalhou Voltaire, pela vossa cabeça de ouro.

Nunca houve corteção mais delicado, nem mais refinada lisonja do que esta.

OUTUBRO — 28

CHARADA XXV

Sustenho a segunda, 1

Se geme pousada. 2

Sou bella e sou rica,

No mar fui gerada.

Maritimo (Bahia, Brazil).

¹ Nabucodonosor vira uma estatua com cabeça de ouro, braços de prata, corpo de bronze, e pés de barro ; uma pedra arrojada por mão invisivel déra nos pés da estatua, e prostrara-a por terra.

● **Jogo.** — Sempre me pareceu que a meza do jogo de azar era uma especie de theatro anatomico, onde o aprendiz de philosophia podia observar com verdade o ser moral do homem, como nas aulas d'anatomia se examina e estuda o sêr physico em suas partes.

A idade e a experiencia confirmaram melhor em mim esta ideia. Hoje acho que o jogo revella melhor a alma do que o escalpello faz conhecer o corpo. Em quanto o anatomico apenas suspeita as acções organicas, e presume todas as funcções da vida animal, o espectador do jogo assiste aos phenomenas physiologicos da vida moral e descobre, um a um, todos os segredos da sciencia. A physionomia e a attitudo do jogador são o mais eloquente discurso (*logos*) com que a natureza (*physis*) nos inicia no conhecimento moral do homem.

Quantas vezes em Madrid passei quartos e quartos de hora na silenciosa contemplação d'uma variada multidão de jogadores ! A cobiça do ouro apparecia na face de um. A necessidade d'elle revelava-se nas disposições do outro. Alli, alguém esquecia o lenço, e a charuteira, quando mudava de logar em que fôra infeliz, com a mesma negligencia com que talvez desamparava a familia e outros deveres para correr apoz as casualidades da fortuna. Acolá, o que perdêra a ultima péça de cinco francos seguia-a com os olhos na silenciosa desesperação de quem visse ir arrastado pela corrente o mais querido objecto das suas affeições.

As mascaras com que a educação e a experiencia encobrem as paixões tirão-se alli. A ambição, que só attende á realisação dos seus sonhos dourados está patente a quem a quer examinar. O valor e a covardia, a generosidade e a avareza, a cobiça e a prodigalidade, a alegria da victoria e o abatimento da derrota, o orgulho e a baixeza, o vicio, e até o crime, vão apparecendo na face do jogador, como os espectros dos finados reis da Escócia na representação do *Machbet*.

Alli ha associações como no commercio ; interesss que

se protegem, ou se combatem mutuamente, como na existencia ordinaria ; calculos de probabilidade, como nos negocios importantes do mundo ; triumphos a que não faltão panegyristas, e cortezãos ; desgraças a que sobejão desdens e desprezos; attenções delicadas e grosserias insupportaveis ; emfim tudo quanto se encontra mais disfarçada, e mais perigosamente na carreira da vida.

Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

OUTUBRO — 30

Humildade de um grande da igreja. — A cama de D. fr. Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, constava de trez táboas de pinho, uma enxerga, e duas mantas que lhe servião de lençoes. Na cabeceira outra táboa de pinho atravessada, com as duas letras — S B — a que se derão varias interpretações, sendo que a verdadeira a teve elle em segredo até que largou o arcebisado e voltou para as asperexas da sua cella. As duas letras vinhão a dizer — *Surge bestia* — Levanta-te animal.

OUTUBRO — 31

A UMA SEMPRE-VIVA

A'. M.

Maria, de ti distante
Para ti guardo esta flor,
Ella diz que é sempre-viva
A chamma do meu amor.

Meu bello archanjo, esta chamma
D'hora em hora é mais activa,
E de teu rosto a lembrança
Em minh'alma sempre-viva.

Juveniano Monteiro (Rio Formoso, Pernambuco).

Lyrismo de século XVIII. — Nas minhas intermináveis tarefas de esfolinhção, em que o espirito sequioso de novos horisontes se delicça em embrenhar-se no acervo de alfarrabios dos nossos pristinios tempos, com a mira em estinhar a colmêa das boas idéas, que arfão como poeira dourada à cata de uma cabeça onde fructifiquem, e d'onde sejam atiradas ao cachão do progresso, prestes a servir de estímulo ou aguilhão¹, que desperte o homem para não deixal-o morrer afogado na immobillidade, que é um dos traços que mais avulta nas télas da da sua natureza : — consumindo não raramente n'este afan, embalado da brisa nocturna, as horas que refogem, até vêr as estrellas proximas a banharem-se na purpura matutina, e despontar das sombras a aurora promettedora, que ha de resgatar do captiveiro a alma humana para eleva-la á nobilissima altura da sua missão, sem se rebaixar aos pelagos abertos de uma arrojada e insaciavel cubiça de profundar os seios mysteriosos da creação : — ahi n'essas tarefas, entre as aspirações ao infinito, se me deparão a miudo em trechos do mais remontado e sublime lyrismo, outras tantas manifestações da arte, com que os levitas successores de David e Salomão, dedilhando as harpas dos anjos, e rasgando perante as multidões assombradas os arcanos do ideal, como que preadivinham a seu modo o sentimento moderno, expandido á luz vivida e fervente do sol christão, que presagia o termo do fatalismo, e a nova era das crenças vivas e fecundas, que restaurão a humanidade !....¹

Vá, pois, uma curtissima amostra do genero, ceifada nas glancies do passado, e deixemos que alguns farricôcos, antaponistas jurados do *progresso indefinido*, pretendão convertel-a em seu proveito, para de novo nos martelarem os ouvidos com o *nihil sub sole novum*, que tão despejadamente invocão e assoalhão ha quasi trez mil annos

¹ *Nec ego quidem intelligo.*—E haverá quem o tome a sério?

O P. M. Fr. Carlos de S. Francisco, religioso grave e douto da congregação de S. Jeronymo, e um dos oradores mais distinctos e applaudidos entre os seus contemporaneos, pré-gando no mosteiro de Belém o sermão da paixão do Redemptor, em sexta feira santa do anno (senão me engano) de 1679, exordiava aos seus ouvintes nos termos que se seguem :

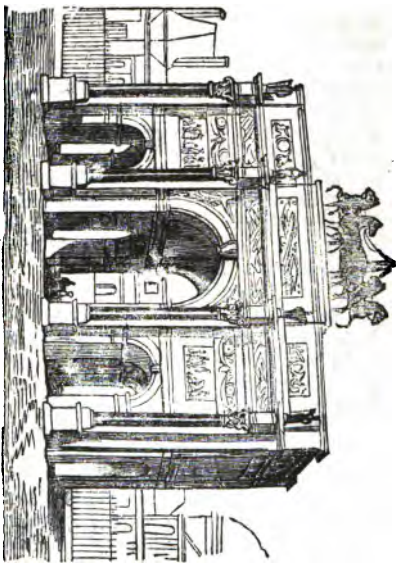
• Hoje sae o galeão *Bom Jesus* a navegar pelo mar vermelho de seu sangue, levando por léme o amor, por agulha a paciencia, por vélas as penas, por mastros as cordas, por antena a cana, por galhardetes a purpura, por bandeira o sudario, por pharol a redempção, e por ventos as nossas iras, que por sopra-rem tanto n'este dia fizerão naufragar o galeão em o Calvario, onde fez agua por um costado : *Exivit sanguis et aquae* : impolando-se as ondas de maneira que a Senhora combatida da tempestade ficou arvore secca : *Flentem non lego* : mas tão animosa, que nunca largou o lado da capitania : *Stabat juxta crucem Jesu* ! Gestas, sendo corsario se perdeu : n'esta tormenta se desgarraram os Apostolos, excepto o Evangelista, que se deixou ficar á capa : mas ao primeiro soçobro da tormenta virou com os mais a pôpa á tempestade. Só Pedro, como fiscal, fa atraz da capitania : mas descuidando-se do léme por acudir ao fogão : *Calefaciabat se* ; se vio por trez vezes perdido : *Ter me negabis* ! Judas, sendo não mercantil, não podendo já com a carga, alijou a fazenda ao mar, etc. etc !....

Á vista d'isto, e do mais que não é menos curioso, como qualquer poderá verificar no proprio sermão, que felizmente existe impresso, digão-me que adepto da escola hodierna deixará de lamentar comigo que tão rasgada e fogosa imaginação senão reservasse para fulgir entre nós dous séculos mais tarde ? O instincto artistico, que n'estes periodos se revela, mostra que havia em seu auctor dotes sufficientes para competir de vantagem com algumas das brilhantes illustrações, que ennobrecem a nossa idade.

Innocencio Francisco da Silva.

Arco de triumpho da praça de Carroussel. — Representa-o a nossa gravura e foi levantado em 1806 para perpetuar a gloria dos exércitos francezes. É ornado de oito co-

lumnas corinthias de marmore vermelho com bases e capiteis de bronze. Decorão-n'ô seis baixos relevos, que representão a capitulação de Ulm, a victoria de Austerlitz, a entrada em Vienna, a en-



trada em Munich, a entrevista dos dous imperadores, e a paz de Presburg. É moldado pelo arco romano de Septimo Severo. Os quatro cavallos antigos e as duas figuras, que os dirigião forão, por intolerancia politica, apeados em 1815, e depois outros cavallos de bronze, guiados por uma figura representando a Restauração substituiram os primeiros. O mesmo succedeu aos baixos relevos; mas em 1830 tudo se restabeleceu na fôrma primitiva, e assim se conserva ainda.

A antiga Hoste. — Chamava-se *hoste* antigamente ao que hoje chamamos exército, com a diferença, guardada também a das armas, que sendo dividida em quatro corpos, como presentemente, chamavão *dianleira* á vanguarda, *çaga* á retaguarda, e ás duas alas — *costaneiras*.

O governo de toda a *hoste* tinha-o o alféres-mór na auxencia do rei. Na *dianleira* iam os cavalleiros mais nobres, e os de menos conta na *çaga*. Assim se depreheende da chronica de D. Affonso Sabio, ou I de Castella, dando rasão da ordem em que marchava o exército real quando entrou pela veiga de Granada no anno de 1361: «Llevava la delantera el infante D. Sancho; y la una costanera el infante D. Pedro, y la çaga llevaba um hijo d'el-rei, que era de ganancia».



cia, que disião D. Affonso. » Quer dizer deu-se a vanguarda ao infante mais velho, que tinha o posto d'alferes-mór, as duas alas, direita e esquerda, aos infantes immediatos, filhos legitimos, e a rectaguarda ao filho natural do rei.

O mesmo succedia entre nós, e d'ahi vinha que nos foraes d'algumas terras que o imperante queria honrar se declarava que os seus cavalleiros tivessem logar na *dianleira* e não na *çaga*. Tal é o foral de Beja dado por D. Affonso III onde se

diz : Cavalleiros de Beja não têm çaga na cavalgada d'el-rei ; mas têm dianteira. • E o de Villa de Rey, dado por D. Diniz, onde se lê : Cavalleiros de Villa de Rey não têm çaga, e têm dianteira na hoste. •

A gente da hoste era, como hoje, de cavallo e de pé, mas a de cavallo formava o nervo do exército, e a de pé, que pelejava em desordem com arcos e flechas, fundas, páus tostados e outras armas de arremesso, porque ainda as de fogo não se tinham inventado, era muito secundaria. Cada terra levava sua bandeira, e ao pé d'ella combatião os soldados moradores d'essa terra.

Os cavalleiros mais estimados erão os que pelejavão com lanças de riste, e aquelles a quem o rei pagava certas quantias com obrigação de servirem na guerra e trazerem consigo tantos soldados de cavallo, quanta era a quantia que recebiam, e a estes taes chamavão lanças. Já se vê por isto que nem todos os que pelejavão a cavallo erão cavalleiros no rigor da palavra.

Esta organização, que durou até ao tempo de D. Fernando, mudou-se quando veio a Portugal o Duque de Cambridge, com um corpo de tropas inglezas, em soccorro do mesmo rei, nas guerras contra Castella. Foi então que imitamos a organização ingleza, já então em uzo na Hespanha, e na França, e que se creou a dignidade do condestavel, que ficou sendo a principal authoridade militar, ficando a cargo do alferes mór só o levar e defender a bandeira do rei.

NOVEMBRO — 4

GERADA XXVI

Sendo erva medicinal 2
A muitos de morte sou ! 1
É potente, e é temido !
Esse a quem meu nome dou.

Dona G. D. N. T.

Partida para Alcacer Quibir. — O dia 14 de junho amanheceu coroados dos resplandores do sol da península, e das galas de uma corte, que se preparava para a maior luta como se fosse convocada para um torneio.

O monarcha saía dos paços da Ribeira para a Sé a benzer a bandeira real no meio de um cortejo de fidalgos, que disputavam entre si sobre qual excederia o outro na riqueza e invenções dos trajos.

Não se via (referem as testemunhas oculares da época) senão brocados, telas de ouro e de prata, e tecidos de sêda. Os veludos e damascos reputavam-se de pouca valia se não appareçam realçados de passamanes, rendillas, espiguiilhas, torchados e alamares de ouro. O gasto feito com tão luxuoso vestuário, e com os ornatos e armas, arruinou a bastantes pessoas, que se dizião abastadas.

A pedraria, que a maior parte ostentava em tranças de chapéus cheias de rubis, diamantes e esmeraldas, em camafêus preciosos, em medalhas e cadêas de dez e doze voltas; as couras borladas de ouro com botões do mesmo preço; os gibões e coletes sobre telilha de ouro com pesponto maravilhoso de corte pique; os capotes de damasco, e de setim, bandados com barras de veludo e torções, compunhão um todo tão lustroso e raro, que se deslambravão os olhos, contemplando-o.

Nos arreios dos cavallos notava-se o mesmo gosto e profusão. Todos os fidalgos levavão em seus corseis cabeçadas e esporas de prata, esmaltadas de ouro e azul, estribeiras lavradas de mil figuras, nominas, peitoraes, cilhas e cordões com borlas de ouro e torções. As mochillas com os jaezes e cobertas, pelo menos, erão de veludo com muitas franjas de ouro e prata, e os mandis de veludo. Os escudeiros e pagens, que acompanhavão os senhores, trajavão como lacaios, ou escravos, a libré de suas côres, chegando os mais opulentos a apresental-os com gibões e calças de sêda.

O duque, de Bragança, que chegou á capital no fim de Maio com muita gente escolhida, trazia-a, parte vestida de amarello, guarnecido de vermelho, e parte de vermelho fino sorteado com elegancia.

Mas os fatos não forão a despeza unica dos cavalleiros principaes, que tanto desejavão por todos os modos attrair a vista do soberano. Podia dizer-se, que todo o gasto empregado em sêdas e bordados era pouco em comparação do que se dispendeu nas armas.

Não houve fidalgo que não comprasse corpos de aço, mandando juntar-lhes os seus braços em campos de diversas côres. Peitos de prova de grande custo, couras e coletes de arta, couraças de laminas, cobertas de veludo e setim com taxas de ouro e de prata, sãos de malha, e gibanetes, rodellas tauxiadas, adargas, montantes, leques, e terçados, emfim todo o genero de armas offensivas e defensivas. e apar d'ellas tendas ricas, muitas de sêda com grimpas douradas e bandeiras, assim como tendilhões para a gente e os cavallos, tudo isto formava um quadro admiravel pela variedade e o primor, preparando-se para o embarque, defronte do Terreiro do Paço apinhado de povo.

O fausto desusado, com que a nobresa e o principe se ornavão para uma guerra, que mesmo feliz os havia de expôr a grandes fadigas, talvez nascesse da falsa idéa, que el-rei tinha do character dos arabes, e das sonhadas facilidades da empreza. Illudido e crédulo D. Sebastião levou o orgulho, ou antes o delirio, a ponto de ter na sua galé uma corôa de ouro cerrada para o dia em que entrasse em Alcacer ser coroado imperador de Marrocos, assim como vestidos e alabardas para dar aos da sua guarda durante a cerimonia, com as armas reaes e a corôa fechada por timbre. Para nada esquecer, até Fernão da Silva trazia estudado de antemão o discurso, que havia de proferir, annunciando a victoria do alto do pul-pito.

Uma catastrophe terrivel, mas esperada, poz termo a tão loucas esperanças ! Em mcia hora, que tanto durou a batalha de

Alcacer, vio-se o rei de Portugal morto, a flor da nobreza prostrada, ou captiva, e a monarchia de D. Manoel vencida, humilhada, e orphã !

Luiz Augusto Rebello da Silva.

NOVEMBRO — 6

À VIRGEN MÃE

Traducção livre de Dante, *Paraíso*, canto XXXIII.

Foste mãe, e foste virgem,
Foste filha de teu filho ! . .
Foste humilde, mas acima
Das creaturas teu brilho
Resplende no ceu e terra !
Esse, que os mortaes anima,
Que nem todo o mundo encerra,
Que o collo aos soberbos dobra,
E os humildes abençoa,
Veio ao mundo e quiz no mundo
Ser obra da sua obra,
Que tu, virgem pura e bôa,
De tal gloria a terra encheste,
Que o santo desceu á terra,
Deixando a corte celeste !..

És sacrario d'amor terno,
Sol, que no seu curso eterno
Incendêas nossas almas
C'o fôgo da caridade ;
Balsamo santo, acalmas
A dôr dos pobres viventes,

E ás portas da eternidade
Benigna e meiga conduzes
Os desterrados do nada !
Fanal d'esperança, luzes
Da vida aos lassoos viageiros ;
De magestade cercada,
Rainha alta e poderosa,
Escutas terna e bondosa
Quem implora o teu auxilio;
E expontanea muitas vezes
Guias o passo aos que vagam
De lagrimas n'este exilio,
Arcando com mil revezes ;
E quantas vezes te pagão
Elles com a ingratitude !..

És porto de salvação,
Manancial de ternura ;
Complexo de mil virtudes,
Inspiração d'alaudes,
Virgem mãe, formosa e pura.

A. Candido (Vizeu)

NOVEMBRO — 7

Homens celebres que foram sapateiros. — Linneo o creador da sciencia da Botanica, foi aprendiz de sapateiro na Suecia.

José Prendell, . que ha poucos annos morreu em Londres, começou por sapateiro, estudou e veio depois a ser um sabio muito distincto.

David Parens, celebre professor de theologia na Allemanha, foi tambem aprendiz de sapateiro.

Benedicto Balduino, um dos homens mais sabios do seculo XVI, começou pelo officio de seu pai. Foi sapateiro.

Foram sapateiros:

Gifford escriptor elegante do presente seculo; Blomfrelld, author de muitas obras estimadas; Winkelman, sabio antiquario allemão; João Branett, secretario da sociedade dos antiquarios de Londres; Fox, fundador da seita dos quakers; Rogerio Sherman, estadista americano.

Ficamos por aqui, mas é fora de duvida que o cathalogo dos illustres membros da sociedade de S. Chrispim, que chegaram a distinguir-se no mundo pelos dotes da sua intelligencia, podia ainda ser accrescentado com alguns nomes.

NOVEMBRO — 8

Mote engenhoso. — Em 1592 foi Filippe II de Hespanha a Tarrazona com o principe seu filho, Filippe III, afim de alli celebrar côrtes. Os da cidade, na decoração da porta por onde os dous havião de entrar pozerão o seguinte e engenhoso mote:

A dos Filippes espero
En quien hoy espera al mundo ;
El segundo sin primero,
Y el tercero sin segundo.

● **homem.** — (*Fábula pagã*). É fábula pagã que sendo creado o mundo viera Jupiter visitar a terra para dar leis aos animaes, e marcar-lhes tempo de vida.

— Chamou o jumento. Disse-lhe que andaria em perpetuo e durissimo trabalho ao serviço do homem, e que para isso lhe dava trinta annos de vida. Ponderou o jumento que era muita vida para tanto trabalho, e que se contentaria só com servir dez annos. Jupiter concedeu-lh'os.

Chamou o cão. Disse-lhe que o creára para guarda vigilante do homem e da sua casa, e que para isto lhe dava trinta annos de vida. Replicou o cão que para vida tão cançada erão bastantes dez, e Jupiter attendeu a este desejo.

Chamou o macaco. Disse-lhe que o creára para mofa e zombaria dos rapazes, para o que lhe dava trinta annos de vida preso a um cepo, e com uma corrente ao pescoço. Supplicou-lhe o bugio que para vida tão ridicula lhe não dêsse mais de dez annos, e Jupiter attendendo a este pedido concedeu-lhe os dez annos.

Chamou finalmente o homem, e mostrando-lhe a diversidade de regalos, delicias e grandezas para que o tinha creado, fazendo-o senhor de tudo, disse-lhe que viveria trinta annos. Replicou o homem que não era justo que lhe concedesse tão pouca vida para tanta felicidade, e assim pediu que lhe dêsse aquelles annos que o jumento, o cão e o macaco não tinham querido: Jupiter conveio, mas foi com a condição de que o homem disfructando os annos d'aquelles animaes seguiria de cada um o respectivo fado.

Infere-se d'esta fábula diz um escriptor antigo, que o homem até aos trinta annos vive isempto de cuidados, alegre e satisfeito da sua vida, porque a passa entregue aos amores, ás delicias e aos folguedos para que Jupiter o creára.

Que dos 30 aos 50 annos vive vida de jumento, carregando para casa, trabalhando e suando para sustentar a mulher, e deixar alguma cousa aos filhos.

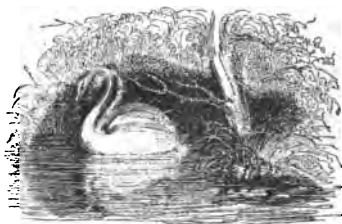
Que dos 50 aos 70 vive vida de cão, vida já cansada, que é todo avareza e rabujem.

E que dos 70 aos 90, se é que vive, vive vida de macaco, preso a um páu, como aquelle a um cepo, rindo para as creanças, e as creanças rindo-se d'elle pelas visagens e monerias que lhes faz.

NOVEMBRO — 10

O canto do cysne. — Platão diz que Orpheu foi transformado em cysne por causa da belleza dos seus cantos e do seu gosto pela melodia. Socrates, vendo que os seus amigos o lastimavão, reprehende-os de o suppôrem menos animoso do que ao cysne, que proximo da morte exprime nos seus cantos a alegria de ir encontrar Apollo e as musas de quem era favorito. Ovidio, Virgilio, Cicero, Propercio,

não era materia duvidosa, que o cysne assim durante a vida, como proximo da morte, era incapaz de soltar



todos elogiaram o derradeiro canto do cysne, e não obstante todos elles sabião, porque já isso no seu tempo

o mais pequeno canto. «Falla-se, diz Plinio, do canto melancolico do cysne proximo da sua morte; é um prejuizo desmentido pela experiencia.»

Assim é; mas o canto do cysne tornou-se proverbial, e sempre que um erro é adoptado por homens de génio, sempre que elles o consagrão nas suas obras, é difficil destruil'o.

O cysne é um bello animal pela sua plumagem, pela sua elegancia, pelo seu ar de orgulho e soberba, mas olhemolhe para a configuração do bico e convencer-nos-hemos de que elle é tão impróprio, como o do pato, para soltar melodias.

Algumas curiosidades da bibliotheca do Porto. —

A segunda cidade do reino, importante pela sua grandeza e população, pela sua industria e commercio, recommenda-se ainda pelos seus estabelecimentos litterarios. Entre elles occupa um mui distincto logar a sua numerosa e selecta livraria publica. Não é para o breve espaço d'um artiguinho como este dar sequer uma succinta noticia de tudo o que alli ha de valioso. Mencionaremos apenas alguns impressos e manuscritos que mais chamaram a nossa attenção na visita, que ha muitos annos fizemos ao estabelecimento.

Fallaremos em primeiro logar de dous presentes feitos á bi-

que trata de todas as ceremonias da coroação do rei Fernando I d'Italia.



bliotheca pelos srs. conde do Farbo e Antonio Lodi. O primeiro é uma obra

Tem estampas verdadeiramente magnificas. As que representam a fachada e o interior da igreja de Millão são soberbas. As mais pequenas circumstancias da cerimonia estão reproduzidas com uma exactidão tal, e os grupos dos differentes personagens destacão-se tão bem, que é realmente um encanto.

A sagração do rei Luiz v de França é a outra obra, que se recommenda por sua antiguidade e um luxo de gravuras verdadeiramente maravilhoso para o tempo em que foi feito. Tem este precioso livro não só a discripção das ceremonias e as bellas gravuras que as representam, mas tambem os differentes trajes e o vestuario de etiqueta dos muitos e brilhantes cargos da côrte.

Ha na bibliotheca uma geographia antiga com seus com-

petentes mappas coloridos, que para o seu tempo (1769) é preciosa. Entre outros objectos interessantes apresenta a vista do terremoto de 1755 e a plano da cidade antes da catastrophe.

O livro que tem por titulo *Antiguidades do Egypto* desperta a curiosidade pelo que excellentes gravuras nos dizem d'este povo célebre.

É muito digno de menção um exemplar da obra — *Da vida de Christo* — impresso em Portugal em 1459.

De manuscriptos tem a bibliotheca uma magnifica collecção, sendo muito para notar a *Biblia Sacra* em pergaminho com estampas e letras illuminadas, não tendo em nada desmerecido o brilho e viveza das côres. Calcula-se feito no século XIII.

Cartas dos Jesuitas : correspondencia d'estes nas diversas partes do globo. Aqui se narram acontecimentos ainda os menos sabidos, e se pôdem apreciar os resultados de uma politica sagaz, e de uma espionagem perfeitamente combinada.

Dr. J. C. Mendes.

NOVEMBRO — 12

S. Thereza. — A grande mestra d'espírito Santa Thereza, que a Igreja celebra a 15 de outubro, a que recebeu a beatificação de Paulo 5.^o, a canonisação de Gregorio 15.^o, e de Urbano 8.^o o titulo de *doutor da igreja*, até ahí recusado a qualquer outra pessoa do seu sexo, dizia :

Ay que larga es esta vida !
Que duros estes destierros !
Esta carcel, y estes hierros
En que el alma está metida !
Solo esperar la salida
Me causa um dolor tão fiero,
Que muero por que não muero.

Tanto ella tinha o mundo por desterro, e por verdadeira patria a outra ; tão grande era o seu despego da vida.

SONETO

(Imitado de Francisco Manoel do Nascimento.)

Sahia de uma orgia em noute escura,
Tombando aqui, alli, sem ter destino....
Sargento emborrachado, que sem tino....
Deu c'o a testa n'um canto. — Oh ! creatura !

Disse ; e com a mão logo á cintura,
Tirando a espada : — olha que te ensino,
Sacrilego jumento ! — e assim á pino...
Tremendo golpe deu na pedra dura ;

Com tal força, que d'ella o fogo tira
C'o a folha carcomida, e em continente,
Sósinho brada, todo accêzo em ira :

— Ah ! tens arma de fogo ! Impertinente,
Dizendo assim, da esquina se retira :
— Não brigo por ser arma differente.

Ricardo Alexandre Corrêa de Faria.

(Brazileiro — Maranhão.)

Sambenito. — Era um escapulario de baeta amarella, que enfiado pela cabeça do réu (assim julgado pelo tribunal da inquisição) lhe chegava até á cintura por uma e outra parte ; e sobre elle de ambas assentava uma cruz em aspa de côr encarnada. Quando o réu era condemnado ao fogo levava no sambenito, pintado o seu retrato, nome e crime, figuras de demonios e chammas, a qual especie de sambenito, chamava-se — samarra — ou manteta, e na cabeça uma mitra de papelão, com os mesmos signaes a que chamavão — carocha.

Lourenço Ramos (Guarda).

D. Joanna de Gusmão. — Nasceo esta virtuosa senhora na cidade de Santos da provincia de S. Paulo em o anno de 1688. Forão seus pais Francisco Lourenço, physico-mór d'aquelle presidio, e D. Maria Alvares; e seus irmãos, alem de outros, o celebre estadista Alexandre de Gusmão, secretario particular d'El-rei D. João 5.^o, e Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o famoso aeronauta, denominado — o voador.

D. Joanna casou com o major Antonio Ferreira Gambôa, de cujo matrimonio não havendo filhos, fizeram voto reciproco de não passar a segundas nupcias o que sobrevivesse e de viver em peregrinação até fundar um estabelecimento pio com o fructo das esmolas. Por morte de seu esposo vestio grosseiro burel, e tomando nas mãos uma pequena imagem do menino Jesus, caminhou por sértões até Santa Catharina, e foi residir na freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa. Passado algum tempo estabeleceu-se em uma pobre choupanha no morro ao nascente da cidade do Desterro, e desde logo concebeo o projecto de edificar uma capella n'esse mesmo lugar.

A falta de recursos obrigou-a a viajar por terra até á Colonia do Sacramento, e tanto aqui, como na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, tirou esmolas para aquelle fim. Regressando a Santa Catharina accrescentou a sua casinha, e estabeleceu um pequeno collegio, em que ensinava a ler, a costura e outras prendas domésticas. ao qual affluíão muitas meninas atrahidas pelo suave aroma de suas virtudes. Neste santo ministerio era coadjuvada por algumas companheiras, que se lhe aggregarão, entre estas a irmã Jacintha Clara, que lhe succedeu na direcção do estabelecimento. Por este tempo começou e proseguia a obra da capella em terreno contiguo á sua habitação, e que para isso lhe fora doado, tendo a ventura de a ver concluida no anno de 1763. Em um nicho sobre o altar mór foi collocada a imagem do Menino Deos, a que dedicou a capella.

Esta imagem muito perfeita, posto que pequena, foi a que a acompanhara em sua peregrinação, e que ainda hoje se conser-

va no mesmo estado. Na invasão da ilha pelos hespanhoes em 1777, estes respeitaram a santa mulher e sua obra, e por isso muitas familias amedrontadas se acolherão áquelle sagrado asylo. Opprimida pela idade e molestias, adquiridas nas longas jornadas e incessantes fadigas, era por fim condusida em uma padiola para a capella, onde fazia diariamente seus exercicios espirituaes. No dia 15 de Novembro de 1780 achava-se em oração junto ao altar do seu Menino Jesus, quando o Senhor a chamou a si para retribuir-lhe tanta piedade. Alguns dos seus despojos mortaes forão transferidos 63 annos depois para uma urna, que existe na sachristia.

O vigario Joaquim Comès d'Oliveira Paiva. (Desterro, Brazil).

NOVEMBRO — 16

Carta do imperador de Marrocos ao consul portuguez Jorge Colaço.¹ — Louvor seja dado sómente a Deus. Não ha força, nem poder senão em Deus.

Ao nosso servidor Jorge Colaço, consul de Portugal. Chegou á nossa alta presença a vossa carta, e com ella a dos governadores do reino de Portugal pelo principe D. João.

Muito nos alegramos pela restauração do vosso paiz, voltando o dominio d'este para o vosso legitimo soberano.

Agora, pois, não obstante o actual estado do nosso paiz, que vós perfeitamente conheceis, e as benéficas considerações, que temos para com os nossos vassallos, antepondo seus interesses, e utilidade á de enthesourarmos dinheiro, attendendo unicamente n'isto o agradar ao Altissimo, vos ordenamos, que do porto de Saffi façaes carregar 20⁰/₀ fanegas de trigo, sem direitos, como um auxilio gratuito ao vosso paiz. Tambem vos concedemos 2⁰/₀ bois, pagando de

¹ Por occasião da restauração de Portugal do jugo francez em 1808.

direitos 5 duros por cabeça. E sabei, que senão fosse a particular estimação, em que vos temos pela vossa sincera amizade, e boa assistencia em tudo aquillo, que nos interessa, não usariamos comvosco d'esta singularidade, com preferencia a outras nações. »

Foi escripta a 10 de dulcaada de 1225, (28 de dezembro de 1808.)

Por nos parecer interessante esta missiva, a copiámos, e a offerecemos para o *Almanach*.

Izidoro José Gonçalves.

NOVEMBRO — 17

Cedro-Monstro.— De todos os ramos das sciencias naturaes um dos que mais prende a attenção e deleita o espirito do homem scientifico, é sem duvida o reino vegetal. Elle constantemente nos está apresentando uma variedade de phenómenos dignos da nossa admiração, e de dia para dia se vão descobrindo novas espécies, raras em suas fórmãs, com que os naturalistas estão continuamente a enriquecer as flo-
ras de todas as regiões botanicas.

Foi repassado de respeito e admiração que acabo de lér no *New York Illustrated New Paper* de 11 de outubro de 1862, a descripção de um cedro monstruoso, o maior dos gigantes vegetaes de que ha conhecimento nos annaes da sciencia !

Este monstro vegetal tem 40 pés de diametro na base do seu tronco, e 660 desde esta até o tópo, que termina com o diametro de 4 pés. Os ramos lateraes tomão uma área de 130 pés. A porção restante d'este assombro da natureza acha-se enterrada em um areal, e por isso não é possível medil-o com exactidão no seu comprimento de uma extremidade á outra ; mas, se conserva todas as proporções symetricas, como é bem provavel, deve ter 40 a 50 pés occultos no terreno, prefazendo então o comprimento total de mais de 700 pés !

Quem o quizer admirar, encontral-o-ha deitado proximo ao

Lago Honey, sobre o declive de um outeiro nas montanhas de Sierra Nevada, na California. Fatigado de existir e de lutar contra as tempestades, recostou-se sobre o terreno que o alimentou e assim se lhe paralisaram as funcções vitæes.

J. C. M. (Funchal).

NOVEMBRO — 18

APOLOGO DEDICADO ÀS DONZELLAS

A mãe das rosas gerou
Quatro mimosas rosinhas,
D'egual candura dotadas
Todas as quatro filhinhas.

Peccou uma por ideias,
Outra por falas peccou,
Por obras peccou a outra,
Só uma em graça ficou.

Concebeu ideias uma
Contra as normas do pudôr,
Pungida de contrição
Vestio-se de rôxa côr.

Contr'a lei da castidade
Soltou a lingua viperina
A que de pejo tocada,
Tomou a côr purpurina.

De todas a mais lasciva,
E que todas menos bella,
Como emblema de luxuria,
Ficou pálida — amarella.

A que sempre timorata,
Guardou a lei da pureza
Inda hoje symbolisa
A candura e singeleza.

Assim : culpa e innocencia
(Mostra bem esta lição)
imprimem sempre no rosto
O impulso do coração.

Innocentes donzellinhas,
Tirai a moralidade
Aprendeí na rosa branca
A guardar a castidade.

Manoel Lopes Maia (Gavião).

Prelado bibliophile. — Póde com segurança dar-se este nome a D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas Boas, bispo de Beja, e depois arcebispo de Evora, author d'escriptos muito estimados.

Á livraria do convento de Jezus, em Lisboa, que era uma das melhores do reino, doou quando se recolheu ao bispado de Beja a sua livraria particular, e depois fez-lhe presente de outros muitos livros e manuscritos raros.

Á bibliotheca publica de Lisboa fez em 1797 uma rica doação de livros, manuscritos, plantas, estampas, e medalhas, como tudo consta do livro da fazenda da mesma Bibliotheca.

No Paço Episcopal de Beja estabeleceu D. Fr. Manoel do Cenaculo uma livraria que orgava por nove mil volumes, recolhidos e proprios na maior parte para os estudos ecclesiasticos.



colhidos e proprios na maior parte para os estudos ecclesiasticos.

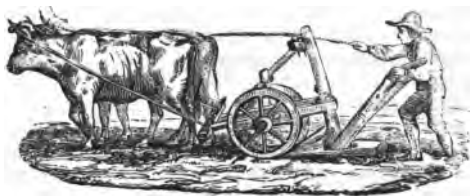
Em 1805 fundou a bibliotheca publica de Evora, de que mais tarde fez doação á igreja metropolitana da mesma cidade, dotando-a de rendas para a sua conservação e augmento. Esta livraria, em que entravão obras de grande preço, e grande cópia de manuscritos raros, não tinha menos de 50.000 volumes, e quasi todos erão aquisição sua.

Foi incitado por Cenaculo que o abbade Barboza offereceu a El-Rei D. José a sua escolhida livraria, para nucleo da que houvesse de substituir a antiga bibliotheca regia destruida pelo terramoto de 1755.

A vida no campo. — Vêde como o lavrador, aguilhoando os bois, e rasgando com o ferro da charrua a gleba endurecida, abre os seios da terra, mãe fecunda !

A vida agricola não é thema exclusivo para os idyllios poeticos de Theocrito e de Gessner, o lavrador não é apenas um personagem das *Bucolicas* de Virgilio, ou do Vigario de Wakefield; significação a innocencia dos costumes, a felicidade pelo trabalho, o contentamento do espirito, a abundancia geral, a riqueza dos estados.

Ante os esplendores da vegetação, esmalte das devesas e praeios contemplando as searas douradas pelo sol e agitadas



documente pela aragem, a alma penetra-se de não sei que divino perfume, e eleva-se para Deus em extasis d'indisivel e celestial felicidade.

A vida physica, quando nos transportamos ao centro das scenas campestres, dilata-se, enriquece-se de saude e energia. O pulmão não é condemnado, como nas grandes povoações envolvidas na rede invisivel e envenenadora dos miasmas pestilenciaes, a respirar o ar deleterio das officinas insalubres, e das industrias homicidas.

Sente-se correr nas veias uma seiva reparadora e generosa.

Nas faces emmagrecidas pelas vigalias do estudo, cavadas pelas decepções do coração, ou pelas angustias do infortunio, re-florescem—no silencio e na tranquillidade da vida rural, as rosas da saude.

É no regaço meigo da natureza campesina, que a donzella trahida pelos stratagemas amorosos das sallas, povoadas de perfidias, vai readquirir o remanso do coração, e sarar as feridas gotéjantes do amor. O candidato eleitoral, fustigado pelos constituintes, e enxotado da urna como os vendilhões do Templo, transforma-se em Tytiro ou Menalca, acolhe-se á sombra protectora da faya, mira-se ao espelho transparente das aguas do riacho da sua aldéa, escuta os cantos matinaes dos meiros, tão differentes dos meiros de S. Bento, ouve a toada melancholica, ou festiva, dos sinos do presbyterio, conforme são tanguidos á hora do meio dia, ou á das Ave Marias da tarde, compraz-se em vêr os ranchos alegres e activos dos camponeses partindo para as *ceifas*, e para as *esfolhadas*—agora semeando, logo lavrando, sempre regando a terra com o suor do rosto, estranhos sempre ás agitações e mal-querenças, fogo maldito que abrasa e devora as mais pomposas e povoadas cidades !

Oh! eu gosto sinceramente do campo. Quem medera aspirar a frescura do eterno idyllio, e saborear a tragos longos, esquecidos, a taça purissima das alegrias e dos encantos aldeãos; ouvir os trinados das aves nas balsas, escutaros murmurios do regato prateado a deslizar por entre tapetes de musgo, e o sussurrar de fonte rustica, aberta no flanco da montanha; sentir ao longe os descantes dos homens de trabalho, e das camponesas, e o vento gemendo de noute nos pinheiraes!

Dizei-me: não é tudo isto poesia animada, e permanente? Lamento-vos, se sorris desdenhosos a este programma de alegrias tranquillias, que podeis entretecer de affeições domesticas, de leituras instructivas, de pensamentos religiosos, pois que não ha mais vasto nem grandioso templo para o amor puro, para a sciencia austera e para o culto livre de Deus, do que a solidão magestosa das campinas.

Haveis de causar-me dó, se a prazeres tão puros preferirdes o respirar as auras municipaes do Passeio publico, escutar as harmonias das philarmonicas anonymas, aos domingos, correr a cavallo no *campo Grande*, no mais ignobil e caricato de todos os *steeple-choses* do mundo, tomar ha-

nho na agua turva do Tejo, em companhia de milhares d'alforrecas, que vos vem beijar na face, jogar as armas no Gremio, vêr os bonecos de cêra, a mulher com barbas, os pretos e os commendadores na procissão do corpo de Deus, em S. Carlos bailarinas decrépitas, e tantas outras semsaborias, pão quotidiano de que se alimenta a parte ociosa d'esta nossa Lisboa, por baixo de cujos ouropeis reluzentes se vêem transparecer os farrapos humildes de mendiga.

Feliz o homem do campo, que revolve a terra com a charua ! Vêde-o ! Torna-a fertil, produz abundancia, gera riqueza, cria moralidade, assegura a paz, cumpre a lei christã do trabalho.

Ricardo Guimarães.

NOVEMBRO — 21

DIFERENÇA

Quando tinha esses teus olhos, Pelos quaes o mundo via Porque elles erão meus olhos, Meu amôr, minha alegria,	Um dia achei-os cobertos De funda melancholia; Não eras minha, eras d'outrem, E o pranto d'elles corria !
--	--

Julgava um céu este mundo A extstencia poesia; Mas vinha d'elles o brilho, Que tudo bello fazia.	Por isso agora não vejo O mundo, qual d'antes via, Porque as lagrimas enturyão Teus olhos, minha alegria.
---	--

J. Ramos Coelho.

NOVEMBRO — 22

Promessas e beneficios. — As promessas prendem mais o homem do que os beneficios. Para elle a promessa é uma cadeia, o reconhecimento um fio, apenas.

El-Rei D. João II passando um boi à capa. — Datão de remotas eras os combates tauromachicos, hoje tanto em voga na Peninsula Hispanica, cujos povos muito com elles se alvoroção e enthusiasmo, e que são tambem a diversão predilecta da briosa mocidade lisbonense.

Encontramos as mais affastadas memorias d'esta diversão barbaresca nos rudes espectaculos dos primeiros amphitheatros gregos.

Em Roma foi no reinado de Tarquinio, o *Soberbo*, que se deu começo ás *festas de touros*, de que são pallido simulacro as modernas touradas. Essas festas hoje tão celebradas na Pérsia, perpetuarão-se até aos primeiros séculos do christianismo, e ficaram de uzo em toda a Hespanha, onde se foram transformando, e modificando até tomarem a fórma de apparatosos combates entre a arte e a força bruta.

Desde os primeiros tempos da nossa monarchia os vemos occupar logar distincto nas festas da côrte, a par dos *mômos*, e dos jogos de cannas; e os nossos reis davão muitas vezes mais apreço a um habil toureiro, do que a um esperto estadista.

El-rei D. João II era um denodado toureador. Arcava frente a frente com o mais possante boi, com valentia igual àquella com que se propoz derribar os excessos e prepotencias dos senhores feudaes,

Um dia foi sua alteza vêr uma corrida de touros no terreiro junto á igreja d'Alcochete, acompanhado da rainha D. Leonor d'Alencastre, e da côrte. Um boi negro, como os que Nestor sacrificava a Jupiter, e enfurecido como os leões da Numidia, arrancou os cancellos do curro, e investio com a turba que o cercava, pondo-a toda em fuga, e vindo triunfante pela rua principal em poz dos ultimos fugitivos. N'este intermentes acabava de passar el-rei a pé com a sua corte. Mas os fidalgos, que, afeitos a pisar molles alfombras, a lidar com brocados e setins, e a respirar o pacifico ambiente dos reaes aposentos, mal se avinhão com os acciden-

tes de tão rude hospedagem, deitaram a fugir como desatinados sem attentarem, sequer, em que seus reaes amos se ficavão a sós com tão feroz inimigo. El-rei, porém, que nada tinha de meticoloso, travou da espada, estendeu no braço direito a bordada capa, e pondo em guarda a rainha, fez a mais linda sorte de capa que ainda se vio desde João de la Herra até Antonio Carmona.

O touro soltando um mugido de desesperação respeitou o valente antagonista, e foi dar caça á turba multa dos fidalgos e peões, que semi-mortos de susto fugião a sete partidas.

El-rei soltou um riso ironico em que fa de involta a ufania da victoria, e a indignação pela fraqueza dos seus aulicos, e n'um accesso de ira tão vulgar no seu genio, voltou-se para o primeiro cortezão, que se lhe deparou, e que era o seu pagem da lança D. Jorge de Menezes, e lançando-lhe as mãos ás barbas exclamou arrependendo-lh'as, e rangendo os dentes :

—Hei de ensinar-vos a passar um boi á capa, D. Cavalleiro !

— Se assim apraz a vossa alteza, real senhor... .. tornou o o fidalgo em voz trémula.

— Ha pouco perdoei em Evora a um matador, que fiz meu criado por ser um toureador valente, e aos covardes da minha real caza hei de *toureal'os*, e enche'los de garrochas. Andae mais avisados d'ora ávante.

Era para vêr depois o afan com que a fidalguia toda se exercitava na tauromachia.

De como se mostra que a monomania tauromachica, que hoje nos persegue, tem valiosos titulos nobiliarchicos.

Eduardo Coelho.

NOVEMBRO — 24

Remédio para as frieiras ainda não rebentadas.

— Cosimento de salva em vinho branco.

Applica-se morno, chapinhando com este cosimento os pés ou mãos, á noite ou pela manhã.

No fim d'alguns dias estareis bons d'este flagello.

A. F. (Gondomar).

A SAUDADE NO ERMO

Pobre saudade ! O teu seio
 Por quem palpita anhelante,
 Qual foi a mão inconstante
 Que assim te lançou no chão ?
 Orvalhada com meus prantos,
 Socia dos meus pensamentos,
 Respondeste aos sentimentos
 Que eu tenho no coração.

Vem comigo ; o teu perfume
 Bem docemente me inspira,
 Minha alma também suspira
 Em lances d'immensa dôr.
 Como tu em vão procuro
 Vêr um ente idolatrado,
 E como tu do passado
 Eu vivo também, ó flor.

Pobre saudade ! Encontrei-te
 Ao brando expirar do dia,
 Na hora em que o céu envia
 À terra propicia luz ;
 Quando as côres do crepusculo
 Se refletem no horizonte,
 Quando a brisa, o prado, o monte
 Com mais encantos seduz.

Oh! talvez que n'esta hora,
 No seu placido retiro,
 Ella soltasse um suspiro
 Ao recordar-se de mim !
 Quem sabe se tu serias
 Mensageira que em secreto,
 Viesses do seu affecto
 A dar testemunho em fim ?!

Se assim foi, ô confidente
 De quanto minh'alma opprime,
 Corre a dizer-lhe o que exprime
 N'este instante o meu amor.
 E ao vel'a sorrir, em paga,
 N'aquella pálida frente
 Um ai, um suspiro ardente,
 Um beijo, em fim, vai depôr.
Bulhão Pato.

Apontamento de viagem. — Adiante de Olazagutia o maestro Barbieri — famoso auctor de *Jugar con fuego* e das mais festejadas *zarzuelas* de Hespanha — que com grande for-

uma minha tive por companheiro de Madrid a Pariz, o melhor, o mais espirituoso, instruido e eloquente *cicerons* que pode achar-se, disse-me indicando um logarejo cavado na baixa de um monte:— «Alli é a Fonte da Verdade, *la Fuente de la Verdad*. — A diligencia n'aquella altura principiou a seguir lentamente, porque os cavallos ao passarem deante de uma aldêa metteram a passo, conforme o costume no paiz basco onde é expressamente prohibido e castigado como provocação atravessar a estrada a trote na frente de uma povoação qualquer. Ia rompendo a madrugada : á esquerda perfilava-se pitorescamente um grupo de casinhas brancas com telhados de piçarra, embrulhando-se no nevoeiro, que o monte lhe atirava aos hombros, e deixando entrever indecisamente uma pay-sagem, que mesmo através da penumbra do crepusculo me pareceu abundar em accidentes de perspectiva ; era alli a fonte. — «*La Fuente de la Verdad*, continuou Barbieri, tem a propriedade maravilhosa de indicar aos amantes se a noiva conserva ainda a sua innocencia! — Oh ! Oh ! Que me conta, Barbieri ! Isso é uma fonte perigosissima, que deixa a perder de vista a taça encantada do Ariosto. E de que maneira consegue averiguar-se. . . . — «Tira-se á menina o alfinete do pescoço, com cautella de não se enganar de sitio, por ser este alfinete, creio eu, o que está mais perto do coração. Tão depressa se apanha senhor do alfinete, corre o namorado á fonte e colloca-o suavemente á superficie da agua ; convém, porém, que a mão lhe não trema, aliás podia mergulhar o alfinete, e se o alfinete mergulha é desgraça certa e indício de má nova; se ao contrario, o alfinete boia á flor d'agua, ditoso amante, que pôde afoitamente depôr na fronte da donzella a alva corôa das noivas! — «Horror! Horror! Esse método offerece gravissimos perigos. Pense bem, Barbieri ; olhe que todos os namorados são entes naturalmente dados a tremuras, muito mais em tendo cousa que os inquiete. Quantos alfinetes não irão pela agua abaixo, só porque o moço é nervoso e lhe tre-meu a mão? Veja o meu amigo, se não é barbaro soffrer a me-nina as injustas consequencias do braço vacilante e tremelicoso

do sensaborão que lhe faz a corte ? !.—Tem razão. — Não digo bem, Barbieri ? — Diz muito bem !

Julio Cesar Machado.

NOVEMBRO — 27

Ladrão moralista. — Pedio um ladrão em certa estrada a bolça a um mendigo. Respondeu este, maravilhado do despropósito,—que n'aquelle estado mal podia ter um real, quanto mais uma bolça.

Bôcca, que tal disseste ! Não estava o malfeitor n'aquelle

drajos de pobre ha quasi sempre mais, e bem mais, do que



hora disposto para recuzas, e crente de que em capa e an-

elles dizem, ou parecem ter, atirou-se ao mendigo e matou-o!

Foi-lhe em continenti á capa, e encontrando nos remendos vinte moédas de ouro de bom cunho exclamou:—Olha a alma deste maroto aonde irá parar !

.. (Benavente)

NOVEMBRO — 28

CHARADA XXVII

Carregando a ultima letra
É cidade no Brazil. 2
Trabalho sempre fiado
E cobro-o com voltas mil. 2

—Diz o conceito ? Ora essa !
Dispensa bem o conceito
Quem atirando a charadas
É um caçador perfeito.

José Gomes da Silva.

Murinas. — Na presença de ruínas a alma é sempre dominada por impressões mais ou menos profundas, e essas impressões são diferentes segundo a sua natureza. As que deixa

homem é naturalmente bom.
As ocasionadas pelo tempo
atraem-n'os pela conformidade



a guerra depois das suas devas-
tações contristão-nos, e isso
mostra-nos, que o coração do

secreta, que existe entre os monumentos destruidos, por mais sólidos que fossem, e a rapidez da nossa vida.

Aquellas em que a natureza combate contra a arte dos homens, inspirão-nos dobrada melancolia, porque nos mostram a vaidade dos nossos trabalhos minando-lhes dia a dia a existencia.

Sophocles e Cotin. — Ao lêr a pag. 143 do *Almanach* do anno passado a anecdota ácerca do abbade Cotin, ferido pela penna de Boileau, lembrei-me de que havia uma relação, e bem intima, entre elle e o grande tragico grego Sophocles. Quem tal diria ? Pois existe.

Sophocles foi accusado por seus filhos de ter perdido o juizo e a razão, e dizião que como tal devia ser riscado do numero dos escriptores. A esta accusação responde o poeta com a sua tragedia d'Edipo, que o cobre novamente de gloria, e os seus detractores ficão aniquilados.

*Il dit, et fait entendre a ses juges surpris
Le dernier, le plus beau, de ses nobles écrits.*

Cotin era homem excêntrico ; não querendo soffrer o incommodo da administração dos seus pequenos haveres, fez d'elles doação a um amigo com a obrigação d'este lhe subministrar o indispensavel para a sua modica subsistencia. Os parentes de Cotin, quando tal souberão, quizerão fazel'o recolher a um asylo d'alienados, tendo como filho de rematada loucura um semelhante acto.

Cotin não impugnou; foi ter com os seus juizes, e convidou-os a que fossem assistir á sua prédica immediata, sugeitando-se á curadoria se depois de o terem ouvido o considerassem louco.

Os juizes forão, e saíram tão satisfeitos do sermão de Cotin, que não só o consideraram no goso de tola a sua intelligencia, senão que também condemnaram os seus invejosos parentes a pagar uma grande multa.

Francisco José Guilherme Faure (Leiria).

DEZEMBRO — 1

O tumulto de Virgílio. — Um conselho aos leitores do *Almanach* : fação um sacrificio e vão a Napoles. A Italia é a capital do mundo, e Napoles o jardim da Italia. «Vêr Napoles e depois morrer,» diz o povo, e dizem os poetas. Os poetas e o povo teem razão. Que azul de céu! que sol! que mar! formosa maravilha de Deus! A cidade não é só um conjunto simples de cazas, de côres variadas, de amphitheatros, de arvoredos : é um sorriso da natureza. A bahia circular, a cidade reclinada em volta d'ella e beijada por ella ; uma corôa de cordilheiras onde a cidade se encosta ; bordando as cordilheiras, castellinhos, *villas*, arvores, bosques, fontes. Á direita, Pausilippo, Pozzuoli, Baías, Cumas, o cabo Miseno ; — á esquerda, Portici, Castellamare, Sorrento, Herculanium, Pom-

peia ; — defronte a celebrada ilha de Caprea, a feitiçeira ilha de Ischia , a risonha ilha de Nisida ; — do centro da cidade, elevando-se, o célebre castello de Sant'Elmo; quasi do centro do mar, rompendo as nuvens... o Vesuvio !

O viajante não iria a Napoles, se deixasse de visitar na margem esquerda as povoações vivas de hoje, e na margem direita as recordações da Roma imperial, as Cintras de Nero, de Salustio, de Cicero, de Pompeo. Logo á extremidade de Napoles, procurará o tumulo de Virgílio. Está collocado n'uma eminencia, dominando d'um lado a cidade, e do outro as antigas campinas romanas. Era alli, d'entre as habitações do poeta, a sua habitação valida. Dos seus terraços espriava os olhos por aquellas campinas e povoações. onde o viajante deve ter ido na vespera ver a gruta da Sybilla, o Averno, os Campos Elysios—a *Eneida* palmo a palmo, e verso por verso.

Entrando-se hoje n'uma propriedade particular, desce-se uma longa escada, que nos conduz á pequena e frondosa gruta. Entra-se. Estamos n'um *columbario*, espaço circular, em tudo semelhante a um forno. Defronte da porta de entrada rompe uma abertura, semelhando uma janella por onde penetram os ramos virentes do loureiro plantado alli por Casimiro Delavigne, em substituição do que Petrarca alli plantara tambem. Quasi encostado ao postigo ergue-se um marco de pedra mandado levantar no anno de 1840 pelo bibliothecario da rainha dos francezes.

O panorama é dos mais admiraveis. D'alli vio o poeta os logares todos que descreveu e que immortalizou. D'alli os vê o viajante ; d'alli os percorre com o Virgílio na mão, conhecendo uns, adivinhando outros. O que nós hoje visitamos como recordação, via-o o poeta. dos seus jardins. Aquelles golfos, aquellas cidades, aquellas *villas* sedutoras, aquelles lagos formando espelhos, aquelles paraísos terrestres, tinha os elle de casa.

Em todos os séculos se tem ido, todos os dias se vae em romaria ao tumulo de Virgílio. Reis, sabios, poetas, artistas, mulheres, curiosos, ignorantes, todos querem ir colher um ramo

de louro á gruta do poeta que não morreu. Não vão orar por um morto ; vão visitar um vivo, que tem dous mil annos de idade.

Não lhe prestão homenagem só os vivos. Querem muitos tambem que as suas cinzas repousem junto das cinzas do grande poeta. Perto da gruta encontra-se um cemiterio moderno com os sepulchros dos que em vida comprão ao proprietario do terreno os nove palmos de terra para repousarem. O preço está fixado ; é de 60 piastras por pessoa. Nos epitaphios lêem-se nomes de inglezes, francezes, allemães e italianos.

As gerações vão todas alli fazer uma visita festival ao genio que as dotou com as *Georgicas*, com as *Eclogas*, e com a *Enéida*.
D. Antonio da Costa.

DEZEMBRO — 2

DEUS !

Eu me lembro ! eu me lembro ! — Era pequeno
E brincava na praia : o mar bramia
E erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca escuma para o céu sereno,

E eu disse a minha mãe n'esse momento :
•Que dura orchestra ! Que furor insano !
•Que póde haver maior do que o oceano,
•Ou que seja mais forte do que o vento ? !

Minha mãe a sorrir olhou p'ros céus
E respondeu : — •Um ser que nós não vemos
•É maior do que o mar, que nós tememos,
•Mais forte que o tufão ! meu filho, é — Deus !

DEZEMBRO — 3

Efeitos da experiencia. — Aquelles a quem a experiencia não tornou melhores aprenderam d'ella os meios de o parecerem.

DEZEMBRO — 4

AO LARGO!

(A...)

Rasga o azul do espaço,
Pomba de eburueo côlo,
Busca diverso polo,
Foge de aqui te pôr.
Foge, que n'este solo
Achas, a cada passo
Flores... por baixo um laço,
Festas... no fundo, a dôr.

O vôo accelera,
E mais fria, a aragem,
Em mais pura esphera
Te enrugue a plumagem.
Na tua passagem,
Os olhos não deites
Aos falsos deleites,
Que ha n'esta voragem.

Ainda outra prece:
Não te retrates
No Tejo antigo,
Moderno Euphrates,
Que o não merece.
Faze o que eu digo,
Poupa-te ao p'rigo...
Não te dilates.

Vôa innocente ; prosegue !
Que algum prisma te não cegue;
Que algum perfido bafejo
D'este mephitico ar
Te não accenda o desejo
De affrontar da insidia o risco,
De esvoaçar sobre o visco,
De entre os açores pousar.

Não os escutes !
Se os escutasses...
Essa alegria
Em pranto amargo
Se mudaria.
Embora luctes...
Oh ! vela as faces...
Depressa ao largo !

Vai ! percorre os horisontes ;	Então... termina o giro.
E se, acaso, enfim, achares,	E, sobre a fresca alfombra,
Ou no seio dos algares,	Da selva pousa á sombra,
Ou no vertice dos montes,	Ficar te deixa ahi ;
Qualquer obscura aldeia,	Que um placido retiro,
Onde se ame e se creia,	Na paz e na innocencia,
Onde da virtude a ideia	Tem mais valor na essencia
Ainda tenha culto e altares...	Que o fausto de uma houri.

A. Pereira da Cunha.

DEZEMBRO — 5

Linguagem das paixões. — Cada paixão tem presentemente buscado adoçar o termo que melhor a exprimia. Deste modo o orgulho, chama-se dignidade ; o egoismo, caridade de nós mesmo ; a fraqueza, modestia ; a covardia, prudencia ; a avareza economia ; e assim por diante.

DEZEMBRO — 6

CHARADA XXVIII

Arvore sagrada sou		Que coração tão cruel,
Entre o povo canarim,	2	Que homem abominavel ! 2
Mais com gosto que sem elle		Que perfume tão cheiroso,
Muita gente faz assim.	1	Que aroma tão agradável !

Manoel José Baptista (Avelans de Caminho).

DEZEMBRO — 7

Esperar. — Saber esperar é mais que prudencia. É segredo de felicidade ; é o mais habil de todos os calculos ; é o caminho, que com mais certeza nos leva ao ponto que dezejamos.

LOGOGRIPO VIII

Da minha primeira e quinta
A humildade se cingia,
Mas em dadas circumstancias
O terror me precedia.

A quarta com a primeira
Cauza accessos d'alegria,
E tambem cauza desgostos
Quando a rasão se entibia.

As avessas lida a quarta
Inda a metade uniria;
Com a terceira e a quinta
Obra de grande valia.

A segunda co'a terceira
Dá luz que muito allumia;
E invertida, inda com ella
Diz que alguém se ausentaria.

A quarta e quinta incessantes,
E ninguém descansaria;
Estas ambas e outra letra,
Dão flôr que muito varia.

A sexta com a primeira
Inda uma letra uniria
Para mostrar que a virtude
De pudôr se revestia.

Se nos homens dominasse
Muito mal se evitaria !..
— Eis aqui o logogripho
Já tão claro como o dia !

D. Catharina Maxima de Figueiredo (Guiães).

Côr primittiva. — Nos tempos primitivos os homens forão todos brancos, ou todos pretos, ou parte brancos, e parte pretos? A theoria nos faz antes crer que fossem pretos. O que é porém indubitavel é que a raça negra já se estendeu a muitas mais regiões do que hoje.

Romão José Pinto Cerqueira (Brazil).

Marabutos.—Assim se denominaram os arabes, que tendo successivamente penetrado na parte oriental da Africa, se estabeleceram no deserto de Sahrah, afim de se isolarem das tribus musulmanas, e entregarem-se mais livremente ás practicas supersticiosas do mahometismo. Os seus chefes tornando-se pelo andar do tempo soberanos das duas Mauritánias, e fundando a cidade e o imperio de Marrocos, passaram o estreito



de Gibraltar, e dominaram a Hespanha. Hoje chamão-se ainda marabutos nos Estados barbarescos os religiosos, ou anachoretas, que orão nas mesquitas, fazendo a oração que o povo repete. Estes anachoretas são tidos como santos.

Creram muitos que d'este nome arabico se deriva a palavra morabitino, marabitino, ou maravidi, empregada entre

nós e na Hespanha para designar uma antiga moeda da prata e ouro. É certo, porém, que mais de duzentos annos antes que os marabutos, ou marabitinós, entrassem em Hespanha, já nas terras portuguezas havia maravidis. Demonstra-o Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo no seu excellente *Elucidario*.

DEZEMBRO—11

A calumnia. — Vêdes n'esse antro escuro o áspide venenoso? E o emblema da calumnia. A extensão da sua lingua trisulca e farpada representa a grandesa dos males que a calumnia pôde causar.

Vêdes o vaso d'onde o áspide parece que retira a cabeça? É o tinteiro onde está o veneno em que a calumnia molha a



penna, que ahí vêdes também, cujos bicos como a lingua do aspide lacerão a innocencia e a virtude.

Vêdes aquelle facho ardente? É o emblema do furor, da vingança, e da destruição que a calumnia lança no meio da sociedade.

O facho e a penna! O facho, que allumia na mão da virtude, o facho, que esclarece como a razão, que é filha de Deus, na mão da calumnia incendeia e destroa. A penna, que na mão do homem consciencioso propaga os conhecimentos uteis, evangelisa a sciencia e a illustração, e exalta o sentimento da dignidade humana, posta ao serviço da calumnia é o facho que ás ordens de Nero reduz Roma a cinzas; é aquelle *calamo* do qual diz o nosso Vieira que se deriva *calamidade*. «Se as pennas, diz elle, de que se serve o rei, (e hoje não o rei, mas o povo) não forem sãs, destes *calamos* se derivarão todas as calamidades publicas, e serão o veneno e enfermidade mortal da monarchia, em vez de serem a saude d'ella — *sitanas in pennis ejus*.»

Ha diversos outros emblemas e quadros da calumnia maravilhosos e expressivos. Mas não é d'esses que tracto.

Advirto porém, que ás vezes se chama calumnia á verdade mais inconcussa, mas que desagrada ao forte, ao prepotente e ao criminoso.

«A calumnia, como diz S. Luiz, inventa para fazer mal; accuza maliciosa e falsamente para infamar; imputa com má fé delictos, que talvez nunca existiram, para cobrir de opprobrio a infeliz victima do seu furor. O seu fim é tirar a honra, a reputação, e o bom nome a quem por ventura o pressa mais que a vida. O calumniador quando não póde, ou lhe não convém, inventar e imputar crimes, suppõe intenções perversas nas acções mais indifferentes, e até nas boas e virtuosas. N'este vasto campo triumpho o malvado quasi sem opposição.»

Antonio Rodrigues Sampaio.

DEZEMBRO — 12

ENIGMA.

Quatro letras te fazem uma capa;
Tira uma, e de fructa não escapa.

Manoel Lopes Maia (Gavião)

ADEUS AO VALLE DAS FURNAS

Dedicada ao ex.^{mo} sr. barão das Laranjeiras

Dias de acerbas tristezas,
Vinde, ai, vinde aqui morrer,
Que estes céus, estas verduras
Respirando estão venturas,
Vida, esp'rança, amor, prazer,

N'esta formosa devesa,
Cercada de enlevos mil,
Folga alegre a natureza,
Pois tudo aqui tem belleza,
Tudo é sublime e gentil.

Serros, valles, montes, prados,
Quem jamais os vio assim !
De frescas hervas colmados,
De flôres sempre toucados,
Eil'os — um vasto jardim !

Por entre toscas ravinas
Correm aguas de cristal
Banhando grotas, campinas,
Regando brancas boninas,
Serpenteando todo o valle.

A par de frescas nascentes
Rouquejando está o chão,
E cospe jorros ferventes
Por entre fendas ardentes,
Que bramão como o trovão !

Da serra sob os fastigios
Andão nuvens a pairar ;
E o fumo d'igneos vestigios,
Do centro d'estes prodigios
Em ondas as vai saudar.

Lindos mattos d'urze e giesta
Cobrem da serra o pendor :
Onde vér terra como esta—
Cada outeiro uma floresta,
Cada floresta um primor ?

N'esta amena soledade
Quão bella vida eu vivi !
Longe de toda a vaidade,
Já d'este valle a saudade
Crescêr-me n'alma senti.

Finda, porém, n'um momento
Tudo quanto aqui gozei !
Hoje n'um doce lamento,
Triste adeus de sentimento
N'estes sitios gravarei.

Adeus, pois, que vou deixar-te,
Mimoso encanto dos céus !
Possa aqui, e em toda a parte,
Constantemente exaltar-te
Este meu tão grato — ADEUS !

Costumes inglezes no século XVI. — Uma dama de qualidade, como diria o peão-fidalgo da comedia de Moliere, levantava-se ás 6 horas da manhã, e deitava-se ás 9 da noite! Os toleirões, que chamão á hygiene medicina do futuro, talvez applaudão estes habitos madrugadores, que fazem arripiar as carnes aos *habitués* do Marrare, e ás leões dos nossos salões.

Se elles e ellas nunca viram nascer o sol senão através dos vidros baços da carruagem, á sahida dos bailes!

N'aquelles tempos d'obscurantismo jantar ao meio dia era jantar tardissimo. Hoje quasi que almoça cedo, quem almoça a essa hora. Em compensação almoça-se lautamente, o que então não succedia. Uma formosa lady, que mereceu as honras de ser cantada por lord Surrey, almoçava.. .

Oh! que não sei de nojo como o conde! almoçava uma libra de toucinho e uma tigela de cerveja! Detestavel mantimento, digno só do estomago burguesissimo d'um tendeiro bezuntão, indigno, trez vezes indigno d'uma senhora, ainda que essa senhora se pareça com uma ingleza das minhas relações, magra como cão vadio, esguia como minarete de mesquita musulmana. Que infinita distancia entre esta ignobil refeição e um peito de perù assado, um *beefsteak* uma saborosa *omelette*, e duas lourejantes torradas com manteiga! Já não fallo do chá preto, precioso chá, que escapando-se aos dominios da pharmacia, onde vivia em boa camaradagem com o chá de cidreira, invadio as mezas modernas, e conquistou ahi fóros de bebida grata ao paladar.

As mulheres de Henrique VIII, que erão nada menos do que rainhas, entretinhão-se, nas horas d'ocio, a fazer, á agulha, luvas de meios dedos de grossa lã escarlate! Se isto é verdade, estou inclinado a absolver as atrocidades do lascivo rei. A mulher, que faz *mitaines* de lã grossa escarlate, não póde sêr a companheira vitalicia d'um homem decente. Como a civilisação tem caminhado a passos agigantados! Digão-me, se o *crochet* e o bordado a *petit-point* não são um lavor de suprema elegan-

cia em comparação d'aquelle trabalho plebeo e desgracioso do século xvi.

A duqueza de Suffolck cuidava em pessoa do seu gallinheiro, e arregaçando os vestidos descia á capoeira para lançar grão^o aos seus patos. E era duqueza esta senhora! Não lembrou tão ignominiosa tarefa ao nosso bispo D. Affonso, que disse : a mulher que mais sabe não passa de saber arrumar uma arca de roupa branca. Como se a mulher nascesse para cuidar d'aves domesticas, ou d'arranjos cazeiros, mester baixo e degradante para quem deve viver exclusivamente para..... a vida do coração e do sentimento, na phrase dos poetas.

Os divertimentos do grande mundo consistião em ir a casa de lord Leicester jogar á *la main chaude*, jogo de que não rezam as minhas reminiscencias infantis, mas que deve de ter a affinidade da semsaboria com muitos então em uzo.

Era jogo predilecto de Anna Bolena. Esta Anna Bolena, a quem esperava o throno, e depois o cadafalso, ficava encantada, quando a mãe lhe comprava trez camisas de panno de linho, de seis pences a vara, e lhe promettia um par de sapatos novos, que valião cinco schellings, para dançar no baile do duque de Norfolk. N'aquella epocha podia-se ser impunemente casado ou chefe de familia. O sonho dourado da mulher elegante era a camisa de linho! Umas botinhas novas satisfazião-lhe cabalmente a vaidade! Não se conhecião ainda as rendas de Bruxellas, os moirécés francezes, e não sei quantos bordados e joias de subido preço, inventadas pelo luxo para desespero dos maridos.

Tambem não se podia então repetir o que um marido galante dizia a sua mulher, d'estas muito arraiadas, que em a vendo d'aquella sorte lhe fazia mais devoção, do que amôr, porque o seu andar não era andar vestida, senão revestida. A essas taes, sempre muito enfeitadas, chamava-lhes o auctor da *Carta de Guia de Casados*, famas de procissão, ou rainhas-mouras de comédia. Que lhes chamaria elle, se vivesse hoje ?

Se alguém duvidar da veracidade dos factos historicos apontados, entenda-se com Victor Hugo, que os refere no William Shakespeare.

Torres e Almeida.

• **• que é mais necessario ao cortezão.** — As duas cousas mais necessarias ao cortezão, dizia lady Blessington, são uma consciencia flexivel, e uma inflexivel polidez.

Cêres de Burgos. — (Fragmento do *Conde Soberano de Castella*. — Inédito.) — O sol entra a esconder-se por detraz dos montes, dourando com seus ultimos charões os vidros multicôres dos palacios e mosteiros. Para o lado do poente assomão pequenas nuvens, que se avermelhão da mais viva purpura, arroxando-se logo, desmaiando depois, e depois tingindo-se de azul-ferrete. A luz crepuscular dura alguns minutos, mas as sombras vem crescendo, crescendo até que a noute reina na terra, e na immensidade dos céus. Então as montanhas circumjacentes, até essa hora bem distinctas, conglobão-se em massa tenebrosa, e os tetos das casas do burgo parecem um só tecto. O ar está tão transparente, que o nevoeiro habitual não circunda o castello, e o vulto do castello toma, descoberto á vaga scintillação das estrellas, proporções estranhas.

As luzes e o ruido do vasto acampamento dos arabes vão-se extinguindo. As vozes, que deita o burgo no principio da noute, vozes de soldados, que vão repousar; de jornaleiros recolhendo-se das suas fadigas; de armeiros e espadeiros contando com maravilha as espadas, lanças e béstas, quebradas, concertadas ou ultimadas durante o dia; de mulheres resando, ou lastimando-se, ou perguntando ou narrando os successos da luta, repetidos e repisados trez e quatro vezes; de rapazes aos bandos, que com morriões de papelão, béstas e espadas de cana ainda parodião com golpes e gritos a sanguinolenta refrega, ou correm alegremente sobre os pirilampos, que fuzilão na escuridão os seus fogos fatuos; todas estas vozes vão lentamente morrendo no

avancar das trevas. Nem já desfere as notas conhecidas cithara amorosa, chamando á gelosia a virgem que espera, trémula de susto e praxer, para lhe escutar a grata harmonia. Só de espaço em espaço se ouve alguma som solitario, ou o estrupido de algum cavallo, que passa, até que se faz silencio geral

.....
A lua na sua phase de obscuridade não projecta sobre a terra a claridade vaporosa dos raios aveludados. A ursa tem cursado mais de metade do céu, e o firmamento está tão puro, tão azul, e tão sereno, as estrellas com tão limpido resplendor, que a alma deseja as azas do seraphim para voar a essas ilhas eternas de luz, onde nasceu, para onde incessantemente aspira, e donde a desterraram para este mundo subllunar, em que vive, sandosa da patria etherea que deixou.

É noute, alta noute. Móra o silencio no campo arabe, e nos muros da praça. Com os membros prostrados e o espirito fatigado de quatorze horas de combate dormem de somno profundo sitiante e sitiados. Tão mortal é o torpôr que absorve n'essa hora as faculdades de todos aquelles homens, ainda ha pouco inebriados de ardor, respirando sangue, e freneticos no pelejar, que se os aggreddidos podessem, evocadas as forças vitaes, accommetter o arraial inimigo, porião os arabes em rota completa. Se as mãos se trocassem, e os sarracenos conseguissem quebrar a cadeia magnetica que lhes prendia os sentidos, arrumando escadas aos muros, degolando vigias indefensos, penetrando, impresentidos, no proprio coração do burgo, a nacionalidade hespanica ficaria talvez para sempre com uma pagina em branco no livro de ouro dos povos independentes, e a bandeira castelhana enrolada jazeria inerte e esquecida entre os trophéus e os despojos dos soberbos filhos do Oriente.

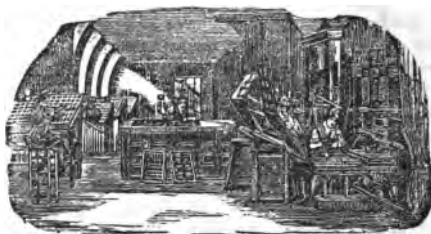
Parece que um poder mais que natural, talvez um conjuro magico, assomnorenta os dous exércitos.

Antonio d'Oliveira Marreca.

Origem da Imprensa Nacional. — Foi creada com o titulo de *impressão regia* por alvará de 24 de Dezembro de 1768. N'ese alvará lia-se a seguinte disposição :

«Todas as obras que se mandarem imprimir pela Directoria Geral dos Estudos ; pela Universidade de Coimbra ; pelo Real Collegio dos Nobres ; e por outras quaesquer comunidades,

e moderados preços, que fôr
rem regulados em conferen-



ou pessoas particulares, par-
ticiparão à impressão os justos

cia, sem attenção a grandes interesses; pois que o fim d'este estabelecimento é o de animar as letras, levantar uma impressão util pelas suas producções e dignas da capital d'estes reinos.»

Hoje a Imprensa Nacional comprehende, além de uma excellente fundição de typos, e uma lithographia, cujos productos são muito para elogiar, uma officina typographica onde trabalham diariamente para mais de 180 empregados e operarios, e cujos valores, segundo o inventario geral de 1855, ascendem a 200:000\$000 réis. Este desenvolvimento, que a faz rivalisar com as melhores da Europa, deve-se em grande parte aos nunca desmentidos esforços dos seus dous ultimos administradores.

Muito espirito pouco amor. — Em geral sabem-n'o as mulheres perfeitamente, diz Madame George Sand : um homem que fala d'amor com espirito está mediocrementemente amoroso.

Moysés no Monte Sinay. — Assim que os hebreus entraram nos solitarios valles do Sinay e de Horeb, intendeu o legislador de Israel, que era chegado o momento de assentar, por fórma indelevel, os preceitos essenciaes, que devião servir de base ás suas leis.

Purificados os israelitas, postas as barreiras nas raizes da



montanha, para que o povo senão aproximasse, subio Moysés ao Sinay.

Dizem os livros sagrados : *«eratque omnis mons terribilis.* Causava horror o Sinay. Espessas nuvens encastelladas sobre a montanha envolverão-n'a em densas trévas. A espessos o fusilar dos relampagos cobria-a de fogo, e os trovões, eccoando pelos valles, levavão o assombro ao povo hebreu, que fugia, abalado com pavor, das fraldas do monte bradando a Moisés : «Falla-nos tu, que nós te ouviremos ; e não nos falle o Senhor, não succeda morrermos.»

E foi do cume do Sinay, que desceu o legislador hebreu, trazendo aos homens a proclamação sagrada, o decalogo, ou o

primeiro pacto social, que surgiu para a civilisação das nações.

Forão, sem duvida, estes preceitos, que inspiraram aos legisladores modernos a primeira idéa da declaração dos direitos do homem.

Moysés é o grande vulto biblico. É o genio creador.

Adivinhou, presentio, e gravou na pedra o germen das instituições modernas. Ao fulgor dos raios de luz, que irradião da sua fronte, somem-se e desaparecem no espaço todos os outros legisladores da antiguidade. Solon, Licurgo, Dracon, Numa, Confucio e Mahomet acharam-se no seio de povos sujeitos a leis, e habitando uma patria sua.

No chefe hebreu tomão todos os seus actos proporções collosaes. Organisa um povo, arranca-o ao captivo, lucha com o o poder dos Pharaós, e no meio do deserto, arcando com a natureza, e com as sociedades corruptas e ferozes do Oriente, funda uma legislação em que o Deus de Abrahão e de Jacob imprimio a sua magestade.

E como a revelação do Sinay rasga nos horisontes do futuro a era da iniciação, que termina no Golgotha — alli, nas taboas da lei, resume-se a verdade suprema n'este principio: «*Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egypto, da casa da servidão.*»

É o primeiro annuncio de liberdade.

Desenrola-se magestoso, á face da humanidade, revelado no cume do Sinay, ao clarão dos relampagos; e mais tarde, na agonia do horto, proclama de novo Christo este principio, resgatando com o seu sangue a emancipação de todos os homens.

É por isso que o Sinay e o Thabor são as duas aras sanctas da liberdade dos povos.

Barão de Barcellinhos.

DEZEMBRO — 20

Porque se diz mal das mulheres. — Diz-se mal das mulheres, escreve um author sizudo, pela mesma razão porque se não atirão pedras senão ás arvores carregadas de bons fructos.

O AMOR

Imitado do hespanhol, de Rodrigo Cota

Vista cega, luz escura ;	Choro alegre ; incerto riso ;
Gloria triste, e morte em vida ;	Mel que amarga, e fel gostoso ;
Na ventura a desventura ;	Um martyrio em paraíso ;
Ocio duro, e branda lida ;	N'um inferno o maior goso ;

Confusão de paz e guerra ;
 Bem supremo e summo horror ;
 Eis o pai, o algoz da terra,
 O demonio, o Deus ; o Amor.

A. F. de Castilho.

DEZEMBRO — 22

Differença entre o virtuoso e o justo. — Para sermos justos basta que não façamos aos outros aquillo que não queremos que nos elles fação. Para sermos virtuosos é preciso que façamos aos outros o que queremos que elles nos fação.

DEZEMBRO — 23

A BEIRA DO TUMULO

É mais doce o perfume que recende
 Na flôr, que expira ao expirar da tarde ;
 Fulgida chamma, que crepita e arde
 Se morre, envia mais vivaz clarão !
 Assim nossa alma, ao presentir o tumulo,
 Expande o arôma do jardim ethereo,
 E vai banhar-se (encantador mysterio !)
 Na immensa luz d'angelical visão !

M. Pinheiro Chagas.

HOMEM PREVIDENTE

Que tenha prompta a chalupa,	Olhos no chão, mão na bôcca,
Ordena Pedro a João ;	Fica Pedro a meditar,
Para em breve transportar	Quaes os meios que haveria,
N'ella um certo batalhão :	De tal pezo o aliviar :

Fca João mui zangado,	E logo diz, que as razões
Pela carga do navio,	De João não tem respostas ;
Que o batalhão tem mochilas,	Que as moxillas os soldados
Soldados, e mulherio:	As pôdem levar ás costas. »

Daniel Simões Soares (Ilha do Porto Santo).

DEZEMBRO — 25

● **jogador de xadrez.**—Jogava certo allemão uma noute o xadrez n'um caffè da Allemanha. Por volta das 9 horas entra um amigo no caffè e pergunta-lhe como ía da saude. O allemão homem nimiamente reflexivo, e agora todo concentrado no jogo, não lhe dá palavra, mas sendo onze haras e acabando a partida volta-se e diz : — menos mal e tu ?

Palavras ao vento ! O amigo, que não tinha esperado pela resposta já a esse tempo dormia na cama havia boas duas horas.

Bem dizia Montaigne, que o xadrez não era jogo porque divertia muito seriamente.

CHARADA XXIX

No entendo, tenho dito.		Para a guerra, cavalleiros,
Isto é grego para mim	2	Para a guerra sem tardança,
Ai do triste que padece		Combater com valentia,
E se lamenta sem fim.	2	Que o meu braço não descança,

Dona M. da G. (Vizen).

PETIÇÃO DE UM BARBEIRO

Pelo Natal

✱

Quem rapa os bigodes
Ao bicho-careta
Não póde, por peta,
Pregar seu gilbaz ?
Então é preciso,
Por amor á pelle,
Tratar de com elle
Viver sempre em paz.

Mais. Em certos dias,
Dias de festança,
Dar-lhe uma lembrança
Em bello metal.
Assim, por exemplo,
Agora que a Igreja
Celebra e festeja
De Christo o Natal.

Navalhas tão boas,
E tão afiadas,
São bem empregadas
Em todo o freguez.
Porém não embotam
(Eu fico por ellas)
Palpando — as — guellas
De um pato, uma vez.

Gastão da Fonseca.

DEZEMBRO — 27

A tresavó. — A esposa do chanceller Séguier, fallecido em 1672, sobreviveu-lhe e chegou a uma idade bastante avançada que lhe permittio assistir ao casamento da sua bisneta, mademoiselle de Rochefort. Foi d'esta que M.^{me} de Sévigné escreveu com bastante graça — «Se lhe não tardar um filho m.^{me} Chanceller poderá dentro em pouco dizer : Minha filha, ide dizer á vossa filha, que o filho da sua filha está a chorar.

Jacques VI — Jacques VI, rei d'Escocia e da Inglaterra, que nasceu 4 mezes depois da aventura de Rizzio, morto diante de sua mãe Maria Stuard a golpes d'espada, nunca em quanto viveu deixou de tremer á vista d'uma espada nua, por maiores que foram os esforços que empregou para vencer esta disposição nervosa. Poderá a medicina explicar isto satisfatoriamente ?

ENIGMA

Lido muito, e o meu lidar
Traz-me todo em motu-vivo ;
P'ra que possa trabalhar
É preciso estar captivo.
Estorcêgo quanto alcanço ;
Quanto arranjo ás costas lanço ;
Força estranha a tal m'impelle.
Ando, e como, sem viver.
Muitas vezes m'has de ver
Co'a barriga sobre a pelle.

Anonymo Batalhense.

Remédio contra os canceres. — O chlorato de potassa foi applicado por um médico do hospital de Londres ás ulceras cancerosas com o melhor resultado. A loção de que fazia uzo compunha-se de 600 grammas de agoa, 15 de chlorato de potassa, 40 gotas de acido chloridico, e 8 grammas de tintura de opio.

É caso para se experimentar, mas sempre por conselho e com annuencia de facultativo, porque pôdem dar-se circumstancias em que o uzo de semelhante remédio seja contra indicado.

Pensamento de Mr. de Lamartine. — O livro da vida é o livro supremo, que não podemos fechar nem abrir á nossa escolha. Não se lê mais que uma vez a pagina adorada ; a folha volta-se por si mesma ; procuramos ainda a pagina do amor, e achamos sob os dedos a pagina da morte !

D. Maria J. S. Canuto.

DEZEMBRO — 31

A VOZ DA MONTANHA

Da montanha pela faldá
Passeava, um dia, só.
Quiz tecer uma grinalda
Cór da aurora e da esmeralda.
Da amethista e do ouro em pó.

Colhi a rosa serenã,
Colhi fragrante jasmim,
Colhi o lirio, a verbena.
A pura, branca açucena,
Mais a dhalia de setim.

Pobres flôres ! Ao colhel'as,
Esta voz julguei ouvir :
• Não tens, impio, pena d'ellas?
• Vais colhel'as, quando bellas
• Começãõ a sorrir !

1850

• Por servirem de vans gallas
• A uma bella, tambem vã,
• Vens ao campo hoje arrancal'as
• Para em ricas nobres salas
• Serem murchas ámanhã !

• Deu á terra Deus por manto
• Este florido matiz,
• Para que sem dó, nem pranto,
• Viesses quebrar o encanto
• D'este prado tão feliz ?

• Essa bella a quem vaidosa
• Teu amor a offerta dá,
• Folha a folha, desdenhosa,
• O jasmim, o lirio, a rosa,
• Ámanhã desfolhará. •

Antonio de Serpa.

FIM.

SECÇÃO D'ANNUNCIOS

DO

ALMANACH DE LEMBRANÇAS

LUSO-BRAZILEIRO

Fundado em 1851

A tiragem d'este livrinho nunca é inferior a 16:000 exemplares, que são distribuidos pelo Brazil, pelas nossas Possessões d'além-mar, Ilhas e todas as terras de alguma importancia do paiz.

Não encarecemos as vantagens que os annunciantes tirão da inserção dos seus annuncios nas paginas d'este annuario, á semilhança do que n'outros paizes se está praticando em publicações d'este genero, porque são obvias.

CONDIÇÕES

1.ª Todos os annuncios que houverem de ser enviados para se publicarem, sejam litterarios, scientificos, industriaes, commerciaes, ou quaes

quer outros, deverão ser entregues no escriptorio da rua do Arsenal n.º 60, 2.º andar, até ao fim de Maio.

Esta entrega, quando mais convenha, poderá ser feita nas lojas dos principaes livreiros de Lisboa ; — no Porto, em casa dos srs. José Ribeiro de Novaes, e Viuva Moré ; em Coimbra, na loja dos Srs. Melchiades & Companhia.

2.ª A redacção dos annuncios será inteiramente da responsabilidade do annunciante, devendo por isso a respectiva secção ser paginada á parte, como supplemento ao livro, e em seguida ás paginas que o costumam formar.

3.ª O preço por cada linha de impressão, em typo igual ao do *Almanach*, contendo cada linha 48 lettras, termo médio, é de 200 réis fortes; tendo, porém, o annuncio que occupar uma pagina, ou mais de uma pagina, o abatimento de 20 por cento. A pagina é de 36 linhas.

4.ª Quando se queira que os annuncios se publiquem em typo maior, será o preço calculado pelo numero de linhas communs, que o espaço possa conter.

(1)

TYPOGRAPHIA **FRANCO-PORTUGUEZA**

Rua do Thesouro Velho, 6 — Lisboa.

IMPRESSÕES ORDINARIAS E DO MAIOR LUXO

**Para as administrações dos Caminhos de Ferro,
Navegação, Companhias de Seguros,
Commercio e Industria**

**Acções, Apolices, Estatutos, Mappas, Conheci-
mentos, Preços correntes, Recibos, Diplomas, Pas-
saportes, Circulares, Facturas, Adresses, Carimbos
em cartas, Prospectos, Etiquetas, Participações de
casamento, Convites de baile, Programmas, Car-
tazes de grande e pequeno formatos, etc.**

Impressão de Livros

ESPECIALIDADE DE TRABALHOS EM CORES E OURO

OFFICINA DE FUNDIÇÃO DE TYPOS

annexa á typographia.

GRAVURAS EM MADEIRA

BROXURAS E ENCADERNAÇÕES.

**Vendem-se tintas preta e de
cores de differentes preços.**

O ADMINISTRADOR — François Lallemand.

(2)

LISBOA & COMP.^A ENCADERNADOR

da

Casa Real, Bibliotheca Nacional de Lisboa, Escola Polytechnica,
Conselho Geral das Allandegas, Repartição dos Pesos e Medidas,
Associação Promotora da Industria Fabril, etc.

213—RUA DA ROSA—217

LISBOA

(3) XAROPE PEITORAL JAMES

Verdadeiro especifico contra toda a qualidade de tosse, legalmente authorisado pelo Conselho de Saude, ensaiado e approved nos hospitais, aonde se faz grande uso, como unico tratamento de molestias tossicologas.

Acha-se á venda em todas as Pharmacias de Portugal e do estrangeiro — Deposito geral, na Pharmacia Franco 138 — Belem, Lishoa.

CASA DE COMISSÕES
portuguezas
e estrangeiras



ASSIGNATURAS
de todos os jornaes
estrangeiros

(4) LIVRARIA CENTRAL

DE

J. MELCHIADES & C.^a

LIVREIROS DE

SUAS Magestades Fidelissimas

142, Rua do Ouro, 144

LISBOA

Com armazem na rua dos Aljibes n.º 124, 1.º andar, onde compra e vende livros antigos e modernos, portuguezes e estrangeiros, resto de edições, etc., de que tem grande sortimento.

Casa Filial em Coimbra, rua da Calçada.

(5) NOVO MANUAL THEORICO E PRATICO

DE

TACHYGRAPHIA PORTUGUEZA

OU NOVO METHODO

**Para se escrever este idioma tão depressa como se fala sem auxilio
de mestre**

Esta obra, unico tratado completo, até hoje publicado em Portugal sobre aqu-lla preciosa arte, está redigida debaixo de um novo methodo, applicado directa e especialmente ao nosso idioma. É pois uma *Tachygraphia* verdadeira e essencialmente portugueza.

Entre quantos trabalhos se tem publicado, é este o que mais satisfactoriamente resolve o difficil problema da celeridade e legibilidade na escriptura, simplicidade na prática e clareza nos seus principios: qualidades que collocão esta obra ao alcance de todas as intelligencias.

Com o intento de propagar entre nós esta preciosa arte, temos procurado facilitar a acquisição da obra para todas as fortunas, reduzindo o preço ao minimo possivel.

Consta de um volume de 128 paginas em 4°. e quatro grandes laminas lithographadas.

Vende-se no Porto, na rua de Bellomonte n.º 2 e 4, livraria de Ignacio Corrêa. Preço 500 réis.

(6) LIVRARIA HESPAÑHOLA

Diogo de Campos

Travessa de S. Nicoláu n.º 101 e 103 — LISBOA

Encarrega-se de quaesquer encomendas de livros e jornaes de Hespanha.

Encontra-se tambem n'este estabelecimento muito bom sortimento de musica hespanhola.

(7)

HARMONIAS ESPIRITUAES

LIVRO DE MISSA

Um lindo e elegante volume nitidamente impresso

NA TYPOGRAPHIA FRANCO-PORTUGUEZA

Ornado de vinhetas e gravuras

EDIÇÃO DE 1864

Contendo as Missas de todas as principaes
solemnidades. Novenas, Septenario, e Trezena de
Santo Antonio, Ladainhas, Miserere, Te-Deum,
Visita ao SS. Sacramento, Exercicios quotianos
e varias orações.

RÉGULARES E RICAS ENCADERNAÇÕES

Executadas na officina do Sr. Lisboa

Em panninho chagrín 500 — Carneira 550 —
Marroquim 700 — Idem com fechos 800 — Chagrín,
idem 18000 — Veludo de 18000 a 28000 réis.

VENDE-SE EM LISBOA

NA LIVRARIA DE J. P. MARTINS LAVADO

Rua Augusta, 31 e 33, e nas mais do costume.

(8) POMADA DO DR. QUEIROZ

Remedio infallivel, experimentado ha mais de 40 annos para curar impigens e outras doencas cutaneas.

Vende-se unicamente na pharmacia Rosa, rua de S. Vicente, 31 e 33, e na pharmacia Azevedo, ao Rocio.

(9) ELEMENTOS DE PHARMACIA

THEORICA E PRATICA

Contendo muitos artigos proveitosos para o exercicio
quotidiano da Pharmacia

POR

C. J. X. Cordeiro

Pharmaceutico, Administrador do Dispensatorio

Pharmaceutico da Universidade de Coimbra.

Dous volumes em 8.^o grande de mais de 400 paginas cada um.

Vendem-se : Lisboa, pharmacia do sr. F. F. de Assis, rua do Alecrim n.^o 123 a 125, e do sr. Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro.

Porto, pharmacia do sr. Albano Abilio Andrade, Praça de D. Pedro n.^o 72 e 74.

Vizeu, pharmacia do sr. Antonio Paes Martins, á Praça. Lamego, loja do sr. Carminet Cortez.

Coimbra, pharmacia do sr. Domingos Barata Diniz, na praça de S. Bartholomeu, e em todas as lojas de livros.

Leiria, pharmacia do sr. José de Paiva Cardoso.

Santarem, pharmacia do sr. José Mendes da Costa Pedroso.

Torres Novas, pharmacia do sr. Francisco Xavier Rodrigues.

Preço dos 2 volumes (1.^a e 2.^a parte) 2\$000 réis; do 1.^o tomo separadamente, 960; do 2.^o (Pharmacologia) 1\$040.

LIVRARIA

DE ANTONIO MARIA PEREIRA

50, rua Augusta, 52

EM LISBOA

N'este estabelecimento sufficientemente sortido, se encontram á venda livros de sciencias e artes, erudição e recreio, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros, a saber :

Theologia dogmatica, expositiva, e liturgica ; sermonarios, tratados asceticos. e livros de devoção.

Jurisprudencia, obras de direito publico, civil, natural e canonico : legislação portugueza, etc.

Sciencias Naturaes e Philosophicas, mathematicas puras e applicadas. etc.

Historia universal e particular, Viagens e Geographia.

Bellas Lettras em geral ; Dictionarios, Grammaticas, Tratados de Eloquencia e Philologia nos seus diversos ramos.

Compendios de instrucção primaria, secundaria e superior, adoptados nos Lyceus e Collegios.

Romances modernos, originaes e traduzidos.

Pecas de theatro, dramas, comédias, farças, scenas, e poesias cómicas, etc.

Obras poéticas de authores antigos, e contemporaneos.

Mappas geographicos, tanto em fórma de Atlas, como em Cartas separadas.

Estampas e photographias, retratos, cópias de quadros célebres, e de vistas e costumes portuguezes, etc.

De todos estes, e de quaesquer outros artigos de livraria, se recebem e promptificação encommendas, assim para o reino como para fóra d'elle, com abatimentos vantajosos.

(11) A QUEM CONVIER

12\$000 10\$000 2\$000

Antonio Maria d'Almeida Netto, estudante, casado, residente em Coimbra, recebe em sua casa estudantes, que não tenham completado 18 annos, pelos modicos preços de 12\$000 réis, ensinando-lhes latim ou latinidade e francez, e de 10\$000 réis sem ensino.

Os senhores, que pretenderem, queirão, até ao fim de Agosto, dirigir-se por carta ao annunciante, que mora na rua dos Militares n.º 16.

Outrosim, ensina em sua casa os preparatorios de latim ou latinidade a externos pelo de 2\$000 réis mensaes.

(12) D. JAYME

POR

Thomaz Ribeiro

Poema em 9 cantos, precedido do retrato do author, d'um prologo em cinco cartas pelo mesmo, e d'uma :

CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

POR

A. F. de Castilho

1 vol. em 8.º francez de mais de 400 paginas, 2.º edição.

Vende-se no Brazil, em Portugal, ilhas adjacentes e possessões ultramarinas, nas lojas do costume. Preço em Portugal 720 réis.

Digitized by Google

(13) DEPOSITO GERAL DE ESTAMPAS

CASA DE COMMISSÕES

E fornecimento geral para

PHOTOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA

MANOEL COSTENLA

**Espelhos, Molduras douradas e de polimento, Passe-partouts, Albuns,
Objectos de Desenho, Machinas para tiras retratos, Vistos para
Stereoscopes, Cosmoramas, etc.**

RUA DO CHIADO N.º 88.

LISBOA

(14) ANNUARIO PORTUGUEZ SCIENTIFICO LITTERARIO E ARTISTICO

POR

João José de Sousa Telles

Primeiro anno — 1863

Contém :

Noticias de todos os acontecimentos scientificos, artisticos e litterarios occorridos em Portugal em 1863.

Apontamentos para a historia das typographias portuguezas, comprehendendo as localidades, nomes dos proprietarios e administradores, numero e qualidades dos pre-los, etc.

Apontamentos para a historia dos jornaes portuguezes que se publicaram em 1863, abrangendo a descripção, nomes dos redactores, collaboradores, responsaveis e proprietarios, data do 1.º numero, genealogia, transformações, etc

Noticia bibliographica das obras (livros, folhetos e folhas), publicadas em 1863, com apreciações de muitas d'ellas.

Um volume de mais de trezentas paginas com o retrato do author.

Está á venda na livraria do editor José Rodrigues, rua do Ouro n.º 186 e 188, e nas outras livrarias de Lisboa.

(15)

LIVRARIA

DE ANTONIO RODRIGUES

Travessa de S. Nicoláu n. 113 — Lisboa

N'este estabelecimento se encontra um bom sortimento de livros usados portuguezes e estrangeiros, classicos, etc.

Tambem se encarrega de encomendas, e compra livros, tanto em grandes, como em pequenas porções.

(16) BIBLIOTHECA DOS DOUS MUNDOS

**PUBLICAÇÃO DOS MELHORES ROMANCES FRANCEZES POR PREÇOS
MUITO ECONOMICOS.**

200;000 letras, materia d'um volume regular, por 80 réis!

A Bibliotheca dos Dous Mundos—é publicada em folhas de 8 paginas, a duas columnas, e pelo *modico preço de 20 réis cada uma.*

Todos os romances serão esmeradamente traduzidos por :

A. A. Silva Lobo, A. X. Rodrigues Cordeiro, Candido de Magalhães, D. Diogo de Sousa Botelho de Vasconcellos, Eduardo Garrido, J. A. de Freitas Oliveira, J. M. d'Andrade Ferreira, Julio Cesar Machado, M. Pinheiro Chagas, R. de Bulhão Pato, etc.

ROMANCES PUBLICADOS

● **Mestre de Escola** por Frederico Soulié — tradução de A. A. Silva Lobo. — Preço por assignatura 170 réis. —

● **Poeta da Rainha** — por Clémence Robert — tradução de José Maria d'Andrade Ferreira. — Preço 240 réis. — ● **Leão**

Ameroso — por F. Soulié — tradução por Candido de Magalhães. — Preço 90 réis. — **Graziella** — por A. de Lamartine — tradução de R. de Bulhão Pato. — Preço 120 réis.

Para o Brazil e Possessões portuguezas mais 25 %

NO PRELO

● **Os Mendigos de Paris** — por Clémence Robert — tradução de José Maria d'Andrade. Sairam já as primeiras folhas.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Lisboa e provincias — 20 folhas de 8 paginas — 400 réis —
— 40 folhas 800 réis.

Brazil e Possessões portuguezas— 80 folhas 2000 réis — 160
folhas 4000 réis, moeda forte.

Os portes são por conta da empresa.

A correspondencia deve ser dirigida a Luiz Corrêa da Silva
— Escriptorio da empresa — Largo de S. Roque.

Começou a publicar-se no 1.º de Julho, contendo, ordinariamente, além d'outros artigos de redacção, e d'um extenso noticiario :

Uma revista politica interna, extranha ás paixões dos partidos, onde friamente se avalião os homens e as cousas.

Uma correspondencia de Madrid, constituindo uma revista politica de Hespanha.

Uma revista geral de politica estrangeira.

Uma secção especial relativa ás colonias.

Uma correspondencia do Rio de Janeiro, e outra de Pernambuco, dando conta por todos os paquetes do que é relativo, tanto ao norte como ao sul do Brazil, e ás republicas do Rio da Prata.

Além d'isto o *Jornal de Lisboa* tratará com esmero das cousas commerciaes, e de tudo que respeita particularmente a Lisboa, e terá mensalmente — **Uma revista agricola, uma revista industrial, e uma revista scientifica e litteraria de Portugal e Hespanha.**

Tomando o nome da capital de Portugal o *Jornal de Lisboa* propõe-se a corresponder aos destinos d'ella. Lisboa é o centro das relações de Portugal com as suas colonias, e com o Brazil ; será em breve o verdadeira e grande porto de toda a Peninsula no Atlantico. O *Jornal de Lisboa* n'esta conformidade apresenta a feição peninsular, colonial e luso-brazileira, e por esse facto interessará, mais do que nenhum outro, tanto aos hespanhoes residentes aqui, e no Brazil, como aos portuguezes que se achão fóra de Portugal.

As assignaturas do *Jornal de Lisboa* poderão começar em qualquer dia de cada mez, mas só poderão terminar no ultimo de Março, Junho, Setembro ou Dezembro.

Preço d'assignatura, o dos jornaes de grande formato de Lisboa e Porto.

Escriptorio da Empreza — rua dos Calafates n.º 102. — 1.º andar — Lisboa.

(18) NOVAS PUBLICAÇÕES LITTERARIAS **AFRICA OCCIDENTAL** **NOTICIAS E CONSIDERAÇÕES**

POR FRANCISCO TRAVASSOS VALDEZ EX-ARBITRO DAS COMMISSÕES MIXTAS DE ANGOLA E DO CABO DA BOA ESPERANÇA E SECRETARIO DA COMMISSÃO ENCARREGADA DO ESTUDO DA COLONISAÇÃO E DO TRABALHO INDIGENA DAS PROVINCIAS ULTRAMARINAS

Dedicadas a Sua Magestade Fidelissima

ELREI O SENHOR D. LUIZ PRIMEIRO

**E impressas por ordem do ministerio da
marinha e ultramar**

Acaba de se publicar o 1.º volume d'esta tão interessante obra, contendo 19 estampas lithographadas 1500 réis.

Os Mohicanos de Paris—lindo romance por mr. Alexandre Dumas 12 volumes ornados de 23 estampas lithographadas—6\$000 réis.

A Cigana — bonito romance por mr. Xavier de Montépin, 4 volumes ornados de 8 estampas lithographadas—2\$000 réis.

Vendem-se no escriptorio do editor Francisco Arthur da Silva, rua dos Douradores n.º 72, 2.º andar — Lisboa.

(19) JOÃO LINO BACHELAY & IRMÃO **Com fundição de ferro e bronze**

Rua da Boa Vista n.º 43, LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Londres, 1881



LIVRARIA



UNIVERSAL

DE

(20) SILVA JUNIOR & C.^a

LIVREIROS DE

S. M. EL-REI D. LUIZ I

Da Academia Real das Sciencias; da Bibliotheca Publica ;
das Escolas Polytechnica, e Médico-Cirurgica ;
dos Institutos Industrial, e Agricola ;

e outros Estabelecimentos litterarios e scientificos do Reino.
Correspondencia regular para Inglaterra, França, Italia e Hespanha.
Encarrega-se d'encomendas de qualquer genero.

22, Praça de D. Pedro, 25

LISBOA

AMOR E MELANCHOLIA

OU

(21) A NOVISSIMA HELOISA

POR

A. F. de Castilho

Nova edição correcta e accrescentada com

A CHAVE DO ENIGMA

Um volume em 8.°, bem impresso, de mais de 400 paginas. Preço 800 réis.

Vende-se na livraria central de Melchiades & C.^a, rua do Ouro, e nas mais do costume.

**NOVA IMPRESSÃO FEITA COM TODO O ESmero NA IMPRENSA
NACIONAL DE LISBOA, EM BOM PAPEL E TYPO NOVO
(22) DO MANUAL DO CHRISTIANISMO**

**RECOPILAÇÃO DE TODAS AS ORAÇÕES, NOVENAS, SEPTENARIO DE
NOSSA SENHORA DAS DORES. METHODOS DE MISSA E CONFISSÃO,
CONTENDO TAMBEM OS OFFICIOS COMPLETOS DA SEMANA SANTA.**

Approved por Sua Eminencia

O CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA

Um rico volume de 768 paginas, enriquecido de seis magnificas gravuras em aço e mais de duzentas vinhetas, com o frontespicio colorido e dourado; **unico livro de missa e semana santa** approved e auctorisado pelo primeiro prelado do reino, e como tal o unico que póde satisfazer a alma piedosa do christão porque em objectos de doutrina é o prelado o juiz que póde e deve auctorisar o seu uzo, o que infelizmente falta em todos os livros de orações até hoje uzados no nosso paiz.

Este livro foi enviado a França para d'alli ser devolvido encadernado, e acabão de chegar mais de 4:000 volumes com capas de marroquim, chagrin, velludo, marfim e madrepérola, ricamente ornados com muita variedade e gosto.

Encadernado em carneira com filetes dourados na capa, 600 réis; em marroquim com capa de relevo, 800 réis; a mesma encadernação, dourado por folhas, com fecho de metal dourado, 1\$400 réis; em chagrin francez, dourado por folhas, com fecho de metal dourado, 1\$300 réis; a mesma encadernação, com dous elegantes fechos de metal dourado, 1\$500 réis; em velludo de relevo, com guarnições e lindos fechos de metal dourado 2\$000; dito ricamente guarnecido com emblemas religiosos, etc, 3\$100 réis; em marfim muito ricos, com fechos de prata, desde 4\$500 até 9\$000; em madrepérola, com baixos relevos, ou ricos ornatos e fechos de prata, etc., desde 6\$750 até 13\$500 réis.

Vende-se unicamente no escriptorio do editor, Francisco Arthur da Silva, rua dos Douradores n.º 72 2.º andar, defronte da torre de S. Nicolau, em Lisboa.

(23) FABRICA E DEPOSITO DE GOMMAS

De Thomas Antunes de Mendonça

Calçada do Combro, defronte do Correio Geral, n.º 31, 33, 45 e 47

LISBOA

Gommas brilhantes brancas, azuladas, e de Lubeck. Estas gommas, além de seu brilho e consistencia, teem a vantagem de restaurar e readquirir a côr primitiva aos pannos, que por antiguidade a tenham perdido. Gommas preparadas pelo systema inglez. Pastilhas para lustrar camisas. Ditas para tirar nodoas, Pó d'arroz côr de rosa e branco, aromatizado para uso de toilette. Sabonetes para amaciar a pelle. Cosméticos para tirar as sardas, etc.

Podem-lhe ser requisitadas quaesquer encomendas.

Nas vendas por grosso faz-se abatimento.

(24) J. VALCAYO & MARIANNO

CIRURGIÕES-DENTISTAS

Curão-se os dentes cariados com o — *Nervito*. — Systema anglo-americano, obturando-se com ouro, platina e esmalte. Os dentes incuráveis são extrahidos prependicularmente com os — *Safety-Forceps* — ou Forcêps de segurança, que não têm os perigos da chave ingleza.

Dentes artificiaes incorruptiveis com base de — *Vulcanite* superiores aos antigos.

N. B. Havendo quem, dolosamente, se apresenta com os nossos nomes, avisamos que o nosso gabinete sempre foi na rua da Boavista n.º 164, 1.º andar, defronte do Instituto Industrial, em Lisboa.

**Livraria Luso-Brazileira, em Lisboa,
rua Aurea n.º 132, 134; no Rio de
Janeiro, rua da Quitanda n.º 39; Ba-
hia, rua do Coberto pequeno n.º 36.**

(25)

Panorama, collecção completa, 15 vol. em papel.....	22\$000
Illustração Luso-Brazileira, 3 vol em folio.....	11\$600
Obras completas de M. M. B. du Bocage, 6 vol. br.....	4\$320
Eneida de Virgilio, traducção de B. Feio, 3 vol. br...	2\$880
Natureza das Cousas, poema de Lucrecio, 2 vol. br.	800
Medicina Legal, por Sedillot, traducção por L. Leitão, 2 vol. br.....	1\$200
Fastos da Igreja, por L. A. Rebello da Silva, 2 vol. br.....	960
Canticos, por J. da S. Mendes Leal Junior, 1 vol. br.	720
Sermões, por F. Soares Franco, 2 vol. br.....	960
Chronica da Rainha D. Maria II, 3 vol. fol.....	6\$750
Memorias de Litteratura contemporanea, 1 vol. br ..	720
Poesias, por L. A. Palmeirim, 1 vol. br.....	600
Poesias, por Mendes Leal (Antonio), 1 vol. br.....	500
Uma viagem pela Litteratura contemporanea, 1 vol..	200
Memorias do coração, por A. Hogan, 1 vol.....	240
Duas mulheres da época, por A. Hogan, 1 vol.....	240
Génio da lingua portugueza, por F. E. Leoni, 2 vol..	1\$800
Poesias, por H. Vandeters, 1 vol. br.....	360
As cidades e villas da monarchia portugueza que têm brazão d'armas, 3 vol. com estampas.....	3\$000
Reflexões sobre a lingua portugueza, 3 vol. br	720
Origem e orthographia da lingua portugueza, por Duarte Nunes do Leão, 1 vol. br.....	500
Memorias da minha vida, recordações de minhas via- gens, por Josephina Neuville, 2 vol.....	1\$200
As Primaveras, poesias, por Casemiro Abreu.....	500

Além d'estas obras ha outras, tanto antigas como modernas,
bem como uma grande collecção de theatro portuguez.

(26)

LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA DE JOSÉ RODRIGUES

Rua do Ouro n. 106 e 108 — LISBOA

Recebem-se assignaturas de todos os jornaes portuguezes e estrangeiros. Encarrega-se de encadernações de qualquer genero. Papel e objectos de escripta. Correspondencia regular para França, Inglaterra e Hespanha.

N'este mesmo estabelecimento se encontra um variadissimo sortimento de obras nacionaes e estrangeiras, sobre sciencias, lettras e artes.

(27)



COLLECÇÃO DE POESIAS E PROSAS

DEDICADA

A El-Rei o Senhor D. LUIZ

POR

A. F. de Castilho

1 vol. em 8.º gr. de mais de 300 paginas, edição nitida da Imprensa Nacional.

Vende-se no Brazil e em Portugal nas lojas do costume. Preço em Portugal 1\$000 réis.

(28)

A NACIONAL

Companhia de seguros mutuos sobre a vida

D. Juan Aguilar y Ortega. Administrador principal em Portugal. Escriptorio, rua dos Douradores n.º 191, 1.º andar.

(29) LIVRARIA DE CAMPOS JUNIOR

RUA AUGUSTA, 77 a 81 — LISBOA.

Historia da organização dos bancos, commerciaes industriaes, agricolas, territoriaes e hypothecarios.....	500
Biblia da Mocidade.....	300
Contos a vapor, por Julio Cesar Machado.....	200
Contos electricos, por Miguel Cobellos.....	200
Memorias de Guilherme do Amaral, por Camillo Castello Branco.....	500
Preservação Pessoal, tratado das doenças dos órgãos da geração, pelo doutor Samuel La' Mert com estampas	600
Cathecismo de doutrina christã, pelo padre Theodoro d'Almeida, 6. ^a edição, approvado pelos srs bispos.	80
Grammatica portugueza por J. E. de Andrade 9 ediç..	120
Dita com additamentos para os lyceus por Marrecas..	160
Dita por A. M. Baptista, 2. ^a edição.....	160
Orthographia portug. por J. Tav. de Macedo. 3. ^a ediç.	80
Elementos de Arithmetica e Systema Metrico Decimal. por F. Menna Apparicio.....	120
Exposição do Systema Metrico, por Latino Coelho..	500
Resumos da historia do Antigo e Novo Testamento, com reflexões moraes intercaladas no texto.....	300
Selecta portugueza. por F. M. de Andrade.....	600
<i>Titi Livi excerpta res memorabilis narrationes selecta</i> com notas em portuguez, por F. Martins d'Andrade	320
Elementos de logica, por D. J. Balmes trad. do hesp..	300
Selecta Camoniana, por A. J. Viale.....	320
A Mythologia em 15 lições.....	120
Noções element. de antiguid. romanas por Marrecas..	320
Novo epitome da historia de Portugal, por A. J. Viale..	320
Resumo da historia romana.....	120
Dito da historia antiga.....	120
Progressos pelo Christianismo pelo padre Felix Conferencias de 1858.....	400

Mulheres do Evangelho Homilias, pelo P. ^o Ventura..	900
Sermonario selecto de pregadores, vol. 1. ^o e 2. ^o cada vol.	1\$000
Sermões do beneficiado Malhão, 1 vol.....	1\$200
Encyclopedia das artes, 1318 processos industriaes....	600
Avisos da Providencia, por S. Affonso Liguori.....	120

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard pelo pharmaceutico M. Vicente de Jesus (30)

Estas pilulas, analysadas pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e ensaiadas nos hospitaes de Lisboa e na clinica particular, são identicas ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a recommendavel vantagem de serem menos consistentes.

Depositos. Lisboa, pharmacia dos srs. Azevedo & Filhos, Rocio, 88; Oliveira, rua dos Retrozeiros, 40; Barral, rua Aurora, 126; drogaria Serzedello & C., largo do Corpo Santo.

Porto. Pharmacia do hospital de Santo Antonio, Campo dos Martyres da Patria; Abrantes. Pharmacia de M. V. de Jesus Senior; Rio de Janeiro. Pharmacia de Antonio Fernando da Costa, rua da Prainha n.^o 40.

Deposito geral. Pharmacia do author, largo do Rato 46 e 47, Lisboa.

(31) CAIXA UNIVERSAL DE CAPITAES

Companhia de seguros mutuos sobre a vida e pensões vitalicias

Inspector em Lisboa Domingos José Vieira da Cruz.

Escriptorio, rua dos Douradores n.^o 32.

(32)

VERSOS

DE

Bulhão Pato

Um volume em 8.º grande, edição nitida, preço, 800 réis.
Vende-se nas principaes livrarias de Lisboa e Porto.

(33) **TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA**

Travessa da Parreirinha, a S. Carlos, n.º 1, Lisboa

A nova officina d'este nome recebe quaesquer encomendas de trabalhos typographicos, feitas com a devida anticipação. São novos os caracteres e utensilios de composição, todos da excellente e apurada fundição da Imprensa Nacional.

É n'esta typographia que se imprime a *Gazeta de Portugal*.

(34)

PICCIOLA

POR

X. B. Saintine

Obra coroada e premiada pelo Instituto de França, traduzida em portuguez com premissão do author, e dedicada a S. M. I. a Senhora Duqueza de Bragança, Augusta Viuva do Immortal Fundador do Imperio do Brazil.

POR

F. L. Alvares de Andrada

Bacharel em Bellas Lettras e em Philosophia, socio de varias Academias litterarias e scientificas, etc.

Vende-se em Pariz na livraria Portugueza de Rey & Belhatte, livreiros de S. M. F., bem como nas casas dos principaes livreiros de Portugal e do Brazil.

(35) LIVRARIA DE ZEFERINO

**87 Rua Nova da Princeza, vulgo dos Fanqueiros, 87
LISBOA**

N'esta livraria encontra-se um primoroso e variado sortimento de livros de missa, com ricas e differentes encadernações de madreperola, marfim, tartaruga, velludo, chagrin, e marroquim com lindos ornatos. Os preços reduzidos d'estes livros torna-os accessiveis a todas as classes.

Ha tambem todos os livros d'estudo adoptados nos Lyceus; sermonarios, e outras obras mysticas; obras de direito; collecção de romances, tanto antigos como modernos, poesias de authores differentes; e completo sortimento de dramas, comedias e scenas comicas.

Além dos artigos que dizem respeito a livraria, encontram-se outros muitos, diversos, taes como jogos de differentes qualidades para sociedade; registos de santos em papel rendado, para signaes de livros de missa, e guarnição de oratorios, etc. etc.

Faz-se abatimento sendo para negocio.

Encaderna-se no gosto francez, e vendem-se objectos pertencentes a esta arte, vindos de Paris, para onde tem correspondencia regular a livraria de Zeferino, rua dos Fanqueiros n.º 87, Lisboa.

(36) DIGRESSÕES E NOVELLAS

POR

Bulhão Pato

Um bom volume em 8.º francez, bom papel, nitidamente impresso, de cerca de 350 paginas.

Acaba de publicar-se Preço, 500 réis.

Vende-se nas principaes livrarias de Lisboa e do reino, ilhas adjacentes, etc.

(37) FABRICA DE VELLAS DE CERA

DE

Antonio José Teixeira Mello

Rua direita do Loreto n.º 37 a 39, proximo ao Calhariz
Deposito ao Collegio dos Nobres n.º 11 — LISBOA

N'este estabelecimento, que é considerado no reino o maior
d'este genero, em grande escala, e que exporta para o Brazil,
filhas e Africa, encontrarão os consumidores todas as possi-
veis vantagens, tanto em preço, como em qualidade.

Recebe encomendas, e promptifica-as com brevidade.

(38) PÓ INSECTICIDA

Pharmacia Oliveira, rua dos Retrozeiros, 40 e 42.

(39) A. F. A. DE AZEVEDO FILHOS **PHARMACEUTICOS-DROGUISTAS**

Estabelecidos na Praça de D. Pedro n.º 31 e 33
e Rua do Principe n.º 24 a 38

Premiados nas Exposições — Industrial de Paris de 1855 —
e Industrial Portuense de 1861

Teem completo sortimento de medicamentos, drogas, tintas,
productos chimicos, e diferentes especialidades nacionaes e
estrangeiras, encarregando-se de fornecimentos para o paiz e
para fóra — com brevidade e preços commodos:

(40)

OVIDIO E CASTILHO

OS FASTOS

Poema com amplos commentarios por mais de 100 escriptores portuguezes contemporaneos.

Obra publicada por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Tres fortes volumes em 8.^o grande, com o texto latino a par — Preço, 3\$600 réis.

Vende-se nas principaes livrarias de Lisboa.

(41)

ARCHIVO COMMERCIAL

PUBLICAÇÃO HEBDOMADARIA

DEDICADA AO COMMERCIO DE PORTUGAL E BRAZIL

Collaborada por escriptores reconhecidamente authorisados nos diversos assumptos de que trata

Proprietarios. — Antonio Maria Pereira, Antonio José Pereira Serzedello Junior, João Eduardo Gomes de Barros e Albano A. Gourgelt.

Contém este jornal : artigos de instrução sobre os variados ramos do commercio; uma secção de litteratura e outra noticiosa.

Preços. — Por trimestre 520 réis, por numero avulso 80 réis. Para fóra de Lisboa accresce o porte do correio. Para o Brazil 1,560 réis, francos de porte.

Assinaturas. — Recebem-se na loja de A. M. Pereira, rua Augusta n.^o 50, 52.

Correspondencia. — Dirigida a Albano A. Gourgelt, pateo do Tronco n.^o 7 (às Portas de Santo Antão) Lisboa.

PHARMACIA

(42) Rua de S. Paulo

90 e 101



ULTRAMARINA

Junto á Casa da Moeda

Lisboa

Pós purgativos de Citrato de Magnesia. — Para qualquer pessoa poder preparar a limonada purgativa, muito semelhante em gosto á laranjada commum. Além de saborosa purga tão bem como a agua de Seidlitz.

É de facil transporte e conserva-se indefinidamente ; por isso é muito util para bordo dos navios, para as colonias, e para todas as familias que, por precaução, queiram sempre ter um purgante em reserva. — Cada frasco 240 réis.

Essencia concentrada de Salsa-parrilha. — Prefere-se hoje pela alta concentração que se lhe tem sabido dar. É o melhor depurativo do sangue, e além de suas especiaes virtudes para as enfermidades venereas e herpeticas é geralmente usada como uma simples bebida de refresco, a mais propria para os climas quentes — Frasco 600 réis.

Xarope concentrado de Salsa-parrilha. — Convém muito nas erupções cutaneas, humores herpeticos e venereos. É um excellente depurativo do sangue. — Frasco 600 réis.

Injecção de Brou. — Hygienica, infallivel e preservativa; cura prompta de toda a gonorrhoea, seja recente ou chronica, ainda que tenha resistido á copaiva, ás cubebas, e outros medicamentos ; tratamento facil de se observar, sem necessidade de tisanas, mesmo viajando. — Frasco 800 réis.

Pilulas anti-biliosas. — Estas pilulas vegetaes constituem o mais commodo dos purgantes. São da maior efficacia, tanto para indigestões, cruezas no estomago e fastio, como para obstrucções de ventre, dores de cabeça e do estomago, causadas por humores biliosos. — Cada vidro 400 réis.

Pilulas purgantes. — Para expulsar e destruir a bilis, humores, viscosidades, depurar o sangue, curar as enxaque-

cas, e males da cabeça, recommendadas especialmente ás pessoas que fazem pouco exercicio. Caixa de uma duzia 400 réis.

Banhos de mar artificiaes. — Para todas as pessoas que quiz rem tomar banhos do mar em sua propria casa, vidros preparados devidamente com toda a exactidão 400 réis cada um.

Pós dentíficos. — Preparados pela verdadeira receita de Antonio José de Sousa Pinto, pharmaceutico que foi n'esta cidade. — E como taes muito conhecidos e estimados do publico, pelas grandes vantagens que o seu uso proporciona aos dentes.

Remette-se qualquer pedido para as provincias, quando elles venhão acompanhados da sua importancia em lettras sobre Lisboa, ou em cautellas do correio.

ARTE DE AMAR

DE

(43) **PUBLIO OVIDIO NASÃO**

Traducção em numero igual de versos

**Inderessada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos
das lettras classicas**

POR

A. F. de Castilho

Seguida pela :

GRINALDA DA ARTE DE AMAR

POR

José Feliciano de Castilho

**2 Tomos em 8.º gr. edição nitida do Rio de Janeiro.
Vende-se no Brazil e nas principaes livrarias de Lisboa.**

(44) **NOVAS PUBLICAÇÕES**

Arte de ler a lettra manuscripta, por A. Urban, preço 200 réis.

Camões, Estudo por A. Feliciano de Castilho, 3 volumes, 18500 réis.

Vendem-se em casa dos Editores, livraria Central, rua do Ouro n.º 142 e 144, e em Coimbra na mesma casa.

Em porções faz-se abatimento.

(45) **OS AMORES**

DE

P. OVIDIO NASÃO

Traducção paraphrastica, inderessada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das lettras classicas

POR

A. F. de Castilho

Seguida da :

GRINALDA OVIDIANA

Appendice á Paraphrase dos AMORES

POR

J. F. de Castilho

11 volumes em 8.º (delgados) edição do Rio de Janeiro, Vende-se no Brazil e nas principaes livrarias de Lisboa.

(46) **PUBLICAÇÕES LITTERARIAS**

Orador Sagrado, collecção de sermões publicados em 1859, 1861 e 1864; 8.º gr. 3 series, 2400 (fortes).

Vida de Judas. Renan. Refutação das novas impiedades, 1864, br. 200 réis.

Nobreza, por Barros, comedia-drama, 8.º br. 300 réis.

(47)

BAPTISTA

LIVREIRO E ENCADERNADOR

55, Calçada dos Paulistas, 57 — LISBOA

Compra, vende, e encaderna livros novos e usados.

(48) **PROGRESSO NA ARTE DENTAL**

NOVAS IMPORTAÇÕES DE PARIZ, LONDRES E NEW-YORK

A. D. de VITRY



Cirurgião dentista

De Sua Magestade El-Rei D. Luiz I e da familia real, etc.

292, rua Aurea, á esquina da praça de D. Pedro

LISBOA

Dentes e dentaduras artificiaes, inalteraveis, por adherencia de muitas diversidades, para perfeita mastigação, pronunciação e regularidade no rosto.—Cura e conservação dos dentes doentes.—Consultas das 10 horas da manhã ás 5 da tarde.

(49) **PROPAGAÇÃO UNIVERSAL LUSITANA**

Ierosabablahs. — Este delicioso producto œnophilo é muito apazivel a tôdos os estomagos fracos ou debilitados.

Coração Luzitano. — (Cognac Portuguez) muito procurado por todas as familias e pelos navegantes.

Deposito especial, praça de D. Pedro n.º 41, Lisboa.

(50) TYPOGRAPHIA DE CASTRO IRMÃO

Rua da Boa-Vista, palacio do conde de Sampaio

LISBOA

Medalhas das Exposições de Paris 1855, Industrial Portuense, 1857-1862

CONDECORAÇÃO DA TORRE-ESPADA 1856

Promptificam-se todos os trabalhos respectivos á arte typographica, e outros que são especialidade d'este estabelecimento

OBRAS DE LUXO A CORES E OURO

Agêdes, Apolices, Facturas, Conhecimentos, Circulares, Mapas, Cartões para convites, Bilhetes de visita, etc.

TARJAS E BILHETES PARA PHARMACIAS, PARA LICORES, VINHOS, &c.

Esta typographia fornece, ha mais de 20 annos, todos os impressos, bilhetes, tarjas e rotulos para as principaes Pharmacias, Drogarias, e Casas exportadoras de vinhos. Tem um variado sortimento á venda de tarjas em branco e outras com os nomes de muitos preparados, assim como para todos os licores e vinhos conhecidos no mercado. **PREÇO FIXO.** — As encomendas para o Brasil serão satisfeitas conforme os pedidos, pelos preços de Lisboa.

ARCHIVO PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO COM GRAVURAS

Redigido pelos Srs. Silva Tullio e I. de Vilhena Barbosa — Editores Castro Irmão & C.^a

ESCRITORIO, RUA DA BOA-VISTA, PALACIO DO CONDE DE SAMPAIO

Este jornal, unico no seu genero que actualmente se publica em Portugal, conta já 6 vol. de 412 pag. cada um, contendo muitos e variados artigos de leitura instructiva e ameana, e mais de 800 gravuras, representando Monumentos, Paizagens, Caminhos de ferro, Estatuas, Quadros de composição, Costumes, Moedas, Antiquidades, sendo a maior parte desenhos originaes e ineditos. — Preço da assignatura: em Lisboa, um anno ou 53 numeros, 2:000 rs. Provincias, franco de porte, 2:200 rs. Brasil, 6:000 rs. — Os 6 vol. publicados, vendem-se juntos ou separados, pelo preço da assignatura.

ANNUARIO DO ARCHIVO PITTORESCO

Folha mensal publicada conjuntamente com o *Archivo*, em igual formato e papel, contendo: — Politica da Europa; Administração publica; Industria, Commercio e Agricultura; Letras e artes; Statistica; Nuticiario; Bibliographia. — Assignatura por anno, ou 12 numeros, 500 rs. Provincias, 560 rs.

REVISTA ESTRANGEIRA

Um grosso volume, formato do *Archivo Pittoresco*, illustrado com mais de 80 lithographias e gravuras. 1853-1862. — Contém: Muitas biographias de contemporaneos illustres, acompanhadas de retratos nitidamente lithographados; Historia da guerra do Oriente, illustrada com primorosas gravuras de grande formato, estampadas em separado do texto; Romances; Contos; Artigos de sciencia popular; Poesias; etc. — 3:600 rs.

OBRAS COMPLETAS DE NICOLAU TOLENTINO D'ALMEIDA

Acompanhadas de alguns ineditos, e de um estudo biographico critico pelo sr. José de Torres; illustradas com muitas gravuras. — Um vol. em ottavo grande — 1:200 rs.

Subscreve-se e vendem-se

EM LISBOA, no escriptorio do *Archivo Pittoresco*.

NO RIO DE JANEIRO, na sala da *Sociedade Madripora* (p. e. l.)

